



UNIVERSIDADE de BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

O TAO DA COLABORAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A APRENDIZAGEM COLABORATIVA
NA FORMAÇÃO EM MEDICINA CHINESA

Pedro Ivo Marini Tahan

Brasília-DF
Abril de 2015

PEDRO IVO MARINI TAHAN

O TAO DA COLABORAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A APRENDIZAGEM COLABORATIVA
NA FORMAÇÃO EM MEDICINA CHINESA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (PPGE) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Educação, Tecnologias e Comunicação, sob orientação do Professor Dr. Lucio F. Teles.

Brasília - DF
Abril de 2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T111t Tahan, Pedro Ivo Marini
O Tao da colaboração: um estudo de caso sobre a aprendizagem colaborativa na formação em medicina chinesa / Pedro Ivo Marini Tahan; orientador Lucio França Teles. -- Brasília, 2015.
225 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) -- Universidade de Brasília, 2015.

1. Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional. 2. Perspectiva ecossistêmica. 3. Acupuntura/ Medicina Chinesa. 4. Taoísmo. I. Teles, Lucio França, orient. II. Título.

PEDRO IVO MARINI TAHAN

O TAO DA COLABORAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A APRENDIZAGEM COLABORATIVA
NA FORMAÇÃO EM MEDICINA CHINESA

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Lúcio França Teles
Orientador/FE/UnB

Dr.^a Leila Chalub
Examinadora Interna/ FE/UnB

Dr.^a Maria Cândida de Moraes
Examinadora externa/ UCB

Dr.^a Laura Maria Coutinho
Examinadora Suplente/ FE/ UnB

GRATIDÃO

Agradeço ao Lucio pelo companheirismo, pela orientação, pela mediação e pela colaboração. À Leila, pela amizade e grande luz que irradia. À Maria Cândida por ser parte e cuidar com tanto zelo da transformação resplandecente do mundo.

Agradeço a todos professores e todas professoras que alimentam as chamas da educação. Agradeço especialmente ao Gilberto, à Cristina, à Laura e à Raquel. Ainda à Carlota, Kanping Hua, Carme e Vicenç. Também aos professores do DAN: José Jorge, Guilherme e Karenina. Agradeço aos professores da ENAC: Marcos, Léo, Fernanda, Elena, Angélica, Anamrita, Isabela, Marcelo, Jurema, Wagner, Marcus E., Núbia, Gu, Ricardo, Jules, Bernardo, Washington, Paulo, Silvia, Érica, Itamar, Tobias, Aline, Andréa, Ubirajara, Maria Angélica e qualquer outro que, por desventura, tenha esquecido de agradecer.

Agradeço também a todos os orientandos do professor Lucio, com os quais compartilhei um aprendizado rico e estimulante, especialmente ao Estevon, ao Romes, à Rosana, ao Wellington, à Vânia, à Alessandra, ao Antônio, à Doris, à Lenildes, à Tânia, à Kalina, ao Germano, à Fabrícia, à Lua e à Alê. Agradeço à todo o pessoal do PPGE da Faculdade de Educação e aos amigos da UnB. Agradecimento especial ao Flávio e aos amigos da Multiuso cópias. Gratidão ao Chiquinho e sua incansável sede de conhecimento.

Agradeço imensamente pela colaboração e amizade de Renato, Inês, Daniel, Fernando, Zen, Sávio e Rafaella, grandes amigos e facilitadores do conhecimento. Agradecimentos especialíssimos aos amigos mestres-aprendizes e colaboradores Carlos, Tâmara, Bianca, Sheila, Pedro, Kelly, Mariana, Marcela, Keila, Ben Hur, Aláya, Priscilla, Vanessa, Cláudio, Túlio e Thaísa. Agradecimentos também ao amigo e colega antropólogo Igor.

Agradeço aos amigos e colegas de aprendizado que participaram dessa caminhada colaborativa: Anna Paula, Adriana, Ana, Costa, Leoneza, Edvan, Luciano, Gilmar, Alexandre, Kátia, Mônica, Jéssica, Luciane, Carol, Aida, Alan, Amanda, Alessandra, Ana Laura, Andressa, Ana Rita, Ellen, Priscilla, Paula, Enilda, Valderi, Limoncino, Bianca, Cristina, Ericsson, Fábio, Fred, Gabriel, Leonardo, Hortêncio, Tainá, Lucy, Gabriela, Louise, Victor Hugo, Hélio, Daniel, Inez, Irene, Jana, Jeanete, João, Rosa, Aderval, Josi, Jamile, Juliana, Kellen, Victor, Laurentina, Regina, Angélica, Lourdes, Fabiana, Denise, Kellen, Luiza, Luciano, Michelle, Luciana, Thiago, Leila, Lucy, Caroline, José Graciano, Daniela, Tatiana, Débora, Talles, Silvia, Daniela, Ciça, Rosely, Silvana, Roberto, Sávio, Semíramis, Eurípedes, Érica, Rose, Robson, Izabel, Sirlene, Suze, Gláucia, Emília, Meires, Glória, Mathias, Marco Aurélio, Marilene, Kate, Hatsuko, Edgar, Hélio, Caetano, Juliano, Dirce, Cícero, Rogéria, Irene, Jayro, Ana Laura,

Alessandra, Cláudia, Nayara, Débora, Elza, Eduardo, Jeferson, Jair, Julio César, José Milton, Laura, Lucas, Luciene, Luiz, Márcia, Marcos, Maria, Márcia S., Marcela M., Marta, Mayra, Naiana, Patrícia, Pollyana, Raimundo, Rolf, Rosane, Simone, Tatiane, Ted, Vânia, Natan, Varunee, Elisa, Francisco, Simone, Zul, Anderson, Ranieri, Socorro, Neila, Samuel. E aos colegas que, mesmo tendo compartilhado comigo momentos de aprendizado mútuo, tenham escapado desse agradecimento.

Aos amigos e parceiros na defesa da Medicina Chinesa: Betinho, Silvia, Bruno, Roberta, Leila, Reginaldo, Mário, Francisco, Daniel, Eduardo, Dennis, Fernando, Henrique, Túlio e a todos que participaram e participam das mobilizações virtuais e presenciais.

Agradeço também à Tracie, à Tetê e ao Lélío e a todos meus tios e tias. Aos familiares e aos grandes amigos: Babil, Hailê, Marcelo, Rodrigo, Dani, Bel, Dario, Gabi, Chico, Drica, Bruno, Luiz, Renata, Érica, Bruno M., Beto, Sônia, Teco, Bia, Ludi, Paulinha, Ciça, Lia, Camila, Rober, Naddeo, Markito, André, e tantos outros pelos quais nutro muito carinho e admiração. Agradecimento especialíssimo ao Sérgio, que tão amorosamente me acolheu nessa etapa de idas e vindas à Brasília.

Também agradeço aos amigos da família ISMET, especialmente ao Àlex e à Diana.

Agradeço ainda à rede UNIPAZ, seus colaboradores, facilitadores e aprendizes, especialmente à Hélyda e à Lêda. Agradecimento especial ao reitor Roberto, pelo apoio e grande inspiração.

Agradeço, enfim, a todos pacientes-interagentes com os quais convivi e tive a oportunidade de auxiliar e ser auxiliado nos caminhos da regulação, transformação e imanência.

Dedico este trabalho à Fernanda,
adorável companheira nessa aventura, amante e amada
– meus agradecimentos serão infinitos.

Dedico à Adara, ao Unai, à Pri e à Petra,
minhas maiores fontes de inspiração
e respeito pela vida.

Ao meu saudoso Carlão, coração maior não há.

Dedico também à Vó Carmem, tão presente,
assim como aos avôs Ari e Marini e à vó Miraci.

E à minha fantástica mãe, dona Sônia, quanta gratidão....

Dedico, finalmente, à Jú, à Bia e ao Môm: amo vocês!

“Educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo”

W. B. YEATS

RESUMO

A formação em Acupuntura/ Medicina Chinesa é uma realidade no meio acadêmico contemporâneo de vários países, inclusive do Brasil. Nesse contexto, um grande desafio se apresenta para as escolas e para os educadores: estruturar cursos e estratégias pedagógicas adequadas ao estudo e à prática de um sistema médico oriundo de outra matriz cultural, que se configura como uma racionalidade médica, ancorada nos saberes e práticas clássicas daoístas e confucionistas e que assume ares transdisciplinares e notória complexidade. Concomitantemente, percebe-se a consolidação de um novo paradigma na educação, com formatos pedagógicos apoiados por Tecnologias de Informação e Comunicação cada vez mais avançadas e em plataformas de aprendizagem online, e com a maior participação do aluno na produção do conhecimento. Em vista disso, desenvolveu-se o presente Estudo de Caso, com os olhares ecossistêmico e taoísta como guias, com a intenção de retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), na inauguração de uma estratégia colaborativa em formato blended-learning (aprendizagem híbrida) na Escola Nacional de Acupuntura, entre os anos 2010 e 2012, na formação de estudantes de Medicina Chinesa. Esta pesquisa se insere no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC) e no eixo de interesse “aprendizagem colaborativa online e interfaces estéticas de colaboração”, sob a orientação do Dr. Lucio França Teles.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional, Perspectiva Ecossistêmica, Acupuntura/ Medicina Chinesa, Taoísmo.

ABSTRACT

Acupuncture degree programs are a reality within the contemporary academic environment in many countries, including Brazil. In this context, schools and educators face a great challenge: to structure courses and educational strategies suited to the study and practice of a medical system that arose from an entirely different cultural matrix, was configured as a medical rationale, is anchored in classic Taoist and Confucian knowledge and practices, and takes on transdisciplinary characteristics and notorious complexity. Simultaneously, the consolidation of a new educational paradigm is appearing, which has pedagogical formats supported by increasingly advanced information and communications technology that employs online learning platforms and includes more student participation in knowledge production. In view of this fact, the present Case Study has been developed with ecosystemic and Taoist views as guides, with the goal of portraying the concrete experience of implementing the MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) learning environment during the inauguration of a collaborative strategy in the blended-learning format that was implemented at the Escola Nacional de Acupuntura between 2010 and 2012 while teaching students of Chinese medicine. This study is part of the University of Brasilia's Postgraduate Program in Education, following an education, technology and communications line of research and on a priority axis of "online collaborative learning and esthetic interfaces of collaboration", under the guidance of Dr. Lucio França Teles.

Keywords: Computer-Supported Collaborative Learning, Ecosystemic Perspective, Acupuncture/ Chinese Medicine, Taoism.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1: Triângulo emblemático	31
Figura 2: Tabela de avaliação (4ª afirmação)	37
Figura 3: Sala de Professores.....	40
Figura 4:Fórum de notícias (sala de professores)	41
Figura 5: Relato de um aprendiz (atuação docente) 1	41
Figura 6: Relato de um aprendiz (atuação docente) 2	41
Figura 7: Tabela de pesquisa (5ª afirmação).....	44
Figura 8: Relato de um aprendiz sobre papel do professor (1).....	45
Figura 9: Relato de um aprendiz sobre papel do professor (2).....	45
Figura 10: Relato de um aprendiz sobre papel do professor (3).....	46
Figura 11: Tabela de avaliação (2ª afirmação)	61
Figura 12: Relato de aprendiz (permeabilidade entre os ambientes).....	62
Figura 13: Relato de aprendiz (2.2.3) 1	65
Figura 14: Relato de aprendiz (2.2.3)2	66
Figura 15:Relato de aprendiz (mudança de papel)1	66
Figura 16: Relato de aprendiz (mudança de papel)2	67
Figura 17: Tabela de avaliação (7ª afirmação)	67
Figura 18: Tabela de pesquisa (5ª afirmação).....	70
Figura 19: Níveis de Realidade (NICOLESCU, 2003, p.232)	71
Figura 20: Tabela de avaliação (8ª afirmação)	78
Figura 21: Quadro comparativo RM (LUZ, 2000)	82
Figura 22: Enunciado do Fórum de FEMTC	83
Figura 23: Postagem Principal (Racionalidades Médicas)	84
Figura 24:Atividade Fórum FEMTC	85
Figura 25: Tabela de Avaliação (3ª afirmação)	90
Figura 26: Relato de Mã Sãi Lã.....	96
Figura 27: gráfico sobre a participação dos aprendizes.....	97
Figura 28: Projeto Acupuntura Independente.....	101
Figura 29: Grupo de discussão na rede social Facebook.....	103
Figura 30: Tabela das Diretrizes sobre Treinamento Básico e Segurança em Acupuntura (WHO, 1999, p.6 apud MASSIÈRE CARNEIRO, 2011).....	125
Figura 31: Página Inicial.....	129

Figura 32: Fórum de dicas da ATC	130
Figura 33: Fórum de interação.....	131
Figura 34: Brincando com os níveis energéticos	132
Figura 35: Chat Conversa de corredor.....	132
Figura 36: Glossário de Medicina Chinesa.....	133
Figura 37: Itens postados nos Glossários.....	133
Figura 38: Mensagem sobre as interfaces interativas	133
Figura 39: Exemplo de postagens no Blog	134
Figura 40: Tabela de avaliação (1ª afirmação)	135
Figura 41: Estimulando a confecção coletiva e o uso dos glossários	137
Figura 42: Interação e produção coletiva do conhecimento	137
Figura 43: Recado aos participantes da atividade Fórum	138
Figura 44: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 1	139
Figura 45: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 2	139
Figura 46: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 3	139
Figura 47: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 4	140
Figura 48: Fórum de monitoria.....	141
Figura 49: Postagem de relatório de monitoria.....	141
Figura 50: Postagem de relatório de monitoria 2.....	142
Figura 51 Relato de aprendiz (tópico 4.3.4) 2	143
Figura 52: Relato de aprendiz (tópico 4.3.4)	143
Figura 53 Relato de aprendiz (tópico 4.3.4) 3	144
Figura 54: Enunciado da atividade "O tao nosso de cada dia"	145
Figura 55: Fórum NEAMDERDao.....	174
Figura 56: Tabela de avaliação (6ª afirmação)	183

LISTA DE SÍMBOLOS

ACSC: Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional
ATC: Alimentação Terapêutica Chinesa
AVA: Ambiente Virtual de Aprendizagem
DMTC: Diagnóstico na Medicina Tradicional Chinesa
EAD ou EaD: Ensino à distância
ENAc: Escola Nacional de Acupuntura
ENAPEA: Encontro Nacional de Profissionais e Estudantes de Acupuntura
EPM: Estudo de Pontos e Meridianos
ES/PA: Estágio Supervisionado/ Práticas Assistidas
FEMTC: Fisiologia na Medicina Chinesa
FiPaMTC: Fisiopatologia na MTC
FPO: Fundamentos do Pensamento Oriental
MC: Medicina Chinesa
M.O.C: Medicina Ocidental Contemporânea
MOODLE: Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment
MTC: Medicina Tradicional Chinesa
NEAMDERDao: Núcleo de Estudos da Arte e Manifestações Daoístas Espontâneas em
Religação com o Dao
NOSO: Nosologia na Medicina Chinesa
OMS: Organização Mundial da Saúde
OPTTA: Oficina Permanente de Técnicas e Tratamentos Ambulatoriais
PNPIC/ SUS: Programa Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único
de Saúde
R.M.: Racionalidades Médicas
TICs: Tecnologias da Informação e Comunicação
UnB: Universidade de Brasília

SUMÁRIO

GRATIDÃO	vi
RESUMO.....	x
ABSTRACT	xi
LISTA DE TABELAS E FIGURAS	xii
LISTA DE SÍMBOLOS	xiv
PASSO INICIAL EM PRIMEIRA PESSOA	15
CAPÍTULO 1 - O ESTUDO DA OCASIÃO	20
1.1 A pesquisa	23
1.1.1 Tema.....	23
1.1.2 Questão norteadora.....	24
1.1.3 Objetivo Geral	26
1.1.4 Objetivos específicos.....	27
1.1.5 Justificativas	27
1.1.6 Coleta e exposição de dados.....	28
CAPÍTULO 2 - EMBLEMAS	31
2.1 A perspectiva ecossistêmica.....	32
2.1.1 Dimensão ontológica.....	32
2.1.2 Dimensão epistemológica.....	33
2.1.3 Dimensão metodológica.....	34
2.2 A Aprendizagem Colaborativa com Suporte das Tecnologias de Informação e Comunicação	36
2.2.1 As sete dimensões no desenho e gerenciamento pedagógico de ambientes colaborativos	38
2.2.1.1 O papel do professor (facilitador) no desenho e gerenciamento da colaboração.....	39
2.2.1.1.1 Estratégias para <i>Sentipensar</i> e para a <i>Escuta Sensível</i>	46

2.2.1.2 Escolha do tópico, definição e duração	49
2.2.1.3 Modelos pedagógicos de colaboração presencial/virtual	50
2.2.1.4 Tamanho dos grupos de trabalho	52
2.2.1.5 Consenso e coesão do grupo	53
2.2.1.6 Avaliação de atividades colaborativas presenciais/ virtuais	53
2.2.1.7 Plataforma de ensino virtual com interface lúdica, intuitiva e estética	54
2.2.2 Sobre Interação e interatividade	56
2.2.3 Aprendizagem híbrida (<i>blended learning</i>)	59
2.2.3 Aprendizagem colaborativa e paradigma emergente	62
2.3 O Tao (DÀO 道)	67
2.3.1 O taoísmo e a Transdisciplinaridade	70
2.3.1.1 A Cosmogonia Taoísta e o Terceiro Oculto	72
2.3.2 Eficácia no pensamento chinês.....	76
2.3.2.1 A estratégia da eficácia	78
2.4 Racionalidades Médicas.....	81
2.4.1 Racionalidades médicas a partir de conversa iniciada na Atividade Fórum	83
2.4.2 A Racionalidade Médica chinesa	86
2.5 Os operadores cognitivos do pensamento complexo	87
2.6 O encontro entre Complexidade e Racionalidade Médica Chinesa.....	92
CAPÍTULO 3 - OS COLABORADORES	97
3.1 Meu caminho pessoal.....	98
3.1.1 Breve histórico acadêmico	98
3.1.2 O Mestrado em Educação.....	99
3.2 Caminhos	102
3.2.1 Os caminhos dos facilitadores	104
3.2.1.1 Conversas com Léi Tuō e Dān Zǐ	104
3.2.1.2 Nán Duō: o caminho sem volta do retorno à origem.....	108

3.2.1.3 Sài Nóng: mandala pedagógica	109
3.2.2 Os caminhos dos aprendizes.....	110
3.2.2.1 Aprendiz Mǎ Sāi Lā: “tudo é interação e movimento”	111
3.2.2.2 Aprendiz Mǎ Nà: o poço.....	112
3.2.2.3 Aprendiz Pèi Luō: a saúde em nossas mãos	114
3.2.2.4 Aprendiz Kè Láo: sabedoria	114
3.2.2.5 Aprendiz Běn Tuō: um aprendizado incessante	115
3.2.2.6 Aprendiz Tǎ Mǎ: tenho em mim cinco almas.....	116
3.2.2.7 Aprendiz Kǎi lì: não resistir.....	117
CAPÍTULO 4 - O CENÁRIO DE PESQUISA	119
4.1 O cenário da Acupuntura no Brasil.....	119
4.2 Formações	123
4.3 A Escola	126
4.3.1 A estrutura do curso	127
4.3.2 A Escola Virtual	128
4.3.2.1 Página Inicial	128
4.3.2.2 As Salas de Aula.....	135
4.3.3 O processo de implementação da plataforma e da aprendizagem colaborativa em formato híbrido.....	136
4.3.3.1 A monitoria.....	140
4.3.4 As disciplinas colaborativas	142
4.3.4.1 Fundamentos do Pensamento Oriental (FPO)	144
4.3.4.1.2 Mǎ Nà e o tempo.....	145
4.3.4.1.2 O Pé de Mamão	147
4.3.4.2 Alimentação Terapêutica chinesa (ATC)	148
4.3.4.2.1 É batata!	149
4.3.4.2.2 Sem pecado	150

4.3.4.3 Diagnóstico na Medicina chinesa (DMTC).....	152
4.3.4.3.1 O olhar interessado de Mã Sãi Lã.....	153
4.3.4.3.2 Palhaçada	156
4.3.4.3.3 Línguas	158
4.3.4.4 Estudo de Pontos e Meridianos (EPM).....	160
4.3.4.5. Nosologia na Medicina Chinesa (NOSO).....	163
4.3.4.6 Estágio Supervisionado/ Práticas Assistidas (ES/PA).....	167
4.3.4.6.1 O antropólogo-informante	168
4.3.4.7 Núcleo de Estudos da Arte e das Manifestações Daoístas Espontâneas em Religação com o Dao (NEAMDERDao).....	172
4.3.4.7.1 “Manoel de Barros, Paulo Freire e Boal” ou “O Teatro da Libertação”	174
4.4 O Caminho da Regulação	178
4.4.1 Sobre o papel dos aprendizes numa educação trans-formadora.....	182
RELATÓRIO FINAL OU SENTIPENSANDO A OCASIÃO.....	184
REFERÊNCIAS	187
APÊNDICE I – PESQUISA ENVIADA.....	194
APÊNDICE II – PESQUISA FINALIZADA.....	197
APÊNDICE III – RELATORIOS DE MONITORIA	202
APÊNDICE IV – FICHA PARA AVALIAÇÃO do DESEMPENHO DISCENTE EM SEMINÁRIOS.....	203
APÊNDICE V – ENUNCIADOS DE ATIVIDADE COM A INTERFACE FÓRUM	204
APÊNDICE VI – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO.....	207
APÊNDICE VII – SALA DE AULA VIRTUAL DA DISCIPLINA PA/ES	209
APÊNDICE VIII – PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS	210
APÊNDICE IX – OPTTA	214
APÊNDICE X – NEAMDERDao	215

ANEXO I - CARTA ABERTA DOS ESTUDANTES DE ACUPUNTURA.....	218
ANEXO II – PIET MONDRIAN E O TAO.....	221
GLOSSÁRIO DE TERMOS CHINESES	224

PASSO INICIAL EM PRIMEIRA PESSOA

A ideia deste projeto nasce da sincronicidade¹ entre certos eventos de minha caminhada pessoal. De forma resumida, e sem me preocupar com a linearidade dos fatos, exponho tais circunstâncias que me levaram a querer estudar, implantar, implementar e investigar o uso da abordagem colaborativa como estratégia pedagógica central na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa².

A partir de 2009 até 2012, estive à frente, como coordenador pedagógico, de uma escola privada de formação regular em Acupuntura/ Medicina Chinesa. Por se tratar de um sistema médico distinto, advindo de uma cultura distante, que se apoia numa Racionalidade própria (vide tópico 2.4) e que passa por uma hibridação³ no ocidente, tive que lidar com uma grande muralha conceitual e epistemológica para construir um projeto pedagógico adequado. Tal tarefa, deveras árdua e instigante, exigia um ajuste sistemático em toda estrutura educacional herdada. O primeiro passo foi transformar o Projeto Pedagógico e a grade curricular da formação – o que foi feito pelo diretor geral da instituição, com meu auxílio – aproximando-os das diretrizes preconizadas pela OMS⁴ e das formações internacionais em vigor. O segundo passo foi trazer para a sala de aula e para a dinâmica da escola um formato educacional em sintonia com o Saber da Medicina Chinesa e com seus preceitos mais elementares.

Faço uma breve pausa na descrição para explicar melhor a afirmação acima e para sublinhar que, pessoalmente, considero o formato convencional, centrado na figura do professor, bastante inadequado em qualquer aprendizado, especialmente para o processo de

¹ A partir de seu encontro com o YÌ JĪNG 易經, o Livros das Mutações, um dos livros clássicos do daoísmo e do confucionismo, o conceito de sincronicidade foi assim propagado por Carl Jung, no prefácio da versão do clássico escrita por Wilhelm: “O pensamento tradicional chinês apreende o cosmos de um modo semelhante ao do físico moderno, que não pode negar que seu modelo do mundo é uma estrutura decididamente psicofísica. O fato microfísico inclui o observador tanto quanto a realidade subjacente ao I Ching abrange a subjetividade, isto é, as condições psíquicas dentro da totalidade da situação momentânea. Assim como a causalidade descreve a seqüência dos acontecimentos, a sincronicidade, para a mente chinesa, lida com a coincidência de eventos” (WILHELM, 2006, p. 17).

² A Acupuntura (Zhēnjiǔ 鍼灸) será tratada aqui como uma técnica inseparável da Medicina Chinesa (zhōngyào xué 中藥學), em sintonia com as formações independentes e que honram o Saber clássico. Um ótimo estudo a respeito das formações no Brasil foi elaborado pela socióloga e acupunturista Leila Massière Carneiro (2011). Os termos específicos da Medicina Chinesa serão apresentados com sua transliteração em Pinyin e com a escrita ideogramática entre parêntesis.

³ “Pode-se dizer que, atualmente, a acupuntura passa por um processo de 'hibridação'. Isso ocorre quando um signo é deslocado de seu referenciamento espacial e temporal e ainda não foi inscrito num outro sistema de representação totalizante, ocupando o que Bhabha (1994) chama de 'terceiro espaço', onde o caráter construído e arbitrário das fronteiras culturais fica evidenciado.” (MASSIÈRE CARNEIRO, 2011).

⁴ A OMS lançou no ano de 1999 um Guia pra a formação básica de acupunturistas e normas de segurança. (World Health Organization. Guidelines on Basic Training and Safety in Acupuncture. Geneva, 1999. p. 1-31)

construção do conhecimento da Medicina Chinesa, como uma Racionalidade Médica independente e milenar, apoiada em uma forma de pensamento complexo, como descrito por Morin (1990), e transdisciplinar, no termo cunhado por Piaget - educador também muito citado nos trabalhos sobre o discurso pedagógico contemporâneo e as estratégias de aprendizagem pautadas na interação e colaboração (PEIXOTO & ARAÚJO, 2012) - e desenvolvido por Basarab Nicolescu (1996) e outros autores. Explicitar-se-á, ao longo dessa dissertação, a comunhão de perspectivas que sincronicamente sustentam a ideia de um paradigma emergente (SANTOS, 1989) com os preceitos básicos da Medicina Chinesa e do pensamento chinês. Também a contribuição dos sinólogos Granet (1997), Robinet (1999) e Jullien (1998), assim como livros e textos clássicos da Medicina Chinesa, como o Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo⁵ (WANG, 2001), o Clássico das Mutações⁶ (WILHELM, 2006) e o Tao Te Ching⁷ (TZU, 1978), além de autores contemporâneos da Medicina Chinesa como Kaptchuk (1997), Maciocia (2007) e Sionneau (2013).

Dando sequência ao relato, naquele momento de ajuste pedagógico da escola, coincidentemente (ou sincronicamente), me encontrei com a abordagem colaborativa, como estratégia pedagógica, durante minha graduação em Ciências Sociais/ Antropologia na Universidade de Brasília, mais especificamente na disciplina *Fundamentos da Arte na Educação*, com o professor Lúcio Teles (2008) e com seus textos sobre a aprendizagem colaborativa online. Na verdade, creio que recortes da abordagem colaborativa foram trabalhados em momentos diferentes de minha formação pregressa, principalmente durante a formação em Medicina Chinesa⁸ e em certas disciplinas da Antropologia; não obstante, foi na disciplina da Faculdade de Educação que a abordagem colaborativa foi levada a sério, como uma “filosofia de interação e um estilo de vida pessoal” (PANITZ, 1996). E o uso da abordagem colaborativa online, com a plataforma MOODLE como residência das discussões e compartilhamentos, foi, no meu modo de ver, o grande diferencial para caminharmos na direção de uma pedagogia colaborativa.

A partir de então, apressei-me em implantar tal plataforma e alimentar a escola virtual, por imaginar que esse ambiente poderia favorecer o encontro criativo entre alunos e

⁵ HUÁNG DÌ NÈI JING (黃帝內經).

⁶ YÌ JĪNG (易經).

⁷ O DÀO DÉ JĪNG (道德經), ou Tao Te Ching (ou ainda Tao Te king), é traduzido de diferentes maneiras. A mais comum é “Clássico do Caminho e da Virtude”. Sobre o termo *Te*, é conveniente uma maior *pincelada*, o que será feito no tópico 2.3.

⁸ Será comentado no tópico 2.2.1.3, com o apoio do trabalho etnográfico de Igor Baseggio, o potencial intrínseco da aprendizagem em Medicina Chinesa para a colaboração e para a produção coletiva de conhecimento.

professores e criar novas formas de relacionamento com o conhecimento, especialmente no momento atual, com os avanços nas tecnologias interativas digitais na educação. Também por entender que existe uma proximidade notória entre os preceitos da aprendizagem colaborativa e as próprias bases do projeto de conhecimento da Medicina Chinesa. Comecei então a explorar as potencialidades da plataforma e a estimular seu uso pelo corpo docente e discente, além de imprimir um novo formato nas disciplinas por mim ministradas.

Desenvolvi, conjuntamente com o programador da escola, uma roupagem atrativa para a plataforma virtual e uma estrutura de navegação que facilitasse o manuseio e a interação entre todos. A partir de então, a experiência pedagógica passou a se desenvolver de uma forma totalmente nova, experimental, viva e multidimensional; não sem seus percalços, limitações e conflitos, esperados em qualquer senda construtiva – é necessário dizer.

A participação dos aprendizes na construção coletiva do conhecimento começou a ser notada nos Fóruns, Glossários, postagens dos blogs e nas aulas presenciais. Os monitores passaram a desempenhar um trabalho mais ativo e se envolveram na tarefa de manter ativa a “roda da colaboração”. O sistema de avaliação, pelo menos nas disciplinas por mim gerenciadas, passou gradualmente a ser pautado também na participação no cenário colaborativo.

No desenvolvimento do presente trabalho, por meio do Estudo de Caso, serão aprofundadas as descrições sobre esse ambiente virtual e sobre o processo de construção e consolidação da plataforma e de seu uso como recurso essencial na afirmação da produção coletiva do conhecimento. Explicitar-se-á também a dinâmica de algumas interfaces de colaboração virtual e estratégias de colaboração presencial, com foco especial na interação entre os participantes.

Vale ressaltar nessa introdução que a plataforma virtual não foi utilizada como ambiente exclusivo de aprendizado na Escola Nacional de Acupuntura, o universo dessa pesquisa, já que nunca foram oferecidos cursos exclusivamente online; a plataforma MOODLE foi usada como suporte virtual às aulas presenciais. Tal formato misto ou híbrido (também chamado *blended learning*), presencial e virtual simultaneamente, é um dos pontos focais desse estudo: explicitar o papel da plataforma online de aprendizado na consolidação de uma estratégia colaborativa, em um curso essencialmente presencial, e explorar a permeabilidade entre os dois ambientes de ensino.

Serão expostos, ao longo do texto, comentários dos aprendizes sobre a experiência com a ACSC – sempre por meio de figuras, com o texto original em balões e com fidelidade ao que foi relatado na pesquisa, como pode ser comprovado no APÊNDICE II. Também será

apresentada a participação de alguns professores envolvidos na aprendizagem colaborativa e seus depoimentos estarão espalhados pelo texto; sem embargo, como será melhor explicado no Capítulo 1, seus relatos serão reproduzidos na forma de citação, já que a coleta de dados, nesse caso, aconteceu de forma colaborativa, por meio de discussões em um grupo de uma rede social. Sobre os sujeitos da pesquisa, ou colaboradores, foi construído um capítulo (CAPÍTULO 3) com as histórias de vida de nove deles, contadas por eles mesmos, e com maiores explicações sobre a colaboração de todos no processo de construção do presente trabalho.

Também serão apresentadas as investigações sobre a abordagem colaborativa e suas potencialidades (tópico 2.2), e as contribuições de alguns autores da ACSC para a consolidação dessa estratégia, como Brufee (1999), Koschmann (1996) e Teles (2012), além de autoras já estabelecidas na era digital e no papel do suporte computacional na transformação paradigmática na educação, como Maria Cândida Moraes (2004), Elsa Guimarães Oliveira (2008) e Marilda Aparecida Behrens (2005). Com esse andado, discutir-se-á a importância de se desenvolver ambientes de aprendizagem mais acolhedores e instigantes, que propiciem a mudança e transformação do sujeito aprendiz, em união com os outros aprendizes e com o mundo à sua volta.

Ainda de forma introdutória, creio oportuno revelar que a visão ecossistêmica (MORAES, 2004), tão cara para o entendimento e relacionamento com a Medicina Chinesa, será nossa guia nessa caminhada investigativa e pretende-se andar de mãos dadas com seus princípios organizadores e estruturadores. Dessa forma, ainda que os capítulos e tópicos recebam seus *emblemas*, pretende-se manter uma escrita circular e permeável – entremeada pelos dados primários e pelos dados que emergiram da pesquisa quanti-qualitativa enviada aos colaboradores – para que a comunhão entre os princípios e pensamentos norteadores dessa empreitada seja estabelecida por toda extensão do trabalho. Esse é um desafio e uma metodologia de pesquisa, alinhada aos postulados ontológicos e epistemológicos que regem a abordagem ecossistêmica e que serão tratados no CAPÍTULO 2.

Para finalizar a introdução, ressalto que mantereí a narrativa em primeira pessoa sempre que for conveniente para o trabalho, e adequado para o olhar que lanço sobre o objeto, dado que meu envolvimento com o caso sempre foi direto e ativo, e, até mesmo, inseparável – em congruência com o olhar ecossistêmico. Não obstante, é também minha intenção preservar a autonomia (relativa) do objeto e sua dinâmica operacional, apesar de nossa clara interação e co-dependência (MORAES & VALENTE, 2008). Para tal, pretende-se assegurar que os procedimentos para verificação da confiabilidade e credibilidade sobre os dados coletados e

sobre o resultado das análises sejam devidamente empregados, por meio da apresentação dos passos trilhados e dos caminhos percorridos, o que será melhor explanado no primeiro capítulo.

CAPÍTULO 1 - O ESTUDO DA OCASIÃO

“A China não pensou o momento (ocasião) nem segundo a gratuidade de uma pura ocorrência, nem sob o ângulo da causação (...); mas ela o concebeu como transição: como a emergência momentaneamente visível de uma transformação contínua” (JULLIEN, 1998, p. 100-101).

“O Tao da colaboração: um Estudo de Caso sobre a Aprendizagem Colaborativa na formação em Medicina Chinesa” - é importante que fique claro - propõe-se a retratar uma experiência concreta de implementação da aprendizagem colaborativa com suporte computacional, em um contexto bem específico e com a intenção de explorar uma verdadeira guinada no olhar investigativo. Tal intuito não foi forjado ou intencionalmente desenvolvido. Tampouco pensou-se que seria o caminho mais fácil; pelo contrário: a senda de construção da pesquisa foi vasculhada com esmero, para fazer jus ao próprio olhar clássico chinês e sua forma de relacionamento com o conhecimento.

Desse modo, definiu-se pelo Estudo de Caso como delineamento de pesquisa, dentro da perspectiva ecossistêmica (a qual é, sem sombra de dúvidas – e esse é um ponto que será explorado no desenrolar dessas páginas -, o correspondente ocidental da perspectiva taoísta⁹ e seu projeto de conhecimento sobre o mundo e seus mecanismos), e com uma coleta de dados multidimensional e quali-quantitativa, com a esperança última de que a Complexidade desse Caso (ou dessa Ocasão) fosse devidamente esmiuçada.

O interesse em retratar um fenômeno contemporâneo complexo inserido em seu contexto, numa realidade concreta (YIN, 2001) - a implementação e consolidação da aprendizagem colaborativa com suporte computacional (ACSC) na formação em acupuntura/medicina chinesa em uma escola de formação técnica – favoreceu a escolha do delineamento Estudo de Caso. Quando Robert Yin assinala que “o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (2001, p.21), a percepção chinesa sobre o real se avoluma como a mais adequada e ajustada para a presente caminhada. Segundo essa visão, o real é sempre visto como

um processo, regulado e contínuo, decorrente da simples interação dos fatores em jogo (ao mesmo tempo opostos e complementares: os famosos Yin e

⁹ O taoísmo será aqui privilegiado como representante do pensamento chinês e como Saber que sustenta as dimensões da Medicina Chinesa. Não obstante, é importante ressaltar que outras grandes correntes de pensamento, inclusive que compartilham os mesmos *emblemas* e muitos princípios com o taoísmo, como o confucionismo, influenciaram o desenvolvimento, em diferentes etapas, do que chamamos *Racionalidade Médica Chinesa*.

Yang). A ordem não decorreria, portanto, de um modelo, no qual se possa fixar o olhar e que se aplique às coisas; ao contrário, essa ordem está contida inteiramente no curso do real, que ela conduz de um modo imanente e cuja viabilidade ela assegura (daí o tema onipresente no pensamento chinês do 'caminho', o tao). (JULLIEN, 1998, p.29)

Nessa direção, a leitura do real não está sujeita à especulação, nem tampouco há a cisão entre o conhecimento e o agir, muito menos a preocupação na elaboração de um modelo a ser seguido e passos predeterminados a serem cumpridos. O sentido último do projeto de conhecimento seria mesmo fruto do envolvimento com o “andar da carruagem”, com o fluxo contínuo das coisas. O estrategista chinês seria aquele que está imerso no presente de tal forma que se confunde com o desenvolvimento natural do projeto. Eis que, nesse ponto, mais uma vez dentre tantas, a sabedoria chinesa se emaranha e se confunde com a perspectiva ecossistêmica, a qual ressalta que “se a realidade é imprevisível e incerta, precisamos de um observador pensante, reflexivo e criativo, um sujeito estrategista, capaz de criar procedimentos adaptáveis e ajustados à realidade, com possibilidades de enfrentar o novo e o imprevisto que acontecem durante a pesquisa (MORAES & VALENTE, 2008, p. 56).

Assim, após um tempo acompanhando o desenvolvimento natural do projeto e vislumbrando estratégias que favorecessem “o condicionamento objetivo resultante da situação” (JULLIEN, 1998, p.30), deparou-se com a tarefa de manter uma estratégia de pesquisa que deixasse “o efeito implicado desenvolver-se por si mesmo, em virtude do processo iniciado” (IDEM, p. 36). O interesse aqui é o de expor a ocasião em que ocorreram as transformações pedagógicas fruto da implementação da ACSC, em formato *blended learning*, e como esse processo se desenvolveu e afetou e foi afetado pelos envolvidos.

Para essa jornada, definiu-se procedimentos na coleta de dados (tópico 1.1.6) que honrassem a noção de estratégia e de eficácia explicados acima – noções que serão lembradas constantemente ao longo do trabalho –, com a criação de espaços e circunstâncias que permitissem a interação contínua dos sujeitos entre si e com o objeto, para que justamente *o circunstancial* firmasse seu protagonismo e não fosse simplesmente o que “se tem ao redor (*circum-stare*)” (IDEM, p. 36).

Por se tratar de uma experiência concreta, como explicado nos *Passos Iniciais*, numa realidade específica e singular, tal Estudo de Caso assume algumas características, segundo os critérios estabelecidos por autores renomados que estudam e pesquisam esse tipo de delineamento, como Yin (2001), Gil (2009) e Stake (1995): único, descritivo, transdisciplinar e intrínseco, com viés instrumental.

Como um estudo de caso único, é caracterizado por seu potencial de abrir portas para análises teóricas mais aprofundadas e pela pretensão de contribuir para novas visões (YIN, 2001), inclusive nos estudos sobre a ACSC. Sua característica descritiva reside no fato de que será apresentada uma ampla descrição do fenômeno em seu contexto, com suas múltiplas manifestações (GIL, 2009). Além da descrição da realidade atual da prática e da formação em acupuntura no Brasil, assim como das características específicas da escola em questão, também serão apresentadas as fontes primárias documentadas a partir da dinâmica nos fóruns das disciplinas privilegiadas, os dados coletados nas entrevistas (ou melhor, nos diálogos e debates costurados no grupo de discussão criado em uma rede social) com os professores selecionados e os dados de característica quali-quantitativa fruto da pesquisa enviada aos aprendizes.

Sobre sua característica transdisciplinar - aqui um pouco desfocada da noção propagada por Antônio Carlos Gil de que “o estudo de caso é um delineamento transdisciplinar” (2009, p. 18) – deve-se tecer algumas considerações. O autor citado refere-se a que tal delineamento possa ser considerado transdisciplinar por ser usado em diferentes áreas das Ciências Sociais aplicadas; não obstante, sublinha que, dependendo da área, há uma tendência à escolha de um desses enfoques, associados a uma das disciplinas: etnográfico (Antropologia), histórico (História), psicológico (Psicologia) e sociológico (Sociologia).

Distante dessa visão, a característica transdisciplinar ressaltada no presente trabalho diz respeito a uma pesquisa que “trafega pela lógica do terceiro incluído, pela compreensão do que acontece nos níveis de realidade, tendo a complexidade, com seus operadores cognitivos, como base fundacional de toda essa dinâmica” (MORAES & VALENTE, 2008, p.59) e promove um conhecimento que transcende a lógica binária, resgata a polaridade contrária do que é contraditório, valoriza a alteridade e reconhece outras formas de conhecimento (MORAES, 2008) em congruência também com o próprio pensamento chinês, transdisciplinar por natureza – tal afirmação será aprofundada no capítulo 2, com os Pensamentos que sustentam esse Estudo de Caso.

Sua classificação como instrumental, exposta por Gil (2006) a partir das contribuições de Stake (1995), surge aqui pelo próprio envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo e “em virtude do seu interesse em conhecê-lo melhor” (GIL, 2006, p. 52) e aprimorar a aproximação com a aprendizagem colaborativa aplicada à formação em Medicina Chinesa. Por outro lado, ainda que o caso não tenha um interesse secundário, o presente estudo tampouco tem a intenção de se fechar somente no fenômeno observado, e sim favorecer também o refinamento das conexões teóricas propostas e expandir o conhecimento sobre o assunto.

Para alcançar tal entendimento, enfatiza-se que lançar-se-á mão de um olhar ecossistêmico (MORAES, 2004), tão próximo ao olhar científico da Medicina Chinesa – o que será tratado mais adiante - e será utilizado o Estudo de Caso como delineamento de pesquisa, já que se apresenta como o mais adequado para o estudo do fenômeno proposto, devido às suas próprias características: preserva o caráter unitário do fenômeno; investiga um fenômeno contemporâneo sem separá-lo de seu contexto; é um estudo em profundidade; requer a utilização de múltiplos instrumentos de coleta; são flexíveis; estimulam o desenvolvimento de novas pesquisas; permitem investigar a complexidade dos fenômenos; favorecem o entendimento do processo; e, finalmente, por sua natureza holística, transparadigmática e transdisciplinar (GIL, 2009).

O vigor desse delineamento no presente trabalho está também no fato de que o Estudo Caso se configura como uma estratégia de pesquisa abrangente (YIN, 2001) e, como tal, ganhará no presente trabalho as características de um estudo pautado na noção chinesa de estratégia (ou sabedoria) onde o estrategista (ou sábio) “evita projetar sobre o desenvolvimento vindouro algum dever ser, que ele teria concebido pessoalmente e gostaria de lhe impor, já que é desse próprio desenvolvimento, tal como é levado logicamente a se processar, que ele pretende tirar vantagem” (JULLIEN, 1998, p. 34); em congruência com a processualidade reflexiva e dialógica, característica do olhar ecossistêmico.

1.1 A PESQUISA

“Em suma, não há termo, perfeito em si e percebido de antemão, que ordenasse o curso e nos guiasse a marcha; e o ‘caminho’, tal como o entendemos tradicionalmente na China (o tao), está muito distante do nosso ‘método’ (methodos: o ‘caminho’ pelo qual se ‘prossegue’, que conduz para).” (JULLIEN, 1998, p. 48)

Apresentar-se-á a seguir, na forma de tópicos, a estrutura que permitiu a materialização dessa caminhada acadêmica – ainda que de forma serpenteante e sinuosa – na presente dissertação.

1.1.1 Tema

- A Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (ACSC) na formação em Acupuntura/ Medicina Chinesa.

A implementação dos preceitos, ferramentas e estratégias da ASCS na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa foi, durante alguns anos, a minha fonte de trabalho, inspiração e suor. De forma muito orgânica e clara, os caminhos que me levaram a querer aprender, vivenciar, implementar e, posteriormente, investigar os mecanismos que corroboram para a aprendizagem comungada, começaram a se abrir e a se insinuar por sendas improváveis, mas sempre em frente e em pleno ajuste, gerando em mim uma convicção de que era por ali, por essa via que honra o “aqui e agora” a todo instante, que o WÚ WÉI 無為 (ação espontânea, traduzirei assim) apontava.

Essa via de aprendizagem que se iluminava com a ajuda das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) parecia mesmo desenhar um caminho sem volta em direção a um lugar ainda emergente, ao mesmo tempo que, de modo paradoxal, fazia pulsar um aparelho ancestral, como se o retorno à raiz viesse mais forte. Partindo da ciência-sabedoria-arte-religação taoísta, a qual oferece uma firmeza flexível para o aprendizado de Medicina Chinesa, onde uma espécie de sagrado imanente exerce um poder de vida em cada instante e torna cada passo e cada respiração, e cada conexão com o outro e com o entorno, fontes de aprendizado e transformação constantes, a motivação por viver a aprendizagem colaborativa só crescia e se avolumava.

Aprender em comunhão com o aprender dos outros parecia taoísmo aplicado e tornar cognoscível o insondável – e como não citar o poema 1 do DÀO DÉ JĪNG 道德經: “tao chamado tao não é tao; nomes não podem dar nome a nenhum nome duradouro” (TZU, 2002, p. 1) –, por meio da experiência compartilhada, foi se configurando como um bom caminho para flertar com o mistério sem afastá-lo ou enclausura-lo numa aura transcendente. Falar do mistério – esse que repousa sobre o modo de fazer ciência que estamos lidando – e não precisar lançar mão de retóricas especulativas ou de qualquer metafísica, fez com que a transdisciplinaridade chegasse por aqui como um vento que arejasse os portões acadêmicos e dissesse, com seu sopro: vem, aqui tens lugar.

1.1.2 Questão norteadora

- Como a aprendizagem colaborativa com suporte computacional se revela como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa.

Essa questão, ainda que pareça simples, é realmente central aqui e permeou todas as etapas do projeto. A ideia é expor a Ocasião em que esse processo se desenvolveu trazendo para

cá um retrato, ou melhor, uma animação, a modo de documentário, do conjunto de instâncias e interações que foram tecidas por meio da estratégia colaborativa no aprendizado vivencial da Medicina Chinesa.

Outros questionamentos poderiam ser aqui elaborados, como acontece com a maioria dos Estudos de Caso (GIL, 2009). Poder-se-ia indagar, por exemplo, sobre a eficácia dessa estratégia para a formação de acupunturistas; e, a partir daqui criar uma pesquisa com uma coleta de dados para mensurar essa eficácia. Entraríamos, destarte, em terreno pedregoso, principalmente pelo “peso” semântico da palavra eficácia na Academia, assim como na vida.

Para tal, e seria uma caminhada muito enriquecedora, teríamos que primeiro relativizar o termo e ampliar e elevar sua significação ou, melhor dizendo, sua existência – nesse momento, a poesia de Alberto Caeiro, trazida ao mundo manifesto pelo Pessoa, entra de forma redentora: “as coisas não têm significação: têm existência (...) as coisas são o único sentido oculto das coisas” (PESSOA, 2006, p.79) – até aquele ponto em que não ficaria nenhuma dúvida de que estaríamos a falar de outro tipo de eficácia, e não daquela que surge “a partir da abstração de formas ideais, edificadas em modelos, que se projetariam sobre o mundo e que a vontade teria como meta realizar” (JULLIEN, 1998, p. 9). Nesse ponto de entendimento, quando por fim estivesse claro que beberíamos em outra fonte de eficácia – nem que, para isso, fosse preciso “refundir a língua e seus pressupostos teóricos: de passagem, fazê-la desviar do que se vê levada a dizer, antes mesmo que se tenha começado a falar” (JULLIEN, 1998, p. 10) – aí sim, poderíamos então estabelecer formas de captar ou mensurar a aprendizagem por esse prisma.

Todavia, a escolha foi por outro caminho e por outros passos. E a questão que serviu de apoio para todas as outras que surgiram no processo se resume mesmo a esta: Como a aprendizagem colaborativa com suporte computacional se revela como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa?

E dentro dessa escolha, ainda assim será aqui esmiuçada a noção de eficácia segundo a sabedoria chinesa – e este é um dos objetivos específicos da dissertação (tópico 1.1.4) – e não poderia ser mesmo de outro modo, visto que toda a noção de estratégia (essa sim uma palavra central no projeto) é inseparável da noção de eficácia no pensamento taoísta, como nos lembra François Jullien:

Ora, eis que descobrimos mais além, na China, uma concepção da eficácia que ensina a deixar advir o efeito: não a visá-lo (diretamente), mas a implicá-lo (como consequência); ou seja, não a buscá-lo, mas a recolhê-lo – a deixá-lo resultar. Bastaria, dizem-nos os antigos chineses, saber tirar proveito do desenrolar da situação para se deixar “portar” por ela. Se não nos empenhamos com algo, se não penamos nem forçamos, não é porque pensávamos em nos

desligar do mundo, mas para termos mais êxito nele. Essa inteligência que não passa pela relação teoria-prática, mas se apoia apenas na evolução das coisas, chamá-la-emos estratégia. (1998, p.9)

Assim, será dedicado um tópico específico a essa noção de eficácia (eficiência¹⁰) que deseja-se incitar (tópico 2.3.2) e será vista e revista durante toda a dissertação, sempre que o momento exigir nova aproximação. Afora isso, também foi elaborada uma afirmação na pesquisa enviada (APÊNDICE I) aos aprendizes sobre a noção de eficácia que estamos tratando para complementar o trabalho e trazer um dado específico, sob a forma de um gráfico quantitativo, com as porcentagens de cada resposta, a qual será revelada no momento adequado.

1.1.3 Objetivo Geral

- Apresentar a aprendizagem colaborativa com suporte computacional (ACSC) como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa.

Caso fique claro e inteligível e, indo além, seja instigante o relato dessa experiência pedagógica ímpar (principalmente por falarmos de uma sabedoria milenar sendo trabalhada por uma estratégia de aprendizagem tão contemporânea), o objetivo geral do trabalho terá sido cumprido. A maior pre(ocupação) aqui é mesmo trazer para a academia, e para o público em geral, a trajetória de uma aprendizagem comungada, com o apoio das Tecnologias de Informação e Comunicação. Para isso, veio à tona a perspectiva ecossistêmica, como um método de tecedura de realidades vividas e compartilhadas, para dar à luz uma “trama sem tecelão” (KAPTCHUK, 1997), toda emaranhada pelo crescimento contínuo e incessante de perspectivas sincronicamente complementares, ainda que nascidas em solos e tempos tão distantes, quando medidos por réguas e ampulhetas lineares.

¹⁰ “Relacionado com o pensamento chinês e separada da noção de causa, a eficiência não seria somente uma eficácia que não mais estaria presa a uma ocasião particular, com isso se dissolvendo no fundo das coisas, mas ela própria se torna o lastro das coisas, de onde não cessa de decorrer todo advento. E nisso ela se confunde com a imanência. Ora, é esse fundo/lastro de eficiência (imanência) que o sábio chinês quer reaver sob o acúmulo das coisas (e o encadeamento das causas); e que o estrategista procura captar para vencer.” (JULLIEN, 1998, p.161)

1.1.4 Objetivos específicos

- Retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) na Escola Nacional de Acupuntura, entre os anos 2010 e 2012, e suas circunstâncias;
- Explorar a concepção chinesa de eficácia, apoiada na lógica do processo e no potencial de adaptação, com base na transformação natural e na virtude da imanência;
- Expor as repercussões do formato híbrido, virtual e presencial, na aprendizagem colaborativa.

Tais objetivos específicos aparecem aqui para facilitar a imersão nessa realidade pedagógica e trazer mais luz para a Ocasão investigada. De fato, no capítulo 4, será feito um relato amplo sobre todo o processo de implementação e consolidação da plataforma MOODLE, assim como a descrição do ambiente de aprendizagem e de sua dinâmica de interação, sem esquecer a repercussão da incorporação desse ambiente virtual no andamento dos encontros presenciais e como o ambiente face-a-face também influenciou o andamento da aprendizagem *online*.

Sobre a concepção chinesa de eficácia, foram explicados no tópico 1.1.2 os motivos que tornaram sua investigação necessária na elaboração e consolidação do projeto e um tópico (2.3.2) será desenvolvido mais à frente no trabalho. Outrossim, convém mencionar um detalhe a mais sobre essa noção de eficácia: ela está atrelada ao *não agir*, ou *agir espontâneo* chinês - o WÚ WÉI (无为).

A partir do momento em que o agir, liberando-se de todo ativismo, chega a confundir-se com o curso espontâneo das coisas, não se pode mais identificá-lo; como ele se difunde aí ao longo de sua evolução, não há mais nada nele que se focalize ou se destaque, ele esposa tão cedo o princípio dessa evolução que não o vemos distinguir-se dela. Esse agir-sem-agir não tem mais aresta nem aspereza. A fronteira entre o fazer e o feito se apaga, não se sabe mais a quem ou a que atribuir o efeito, cada um acredita de boa-fé poder reivindicá-lo. (...) Quando a eficácia se torna natural, ‘quase não’ se pode dizê-la, ou, melhor, é nesse modo do quase não que melhor se pode dizê-la. (JULLIEN, 1998, p. 115)

1.1.5 Justificativas

Este projeto se justifica por trazer ao ambiente acadêmico um estudo amplo sobre uma situação pedagógica real, alicerçada na aprendizagem colaborativa com suporte computacional

(ACSC), em uma área do saber relativamente nova e em processo de formatação no ocidente, especialmente no Brasil. Também se justifica pela potencial riqueza científica, pedagógica e filosófica que pode emergir da aproximação teórica entre um saber milenar, formatado em outra matriz cultural, com conceitos e teorias contemporâneas. E, para finalizar, creio que existe a possibilidade de aplicação concreta das inferências do presente estudo nas futuras formações e futuras escolas e cursos de Medicina Chinesa, e, até mesmo, em conjunto com outros trabalhos e estudos que honram o saber clássico chinês e sua racionalidade médica, favorecer a legitimação e a preservação da Medicina Chinesa no Brasil.

1.1.6 Coleta e exposição de dados

- Fontes primárias
- Pesquisa enviada aos aprendizes
- Grupo de discussão com os facilitadores em uma rede social

Serão apresentadas no decorrer do texto as dinâmicas nos fóruns de discussões, principalmente nas disciplinas monitoradas pelo pesquisador, as postagens no Blog, o papel do professor e dos monitores no estímulo e participação do alunado, e as outras interfaces colaborativas assíncronas (nos encontros virtuais), utilizadas nas disciplinas, na sala de aula e no ambiente virtual. Também as participações dos envolvidos e o resultado da interação e da abordagem colaborativa. Lançar-se-á mão de figuras para apresentar alguns Fóruns, tabelas de pesquisa, relatos coletados na pesquisa online, imagem das salas de aula virtuais e das interfaces estéticas de colaboração.

Algumas discussões pinçadas de fóruns das disciplinas Fundamentos do Pensamento Oriental, Diagnóstico na Medicina Chinesa, Estudo de Pontos e Meridianos e Alimentação Terapêutica Chinesa serão privilegiados devido à característica iniciática nos preceitos do taoísmo¹¹ e do pensamento chinês, no caso da primeira, e à característica de aprofundamento na ciência médica chinesa, nas três últimas; além de serem disciplinas centrais para a percepção das dimensões (LUZ, 2000) que caracterizam a Medicina Chinesa como uma Racionalidade Médica. Outros espaços e salas de aula serão também apresentados, como lugares privilegiados

¹¹ A transliteração das palavras do idioma chinês para nosso idioma será em Pinyin, respeitando a recomendação oficial do governo chinês. Não obstante, mantereí os termos Tao (道) e suas derivações, ao invés de DÃO, por serem formas já consolidadas no mundo ocidental. O taoísmo é considerado a escola de pensamento fundante da medicina chinesa clássica e seus preceitos serão discutidos mais adiante.

de aprendizagem colaborativa e de abordagem transdisciplinar, como a sala do projeto NEAMDERDao (APÊNDICE X).

Também será privilegiada a apresentação do ambiente virtual global da escola, especificamente os fóruns de participação aberta, os glossários de termos da Medicina Chinesa e o blog da escola virtual. Assim como a participação dos monitores e seus papéis na estimulação da aprendizagem colaborativa.

A revisão bibliográfica não poderia deixar de ser relevante para o entendimento que se propõe a incitar; assim sendo, pretende-se trazer estudos e autores da abordagem colaborativa, do Pensamento Complexo e da perspectiva transdisciplinar, do grupo de pesquisa racionalidade médicas e do pensamento chinês, e gerar um diálogo profícuo e esclarecedor.

E, para aprofundar mais a investigação e garantir a confiabilidade do estudo, além de confrontar os dados por meio de outro procedimento de coleta (GIL, 2009) e favorecer, assim, a operacionalidade a partir de uma perspectiva ecossistêmica, serão apresentados os depoimentos de professores da escola que, anteriormente, haviam sido aprendizes. A ideia aqui é abrir a escuta a outros sujeitos e a suas percepções sobre o objeto estudado e, mais que isso, assumir a riqueza de seus olhares e de suas vozes.

Para a coleta de dados foi criado um grupo de discussão em uma rede social para que o projeto fosse apresentado em suas minúcias aos colaboradores e para que as contribuições pudessem assumir uma roupagem colaborativa, em congruência com o objeto de estudo. Os sujeitos selecionados eram aprendizes que tiveram a experiência com a aprendizagem colaborativa em formato híbrido e, posteriormente, tornaram-se monitores e, por fim, professores na mesma instituição e colocaram em prática os preceitos da colaboração com suporte computacional, em formato *blended learning*, em suas respectivas disciplinas. Foram selecionados, em um primeiro momento, quatro facilitadores que passaram por esse critério e que, posteriormente, assumiram as disciplinas Fundamentos do Pensamento Oriental, Diagnóstico na Medicina Chinesa, Alimentação Terapêutica Chinesa e Estudo de Pontos e Meridianos. Nesse espaço, além do compartilhamento de textos e estudos pertinentes para a construção da pesquisa, também foram apresentadas as visões de cada sujeito, com suas subjetividades e inquietações. Esses depoimentos foram coletados de forma colaborativa, em honra ao objeto central de estudo. Posteriormente, com o desenrolar do projeto, outros dois professores entraram na pesquisa e uma professora, a qual não chegou a participar efetivamente, se desligou. As falas dos professores serão apresentadas na forma de citação, com seus nomes verdadeiros transliterados aleatoriamente para nomes em Pinyin.

Para completar a coleta de dados foi enviada uma tabela de avaliação (APÊNDICE I) aos aprendizes que estiveram envolvidos com a aprendizagem colaborativa, selecionados a partir da análise dos fóruns propostos como atividade nas disciplinas mencionadas acima, ou pela participação nas outras interfaces de construção coletiva do conhecimento (principalmente nos glossários e no blog). As afirmações enviadas foram retiradas da bibliografia ou elaboradas a partir das questões norteadoras da pesquisa. As opções de resposta para as perguntas objetivas foram: concordo totalmente; concordo/ discordo parcialmente; discordo totalmente; não tenho opinião. E também foi aberto um espaço para considerações pessoais sobre o trabalho colaborativo. Portanto, essa coleta de dados tem um caráter quali-quantitativo, já que as respostas coletadas na pesquisa assumiram a forma de gráfico com as porcentagens de cada resposta e foram complementadas pelas respostas dissertativas, as quais são usadas para enriquecer o texto e a própria investigação, além de confrontar os dados coletados pela *Tabela de Avaliação* e para favorecer uma leitura multidimensional da Ocasão. Esses relatos serão apresentados ao longo do texto na forma de figuras ou *balões de pensamento*, sem qualquer identificação, já que esses foram coletados de forma anônima por meio da pesquisa enviada (APÊNDICE I)

Por fim, depois de coletados os dados, feita a triangulação e confeccionado o *Relatório Final* do Estudo de Caso, a dissertação foi enviada aos sujeitos para revisão e verificação “se as interpretações do pesquisador refletem o que de fato sentem, pensam e fazem” (GIL, 2009, p. 37), para, somente então, assumir essa roupagem definitiva.

CAPÍTULO 2 - EMBLEMAS

“A atual abordagem, que analisa o mundo em partes independentes, já não funciona, assim como a associação do homem que domina a natureza precisa ser repensada para gerar um novo tipo de pensamento que compreenda o universo em contínua evolução, que respeite os fenômenos naturais e reconheça a vida como um rio que flui naturalmente em direção à corrente infinita do Tao.” (MORAES, 1997, p. 31)

“(…) no ponto de vista da Cosmologia Daoísta, qualquer processo de criação envolve a interação de três forças primordiais.” (SOUZA, 2008, p. 77)

As principais referências teóricas na construção desse estudo estão agrupadas no desenho abaixo (Figura 1), sendo que um dos lados representa a perspectiva ecossistêmica, como método e olhar, apoiada pelos fundamentos do diálogo transcultural e transdisciplinar e pelo Pensamento Complexo, o outro lado representa a Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (ACSC), e um terceiro lado representa os fundamentos da Medicina Chinesa e do Pensamento Taoísta, apoiados pelos estudos do grupo de pesquisa Racionalidades Médicas.

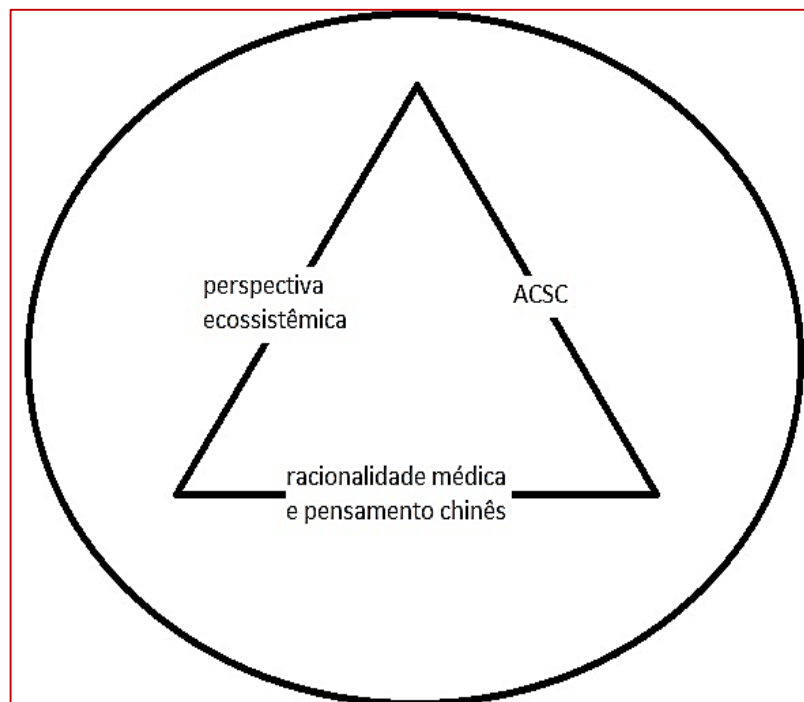


Figura 1: Triângulo emblemático

Esse triângulo está inscrito no universo WÚ JÍ (無極), no vazio primordial (assunto que será tratado no tópico 2.3.1.1), normalmente representado por um círculo vazio que engendra um mar de possibilidades, a prenhez infinita.

2.1 A PERSPECTIVA ECOSISTÊMICA

“Toda base ontológica apresenta desdobramentos epistemológicos e traz consigo um conjunto de procedimentos e estratégias nas quais predominam certo tipo de raciocínio, uma lógica diferenciada, uma nova compreensão de mundo e visão de como a realidade se manifesta. Sabemos que todo e qualquer sistema de pensamento afeta todas essas dimensões, a prática decorrente da lógica aplicada, bem como a visão política e social que se manifesta.” (MORAES, 2014, p. 32)

“Para alicerçar uma ação docente que venha a atender às mudanças paradigmáticas da ciência, há a necessidade de se constituir uma aliança de abordagens pedagógicas, formando uma verdadeira teia de referenciais teórico-práticos.” (BEHRENS, 2005, p. 77)

A visão ecossistêmica se confunde com a taoísta; arrisco-me a dizer, em primeira pessoa, que bebem da mesma fonte e que olham para o mesmo céu enquanto caminham de mãos dadas, cruzando milênios, todos os continentes e mares inteiros. Por isso, essa é a perspectiva que rege essa dissertação. Não poderia ser diferente. Não poderia, penso eu, como construtor de fatos, almejar retratar uma realidade pedagógica seriamente influenciada pelo corpo teórico-prático taoísta sem levar muito a sério essa leitura da vida e de seus mecanismos.

Assim, pois, os próximos tópicos apresentarão as dimensões ontológica, epistemológica e metodológica que caracterizam a perspectiva ecossistêmica e, junto a isso, o próprio *modus operandi* taoísta.

2.1.1 Dimensão ontológica

Em sua dimensão ontológica, a Realidade é percebida como dinâmica e multidimensional, caracterizada pela incerteza e imersa em uma natureza complexa, com uma grande proximidade com a Realidade pelos olhos da Sabedoria Chinesa. Seguindo os princípios da Complexidade de Morin como alicerce da investigação inter e transdisciplinar (Rodrigues, 2006), nos deparamos com a dialogicidade, a qual permite manter a dualidade no seio da unidade, com uma causalidade circular e recursiva, e com o princípio hologramático, onde “não

apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte” (MORIN, 1990, p. 108). Ressalta-se de antemão que os operadores cognitivos do pensamento complexo serão tratados no tópico 2.5.

Indo por esse caminho, Maria Lucia Rodrigues (2006) destaca alguns componentes desse método (que une para promover a articulação entre os integrantes do sistema e flexibilizar as fronteiras disciplinares, evoluindo para o conhecimento transdisciplinar): o desdobramento da objetividade e da subjetividade como campo dos conflitos e das incertezas, mas também da complementaridade; a religação, no sentido de tecer ligações entre conhecimentos difusos e, assim, aumentar o alcance da pesquisa e o *religare*, no sentido religioso mais profundo, com o desenvolvimento da noção da ciência como parte da religação do homem com aspectos maiores que ele mesmo; a organização e auto-organização, fruto das interações incessantes entre as partes que conformam o todo Complexo; e a própria noção de fenômenos complexos, como manifestação de tudo que emerge da realidade.

Também se evidencia a sincronia de muitas abordagens que descrevem uma realidade complexa (MORIN, 1990), conectada, interativa e regida por processos auto-eco-organizadores e auto-poiéticos (MATURANA, 1999) numa grande tessitura reticular (CAPRA, 1997), e que pode ser percebida como múltipla, por meio de diferentes níveis de realidade (NICOLESCU, 2003) e diferentes níveis de percepção dessas realidades, em conformidade com os ditames da Medicina Chinesa, como não cessaremos de ver durante esse trabalho.

2.1.2 Dimensão epistemológica

Já na dimensão epistemológica, é resgatada a subjetividade do sujeito, e a influência de sua história de vida, assim como sua participação ativa na realidade multidimensional estudada, onde toda objetividade passa a ser uma objetividade entre parêntesis (MATURANA, 1997). Por isso mesmo, já dentro da metodologia, os sujeitos da pesquisa foram incitados, por meio de depoimentos coletados de forma colaborativa, em um grupo de discussão de uma rede social, a participarem ativamente na coleta e construção de dados. A importância concedida a eles, os construtores, no processo de fundamentação do conhecimento, e seus papéis na percepção do que é visto, percebido, interpretado e (des)construído, foi levada em conta nesse trabalho. Também por isso houve a coleta de relatos subjetivos e o resgate da história de vida de alguns participantes – os que se dispuseram a contar-nos sua história – como ferramenta valiosa para a coleta de informações de natureza qualitativa.

A realidade revelada por essa dimensão é, dessa forma, “uma de suas possíveis interpretações a partir de processos co-determinados ocorrentes nas relações sujeito/objeto”

(MORAES & VALENTE, 2008, p. 24). Assim, a pesquisa sob essa epistemologia não se propõe a revelar uma verdade, mas sim desvelar uma de suas possíveis interpretações e leituras.

Segundo Maria Lucia Rodrigues, os instrumentos epistemológicos essenciais que são elaborados no andar investigativo na perspectiva da complexidade são o “pensamento sistêmico, a recursividade e a circularidade, a interação e a religação, a percepção, a inter e transdisciplinaridade” (2006, p. 24).

Ainda sobre objetividade e subjetividade na pesquisa, a partir da perspectiva ecossistêmica, nos encontramos com sujeitos cheios de incerteza, reflexivos e, até mesmo, hesitantes, ainda que inteiros em seus projetos. E todo conhecimento elaborado passa a ser o resultado do diálogo incessante e da interação pulsante ente sujeito e objeto para expressar uma ciência *in vivo*. Na realidade da presente pesquisa essa afirmação é essencial, já que deposito minha subjetividade e a dos outros sujeitos, enquanto aprendizes, professores e reconstrutores dos preceitos da Medicina Chinesa numa atualidade pedagógica ímpar, na elaboração e construção do projeto de conhecimento.

2.1.3 Dimensão metodológica

Entrando na dimensão metodológica, nos deparamos com a necessidade de tecer estratégias de ação que sejam vivas, dinâmicas e que considerem a multidimensionalidade da realidade, sem se esquecer da subjetividade, da emotividade e dos encontros movidos pela afetividade. E sem perder a característica de uma estratégia que revele o subjetivo, como atividade de um sujeito posicionado, ativo e presente de “corpo e alma” no projeto de conhecimento. Daí, talvez, salte a maior virtude do delineamento de pesquisa escolhido: abrir espaço para os outros sujeitos, com suas experiências e suas percepções multidimensionais da *Ocasão* em estudo.

Os princípios hologramático e dialógico de Morin – antes citados e que serão retomados no tópico 2.6 – entram aqui como parte de um caminho metodológico onde o produtor da ciência é, ao mesmo tempo, o produto daquilo que almeja produzir, numa causalidade circular ou “trajetória espiralada” (MORAES & VALENTE, 2008, p. 54) deflagrada pelo diálogo constante entre pesquisador e objeto pesquisado. Nesse contexto, “a espiral traz consigo a idéia de processo inacabado, algo em constante vir-a-ser; algo itinerante e impulsionado pela recursividade ou pela retroatividade inicial do processo” (IDEM, p.55). Tendo-se em mente que estamos pesquisando, em suma, o encontro entre perspectivas contemporâneas e o pensamento clássico chinês, reforçar-se-á a ideia de circularidade na pesquisa, assim como na vida

(inseparáveis que são a partir desses olhares), com um trecho do “Tratado da Eficácia” (JULLIEN, 1998), tão apropriado para a presente pesquisa, quanto para a ideia de aprendizagem colaborativa como um processo transpessoal:

Ora, a língua chinesa, constatamos, não opõe categoricamente o passivo e o ativo (não há voz a esse respeito), ela deixa no mais das vezes essa diferença indecisa, e descreve as operações sob o aspecto não tanto do agente quanto do ‘funcionamento’ (o do *yong* em relação ao *ti*) (...) porquanto o que me ‘porta’ desse modo não é devido a mim nem tampouco é sofrido por mim, isso não é nem eu nem não-eu, mas antes passa através de ‘mim’. Enquanto a ação é pessoal e remete a um sujeito, essa transformação é *transindividual*; e sua eficácia indireta dissolve o sujeito. Isso, é claro, em proveito da categoria do processo. (p. 69-70)

Falando em metodologias multidimensionais na pesquisa, a contribuição de Moraes e Valente (2008), substanciada pelo conceito de prudência metodológica, de Sandin Esteban (2003 apud MORAES & VALENTE, 2008), se apresenta como essencial. Ainda mais quando contrastamos esse critério com as profícuas discussões empreendidas por outros autores, como Günther (2006), sobre o desafio na escolha entre pesquisa qualitativa ou quantitativa. Em resumo, é ponto pacífico que caminhamos cada vez mais na direção da utilização de multimétodos e da integração de investigações qualitativas e quantitativas, principalmente na perspectiva ecossistêmica; é também correto afirmar que, mesmo indo nessa direção, podemos nos perder numa incompatibilidade teórica e epistemológica, em relação às estratégias adotadas. Por isso, o critério da prudência metodológica é a maior preocupação dos estudiosos acima citados, como prerrogativa para qualquer sincretismo.

Tendo isso em vista, a coleta de dados na presente pesquisa foi definida como quali-quantitativa, onde os dados coletados a partir do preenchimento da *Tabela de Avaliação* foram complementados pela coleta de um *relato pessoal* (APÊNDICE II), e um *Grupo de Discussão* (Figura 29) com cinco sujeitos foi criado em uma rede social para funcionar como espaço de construção coletiva dos caminhos da dissertação, como comentado anteriormente. Também, com a intenção de honrar a dependência ecológica entre sujeito e objeto e o Princípio ético que nutre essa relação (MORAES & VALENTE, 2008), foi estabelecida uma pesquisa com *consentimento informado* (APÊNDICE V) e também com o retorno periódico aos informantes sobre os passos do Estudo da Ocasão e seus desdobramentos.

Agora, abordadas as três dimensões, é importante atentar para o fato de que qualquer metodologia (estratégia, melhor dizendo) de pesquisa e seus delineamentos e coleta de dados devem estar, necessariamente, em sintonia com o paradigma ou perspectiva teórico-

epistemológica em questão e sua dimensão ontológica fundante. Por isso mesmo, todo o projeto foi sendo tecido e desenhado com a noção de estratégia/ sabedoria taoísta como guia, já que “a eficácia, na China, não cessaremos de comprová-lo, é uma eficácia por adaptação (JULLIEN, 1998, p. 69) – daí a necessidade de um tópico específico (2.5) dedicado a um aprofundamento sobre *Eficácia* no pensamento taoísta.

2.2 A APRENDIZAGEM COLABORATIVA COM SUPORTE DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

“Até que ponto é possível desenvolver uma pedagogia complexa, ecossistêmica, relacional, facilitadora e catalisadora de vivências do estar aprendendo a cada momento?” (MORAES, 2008, p. 63)

Vygotsky pode ser considerado um dos primeiros educadores a levar a sério a potencialidade da aprendizagem colaborativa com a fundamentação do conceito de *zona de desenvolvimento proximal* (1984). Segundo esse autor, em resumo, o desenvolvimento real da criança seria precedido por seu desenvolvimento a partir das várias formas de interação em grupo. Nesse caminho, já entrando na era da informação e comunicação mediada pelas tecnologias, a estratégia pedagógica colaborativa pode ser entendida como aquela que favorece a construção coletiva de conhecimento, por meio do compartilhamento de ideias, informações e sentimentos, fruto da interação ativa entre membros de um grupo (aprendizes e facilitadores), com o suporte de tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Nos últimos anos, muitas pesquisas foram desenvolvidas com o intuito de entender e de comprovar a eficácia (esse termo que aqui no presente estudo é intencionalmente revirado) da estratégia colaborativa. Adriana Clementino, por exemplo, em sua tese de doutorado, chegou à conclusão de que “a escolha das abordagens colaborativas como orientação metodológica (...) agregou aos aspectos tecnológicos as condições ideais para que o processo didático de aprendizagem baseado na interação e comunicação fosse ampliado” (2008, p. 7). Em outra tese de doutorado do mesmo ano, Ana Cristina Lima Barbosa revela que “o resultado dessa investigação comprovou a hipótese de que as dinâmicas colaborativas *online* possibilitam a criação de uma comunidade e revelam-se como formas diferenciadas de se atuar com qualidade em educação *online*” (2008, p. 6).

No presente trabalho de pesquisa, por meio do Estudo de Caso, será mostrado como se deu o processo de colaboração e como os envolvidos retratam suas experiências nesse cenário

complexo, com o desenvolvimento de uma aprendizagem ativa que possibilitou o encontro com um Saber advindo de outra cultura e com uma bagagem milenar de conhecimentos. Aproveitando o fio da meada, é interessante resgatar o conceito de reatuação, tomado de empréstimo da ciência antropológica e atualizado por Kenneth Bruffee (1993) – um dos autores influentes no cenário da ACSC – para se referir à passagem dos aprendizes a um novo ambiente de aprendizagem; no caso, para o ensino superior. De forma geral e resumida, o autor descreve a importância de uma educação *não alicerçada* (ou seja, uma educação que será construída a partir do encontro entre todos os envolvidos nessa nova realidade educacional – *reaculturation*) em contraposição à educação alicerçada (fincada na assimilação e sintetização de conhecimentos prévios). Tal conceito toma uma relevância maior no contexto da aprendizagem em Medicina Chinesa, já que estamos falando de um sistema médico estranho aos nossos ditames convencionais e, deste modo, os iniciados devem fazer uma “dupla-passagem”: para outra cultura, de um lado, e para outras estratégias de aprendizado, de outro.

Sobre a adequação da estratégia colaborativa para a aprendizagem de Medicina Chinesa foi elaborada a seguinte afirmação na Tabela de Avaliação (Figura 2): “a estratégia de aprendizagem colaborativa foi apropriada para a formação em medicina chinesa”. Como resultado, 86,67 concordam totalmente com a afirmação, enquanto 13,33 concordam parcialmente.

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)			
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%	⊖	±
A escola virtual foi um ambiente...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	21x	67,74	8x	25,81	-	-	2x	6,45	1,45	0,81
A estratégia de aprendizagem...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
Nas disciplinas colaborativas,...	22x	70,97	8x	25,81	-	-	1x	3,23	1,35	0,66
As atividades propostas me i...	24x	77,42	7x	22,58	-	-	-	-	1,23	0,43
O uso adequado das TICs (tecn...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
A estratégia colaborativa foi ...	21x	67,74	8x	25,81	1x	3,23	1x	3,23	1,42	0,72

Figura 2: Tabela de avaliação (4ª afirmação)

2.2.1 As sete dimensões no desenho e gerenciamento pedagógico de ambientes colaborativos

“A aprendizagem colaborativa demonstra de maneira evidente que estudantes podem aprender melhor - mais completamente, mais profundamente, mais eficientemente - do que aprender sozinhos”. (BRUFEE, 1993)

Lucio Teles, em seu trabalho “Aprendizagem colaborativa online” (2012), a partir da revisão de vasta literatura relacionada à ACSC, identificou e enumerou sete dimensões que valorizam o desenho, a implementação, o gerenciamento e a avaliação de atividades colaborativas online. Com a intenção de aprofundar nosso estudo sobre a ACSC e, inclusive, usar esta contribuição como pano de fundo para o desenrolar do presente Estudo de Caso, pretende-se expor essas dimensões e discuti-las e adequá-las à realidade pedagógica pesquisada.

Como comentado nos passos iniciais, meu encontro efetivo com a ACSC se deu a partir da disciplina *Fundamentos da arte na educação*, do departamento de educação da UnB, desenvolvida e gerenciada pelo professor Lucio Teles. A partir desse encontro, iniciei a implementação da ACSC, com o suporte da plataforma Moodle, na Escola Nacional de Acupuntura, levando em consideração tais dimensões para tornar o processo de aprendizagem colaborativa mais efetivo e prazeroso.

De antemão, deve-se tecer alguns comentários sobre o caso específico que estamos estudando. As salas de aula virtuais, nas disciplinas que efetivamente fizeram uso das ferramentas e da filosofia colaborativas, contavam, em média, com 15 alunos (podendo chegar ao máximo de 30 e ao mínimo de 8 alunos). Todas essas disciplinas eram presenciais, com encontros de 4h/aula, por 2 vezes na semana ou 1 vez na semana. Dentro dessa realidade, a aprendizagem colaborativa se deu na costura entre o presencial e o virtual (*blended learning*), com as atividades propostas sendo trabalhadas e corrigidas nos dois ambientes. Sublinha-se, assim, que as dimensões foram adequadas e, até mesmo, transformadas no processo de adaptação à realidade da aprendizagem híbrida, onde as salas de aula virtuais passaram a ser extensões das salas de aula presenciais e vice-versa. Esclarecidos esses pontos, vamos às sete dimensões adaptadas para o contexto e para o cenário dessa pesquisa.

2.2.1.1 O papel do professor (facilitador) no desenho e gerenciamento da colaboração

Ressalta-se nessa dimensão o papel fundamental do professor no desenvolvimento da sala de aula colaborativa, assim como no seu desenho e seu gerenciamento. Tal função é estendida também ao mediador, tutor ou monitor. No nosso caso específico, as salas de aula virtuais, assim como toda a escola virtual, foram desenhadas pelo programador em colaboração com o coordenador do curso e foram ministradas oficinas aos professores para o bom uso da plataforma e dos preceitos da colaboração. Também foi criada uma *Sala de Professores* (Figura 3) com o intuito de servir de espaço de aconselhamento e oficina de dúvidas – aqui tanto o programador, quanto o coordenador ficaram com o status “professor”, enquanto os outros professores frequentavam a sala como alunos ou aprendizes. A estrutura dessa sala de aula segue o padrão que estabelecemos para todas as salas do curso, com uma estrutura de 4 tópicos:

1. Introdução: espaço para o depósito de tutoriais, de mensagem de boas-vindas e primeiros passos na disciplina, para o programa e plano de aula da disciplina e outros documentos importantes para o caminhar durante o período.
2. Recursos: espaço dedicado ao material didático da disciplina – textos, artigos, apostilas, aulas em *power point* e *prezi*, etc.
3. Interação: espaço para a troca síncrona e assíncrona de informações didáticas, escolares ou sociais, de um modo geral. Aqui eram abertos chats, fóruns de interação (não ligados a atividades específicas), jogos didáticos (*hot potatoes*, por exemplo), vídeos, relatório de avaliação da disciplina pelos aprendizes, fórum dos seminários apresentados, etc.
4. Atividades: espaço para a abertura de atividades avaliativas ou não – fóruns, testes, questionários, envio de atividades, etc.

Na sala de professores, especificamente, esses tópicos foram devidamente preenchidos com os materiais ou atividades a eles relacionados. Por exemplo, um modelo de plano de aula e um programa da disciplina eram depositados para que os professores pudessem confeccionar os seus próprios. Também as atividades foram todas inseridas como breves tutoriais para que os professores pudessem, eles mesmos, elaborar e gerenciar as ações. E, regularmente, eram enviadas dicas e recomendações por meio do Fórum de Notícias (Figura 4).

Não obstante, é necessário que seja dito, assim como foi relatado por alguns aprendizes (Figura 5 e Figura 6) durante a pesquisa (APÊNDICE I), que a adesão às salas de aula virtuais e à estratégia colaborativa, mesmo com esse esforço, não foi total e alguns professores não utilizaram esse caminho.

Programação



Fórum de notícias

1



Introdução

Saudações - Programa

- Introdução ao Moodle
- Saudações (Modelo)
- Programa da disciplina (modelo)
- Estrutura para a confecção do programa
- Plano de Aula (modelo)
- Seminários
- Ficha para avaliação do desempenho discente em Seminários

2

Recursos



Apostilas - Textos - PowerPoint

- Adicionando arquivos
- Teste

3



Interação

Textos Complementares - Chats - Vídeos - Monitoria

- Conversa de corredor!
- Avaliação da disciplina (modelo)
- Fórum de Seminários

4

Atividades



Testes - Questionários - Fóruns - Avaliações

- Tutorial de Fórum
- Atividade 1 (modelo de fórum)
- 4ª Atividade (modelo de questionário)
- Texto online
- Envio de arquivo único
- teste

Figura 3: Sala de Professores



















Conselho de Classe		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Sex, 29 Jun 2012, 09:55
Incluir alunos na disciplina		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Qua, 2 Mai 2012, 16:29
Conselho de Classe			0	Ter, 24 Abr 2012, 11:16
Fim do 1º Período do 1º Semestre/ 2012 e horário das aulas (noturno)		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Ter, 27 Mar 2012, 09:23
Incluir alunos na disciplina		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Qua, 14 Mar 2012, 18:40
Sala de aula virtual		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Qua, 29 Feb 2012, 18:10
Novo semestre		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Ter, 28 Feb 2012, 15:37
Diários de Classe			0	Ter, 29 Nov 2011, 09:18
Reunião da coordenação de Ambulatório		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Qui, 13 Out 2011, 09:52
2º período		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Seg, 10 Out 2011, 15:50
MOODLE para professores, Plano de Aula e ajuste do calendário		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Qui, 25 Ago 2011, 16:32
Início do Semestre		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Sex, 19 Ago 2011, 12:25
Convite		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Seg, 20 Jun 2011, 15:37
Novo período		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Seg, 25 Abr 2011, 16:45
Planos de Aulas e Monitoria		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Ter, 22 Feb 2011, 16:56
Início		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Seg, 7 Feb 2011, 14:47
Finalizando outra etapa		Pedro Ivo	0	Pedro Ivo Qui, 9 Dez 2010, 10:45
Primeiras videoaulas!		Administrador Moodle	0	Administrador Moodle Qui, 2 Set 2010, 12:38

Figura 4: Fórum de notícias (sala de professores)

- O método utilizado foi muito bom e prático, porém senti falta de incentivo dos professores para utilizar a ferramenta. Com isso os alunos também não participavam muitas vezes. A proposta é ótima, mas senti uma falta de rigor na utilização como complemento da aula.

Figura 5: Relato de um aprendiz (atuação docente) 1

- As disciplinas que ofereceram este modelo de ensino-aprendizagem, a meu ver, não obtiveram a participação de todos os alunos matriculados. Obviamente os que participaram ativamente das discussões já estavam sensibilizados e eram simpáticos a esta modalidade, porém não era uma ferramenta valorizada por todo o corpo docente e discente. Acredito que para um maior aproveitamento deste artifício, um trabalho de sensibilização de todo o corpo docente da escola é de suma importância, para em consequência obter-se o entendimento e aceitação do mesmo pelo corpo discente. A impressão que ficou para este aluno é de que a modalidade foi imposta ao corpo docente, pois vários professores relatavam incomodo com a ferramenta.

Figura 6: Relato de um aprendiz (atuação docente) 2

Também é importante enfatizar que, ainda que tenha sido estimulado o uso da plataforma e a estratégia colaborativa na escola, por parte da coordenação – como relatado acima –, em nenhum momento os professores e os próprios alunos foram obrigados à essa adesão. Os professores que não se identificaram, ou que tinham outro motivo para não usar a

estratégia, simplesmente seguiam com suas estratégias habituais. Nota-se, no entanto, que tal postura não ficou clara para alguns aprendizes, ou pelo menos para esse que fez o relato reproduzido na Figura 6. Já no caso dos aprendizes que não se adequavam à ACSC, apesar do estímulo ao uso por parte do professor em questão e pela coordenação, eram formatadas avaliações convencionais – o prejuízo, assim, era somente relativo à participação na aprendizagem compartilhada online, principalmente, já que as aulas presenciais tinham sua autonomia relativa (relativa pois discussões e materiais compartilhados na sala de aula virtual eram trazidos para a sala de aula presencial e vice-versa).

Algumas razões para a não adesão podem ser vislumbradas, apesar de não terem sido especificamente pesquisadas – já que o foco do Estudo de Caso foi realmente sobre a aprendizagem colaborativa nas disciplinas que se desenvolveram com essa estratégia. Em primeiro lugar, podemos citar a própria aversão ou inadequação às TICs aplicadas à educação, abertamente expressas por alguns professores. Em segundo lugar, pela ideia de que teriam mais trabalho com essa estratégia, além do oferecido em sala de aula presencial.

Ainda que seja certo o incremento das atividades, a razão acima pode ser parcialmente questionada, já que todas as disciplinas em *blended-learning* foram desenhadas para contar sempre com um monitor, o qual auxiliava tanto no desenvolvimento da disciplina quanto no gerenciamento de atividades e da interação – para esta função, os monitores selecionados eram inscritos em um Fórum de Monitoria (assunto que será abordado no capítulo 4) e, semanalmente, postavam um relatório de suas atividades como monitor; e, para tal função, recebiam horas/aula devidamente computadas como atividades extracurriculares; vale ressaltar que a monitoria funcionava como uma iniciação para o exercício da docência na escola, fato comprovado na prática, já que grande parte dos monitores passaram a lecionar na mesma instituição e com a didática permeada pelos princípios da colaboração. Sobre essa afirmação, o professor e ex-monitor Nánduõ afirma:

Na experiência como monitor, foi interessante ver como cada turma tem uma interação diferente e sempre com questões novas. O papel de monitor nesse contexto traz um aprofundamento importante e trouxe segurança e crescimento como profissional aprendiz.

A terceira razão é, provavelmente, de ordem financeira e está atrelada à segunda. É certo que um maior envolvimento do corpo docente com a estratégia colaborativa e com o uso da plataforma virtual poderia e deveria estar vinculado a um salário mais justo, de acordo, se admite, com a realidade financeira de cada instituição; mas, de fato, a desvalorização do

educador é um problema ainda a ser superado, tanto no ensino público quanto privado, independente da estratégia de ensino-aprendizagem instituída. Mas como afirmado acima, essas razões são especulativas e não estão nos objetivos da presente caminhada acadêmica.

Voltando à primeira dimensão, Lucio Teles afirma que “o professor que leciona em ambientes colaborativos deve também conhecer as teorias da colaboração online e também conhecer algumas experiências com a colaboração (...) ele deve abraçar a noção de aprendizagem colaborativa” (2012, p. 12). Tal afirmação é primordial para a efetividade da caminhada colaborativa e, nessa direção, a construção da sala de aula virtual para professores, também chamada aqui de *Moodle para Professores*, teve um papel essencial, assim como a postagem de tutoriais e as oficinas técnicas ministradas pelo programador.

Sobre a mudança do papel e das funções do educador, em especial nos ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa, também Lucio Teles (2009), apoiado pelos estudos de vários autores, principalmente de Collins e Berge (1996), indica que “existe a necessidade de que o professor adote uma atitude de encorajar os estudantes à autorreflexão e permitir assim uma contribuição mais ativa e profunda destes na discussão online” (2009, p.73), assumindo as características de um facilitador do processo de aprendizagem.

Assim sendo, o conhecimento e o uso de ferramentas e da filosofia da aprendizagem colaborativa – com a mudança do papel do educador (o qual se assemelharia ao papel do sábio, aquele que conduz seus discípulos a partir da percepção do potencial de cada situação), com o estímulo constante para a criação ativa, com a construção coletiva de textos, com o foco na interação entre os aprendizes para fazer emergir o conhecimento, além de uma abertura metodológica necessária para permitir o imprevisto e o inesperado – se apresentam cada vez mais apropriados para propiciar um encontro profícuo com o Saber da Medicina Chinesa.

Nos estudos dessa Racionalidade Médica, o professor – adiantando o que será tratado no tópico 2.3.2, sobre a Eficácia no pensamento chinês e a ideia de estratégia – assumiria a posição de um facilitador dos processos de colaboração e construção coletiva do conhecimento favorecendo a aprendizagem como uma “transformação silenciosa” (JULLIEN, 1998) na comunhão dos aprendizes entre si e com o conhecimento.

Na coleta de dados, a afirmação acima foi investigada (Figura 7) e 70,97% dos participantes concordou plenamente que “nas disciplinas colaborativas, o professor assumiu a posição de um facilitador dos processos de colaboração”, enquanto 25,81 concordou/discordou parcialmente e 3,23 não teve opinião.

	concordo totalmente (1)		concordo/discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		Σ	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambie...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	21x	67,74	8x	25,81	-	-	2x	6,45	1,45	0,81
A estratégia de aprendizage...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
Nas disciplinas colaborativas,...	22x	70,97	8x	25,81	-	-	1x	3,23	1,35	0,66
As atividades propostas me i...	24x	77,42	7x	22,58	-	-	-	-	1,23	0,43
O uso adequado das TICs (tecn...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
A estratégia colaborativa foi ...	21x	67,74	8x	25,81	1x	3,23	1x	3,23	1,42	0,72

Figura 7: Tabela de pesquisa (5ª afirmação)

Para confrontar os dados objetivos da tabela, é interessante observar o relato dos facilitadores sobre a experiência pedagógica:

Tanto como aluno quanto como professor, a ferramenta on-line (moodle) realmente se mostrou bastante útil para minorar esses entraves "pedagógico-culturais". Mormente se utilizado não propriamente como repositório de informações e textos, mas como espaço de manifestação individual, de acesso espontâneo, limitado apenas pelo acesso à rede, e não mais ao curto período de convivência em sala-de-aula. Mas ressalto o termo "ferramenta". Ele precisa de um pensamento moderador e articulador de estratégias por trás, que pode ser na pessoa do professor, mas idealmente penso como compartilhado com os alunos. Senão, acaba se tornando guarda-textos e caixa de correio destinatária de provas escritas. Como eu - e você mesmo - já vimos acontecer. Nesse caso, ele se assemelharia à caixa de ração dos patos de Pekin, com a diferença que os patos são induzidos a pensar que querem comer... (Léi Tuō)

Durante o período de formação da ENAc tive oportunidade de fazer uso das TICs; também posteriormente, como professora da disciplina Diagnóstico de MTC. Essa metodologia é transformadora, pois Educador e Aprendiz assumem papéis colaborativos e interventivos em que pilares como aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a aprender tem merecido atenção. Educar nos dias de hoje não se restringe ao espaço físico geográfico, característica da educação presencial. Diante dessas tecnologias no dia-a-dia, aluno e professor têm assumido papéis diferentes daqueles típicos de antes. O primeiro tem adotado uma postura ativa, onde a co-autoria, o autodidatismo, a pró-atividade e a colaboração são aspectos centrais. Já o segundo, aquele que por muito tempo foi visto como o único detentor do saber, agora atua como mediador, facilitador, incentivador e animador do educando no processo de formação. (Yī Nèi Sī)

Já tinha tido experiências com esse formato de construção do conhecimento em minha primeira graduação, na Universidade de Brasília, mas infelizmente

o processo não foi bem conduzido pelo professor, o que acabou prejudicando, para mim, todo o aprendizado daquela disciplina, além de ter desmotivado a procurar corrigir essa falha posteriormente. Contudo, ao iniciar os estudos na ENAc, a experiência negativa foi rapidamente suplantada por professores que souberam utilizar melhor a plataforma Moodle, estimulando assim a aprendizagem colaborativa. Em quase todas as matérias que se utilizaram do suporte computacional, era empolgante participar dos fóruns e debater com os colegas, estendendo o processo de aprendizado para além das paredes da sala de aula. (Sà Wéi)

Foi um grande aprendizado. O grande desafio foi buscar manter a dinâmica nas interações e procurar criar exercícios e outras formas de troca de conhecimento e experiência que refletissem a complexidade e sutileza da ciência médica chinesa. Tive uma experiência muito boa com uma turma de pessoas fantásticas e com quem muito aprendi. Hoje vários se destacam como profissionais no exercício da medicina chinesa. Em outra turma, a experiência foi péssima. Não consegui transmitir a importância da interação e não houve compromisso e interesse dos alunos com as questões levantadas. Percebi que isso decorreu, em parte, pela minha inexperiência como professor. E em parte, pela compreensão medíocre de pessoas limitadas e com uma visão bem estreita do que estavam fazendo ali. Alguns sequer entravam na plataforma virtual. Outros faziam as tarefas de qualquer jeito, só para se livrar. E, muitas vezes, com um sentimento velado de que passariam na disciplina, já que estavam pagando - visão de alunos de várias escolas do país, independentemente da área de atuação. (Nán Duō)

E tal percepção mostrou-se compartilhada por alguns aprendizes, como apontam seus relatos (Figura 8, Figura 9 e Figura 10):

- A plataforma MOODLE é muito interessante e pode proporcionar grande aprendizagem, porém isso depende da maneira como professor e aluno conduzem a disciplina. Ambos precisam estar interessados e se empenhando, algo que não ocorria em todas as matérias.

Figura 8: Relato de um aprendiz sobre papel do professor (1)

- As atividades propostas na escola virtual foram de grande valia para o meu aperfeiçoamento e aprendizagem durante os estudos da MTC. Eu só tenho a agradecer ao Professor Pedro Ivo por ter apresentado esta escola virtual na época em que estudei a MTC. Esta ferramenta provou que não existem barreiras entre o ensinar e o aprender. O conhecimento pode ser passado facilmente adiante, colaborando para o aprendizado de muitos interessados.

Figura 9: Relato de um aprendiz sobre papel do professor (2)

— A plataforma foi muito útil em uma matéria específica, onde o professor nos incentivava constantemente a pensar temas, relacionar conteúdos e compartilhar, de forma lúdica e extremamente instigante. Uma pena que muitos textos apresentados pelos colegas eram entediantes. Mas eu adorava usar a plataforma para lançar meus novos conhecimentos e poder compartilhar com colegas. Gostei muito de alguns fóruns da escola, principalmente de alunos veteranos.

Figura 10: Relato de um aprendiz sobre papel do professor (3)

2.2.1.1.1 Estratégias para *Sentipensar* e para a *Escuta Sensível*

Nessa primeira dimensão pode ser muito adequado incentivar as estratégias do *Sentipensar*, propostas por Moraes e Torre (2004 apud MORAES, 2008) e outros colaboradores. Esse neologismo se refere ao “processo, mediante o qual se coloca para trabalhar conjuntamente o sentimento e o pensamento, a emoção e a razão, evidenciando, assim, o quanto nossas estruturas cognitivas são irrigadas pelos nossos componentes emocionais, pelos nossos sentimentos e crenças” (MORAES & TORRE, 2004, p. 63 apud MORAES, 2008, p 164).

Complementando o que já foi dito até agora sobre o papel do facilitador, o *Sentipensar*, como uma religação entre “sentimentos, pensamentos e ações ao conhecer a realidade” (MORAES, 2008, p. 166), pode oferecer estratégias pedagógicas que favoreçam a reflexão e a transform(ação) contínua dos aprendizes, com a criação de espaços e ambientes de aprendizagem mais acolhedores e que valorizem tanto a autonomia e a efervescência de cada um, como os lugares de comunhão e celebração do conhecimento entre todos.

Nos estudos de Medicina Chinesa – é importante que se fale – os Órgãos internos que sustentam toda a rede de meridianos e se comunicam entre si incessantemente, e com o mundo, são todos eles entendidos como entidades multidimensionais e, a cada qual, é reservado um conjunto de funções e relações que os torna, inclusive, portadores de uma *Alma* e de uma experimentação emocional particular, responsável por determinadas motivações, manifestações e tendências do organismo. Dito isso, como poderíamos entrar em contato pleno com os aprendizes, com os pacientes, ou com o próprio conhecimento em si (e com a gente mesmo, não esqueçamos dos movimentos de religação), sem entrar em contato com as emoções, crenças e sentimentos, esses que criam, recriam e co-criam, a todo instante, caminhos e operações cognitivas e sensitivas complexas “que podem potencializar ou dificultar nossa capacidade de aprendizagem” (MORAES, 2008, p. 165)?

Antes de responder a essa pergunta retórica, reproduz-se aqui um trecho de “Nutrindo a Vitalidade: Questões contemporâneas sobre a Racionalidade Médica Chinesa e seu desenvolvimento histórico cultural”, de Eduardo Frederico Alexander Amaral de Souza (2008) sobre as atribuições dos Espíritos Orgânicos (JĪNG SHÉN 精神), para facilitar a visualização dessas cinco *Almas*, associadas a cada um dos *Cinco Órgãos e Vísceras* (ZÀNG FŮ 臟腑). Recomenda-se também uma visita ao tópico 4.3.4.5, onde é reproduzida uma conversa entre os aprendizes sobre esses aspectos espirituais na Medicina Chinesa, desencadeada a partir de uma atividade Fórum da disciplina Nosologia na MC.

Nos comentários de HÉ SHÀNG GŌNG 河上公 observamos uma conexão essencial entre a teoria cosmo-social Daoísta e a Medicina Chinesa. Fala-se dos JĪNG SHÉN 精神, divindades orgânicas como forças cósmicas que animam o corpo físico e residem em esferas de influência localizadas nos cinco órgãos (ZÀNG 臟): o coração, os rins, o fígado, os pulmões, e o baço. A adequada nutrição destes espíritos é um requisito para a realização do DÀO 道, o que conduz a uma característica peculiar do Daoísmo: considerar a boa saúde como condição para realização espiritual, que, uma vez alcançada, implica não somente na obtenção de sabedoria e estados refinados de consciência, como também em longevidade ou mesmo imortalidade. (...) Esta passagem do clássico mostra a idéia da necessidade da saúde do corpo para que a consciência se desenvolva, na linguagem do cânone, “se as esferas se ferirem, os espíritos irão embora”. Também temos aqui uma primeira referência aos espíritos orgânicos (JĪNG SHÉN 精神), sem nenhuma elaboração sobre suas funções. Os termos originais seriam HÚN 魂, para a alma que reside no fígado; PÒ 魄, para a alma material que reside nos pulmões; SHÉN 神, para o espírito no coração; YÌ 意, para a intenção no baço; e ZHÌ 志, para a vontade nos rins. (p. 76)

Seguindo nosso caminho, a pergunta que fecha o terceiro parágrafo serve aqui para lembrar-nos que não é possível, ou não é desejável, a partir de uma perspectiva da integralidade na formação, que o processo de aprendizagem aconteça sem a devida convocação de todos os aspectos que caracterizam o indivíduo como um ser complexo. É desejável também que se convoque a *escuta sensível*, aquela que, segundo Renée Barbier (2002, apud MORAES, 2008) “se apoia na empatia, que percebe o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender melhor as suas atitudes, os seus comportamentos, os seus sistemas de ideias, de valores e de símbolos.”

A escuta sensível, nos informa Barbier (2002), pode ser desenvolvida no ambiente educacional com a criação de um espaço *sagrado* para a experiência do estar presente e da relação, consigo e com o outro; com estratégias de enraizamento combinado com movimentos

libertários; com o estímulo para a troca livre entre todos, sem amarras, e que favoreça todas as formas de expressão e a imaginação.

Dentro da realidade pedagógica que estamos pesquisando, a escuta sensível, esta que é parte essencial do processo diagnóstico da MC, deve permear todas as situações, para que o conhecimento sobre a vida, sobre o outro e sobre si mesmo, floresça com todo seu vigor. De fato, não há a possibilidade de um aprendizado pleno dessa racionalidade médica sem levar-se em conta dois princípios fundantes do pensamento chinês: a estratégia da imanência e a transformação contínua de todas as coisas; princípios que, é bom lembrar, são constantemente trabalhados por meio da consulta ao cânone taoísta YÌ JĪNG 易經 e pelas práticas corporais e meditativas chinesas, notadamente pelo QÌ GŌNG 氣功 e TÀI JÍ QUÀN 太極拳. Sobre o Clássico das Mutações, François Jullien nos diria:

ver-se-á que o pensamento do I Ching é dominado, efetivamente, por uma lógica de emparelhamento que permite um funcionamento bipolar e da qual decorre *sponte sua* uma interação contínua. Eis porque o único objetivo do livro é nos revelar a coerência interna aos processos. Nosso único objetivo será procurar conceber, em sua continuação, o que pode ser essa lógica da imanência. (1997, p. 18)

Sobre as práticas de meditação em movimento, me convido para um breve relato: uma de minhas pre(ocupações) como professor e facilitador dos estudos de Medicina Chinesa sempre foi empreender estratégias para favorecer o encontro. As disciplinas sempre começavam com as apresentações de todos e com uma roda de conversa sobre suas trajetórias, interesses e motivações; para mim nunca houve a possibilidade de qualquer início sem um primeiro encontro afetivo. As aulas tendiam a acontecer sob esse prisma e, não raras vezes, começávamos com uma boa roda de QÌ GŌNG 氣功¹², fosse no gramado em frente à escola ou na entrequadra acima, (204-205 Sul), para favorecer o estado de presença e reafirmar os propósitos da imanência e da transformação, além de auxiliar no entendimento da própria teoria

¹² Para começar, sempre fazíamos as três correções intencionais, as quais nos colocavam em nossos devidos lugares (aqui e agora): 1. A *Postural*, com os pés fincados no chão, feito raiz resgatando o aspecto Yin e elevando-o aos céus, enquanto joelhos e pelve balançavam no rumo de todo fluxo e a face relaxava-se, por fim – os olhos ficavam abertos sondando as texturas do ar; 2. A *Respiratória*, com um aprofundamento da respiração até o DĀN TIÁN 丹田, o campo do elixir, abaixo do umbigo, lugar de concentração da força original YUAN QÌ 氣, e com a atenção voltada para a pequena circulação, a celebrar o enlaçamento entre os canais ancestrais RÈN MÀI 妊脉, vaso da concepção, e DŪ MÀI 督脉, vaso governador (estes que são chamados de mar dos meridianos Yin e dos meridianos Yang, respectivamente, e formam nossa linha central, o eixo que nos liga ao incomensurável, ao infinito, lá onde cessam todas as polaridades e somente se ouve o som que embala o Grande Silêncio); A *Mental*, com o cessar de pensamentos sobre outrora ou sobre o porvir, toda atenção repousa nas duas correções anteriores e a imanência assim se instala e permanece.

viva da Medicina Chinesa. Nesse contexto, a entrada no *estado* de QÌ GŌNG 氣功 deveria anteceder a relação com o conhecimento sobre a vida, sobre o outro e sobre si mesmo; era a prerrogativa para o começo do processo diagnóstico e para as práticas assistidas e deveria ser o começo para a apreensão de toda informação compartilhada. Segundo as bases do pensamento que estamos tratando de vivenciar, esse estado é o que permite, de fato, a experiência do encontro, à semelhança da escuta sensível de Barbier (2002).

2.2.1.2 Escolha do tópico, definição e duração

No trabalho de Teles (2012), como a ênfase é dada à colaboração online, as dimensões são construídas pensando-se em pequenos grupos colaborativos formados, por exemplo, a partir da escolha de tópicos e/ou subtópicos que seriam trabalhados de forma colaborativa e, depois, o produto final (uma apresentação, um trabalho escrito, uma produção de vídeo, etc) seria compartilhado com os outros grupos.

Na realidade esmiuçada nessa pesquisa, essa dimensão passou por um rearranjo, principalmente em relação ao trabalho prévio em grupo. Nas atividades Fórum, os tópicos eram trabalhados individualmente, pela escolha prévia de cada um, e o produto final era postado para todos. Pela própria dinâmica dos fóruns e pelo enunciado da atividade (onde a avaliação final dependia também das interações com as postagens dos colegas), os aprendizes eram impelidos a interagir uns com os outros e a completarem mutuamente as postagens, gerando uma roda colaborativa para a construção coletiva do conhecimento.

Em outro tipo de atividade colaborativa, notadamente nos Seminários, havia a formação de grupos prévios (quando o número de alunos por sala permitia; caso não, a confecção do trabalho era individual). Eram definidos os temas e as datas para apresentação para cada grupo (máximo 3 aprendizes) nos encontros presenciais e eram abertos Fóruns de Seminários na sala de aula virtual, para o compartilhamento dos trabalhos e possíveis esclarecimentos e debates sobre a apresentação.

Outro ponto importante, segundo a resenha de Lucio Teles (2012), é que as tarefas sejam bem definidas “com duração, número de membros, função de cada um, como vão levar a cabo a tarefa online, que tipos de suporte, onde procurar informação e qual o produto final” (p.12). Em nossa realidade, as tarefas foram bem definidas de antemão e a forma de avalia-las também, como se pode ver nos enunciados de algumas atividades, de diferentes disciplinas, no APÊNDICE V.

Também Lucio Teles recomenda “pensar nas tarefas dos estudantes online como tarefas prazerosas ou desafiadoras-motivantes, de forma tal que haja um envolvimento real dos participantes na tarefa a se levar a cabo. Estas devem ser lúdicas, usando jogos e atividades inovadoras” (p.12). De forma geral, tentou-se criar atividades com estas características – falando das disciplinas em que tive atuação direta e das disciplinas gerenciadas pelos professores convidados a participar na pesquisa - e, de certa forma, nota-se que houve êxito nessa tarefa, a partir dos relatos dos aprendizes. Por exemplo, um aprendiz relata que “a plataforma foi muito útil em uma matéria específica, onde o professor nos incentivava constantemente a pensar temas, relacionar conteúdos e compartilhar, de forma lúdica e extremamente instigante” (Figura 10).

2.2.1.3 Modelos pedagógicos de colaboração presencial/virtual

“Na escolha do modelo de colaboração é necessário pensar nos dois elementos do modelo: a tecnologia e a pedagogia” (TELES, 2012, p. 13). Pois bem, em relação à tecnologia, separa-se 2 tipos: síncrona (interação em tempo real por meio de chat, *videochat*, webconferência, etc.) e assíncrona (Fóruns, e-mails, informação previamente gravada, etc.). De forma geral, mesmo que a plataforma moodle contasse com interfaces e recursos dos dois tipos supracitados, a interação assíncrona foi privilegiada nos encontros virtuais; por um motivo simples: tínhamos encontros presenciais regulares – momento em que efetuávamos o aprendizado síncrono. Em relação aos recursos de aprendizado, além das aulas expositivas e dialogadas presenciais e das práticas compartilhadas, também fazíamos uso de textos e recursos multimídia na plataforma virtual.

Ainda falando sobre os recursos pedagógicos, é sempre pertinente lembrar que o aprendizado prático dos fundamentos da Medicina Chinesa acontece de forma inseparável do aprendizado teórico, como se espera de um conhecimento movido por “essa inteligência que não passa pela relação teoria-prática, mas se apoia apenas na evolução das coisas” (JULLIEN, 1998, p.9) e pela noção de que

o mundo não é (...) um objeto de especulação, não há, de um lado, o “conhecimento” e, do outro, a “ação”. Por isso o pensamento chinês desconhece logicamente a relação teoria-prática: desconhece-a, mas não por ignorância, ou porque ele teria permanecido na infância; ele simplesmente passou ao lado. Como passou ao lado da ideia do Ser ou do pensamento de Deus.” (p.29)

Assim, já de forma habitual, há uma tendência pedagógica colaborativa intrínseca a esse Saber, pois os aprendizes são impelidos a experimentação constante de seus preceitos na prática, seja por meio do compartilhamento de vivências, como nas rodas de QÌ GŌNG 氣功¹³ que permeiam a aulas, no desenvolvimento da percepção multidimensional do Sistema JĪNG LUÒ 經絡 (canais e colaterais ou sistema de meridianos) – onde os aprendizes formam grupos de 2 ou 3 para a busca e localização de pontos de acupuntura por meio da palpação e do incremento da sensibilidade tátil –, na execução do sistema de diagnóstico da Medicina Chinesa – quando os aprendizes se agrupam em duplas para favorecer o desenrolar dos 4 exames, SÍ ZHĒN 四診¹⁴ (ou quatro níveis de comunicação), e aplicar, assim, a observação, a palpação, a escuta (e o cheirar) e o perguntar e, desse forma, executar a coleta de dados para a elaboração de um diagnóstico sempre vivo, capaz de captar as transformações constantes do organismo –, e, por fim, na própria prática e uso das ferramentas terapêuticas da Medicina Chinesa – quando os aprendizes formam pequenos grupos colaborativos, seja para trabalhar todo o caminho terapêutico, desde a avaliação e a definição de princípios terapêuticos, até a execução do tratamento, seja para a prática das técnicas do TUĪ NÁ 推拿¹⁵, do trabalho com ventosas¹⁶, com moxas¹⁷, com os diversos tipos de agulhas, e com as demais ferramentas e técnicas dessa racionalidade médica.

Sobre o exposto acima, Igor Baseggio, em seu estudo “Da formação de Terapeutas: uma etnografia da prática e do sentir em uma escola de acupuntura” (o qual será melhor explicado no tópico 4.3) tece o seguinte comentário sobre a troca horizontal de informações entre os aprendizes, a partir de suas anotações no trabalho de campo:

Ocorreu-me que aquela não fora uma simples conversa ou um “bate-papo” entre os estudantes. Foi um momento em que houve uma rica troca horizontal de conhecimentos entre ele e ficou evidente, portanto, que a sala de espera configurava em espaço rico de aprendizagem devido à quantidade de relatos semelhantes a este – o qual se mostrou o mais significativo para ilustrar as

¹³ Essa maneira de conexão e religião taoísta com nossas próprias forças e com o sopro vital Qì (氣) que anima todas as coisas, é traduzido literalmente como Trabalho do Qì (氣), e é considerado um dos pilares da Medicina Chinesa, em comunhão com a Acupuntura e Moxibustão (Zhēnjiǔ 鍼灸), com a farmacopéia chinesa, com o tuī ná 推拿 e com a alimentação terapêutica.

¹⁴ Quatro Exames, SÍ ZHĒN (四診): Inspeção, WÀNG ZHĒN(望診); Ausculta e Olfacção, WÉN ZHĒN (聞診); Interrogatório, WÈN ZHĒN (問診); e Palpação, QIÈ ZHEN(切診)

¹⁵ TUĪ NÁ 推拿: Massoterapia tradicional Chinesa, também conhecida por AN MO.

¹⁶ Técnica tradicional chinesa de sucção da superfície da pele por meio de ventosas de bambu ou vidro (as mais comuns).

¹⁷ Ou moxabustão. Substância elaborada a partir da Artemísia que tem a função básica de esquentar os meridianos de acupuntura. De fato, na china, as técnicas acupuntura e moxabustão não são separadas e recebem o nome conjunto de Metal e Fogo (Zhēnjiǔ 鍼灸)

dinâmicas e interações em que se trocavam grandes quantidades de informação sobre as experiências pessoais de cada um. Tal troca de conhecimentos implicava numa atitude reflexiva recorrentemente operada pelos estudantes, cujos reflexos se faziam perceber em seus discursos sobre a prática que realizavam, tal como veremos agora. (2011, p. 78)

2.2.1.4 Tamanho dos grupos de trabalho

A organização dos estudantes em pequenos grupos de trabalho é enfatizada nessa dimensão. Tal ênfase se mostrou muito apropriada para a construção e apresentação dos Seminários propostos onde os grupos contavam com, no máximo, 3 aprendizes. Nessa situação, a elaboração e a preparação do trabalho, com a posterior apresentação do seminário em sala de aula presencial foi a tônica da atividade. Um ponto a ser ressaltado era o quesito interação na apresentação do seminário, onde os apresentadores eram incentivados a construir e executarem estratégias criativas (a criatividade era outro quesito a ser avaliado por todos – vide APÊNDICE IV) para a participação de todos os aprendizes, formando rodas colaborativas.

Também os grupos formados para as diversas práticas, como mencionado no tópico anterior, eram sempre reduzidos e a colaboração entre os pares se mostrava plena e produtiva. No Estágio Supervisionado/ Práticas Assistidas, os aprendizes eram sempre estimulados a trabalhar em pequenos grupos, tanto para a anamnese quanto para a terapêutica em si. Igor Baseggio descreveu assim esse ambiente de aprendizagem:

O estágio supervisionado se constituía na chamada prática assistida e era a parte do curso em que se colocava e treinava na prática, num ambiente coletivo e de intensa interação entre os estudantes, professores e pacientes os conhecimentos e técnicas apreendidas durante o curso de acupuntura. (2011, p. 22)

Nas atividades da plataforma virtual, notadamente nos Fóruns e na construção de Glossários, a escolha dos tópicos e as postagens eram individuais e, posteriormente, os outros aprendizes eram instigados à interação (tanto pela norma avaliativa da atividade, que definia a interação nas postagens dos colegas como essencial, como pelo incentivo do monitor e/ou do professor da disciplina). No APÊNDICE V podem ser visualizados alguns tipos de enunciados.

2.2.1.5 Consenso e coesão do grupo

“Enxergar seus colegas como colaboradores para seu crescimento, isto já significa uma mudança importante e fundamental de mentalidade no processo de aprendizagem.” (MASETTO, 2000, p. 141)

Para Lucio Teles (2012), as tarefas online devem ser bem detalhadas pelo professor para que o trabalho consensual possa emergir a tempo. No caso específico da aprendizagem colaborativa híbrida, foi notável que a permeabilidade entre os dois ambientes propiciou a possibilidade de maior discussão e esclarecimentos para os aprendizes sobre as atividades propostas, seja nos encontros presenciais, onde a dúvida de uns era compartilhada com todos ou por meio da assistência virtual, onde as dúvidas eram sanadas pelo monitor ou pelo professor.

As tarefas presenciais colaborativas – como a execução e a apresentação dos seminários, as práticas de localização e percepção de pontos e meridianos, as práticas de diagnóstico, a execução das técnicas e tratamentos da MC, as participações nas OPTTA¹⁸ (APÊNDICE X), o aprendizado colaborativo ambulatorial – também se fundamentaram nessa dimensão e houve a preocupação, como se pode notar pelos enunciados dessas mesmas tarefas, no APÊNDICE V, em gerar um consenso e um entendimento prévio das prerrogativas e objetivos esperados.

2.2.1.6 Avaliação de atividades colaborativas presenciais/ virtuais

De forma geral, especialmente nas disciplinas que foram por mim conduzidas e onde foi colocada em marcha a produção coletiva do conhecimento como estratégia principal de aprendizagem, o sistema de avaliação foi focado progressivamente na participação do aprendiz na roda da colaboração. No início da implementação a avaliação tradicional ainda era privilegiada, por meio de provas e testes; com a consolidação da plataforma e da estratégia colaborativa, a avaliação passou a ser basicamente dividida entre as participações nos fóruns, a construção e apresentação de seminários e entrega de tarefas individuais. Ainda assim, não se

¹⁸ “A OPTTA é a Oficina Permanente de Técnicas Terapêuticas em Acupuntura e se configurava em uma curta aula prática, de apenas um dia, onde o estudante que estava prestes a ingressar no estágio supervisionado recebia instruções sobre alguns aspectos do funcionamento e dos atendimentos no ambulatório. Estes aspectos giravam em torno do manuseio de instrumentos terapêuticos, higiene e apresentação pessoal e relações humanas, bem como a professora Anele nos conta. Antes de iniciar o estágio no ambulatório o estudante devia passar pela oficina preparatória (OPTTA), ter concluído com sucesso as disciplinas do segundo módulo, além de ter que se inserir num contexto prático de aprendizado coletivo, justificando, a meu ver, a ansiedade e a expectativa acerca do estágio supervisionado”. (BASEGGIO, 2011, p. 24-25)

abandonou totalmente a avaliação tradicional, já que alguns poucos alunos não se adequaram ao uso da tecnologia (por dificuldade com as TICs ou dificuldade de acesso, principalmente).

Agora sim, um ponto importante do processo colaborativo foi definido no sistema de avaliação dos seminários (APÊNDICE IV): todos os aprendizes presentes na apresentação (inclusive os palestrantes) recebiam a folha de avaliação, teciam um comentário e definiam notas (de 0 a 20) para cada quesito (recursos utilizados, criatividade, interação com os aprendizes domínio do conteúdo, efetividade da apresentação); a nota final da apresentação de cada aprendiz era resultado da média aritmética entre as notas A (média entre as notas conferidas pelos aprendizes e pela nota de auto avaliação) e B (nota conferida pelo professor).

2.2.1.7 Plataforma de ensino virtual com interface lúdica, intuitiva e estética

Em seu trabalho, Lucio Teles dá atenção ao *groupware* como “*software* apropriado para o trabalho de grupo online” (2012, p. 17) e traz um apanhado de sistemas usados com este fim. Na escola em questão, a plataforma usada foi o MOODLE, um software livre e gratuito criado pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas, em uma concepção sócio-construtivista (na verdade, na própria essência do projeto, já que existe uma comunidade internacional¹⁹ que alimenta, discute e transforma a plataforma e suas potencialidades de forma colaborativa), com a intenção de favorecer o processo de aprendizagem colaborativo online. Segundo Robson Santos da Silva,

seu objetivo é permitir que processos de ensino-aprendizagem ocorram por meio não apenas da interatividade, mas, principalmente, pela interação, ou seja, privilegiando a construção/reconstrução do conhecimento, a autoria, a produção e conhecimento em colaboração com os pares e a aprendizagem significativa do aluno. (2011, p. 18)

Segundo o programador da escola, ao qual foi solicitado um relato livre sobre sua experiência com a plataforma, o Ambiente Virtual de Aprendizagem MOODLE é

um sistema voltado para criar e a gerir cursos na internet. Foi elaborado por educadores, portanto sua flexibilidade atende a grande parte de realidades educacionais técnicas, escolares e acadêmicas. Desenvolvido em PHP (linguagem de programação livre e gratuita), preferencialmente instalado em Mysql (banco de dados relacional livre) e rodando em Apache (servidor web livre) tem sua cópia disponível na internet e uma extensa comunidade, que recomenda o uso do Mozilla Firefox, e referência para suporte ao usuário (aluno e professor) ou ao desenvolvedor. Sua implementação foi a mais

¹⁹ <https://moodle.org/>

facilitada possível, pois a iteração das instalações dos módulos funcionais do sistema me deixava seguro com os avisos de sucesso. A construção de certos blocos exigiu conhecimento de programação em PHP, obviamente, mas principalmente das classes nas quais o código do MOODLE foi desenvolvido e donde instanciei suas propriedades e métodos. Assim como na alteração do formato estético foi necessário adicionar ou remover propriedades da linguagem de folhas de estilo nativas do MOODLE (CSS) para facilitar a navegação e leitura por alunos e professores. Na área de opções do sistema em modo administrador encontra-se um campo de busca que facilitava a modificação de certos comportamentos do sistema. Relativo ao funcionamento dos fóruns e o disparo de mensagem automáticas por e-mail foi necessário fazer a instalação do “MoodleCron”, ferramenta gerenciadora de tarefa em função de execução de códigos nível administrador que devia ser mantida em um computador ligado 24 por 7.

Como escrito nos tópicos anteriores, e na introdução dessa dissertação, a escola virtual foi desenhada para facilitar e tornar atraente o processo colaborativo, mesmo para alunos e professores que vieram de uma realidade pedagógica ainda muito atrelada ao ensino verticalizado e convencional. E, mesmo que existam críticas dirigidas à *limitação intuitiva da plataforma* e à uma certa *limitação na interação*²⁰, principalmente em comparação com redes sociais, por exemplo, por outro lado, a característica colaborativa da comunidade moodle²¹, com uma grande capacidade de construção coletiva de suas atualizações²², vem alcançando mudanças muito dinâmicas e em sintonia com os avanços das TICs e da permeabilidade entre ambientes de interação.

Um ponto a favor dos AVAs (Ambientes Virtuais de Aprendizagem²³) – ponto esse que engendra algumas críticas²⁰ – pode ser justamente a preservação de um espaço acadêmico

²⁰ “Existem outras críticas veementes relacionadas a esse ambiente, tais como: é uma plataforma centrada na instituição; sua implementação é cara, mesmo para ferramentas gratuitas; o acesso aos conteúdos se estende até o final do curso, apenas; as disciplinas não mantêm uma comunicação entre elas e com o exterior – são isoladas umas das outras. Neste sentido, o desenho didático da plataforma, muitas vezes, é elaborado sem levar em consideração a realidade de seu público, ou seja, o contexto dos discentes, o que pode resultar em um ambiente engessado e que inviabilize a concretização da interatividade. Daí a importância da equipe de professores, designers e comunicadores terem conhecimento pedagógico necessário, para tornar tal espaço efetivamente significativo para o aluno.” (AVES & ARAUJO, 2012, p.5)

²¹ Um bom exemplo da atividade dessa comunidade é o MOODLE MOOT Brasil (Encontro Brasileiro da Comunidade Moodle) o qual está em sua 10ª edição e neste ano acontece em São Paulo nos dias 29 e 30 de abril. Para mais informações: <http://www.moodlebrasil.org/>

²² A última atualização da plataforma (MOOLE 2.6), por exemplo, o seu desenvolvimento colaborativo durante seis meses contou com 120 colaboradores espalhados pelo mundo, com 97 pessoas envolvidas na avaliação de qualidade e com a resolução de 797 questões no total. Fonte: <http://www.moodlenews.com/2013/moodle-2-6-by-the-numbers-development-infographic/>.

²³ “LMS (Learning Management System) ou AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) é um ambiente de gestão e construção integradas de informação, comunicação e aprendizagem on-line. Tal como o site, é, na verdade, uma hiperinterface, podendo reunir diversas interfaces síncronas e assíncronas integradas. É a sala de aula on-line não restrita à temporalidade do espaço físico. Nela, o professor ou responsável pode disponibilizar conteúdos e proposições de aprendizagem, podendo acompanhar o aproveitamento de cada estudante e da turma. Os aprendizes têm a oportunidade de estudar, de se encontrar a qualquer hora, interagindo com os conteúdos propostos, com monitores e com o professor. Cada aprendiz toma decisões, analisa, interpreta, observa, testa

específico, como uma extensão da sala de aula presencial, com sua organização e estrutura voltados para a dinâmica escolar e pedagógica sem interferências de pessoas e ambientes externos. Tal delimitação do espaço escolar não visa um fechamento ao mundo virtual externo, muito pelo contrário; a ideia é aumentar cada vez mais a intertextualidade e as conexões com outros ambientes interativos sem, no entanto, perder a aura de espaço de aprendizagem e evitar distrações excessivas²⁴. Entende-se que a organização escolar tende a ser mais efetiva e manejável em um AVA, com espaços específicos e delimitados nas disciplinas para textos e vídeos, para interfaces interativas, para notas e avaliações; espaços de convívio para todos os participantes da plataforma, outros somente para alunos de determinada disciplina; outros ainda somente para docentes, etc. E parece-me inevitável e desejável que esses ambientes de aprendizagem estejam cada vez mais integrados a outros ambientes interativos, principalmente às redes sociais. O próximo tópico será dedicado às noções de interatividade e de interação.

2.2.2 Sobre Interação e interatividade

“Os conhecimentos não partem, com efeito, nem do sujeito (conhecimento somático ou introspecção) nem do objeto (porque a própria percepção contém uma parte considerável de organização), mas das interações entre sujeito e objeto, e de interações inicialmente provocadas pelas atividades espontâneas do organismo tanto quanto pelos estímulos externos.” (PIAGET, 1996, p.39)

A intenção desse tópico é esclarecer dois conceitos muito usados na cibercultura²⁵, na educação à distância e nos estudos sobre a aprendizagem colaborativa; e, em especial, nessa

hipóteses, elabora e colabora. O professor ou responsável disponibiliza o acesso a um mundo de informações, fornece conteúdo didático multimídia para estudo, objetos de aprendizagem, materiais complementares. Uma vez a par do hipertexto e da interatividade, o professor não disponibilizará apostilas eletrônicas com conteúdos fechados que repetem o falar-ditar do mestre centrado na transmissão para repetição, subutilizando essa poderosa interface” (SILVA, 2005, p. 66 – 67)

²⁴ “Em contrapartida, apesar das possibilidades apresentadas pelo uso desta rede social como ambiente pedagógico, há também alguns fatores limitantes, que segundo Cérda (2011 apud Rabello e Haguenaer, 2011) são postos como: presença de elementos que levam à distração, como anúncios e avisos, falta de um sistema de filtro, busca e organização da informação e a falta de comunicação síncrona por áudio e/ou vídeo”. (ALVES & ARAUJO, 2012, p. 8)

²⁵ “Cibercultura quer dizer modos de vida e de comportamentos assimilados e transmitidos na vivência histórica e cotidiana marcada pelas tecnologias informáticas, mediando a comunicação e a informação via Internet. Essa mediação ocorre a partir de uma ambiência comunicacional não mais definida pela centralidade da emissão, como nos media tradicionais (rádio, imprensa, televisão), baseados na lógica da distribuição que supõe concentração de meios, uniformização dos fluxos, instituição de legitimidades. Na cibercultura, a lógica comunicacional supõe rede hipertextual, multiplicidade, interatividade, imaterialidade, virtualidade, tempo real, multissensorialidade e multidirecionalidade” (LEMOS, 2002; LÉVY, 1999 apud SILVA, 2005, p. 63).

dissertação. De um modo geral, as duas palavras são comumente separadas em seus significados e em suas utilizações e já foram assunto de amplos debates e estudos. Com o intuito de adentrar nesses conceitos e trazer um pouco dessa discussão até o presente trabalho, reproduzir-se-á trechos de estudos relevantes para a ampliação do entendimento dessas palavras tão recorrentes na atualidade e atualizar-se-á a discussão de acordo com as exigências da presente pesquisa.

João Mattar, em seu artigo “Aprendizagem e Interatividade”, no premiado livro “Educação à distância, o estado da arte” (2009), faz uma ótima explanação sobre as distintas visões de vários autores renomados da área de Educação e da Comunicação na cibercultura, sobre o uso e a adequação dos termos que encabeçam esse tópico, e começa seu texto já com um aviso:

o conceito de interatividade é fragmentado e inconsistente, e se descobriu facilmente quando examinado mais de perto (...) Não é obviamente o objetivo desse capítulo resolver essa querela conceitual, mesmo porque a tendência é a de que ela se perpetue e seja periodicamente retomada, em função das constantes novidades nas TICs (...) Interação e Interatividade serão usadas aqui, a priori, sem distinções. (p. 112 -113)

Marco Silva, por exemplo, ao entrar nesse tema, e indo pelo mesmo caminho de Mattar, e já abraçando a noção de uma potencial mudança paradigmática na cultura compartilhada no ciberespaço e na escola informatizada, relata que

na cibercultura, ocorre a transição da lógica da distribuição (transmissão) para a lógica da comunicação (interatividade). Isso significa modificação radical no esquema clássico da informação baseado na ligação unilateral emissor – mensagem – receptor: a) o emissor não emite mais, no sentido que se entende habitualmente, uma mensagem fechada, oferece um leque de elementos e possibilidades à manipulação do receptor; b) a mensagem não é mais "emitida", não é mais um mundo fechado, paralisado, imutável, intocável, sagrado, é um mundo aberto, modificável na medida em que responde às solicitações daquele que a consulta; c) o receptor não está mais em posição de recepção clássica, é convidado à livre criação, e a mensagem ganha sentido sob sua intervenção. Na perspectiva da interatividade, o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em lugar de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração. (SILVA, 2005, p. 64 – 65)

Por outro lado – e dando atenção aqui a um dos autores citados por Mattar, por sua relevância no esgarçamento conceitual dos termos interação e interatividade – Alex Primo aprofunda substancialmente nessa seara e traz, também, e ao seu modo, importantes contribuições de diferentes autores (BERLO, 1991; LEMOS, 1997; LIPPMAN, 1998; LÉVY,

1993; PIAGET, 1977; STEUER, 1992 apud PRIMO & CASSOL, 1999) para, então, justificar sua predileção pelo termo *Interação*, e pela ampliação de seu uso e entendimento, em detrimento da palavra *Interatividade* (a qual, segundo o autor, carrega em si um peso mercadológico e ilusório). Desse mesmo modo, Primo e Cassol, inspirados “pelos estudos da comunicação humana e pela perspectiva piagetiana” (p. 77), assim explicam o termo *interação* e suas implicações:

Portanto, aqui se entenderá que entre os interagentes emerge um terceiro fator desconsiderado por muitos paradigmas que é a relação em si. Ela vai sendo definida durante o processo pelos participantes da interação. Tal definição é importante para cada um dos agentes, pois dela depende como cada um agirá. Nesse sentido, entende-se interação como "ação entre". Isto é, recusa-se a valorização ou do chamado "emissor" ou do "receptor", para se deslocar a investigação para o que ocorre entre os interagentes, isto é, a interação, as ações entre eles, as mediações. Quer-se também valorizar o contexto e como ele influencia a interação. Além disso, não se quer reduzir a discussão das reações que o computador pode oferecer em um ambiente mediado, mas sim salientar as relações recíprocas que ocorrem entre as pessoas mediadas pelo computador. (1999, p. 77)

Indo por esse caminho, os autores definem dois tipos de interação, sustentados, inclusive, por dois tipos de paradigmas. Uma interação *reativa* e restritiva, alimentada por uma visão mecanicista e linear, e outra, chamada de interação *mútua*, sustentada pela perspectiva construtivista e pela pragmática da comunicação, com a valorização do que está entre os interagentes e os envolve, e de uma interatividade na qual o imprevisível ganha força e os conteúdos emergem do jogo relacional e criativo entre os participantes. Nesse movimento de construção teórica, Primo, em um artigo com o título “Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo”, aprofunda na definição e categorização desses dois tipos de interação e define, inclusive, algumas dimensões para facilitar a percepção das diferenças entre ambos. De forma esquemática, o autor separa assim ditas dimensões (2000):

1. Quanto aos *sistemas*, a interação mútua se caracteriza como um sistema aberto, enquanto a interação reativa se caracteriza como um sistema fechado. É ressaltado o princípio da equifinalidade na primeira, onde tanto os agentes como o contexto interferem no resultado do conjunto; diferentemente da segunda.

2. Quanto ao *processo*, a interação mútua acontece com e na negociação. A interação reativa funciona na base do par estímulo-resposta.

3. Quanto à *operação*, a mútua é sustentada por ações interdependentes; cada participante influencia e é influenciado por todos os outros, numa circularidade; o que não acontece na reativa, onde os resultados das ações assumem uma linearidade.

4. Quanto ao *fluxo*, a interação mútua se caracteriza pelo dinamismo e pela fluidez no seu desenvolvimento, ao contrário da reativa que se apresenta de forma linear e predeterminada, em eventos isolados.

5. Quanto à *relação*, a interação mútua tende a romper com a causalidade linear e, em sintonia com o processo, opera na forma de uma negociação – “é um processo emergente, ou seja, ela vai sendo definida durante o processo” (p.88); já a reativa, por seu lado, é guiada por uma causalidade objetiva.

6. Como última dimensão, classifica-se a interação em relação à *interface*. A interação mútua seria possível por meio de interfaces virtuais, as quais clamam por uma atualização motivada pela ação dos agentes, enquanto a reativa acontece em interfaces potenciais, ou seja, que já estão potencialmente dirigidas e direcionadas a determinados caminhos. Ou, nas palavras do próprio autor:

Logo, percebe-se que esse tipo de interface se resume ao possível. O usuário apenas transita pelo pré-resolvido, pelo pré-testado, disparando o inevitável. Nessas interfaces é preciso contentar-se com a potencialização do real. Um real que esteve sempre prestes a se mostrar. Por outro lado, uma interface de interação mútua cria o cenário para a problematização, um ambiente virtual onde acontecerão diversas atualizações. Portanto, a interatividade plena depende do virtual. (p. 89)

Para finalizar a contribuição de Primo, é importante marcar sua preocupação quanto à possibilidade de uma *multiinteração*, essa que acontece por vezes de forma reativa e por vezes de forma mútua, a depender dos meios, do contexto e da situação. E também marcar a proximidade das dimensões que caracterizam a *interação mútua* com os preceitos da aprendizagem colaborativa e com operadores do pensamento complexo (tópico 2.5), notadamente a dialogicidade, a circularidade e a reintrodução do sujeito cognoscente no processo criativo.

2.2.3 Aprendizagem híbrida (*blended learning*)

“É por sua dimensão virtual que o efeito permanece atual.” (JULLIEN, 1998, p. 153)

Romero Tori, em seu livro “Educação Sem Distância” (2010), afirma que “com a ajuda das tecnologias interativas, as atividades virtuais estão conseguindo aumentar a sensação de proximidade percebida pelos aprendizes” (p. 27) e defende, deste modo, a formatação de cursos *blended learning* (conhecida também como *b-learning*) – presenciais com suporte virtual e

vice-versa – e nos deixa pistas de que as TICs (tecnologias de informação e de comunicação) podem incrementar a colaboração e, inclusive, gerar outras formas ainda não exploradas. Esta complementação é assim explicitada por ele:

Enquanto as atividades presenciais ao vivo propiciam maior contato entre os participantes, feedback instantâneo e emocional, entre outras vantagens do ‘estar junto’, as atividades virtuais podem complementar a aprendizagem e reduzir a necessidade de encontros ao vivo, além de permitir um monitoramento detalhado da participação e do desempenho de cada aluno ou da turma toda. Se na modalidade presencial é mais fácil engajar o aluno, socializar a turma e colher diversos tipos de feedbacks, nas atividades remotas, ou com apoio de recursos virtuais, é possível atender a diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e aumentar a produtividade do professor e do aprendiz. (p. 34)

O mesmo autor destaca em outra obra que

dois ambientes de aprendizagem que historicamente se desenvolveram de maneira separada, a tradicional sala de aula presencial e o moderno ambiente virtual de aprendizagem, vêm se descobrindo mutuamente complementares. O resultado desse encontro são cursos híbridos que procuram aproveitar o que há de vantajoso em cada modalidade, considerando contexto, custo, adequação pedagógica, objetivos educacionais e perfis dos alunos. (IDEM, 2009, p.121)

Na mesma mão do Saber que estamos lidando por aqui, a ideia de complementariedade dos dois ambientes citada por Romero Tori deve ser reforçada pelas ideias de interdependência e inseparabilidade, tal qual a percepção chinesa do mundo manifesto, representada pelos lados sombreado e ensolarado da montanha²⁶, o par YĪNYÁNG 陰陽.

Dentro da noção chinesa de ajuste dinâmico, na consolidação da aprendizagem híbrida, espera-se a convergência entre os dois ambientes até o ponto da impossibilidade de vê-los separados tamanha a complementariedade e cumplicidade criados. Para o pensamento médico chinês, o caminho regulatório passa, necessariamente, pela nutrição mútua, pelo engendrar constante dos aspectos complementares, pelo sincretismo mesmo, até o ponto de consolidação de uma unidade outra, híbrida, que é, em efeito, os dois aspectos misturados em um único organismo, mantendo o impulso na roda da vida. Ou seja, em resumo, para que tal estratégia híbrida se estabeleça, segundo a percepção chinesa, é imprescindível que se estimule o sincretismo dos dois ambientes até o ponto em que não seria realmente possível vê-los e entende-los em separado.

²⁶ As imagens ou símbolos que representam esse par complementar na escrita ideogramática correspondem à uma montanha acompanhada do sol ou da lua.

Nesse mesmo caminho, os *operadores cognitivos* de Morin (tópico 2.5) sinalizam para a recursividade, para a dialogicidade, para a retroatividade e para a auto-eco-organização, princípios que favorecem o (re)encantamento da Educação (MORAES & TORRE, 2004) e sua transformação na direção de um mundo complexo, com o favorecimento de cenários educacionais e estratégias vivas, permeáveis às idiossincrasias dos aprendizes e facilitadores, às inquietações e, principalmente, às motivações íntimas de cada participante.

Para conhecer a visão dos pesquisados sobre o potencial do formato híbrido para favorecer a colaboração na aprendizagem foi apresentada a seguinte afirmação na Tabela de Avaliação (Figura 11): *As disciplinas que foram construídas em formato blended-learning (presencial e virtual), desenvolveram uma troca maior entre os aprendizes e favoreceram a construção coletiva do conhecimento.* No resultado final, 83,87% dos participantes concordam totalmente com a afirmação acima, enquanto 16,13 concordam/discordam parcialmente.

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		Σ	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambie...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	21x	67,74	8x	25,81	-	-	2x	6,45	1,45	0,81
A estratégia de aprendizage...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
Nas disciplinas colaborativas,...	22x	70,97	8x	25,81	-	-	1x	3,23	1,35	0,66
As atividades propostas me i...	24x	77,42	7x	22,58	-	-	-	-	1,23	0,43
O uso adequado das TICs (tecn...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
A estratégia colaborativa foi ...	21x	67,74	8x	25,81	1x	3,23	1x	3,23	1,42	0,72

Figura 11: Tabela de avaliação (2ª afirmação)

Na visão de alguns aprendizes, ressaltou-se também essa permeabilidade entre os dois ambientes. No relato da Figura 12, por exemplo, o aprendiz lembrou o caráter de retroalimentação entre o ambiente online e o presencial e, também, a importância do papel do mediador para que aconteça, de fato, a troca produtiva entre os aprendizes.

Nota-se, portanto, que as TICs não estão para aniquilar o trato presencial ou decretar o fim do contato entre aprendizes e educadores. Pelo contrário. Nota-se seu potencial de gerar outras formas de interação, favorecer encontros multidimensionais e enriquecer o projeto pedagógico presencial por meio da dinamização do binômio ensino-aprendizagem, além de

gerar produção coletiva de conhecimento, e de forma transdisciplinar, favorecer um projeto de aprendizagem aberto, criativo e sensível às peculiaridades dos aprendizes.

- Tratou-se de uma inovação no processo ensino/aprendizagem. Um caminho sem volta para as práticas pedagógicas. As questões postas nos fóruns, auxiliou-me nas leituras do material didático. A partir das colaborações dos colegas, foi construído o aprendizado de forma conjunta. Interessante observar que havia a liberdade para que cada um contribuísse com suas observações. Havia uma interseção de vários pontos de vistas o que facilitou a compreensão da teoria. Cabe ressaltar, tendo em vista que foi uma metodologia mista, que, em sala de aula, a turma já estava mais preparada para absorver o conteúdo trazido pelo professor. Essa prática foi fundamental para que houvesse significado naquilo que estava sendo ensinado. Para este tipo de estratégia de aprendizagem, é fundamental a mediação, ponderação do tutor a fim de que o fórum não fique esvaziado ou tome outros caminhos que não tenham nada a ver com a matéria.

Figura 12: Relato de aprendiz (permeabilidade entre os ambientes)

2.2.3 Aprendizagem colaborativa e paradigma emergente

Em primeiro lugar, convém falarmos sobre o que vem a ser paradigma emergente para depois emprendermos o caminho de aproximação desse com as Tecnologias de Informação e Comunicação na educação e com, especificamente, a aprendizagem colaborativa.

O termo paradigma, segundo a concepção Kuhniana (2003/ 1969), seria usado para designar, em resumo, visões de mundo. Um paradigma é afirmado como tal quando uma comunidade compartilha seus preceitos fundamentais e os legitima por meio de pesquisas, encontros científicos e publicações de forma geral. Por outro lado, a crise de paradigmas seria caracteriza pela mudança progressiva na visão de mundo, até mesmo dentro do seio de uma comunidade científica assentada nas mesmas bases, com a crescente insatisfação de seus pares com os modelos de explicação da realidade. Também por mudanças significativas na sociedade e no mundo, com alterações culturais e de comportamento, por exemplo, que levariam à emergência de novas fontes de aproximação com o conhecimento. Não obstante, nos lembra Maria Cândida Moraes, que “um paradigma não implica apenas mudança de uma teoria científica para outra, como nos sinaliza Kuhn, mas também toda uma maneira de trabalhar, pensar, comunicar, perceber e interpretar ciência” (2008, p. 28).

O momento atual, movido por uma onda de questionamentos, reposicionamentos e rupturas que se desenrolaram a partir de reformulações e novos direcionamentos de pesquisa desde o século vinte, presencia a ascensão de um novo olhar, de um paradigma emergente, nas palavras de Boaventura Santos (1989). A partir do início do século passado, com a aparição de

novas teorias na Física, como o *princípio da incerteza* de Heisenberg, o qual questiona totalmente a causalidade linear – “as linhas da causalidade se dobram em círculos”, diria mais ou menos assim Ted Kaptchuk (1997) ao referir-se ao pensamento chinês – e o *princípio da complementariedade* de Bohr (vejam só, tão próximo do pensamento chinês, onde onda e partícula passam a ser vistos como aspectos inseparáveis, ao modo do YĪNYÁNG 陰陽), começaram novos caminhos científicos e novas perspectivas, mais abertas a referências teóricas outros (MORAES, 2008).

Essas pesquisas e estudos, somados a outros de cunho transformador nas bases do pensamento dominante, como a *Teoria das Estruturas Dissipativas*, de Ilea Prigogine (1986) e a *Teoria Autopoiética* de Maturana & Varela (1995), por exemplo, têm influenciado inúmeros cientistas e a consolidação de uma comunidade científica sólida, pautada em uma outra visão da realidade e de seus mecanismos, com um foco mais integrador e com o desenvolvimento de “competências e habilidades que nos ajudem a enfrentar os desafios da globalidade, da complexidade da vida e da sustentabilidade ecológica” (MORAES, 2008, p. 26).

Pretende-se, assim, situar a aprendizagem colaborativa com apoio das TICs, e sua metodologia centrada no processo e na interação, como uma estratégia pedagógica que favorece o caminhar Complexo e o paradigma emergente (SANTOS, 1989) em educação. Para Stahl, Koshmann e Suthers (2006), no referenciado trabalho sobre a ACSC sob uma perspectiva histórica, a ACSC é definida como “um ramo emergente das ciências da aprendizagem que estuda como as pessoas podem aprender em grupo com o auxílio do computador” (2006, p. 1).

Outros autores, indo no fluxo de Koshmann (1996), como Laurillard (2009), Lipponen (2002) e Dillenbourg (1999), além de autoras brasileiras como Maria Cândida Moraes (2004), Elsa Guimarães Oliveira (2008) e Marilda Aparecida Behrens (2005), reforçam a ideia de que a estratégia colaborativa corrobora com a emergência de um novo paradigma na educação. Interessante notar como Koshmann, um dos autores supracitados - em seu trabalho “Paradigm shifts and instructional technology” (1996), dentro de uma coletânea editada por ele mesmo com o relevante título de “ACSC: teoria e prática de um paradigma emergente (tradução livre)” – já posiciona, em meados da década de noventa, a estratégia colaborativa como parte de um movimento transformador, em congruência com o paradigma emergente.

Inúmeros estudos e pesquisas sobre Educação à Distância (EAD), TICs e tecnologias interativas podem ser encontrados atualmente nas bibliotecas e acervos digitais, nos mostrando um caminho promissor e transformador. Alguns desses estudos já trazem, inclusive, a noção de que a aprendizagem colaborativa apoiada pelas tecnologias interativas está em sintonia com o paradigma emergente, com uma roupagem “ecossistêmica” (MORAES, 2004), complexa

(MORIN, 1990) e transdisciplinar (NICOLESCU, 2001). Para Santos & Scherre (2012), em um estudo sobre a relação entre EAD e complexidade,

percebe-se que ambas possibilitam a construção de práticas educacionais abertas, flexíveis e que permitem a utilização de diferentes TICs, com flexibilidade metodológica, de tempo e de espaço. Trazem também possibilidades de interatividade e de interação que ocorrem por meio de uma dinâmica relacional de natureza complexa. Além disso, ambas se adaptam a diferentes contextos de ensino e de aprendizagem, nos mais diferentes níveis e propósitos educacionais. Conclui-se que elas estão intimamente relacionadas (...) é possível e viável trabalhar a EAD sob a luz da teoria da complexidade, desvelar essa modalidade de educação como uma Educação a distância de natureza complexa. Por fim, este trabalho é um ensaio a respeito da relação entre a EAD e a complexidade e transita de forma geral pelos temas. Após a constatação de que as duas áreas de conhecimento se relacionam intimamente, destaca-se a necessidade de novas pesquisas e novos diálogos de maneira a aprofundar o olhar sobre cada área e, assim, discutir sobre como essa relação se concretiza em estratégias, em metodologias, em práticas que orientam os processos de ensino e de aprendizagem presenciais e/ou virtuais. (p. 11)

Em outro estudo, Egreja e Machado (2009) desvelam uma rica relação entre transdisciplinaridade - com sua noção de estar nas disciplinas, entre as disciplinas e além de qualquer disciplina - e EAD e afirmam, remetendo à noção do “estar junto virtual” (PRADO & VALENTE, 2002), que

a educação a distância é compreendida como uma abordagem que transcende os limites da dimensão espacial, temporal, cultural e curricular, pois é concebida como sistema aberto, flexível, com práticas individuais e coletivas, mas principalmente, que respeita o ritmo de trabalho de cada um. Dessa forma, apresenta-se intimamente associada aos princípios e características da transdisciplinaridade. (2009)

Enquanto isso, Marilda Aparecida Behrens, por meio de várias publicações e, em especial, em um artigo com o sugestivo título “*Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*”, não deixa dúvidas sobre a necessidade de uma adaptação paradigmática que dê conta das interfaces interativas e de todo seu potencial transformador e afirma que

a ação docente inovadora precisa contemplar a instrumentalização dos diversos recursos disponíveis, em especial os computadores e a rede de informação. Aos professores e aos aprendizes cabe participar de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora que tenha como essência o diálogo e a descoberta. Com essa nova visão, cabe aos docentes empreenderem projetos que contemplem uma relação dialógica, na qual, ao ensinar, aprendem; e os alunos, ao aprender, possam ensinar (Freire, 1997). Os professores e os alunos passam a ser parceiros solidários que

enfrentam desafios a partir das problematizações reais do mundo contemporâneo e demandam ações conjuntas que levem à colaboração, à cooperação e à criatividade, para tornar a aprendizagem colaborativa, crítica e transformadora. (2005, p. 76)

E Elsa Guimarães Oliveira, em seu livro “educação a distância na transição paradigmática” (2008), faz justamente um estudo sobre a necessidade da emergência de outro olhar sobre o processo pedagógico na era da informação e das TICs e enfatiza que o uso das tecnologias, por si só, não fornece subsídios para a transformação, já que o modelo dominante em educação poderia se perpetuar, com sua fórmula centrada no professor e em conteúdos prévios, regidos pela lógica do acúmulo de conhecimento e pelas regras do mercado de trabalho. E sentencia que

o potencial de ruptura da EAD não está restrito ao uso das sofisticadas Tecnologias de Informação e de Comunicação, mas relaciona-se à maneira como os formadores e formandos vão apropriar-se desses instrumentos eletrônicos para desenvolver projetos alternativos que superem a reprodução e levem à produção do conhecimento, numa perspectiva emancipadora e democratizante de atendimento às necessidades concretas dos sujeitos envolvidos. Assim, a forma como se desenvolve a EAD pode ter um significativo potencial formador. (2008, p. 38)

Tal afirmação, assim como as contribuições dos outros autores citados nesse tópico, vai de encontro à percepção de alguns aprendizes (Figura 13 e Figura 14) ouvidos durante a pesquisa; por exemplo:

- O uso da tecnologia como subsidio de crescimento e aprendizagem sob responsabilidade pessoal foi uma experiência inovadora em minha vida acadêmica. Porém, em alguns momentos, principalmente nos primeiros momentos, exigiram de mim um certo trabalho para entender e me adaptar até o reconhecimento do método! Mas, depois de reconhecido, foi transformador! Observei que a adaptação não ocorreu apenas comigo mas com os professores que utilizavam pela primeira vez o método e com os colegas que me acompanhavam no curso, e infelizmente, nem todos conseguiram entender a proposta! Que essa escola Virtual inovadora tenha muito sucesso mas que não seja a única opção na estratégia da formação da Medicina Chinesa, já que em algumas matérias do conhecimento dessa Medicina Milenar a presença física do professor é imprescindível!

Figura 13: Relato de aprendiz (2.2.3) 1

- Desenvolver os estudos na Medicina Chinesa, com essa estratégia colaborativa me empoderou de forma que pude despertar a minha potência ao colaborar com o aprendizado do outro e aprimorar os meus além das teorias dos livros. A troca que era feita durante os estudos dos conteúdos, me trazia a sensação de roda de conversa, troca de saberes, onde pude perceber a potencialização da autonomia de cada um ao acrescentar, opinar e até mesmo corrigir o pensamento do outro. O conhecimento se dava de forma mais orgânica e isso era uma das coisas em que eu mais sentia prazer, pois percebia que nunca fechávamos, concluíamos um assunto e sim, deixávamos em movimento para que pudessemos compreender de forma contínua a Medicina Chinesa.

Figura 14: Relato de aprendiz (2.2.3)2

Já Maria Cândida Moraes ressalta a possibilidade de desenvolvimento e ampliação da interação e autonomia nas práticas pedagógicas, a partir do incremento das tecnologias interativas numa perspectiva ecossistêmica e afirma que

o uso adequado das TIC facilita o deslocamento do eixo ensino para a aprendizagem ao transformar o aluno no principal protagonista do processo de construção do conhecimento. Daí a importância de se criar, usando essas tecnologias, ambientes de aprendizagem desafiantes, inovadores, ao mesmo tempo acolhedores e amigáveis que favoreçam as trocas de experiências, os debates, o esclarecimento de dúvidas, questões e resolução de problemas, etc. (2004, p. 259)

Com o trecho acima, do referenciado trabalho “*Pensamento Eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*” (2004), foi elaborada uma das afirmações do questionário de pesquisa enviado aos colaboradores (APÊNDICE I); como se pode ver na Tabela de Avaliação (Figura 17), 86,67 % dos participantes concordam totalmente com essa afirmação, enquanto os outros 13,33 % concordam parcialmente.

Também alguns relatos de colaboradores vão na direção do exposto por Maria Cândida Moraes (Figura 15 e Figura 16):

- Uma outra sensação que me recordo é a de que ao postar meu "dever de casa", eu estava também no papel de "professor", já que todo aquele conteúdo seria lido e analisado por todos os colegas e mais ainda, complementado e questionado. Isso de alguma forma, me fez responsável e protagonista de meus próprios estudos. A ferramenta do Moodle, deu mais vida aos dias que estivemos todos juntos estudando, pois tínhamos mais que aulas, provas e livros, tínhamos a oportunidade de ser professor e aluno, de arriscar nossa escrita e desenvolver nosso poder de educador.

Figura 15: Relato de aprendiz (mudança de papel)1

- Durante o período de formação da ENAc tive oportunidade de fazer uso das TICs e, posteriormente, como professora da disciplina Diagnóstico de MTC. Essa metodologia é transformadora, pois Educador e Aprendiz assumem papéis colaborativos e interventivos em que pilares como aprender a ser, a conviver, a fazer e a aprender tem merecido atenção. Diante da presença dessas tecnologias no dia-a-dia das pessoas, aluno e professor têm assumido papéis diferentes daqueles antes típicos. O primeiro tem adotado uma postura ativa em que a co-autoria, o autodidatismo, a pró-atividade e a colaboração são aspectos centrais. Já o segundo, enquanto aquele que por muito tempo foi visto como o único detentor do saber, agora, atua como mediador, facilitador, incentivador e animador do educando no processo de formação.

Figura 16: Relato de aprendiz (mudança de papel)²

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		Σ	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambie...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	21x	67,74	8x	25,81	-	-	2x	6,45	1,45	0,81
A estratégia de aprendizagem...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
Nas disciplinas colaborativas,...	22x	70,97	8x	25,81	-	-	1x	3,23	1,35	0,66
As atividades propostas me i...	24x	77,42	7x	22,58	-	-	-	-	1,23	0,43
O uso adequado das TICs (tecn...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
A estratégia colaborativa foi ...	21x	67,74	8x	25,81	1x	3,23	1x	3,23	1,42	0,72

Figura 17: Tabela de avaliação (7ª afirmação)

2.3 O TAO (DÀO 道)

“O Tao não é, em si mesmo, uma causa primária. É apenas um Total eficaz, um centro de responsabilidade, ou ainda, um meio responsável. Não é criador. Nada se cria no Mundo, e o Mundo não foi criado.” (GRANET, 1997, p. 207)

Acho importante explicar sucintamente o porquê do título da dissertação, mesmo sabendo que ao longo da leitura ele se faz inteligível. O “tao da colaboração” é uma menção ao “emblema” central do pensamento taoísta: o Tao (DÀO 道). O sinólogo Marcel Granet nos diz que o primeiro sentido da palavra Tao é “caminho”, também o considera como “um Total

constituído por dois aspectos que, por sua vez, também são totais, pois substituem inteiramente (yi) um ao outro. O Tao não é a soma deles, mas o regulador de sua alternância” (1997, p. 203). Por outro lado, também assevera que o Tao é a eficácia “caracterizada por sua ação reguladora, na medida em que ela se confunde com um princípio soberano de organização e classificação” (1997, p. 191). Ou ainda que

O Tao é o emblema de uma noção ainda mais sintética, inteiramente diferente da nossa ideia de causa e muito mais ampla: através dela, não posso dizer que se evoque o Princípio único de uma ordem universal, mas devo dizer: através dela se evoca, em sua totalidade e sua unidade, uma Ordem simultaneamente ideal e atuante. O Tao, categoria suprema, e o Yin e Yang, categorias secundárias, são Emblemas vivos. Dominam a um tempo a ordenação do Mundo e a do Espírito. Ninguém pensa em defini-los. Todos lhe atribuem, em contrapartida, uma qualidade de eficácia que não parece distinguir-se de um valor racional. (1997, p. 203)

Essa mesma qualidade de eficácia, François Jullien – transmutando-a para a palavra eficiência – nos convida a ver como uma “transformação natural”, onde o “estrategista faz com que a situação evolua em seu proveito do mesmo modo que a natureza faz a planta crescer ou que o rio não cessa de escavar seu leito” (1998, p. 78), e a aproxima do sentido de imanência do Tao.

Ainda em Granet, o autor denomina o complexo Tao-Te (DÀODÉ 道德) como “eficácia primordial” e, recorrentemente, atribui ao caractere Te (DÉ 德) o sentido tanto de virtude quanto de eficiência ou eficácia. Tal confluência de significados (ou de existências), tão peculiar ao pensamento chinês, se deve a sua própria maneira de lidar com o mundo, onde a complementariedade é um axioma fundamental e a conjunção de imagens e símbolos, longe de gerar confusão, é justamente o que torna possível a compreensão de situações complexas e multidimensionais, além de assegurar um estado de imanência e vitalidade às coisas. Ou como explica o próprio Marcel Granet:

O termo chinês que significa “vida” e “destino” (ming) não se distingue do (ming) que serve para designar os símbolos vocais (ou gráficos). Pouco importa que os nomes de dois seres se assemelhem a ponto de haver possibilidade de confundi-los: cada um desses nomes exprime integralmente uma essência individual. Dizer que a exprime é pouco: ele a convoca, traz essa essência para a realidade. (GRANET, 1997, p. 36)

Quando consultamos a visão de outros autores, esse termo assume mais claramente essa confluência de *existências*. Segundo Burton Watson, por exemplo, tradutor de uma versão do Clássico do Tao-Te (TZU, 2002), esse termo “denota um poder moral ou virtude característica

de uma pessoa que segue uma conduta correta (...) o que se ‘obtem’ do tao” (p. XV – XVI), deflagrando, ao mesmo tempo, as noções de virtude e de eficácia (o que favorece o caminhar pelo caminho do Tao).

Nos estudos de Medicina Chinesa, o professor – adiantando o que será tratado no tópico 2.3.2 – assume a posição de um facilitador dos processos de colaboração e construção coletiva do conhecimento favorecendo a aprendizagem como uma *transformação silenciosa* (JULLIEN, 1998) na comunhão dos aprendizes entre si e com o conhecimento. Ou, com outras palavras, em sua posição de facilitador, se alinha totalmente com o Tao – de fato, há autores, como cita Granet (1997, p. 295), que atribuem um mesmo valor às expressões xiu shen (auto-cultivo ou cultivo da própria pessoa e consciência) e xiu tao (cultivar, praticar o Tao) - e somente acompanha o desenvolvimento natural das coisas; ou ainda, assim como o Tao (esse Total eficaz), anima o jogo sem, no entanto, influenciar os resultados, tendo como única regra o WÚ WÉI (无为, a não-intervenção (GRANET, 1997).

O conceito de WÚ WÉI (无为) no pensamento taoísta é muito emblemático sobre como deve ser a atuação no mundo para tirar o máximo de proveito de cada situação e evitar equívocos insistentes e desgastes desnecessários e, portanto, como tornar as experiências de vida mais eficientes e proveitosas. Roberto Crema explica que

a tradição chinesa considera a inteligibilidade do não-agir, o célebre e paradoxal conceito de wu wei, que representa a delicada arte da não interferência na dinâmica das coisas e a prática de respeito à ordem natural: fazer pelo não-fazer. A ação perfeita é aquela que se contenta em responder naturalmente à situação, sem tomar a iniciativa, sem intencionalidade, uma virtude de aliar movimento e quietude. A sabedoria da estratégia chinesa é a de seguir o processo de transformação, de maneira natural. Segundo o Taoísmo, quando somos capazes de nada fazer, tudo será feito. Não precisamos forçar as estações, que chegam por si mesmas. O wu wei, entretanto, nada tem a ver com o imobilismo ou o desengajamento: ele nos ensina a obter vitórias através de um agir pelo não-agir, com a renúncia a certo dirigismo traduzido por uma atuação artificial e compulsivamente direcionada. Trata-se de uma eficácia indireta, que entra em sintonia com o curso evolutivo espontâneo das coisas, através de uma lógica de imanência. (2011, p. 4)

Na coleta de dados, a afirmação “o professor assumiu a posição de um facilitador dos processos de colaboração” foi investigada (Figura 18) e 68,97 % dos participantes concordou plenamente com ela, enquanto 27,59 concordou/discordou parcialmente e 3,45 não teve opinião.

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		M	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambiente c...	24x	82,76	5x	17,24	-	-	-	-	1,17	0,38
As disciplinas que foram construíd...	24x	82,76	5x	17,24	-	-	-	-	1,17	0,38
Essa estratégia de aprendizagem i...	19x	65,52	8x	27,59	-	-	2x	6,90	1,48	0,83
A estratégia de aprendizagem col...	24x	85,71	4x	14,29	-	-	-	-	1,14	0,36
Nas disciplinas colaborativas, o pr...	20x	68,97	8x	27,59	-	-	1x	3,45	1,38	0,68
As atividades propostas me incent...	22x	75,86	7x	24,14	-	-	-	-	1,24	0,44
O uso adequado das TICs (tecnolog...	24x	85,71	4x	14,29	-	-	-	-	1,14	0,36
A estratégia colaborativa foi efici...	19x	65,52	8x	27,59	1x	3,45	1x	3,45	1,45	0,74

Figura 18: Tabela de pesquisa (5ª afirmação)

Pierre Lévy, indo na mesma direção, sublinha que o papel do professor, na realidade contemporânea, deve se ajustar aos novos paradigmas na aprendizagem e na constituição de Saberes e, dessa forma, tornar-se

um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão em seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc. (1997, p.171)

2.3.1 O taoísmo e a Transdisciplinaridade

A intenção deste tópico é expor a congruência do pensamento taoísta com os postulados que caracterizam as bases do olhar transdisciplinar. As aproximações entre as perspectivas contemporâneas que confluem na ideia de um paradigma emergente e o pensamento clássico da medicina chinesa são tecidas nesse trabalho com a intenção principal de tornar inteligível esse Saber advindo de outra referência cultural por meio de recursos conceituais e acadêmicos mais próximos e que, sincronicamente, comungam dos mesmos preceitos. E também para ressaltar a necessidade de um ajuste no processo de ensino-aprendizagem dessa racionalidade médica transdisciplinar, que navega nas disciplinas, entre as disciplinas e além de qualquer disciplina conhecida, e exige uma abertura de seus iniciados à outra forma de fazer e entender ciência, fincada na experiência *in vivo*, na pesquisa, na maturação de conceitos a partir do encontro com o outro e na atualização, para o dia-a-dia de cada um, de “emblemas” e “rubricas”

(GRANET, 1997) oriundos das interpretações chinesas sobre o funcionamento do cosmos, do mundo, das pessoas e de suas relações.

Para começar, definir-se-á transdisciplinaridade, como explicitada por Nicolescu, como um olhar interessado na “dinâmica engendrada pela ação de vários níveis de realidade ao mesmo tempo” (2003, p. 218) e lugar onde se celebra a correspondência entre o mundo exterior do objeto e o mundo interior do sujeito. Segundo essa visão, três postulados deveriam reger as formulações científicas: a existência, na Natureza e no conhecimento da Natureza, de diferentes níveis de Realidade e de Percepção; a passagem de um nível de Realidade a outro nível de Realidade se efetua pela lógica do Terceiro Incluído; e, finalmente, a estrutura do conjunto dos níveis de Realidade é uma estrutura complexa: cada nível é o que é, porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo (2003).

Para seguir nessa tarefa de unir uma perspectiva tão contemporânea e o pensamento milenar chinês, se faz necessário aprofundar um pouco mais nos preceitos desenvolvidos por Nicolescu, o qual explicou assim o que considera como níveis de Realidade:

um conjunto de sistemas invariantes sob ação de uma quantidade de leis gerais [...] Isto significa que dois níveis de Realidade são diferentes se, passando de um ao outro, houver ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade) [...] A compreensão do axioma do terceiro incluído – existe um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A – esclarece-se completamente quando a noção de níveis de Realidade é introduzida. (2003, p. 220-221)

Quanto à ideia do *Terceiro Incluído*, postado em um nível de realidade outro para assumir a posição de conciliador dos termos A e não-A, Nicolescu faz uma representação gráfica (Figura 19) simplificando que “um único e mesmo nível de realidade só pode engendrar oposições antagonistas” (2003, p.222) e que, portanto, o terceiro termo deve estar colocado em outro nível, na posição de mediador dos antagonistas e fortalecedor do axioma da não-contradição.

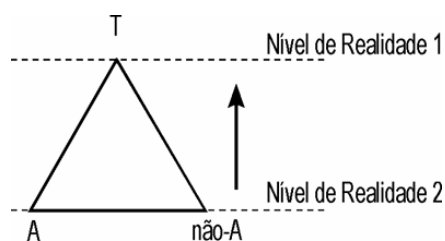


Figura 19: Níveis de Realidade (NICOLESCU, 2003, p.232)

O terceiro incluído pode assumir diferentes noções de acordo com a abordagem. Em essência, o Tao (道) assume o papel do “terceiro dinamismo, o do estado T [...] onde o que

aparece como desunido é de fato unido e o que aparece como contraditório é percebido como não-contraditório” (Nicolescu, 2003, p. 222) ou, como enunciado por Isabelle Robinet:

el Tao, que es Totalidad una, es más que la suma de lo que compone el mundo. Posee por tanto un excedente de sentido con respecto a todo cuanto puede decirse o pensarse, y que hay que integrar en la visión del mundo según el Tao. Además el Tao como totalidad implica la percepción del universo como un todo, y por tanto como un conjunto estructurado. Es cada cosa y toma todas las formas en la actualización concreta de éstas. Esto es de importancia capital en la *imago mundi* de los chinos, y sobre todo de los Taoístas. (1999, p.58)

Nicolescu (2009), em seu texto “Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade”, ao explicar o porquê de um terceiro termo conciliador servir para o entendimento de muitos níveis de realidade simultaneamente, menciona um “terceiro termo infinito” e, citando Christian Duchemin, de um “Terceiro sem-nome”.

Por que se limitar ao terceiro incluído? Por que não introduzir o “quarto incluído”, o “quinto incluído”, etc.? A estrutura de quarto incluído (A, não-A, T, T') decompõe-se em duas estruturas de terceiro incluído: (A, não-A, T) e (A', não-A', T'). Não há, portanto, necessidade de um “quarto incluído”, de um “quinto incluído”, etc. Nesse sentido, o terceiro incluído é infinitamente terceiro, ou, como denomina Christian Duchemin, o terceiro-sem-nome”. (p. 6)

Ora, esse terceiro termo sem-nome parece brotado de um livro milenar que descreve o Caminho e a Virtude do caminhar. Assim falou Lǎo Zǐ 老子 (Lao Tzu): “O tao esconde-se, sem nome” (2002, p. 41). Assim, o conceito de Tao (道) como lugar/não-lugar onde se celebra a unificação dos opostos, por si só, já nos remete à ideia de Níveis de Realidade em convívio pacífico dentro da mesma visão de mundo, onde “o axioma da não-contradição sai cada vez mais reforçado” (NICOLESCU, 1993, p. 232) e a aproximação com os ditames da transdisciplinaridade se faz mais evidente. Para Isabelle Robinet,

não se trata de substituir o Ser pelo Não-Ser, ou a afirmação de tudo pela sua negação, nem sequer de conservar as duas. Existe um lugar onde as coisas, em efeito, são indiferenciadas, *indecidíveis*, onde o princípio do terceiro excluído (A é A ou Não-A, não existe outra alternativa) não funciona, onde não se pode nem dizer a verdade, nem equivocar-se. (1999, p. 29, tradução minha)

2.3.1.1 A Cosmogonia Taoísta e o Terceiro Oculto

“O Tao gera Um,
Um gera Dois,

*Dois geram Três,
Três geram as dez mil coisas.
As dez mil coisas carregam a sombra
E abraçam o sol.
A sombra e o sol, yin e yang,
Fusão da respiração em harmonia.”*
(LAO-TZU, 2002, p. 42)

“Para estes sábios, o DÀO 道 tem dois aspectos, um transcendente (O DÀO 道 que não pode ser falado), e um imanente (O DÀO 道 que pode ser falado). O primeiro representa a origem do mundo manifesto, o não ser, o prolífico vazio primordial (WÚ JÍ 無極), que dá origem a todas as formas. Infinito, inefável, incalculável. A partir desta origem, o DÀO 道 engendra o mundo das formas, a manifestação, e assume seu aspecto imanente, presente em toda a criação como sustentador do mundo. O Mundo manifesto é tido como a superfície do DÀO 道.” (SOUZA, 2008, p. 71-72)

Antes de iniciar propriamente esse tópico, reproduzir-se-á uma breve explicação sobre o que vem a ser *terceiro oculto*. Segundo Nicolescu:

Para que a coerência continue para além desses dois níveis limites, para que haja uma unidade aberta, é preciso considerar que o conjunto dos níveis de Realidade se prolongue para uma zona de não-resistência, de transparência absoluta, às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas. O nível mais “alto” e o nível mais “baixo” do conjunto dos níveis de Realidade unem-se através de uma zona de transparência absoluta. A não-resistência dessa zona de transparência absoluta é devida, simplesmente, às limitações de nosso corpo e de nossos órgãos dos sentidos, sejam quais forem os instrumentos de medida que prolonguem esses órgãos dos sentidos. O conjunto dos níveis de Realidade do Objeto e sua zona complementar de não-resistência constituem o Objeto transdisciplinar. Os diferentes níveis de Realidade do Objeto são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes níveis de Realidade do Sujeito, que se encontram em correspondência biunívoca com os níveis de Realidade do Objeto. A coerência dos níveis de Realidade do Sujeito pressupõe, como no caso dos níveis de Realidade do Objeto, uma zona de não-resistência. O conjunto dos níveis de Realidade do Sujeito e sua zona complementar de não-resistência constituem o Sujeito transdisciplinar. A zona de não-resistência desempenha o papel de Terceiro Oculto, que permite a unificação, em sua diferença, do Sujeito transdisciplinar e do Objeto transdisciplinar. Ela permite e demanda a interação entre o Sujeito e o Objeto. (2009, p. 6-7)

Depois dessa primeira noção sobre a *zona de não-resistência*, tal qual elaborou Nicolescu, será apresentada a construção cosmogônica chinesa, para, somente então, aprofundarmos um pouco mais na tentativa de elucidação desse conceito tão caro para a visão transdisciplinar. Para tal, resgatar-se-á a tese “Nutrindo a Vitalidade: Questões contemporâneas sobre a Racionalidade Médica Chinesa e seu desenvolvimento histórico cultural”, do pesquisador do grupo *Racionalidades Médicas*, Eduardo Frederico Alexander Amaral de Souza, o qual servirá de guia para a exposição dos aspectos cosmogônicos taoístas nesse trabalho. Segundo essa cosmogonia, a origem de todas as coisas poderia ser assim resumida, tendo-se em conta o WÚ JÍ 無極 (Vazio Primordial) como ponto de partida:

Esta face do DÀO 道 é denominada de WÚ JÍ 無極, o supremo misterioso, inefável. Desta fonte emerge espontaneamente HÙN DÙN 混沌, o “ovo cósmico”, uma espécie de caos primordial, onde os aspectos da tríade que sustenta o cosmos se encontram presentes, porém misturados. Este passo seria o “um” do DÀO DÉ JĪNG 道德經. A seguir, inicia-se o processo de separação, “o dois”, onde teríamos a diferenciação, ou polarização do caos primordial em YĪN 陰, o princípio obscuro, e YÁNG 陽, o princípio luminoso. Estes dois princípios agora separados permanecem imersos na presença da mistura inicial neutra, mediadora entre os dois pólos. Assim, com os três, aspectos, o YĪN 陰, o YÁNG 陽 e o YUÁN 元, primordial, denotando algo que estava presente antes da polarização de YĪN 陰 e YÁNG 陽, temos as condições necessárias e suficientes para a geração e organização do mundo fenomênico, o mundo dos “dez mil seres”, espaço onde as miríades de formas interagem na dança cósmica. (SOUZA, 2008, p. 77)

Parando nesse ponto, podemos vislumbrar a *zona WÚ JÍ 無極 de não-resistência*, a qual exerce a pressão constante do *Sagrado*²⁷ no seio da ciência e resgata a esperança pela “busca do sentido” ao permitir a “reconciliação entre a cultura científica e a cultura humanista”, nos termos de Nicolescu (2003, p. 227). Em outras palavras, e de forma simplificada, a existência de uma zona de não-resistência ou de um *Terceiro Oculto* é o que permite que um mesmo sujeito (transdisciplinar) aceite ou, até mesmo, perceba e conviva com diferentes níveis de realidade, assim como acontece com o sábio ou estrategista chinês. Nas palavras de Daniel Silva:

²⁷ “É necessário um terceiro elemento não passível de racionalização, que permita exatamente a existência dialógica dos outros dois. Este elemento é a vertical de acesso cognitivo às zonas de não resistência das dimensões de realidade do objeto e de percepção do sujeito transdisciplinar. Esta vertical possui dois sentidos e múltiplas referências dialógicas: enquanto em um circula informação, na outra consciência. Numa liberdade, na outra responsabilidade. Se em um vem a flecha do tempo macrofísico, no outro vem o tempo reversível do mundo quântico. Esta dialógica é impossível de ser racionalizada e formalizada matematicamente. Este espaço é portanto o espaço do sagrado. O sagrado, enquanto experiência vivida, representa o terceiro que se inclui para dar sentido a dialógica entre sujeito e objeto na representação transdisciplinar de uma realidade.” (SILVA, 1999, p.18)

As zonas de não resistência, enquanto uma vertical de acessamento cognitivo simultâneo entre os diversos níveis de realidade, são uma unidade aberta e dizem respeito exclusivamente a autopoiesis do sujeito e sua capacidade de aprender com o seu próprio operar bem como com o operar do outro. (1999, p. 16)

Essa cosmogonia, não cansamos de observar, mais que simplesmente uma construção religiosa ou uma elucubração filosófica, faz parte de toda teoria e prática da Medicina Chinesa, portanto faz parte do pensamento científico chinês, onde a vivência plena de todas essas esferas em comunhão (em uma ciranda complementar e inseparável entre religião, ciência, arte, filosofia e todos aspectos da vida ordinária) acaba por caracterizar a perfeita sintonia desse Saber com os preceitos transdisciplinares. Indo por esse caminho, talvez entenda-se melhor porque para o pesquisador guiado pelo pensamento chinês e para o cientista transdisciplinar, “a mera acumulação de informações é, do ponto de vista taoísta, apenas teoria vazia, já que neste caso seu portador não seria um exemplo, uma encarnação daquilo que julga conhecer” (Bizerril, 2007, p. 289-291)

Nas palavras de Eduardo Souza, a partir de Pregadio (2003, p. 562 apud SOUZA, 2008), nota-se como a cosmologia taoísta está totalmente infiltrada na percepção fisiológica do organismo, onde, por exemplo, a relação entre os três tesouros da vida, segundo a Medicina Chinesa, é assim identificada:

a relação entre JĪNG 精, QÌ 氣 e SHÉN 神 é de mútua geração através dos processos de metamorfose. Ora SHÉN 神 é tido como uma força sutil ou mesmo uma forma de consciência que cria ordem no mundo material através de seu poder de comando sobre o QÌ 氣, a força vital, ora é caracterizado como um produto do QÌ 氣. Esta geração bidirecional representa movimentos que ocorrem de forma perpétua e simultânea no cosmos, a coagulação e a dissolução. A coagulação seria a parte do processo no qual as formas materiais nascem de WÚ JÍ 無極, criadas e organizadas por SHÉN 神, tido como uma função do DÀO 道. A dissolução seria a parte do processo onde as formas materiais criadas, presentes no “mundo dos dez mil seres”, retornam à fonte da criação. O modelo de proteção dos três tesouros representa implicitamente a fase de dissolução, quando os elementos vão se metamorfoseando de baixo para cima, ou seja de JĪNG 精 para QÌ 氣 e deste para SHÉN 神. Neste caso, SHÉN 神 é considerado um produto a ser extraído das forças potenciais que residem dentro da matéria, criando uma conexão entre esta e a fonte inefável (WÚ JÍ 無極). (SOUZA, 2008, p. 101)

E, além do mais, a percepção de níveis de Realidade regidos por mecanismos distintos explicitados pela própria relação entre YĪN 陰 e YÁNG 陽 quando são indiferenciados (WÚ JÍ 無極) ou marcadamente aspectos polares (TÀI JÍ 太極), demonstra a sintonia desse Sistema

com a abordagem transdisciplinar da Natureza e do conhecimento e “oferece uma ponte entre o Real e a Realidade” (NICOLESCU, 2003, p. 224). Essa ponte, na sabedoria taoísta, notar-se-á com a devida atenção, é construída sobre si mesma, o tempo todo, já que não há qualquer separação verdadeira entre os níveis de realidade, ainda mais quando os níveis de percepção da realidade, eles mesmos, formam um emaranhado único no convívio com o mundo; ou, em outras palavras,

segundo esta tradição, o homem sábio não deve conceder privilégios à origem ou à manifestação, pois o DÀO 道 transcende esta dualidade. Porém, fala-se em distintos níveis de realidade, onde o interior imanifesto, teria um caráter mais poderoso e eterno do que o exterior manifesto, em constante mutação”. (SOUZA, 2008, p. 72)

Esse interior *imanifesto*, mais poderoso e eterno, é o que permite os saltos entre níveis de realidade sem que a estrutura interna do pensamento guia se abale ou mesmo se desmorone. A lógica cartesiana e newtoniana, por outro lado, fiel como se encontra a um único nível de realidade e sem a possibilidade mínima de albergar o sagrado no seio de sua ciência, fica assim refém de um olhar científico limitado e limitante, prisioneira de si mesma.

2.3.2 Eficácia no pensamento chinês

Como já comentado anteriormente, não poder-se-ia deixar de citar a noção de eficácia no pensamento chinês e seu distanciamento do pensamento vigente ocidental, pautado na edificação de modelos, construção de formas ideais e baseado no cumprimento satisfatório de metas. No pensamento chinês – e serão utilizados, como referência básica para este propósito, os estudos de François Jullien (1997,1998) – é mais importante perceber os fatores favoráveis que estão implicados na situação e, só assim, sondá-los e costurá-los para o entendimento do real, do que perseguir metas e propor planos de antemão.

Tal problematização se faz necessária levando-se em conta que a noção de eficácia na Medicina Chinesa está centrada no processo, na globalidade e no ajuste dinâmico e relacional entre as partes; características que ficam claras pela sua cosmologia, pelo conceito de WÚ WÉI (无为), pelo processo diagnóstico, pela terapêutica e pela avaliação multidimensional dos resultados.

François Jullien (1998), ao escrever sobre *Eficácia* no pensamento chinês, trouxe o termo *Potencial de Situação* como essencial para reforçar a importância dada à conexão com o *aqui e agora* na construção de estratégias dinâmicas e em sintonia com um mundo em constante

mutação. Segundo esse autor, o chinês não alimenta um olhar transcendente sobre o mundo mas, sim, um olhar imanente para desvelar as características ou pautas de determinada situação e, somente assim, atuar em sintonia com a transformação; em outras palavras, a transformação é o ato primordial sobre a imanência de cada momento, numa dança entre receptividade (YĪN 陰) para desvelar o imanente e atividade (YÁNG 陽) para transformar as situações. Nesta perspectiva, o Sábio, aquele que esvazia sua mente-coração²⁸ para lograr perceber o Potencial da Situação e empreender uma caminhada transformadora, será o responsável por conduzir os ajustes necessários. E daqui emerge a *Transformação Silenciosa*, aquela que acontece ininterruptamente, de forma global e sistêmica e passa inadvertida, nos moldes da terapêutica da medicina chinesa. Nas palavras do próprio Jullien (1998),

para assegurar sua influência sobre o mundo, para nele exercer seu domínio, o sábio não age – não mais que o estrategista (os dois papéis coincidem nesse ponto) –, ele ‘transforma’ (*hua*). Pois ao contrário da ação, que é necessariamente momentânea, mesmo quando se prolonga, a transformação se estende no tempo, e é dessa continuidade que provém o efeito. (p. 73)

Já Marcel Granet (1997), ao definir o Tao (DÀO 道) como um emblema que representa um “Total eficaz” (p.97) onde “as solidariedades concretas têm uma importância infinitamente maior do que as relações abstratas de causa e efeito” e que “o saber consiste em constituir coleções de singularidades evocadoras” (p.96), nos brinda com a noção de que o aprendizado – ou a apreensão de conhecimento sobre a vida, tal qual o chinês antigo vislumbra – deve se dar por meio de uma estratégia pautada na construção coletiva de conhecimento e no compartilhamento de singularidades vividas e apreendidas, por meio de solidariedades concretas.

Sobre essa noção de eficácia no pensamento chinês, aplicada à aprendizagem compartilhada, os aprendizes foram convidados a deixar suas opiniões (Tabela de Avaliação, Figura 20). A afirmação correspondente a essa análise foi a seguinte: *A estratégia colaborativa foi eficiente para o aprendizado, tendo-se como referência a noção chinesa de eficiência, fincada na transformação contínua e natural que vai de encontro ao efeito, “do mesmo modo que a natureza faz a planta crescer ou que o rio não cessa de escavar seu leito”.*

²⁸ Sobre SHÉN 神, traduzido como mente-espírito (MACIOCIA, 2001), Helena Campiglia declara que “é um princípio criador e organizador. Cria e organiza o homem, comandando os aspectos múltiplos do corpo e a relação desse corpo, e de todo o homem com o mundo. Shen dá origem ao funcionamento do corpo e da mente. Shen é o suporte da vida”. (2004, p. 89)

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		Σ	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambie...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	21x	67,74	8x	25,81	-	-	2x	6,45	1,45	0,81
A estratégia de aprendizagem...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
Nas disciplinas colaborativas,...	22x	70,97	8x	25,81	-	-	1x	3,23	1,35	0,66
As atividades propostas me i...	24x	77,42	7x	22,58	-	-	-	-	1,23	0,43
O uso adequado das TICs (tecn...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
A estratégia colaborativa foi ...	21x	67,74	8x	25,81	1x	3,23	1x	3,23	1,42	0,72

Figura 20: Tabela de avaliação (8ª afirmação)

As respostas a essa afirmação foram, em sua maioria (67,74%), totalmente de acordo; 25,81% dos colaboradores concordou parcialmente (ou discordou parcialmente) e 3,23% discordou totalmente; outro 3,23% não apontou uma opinião.

2.3.2.1 A estratégia da eficácia

Discutir *Eficácia*, segundo a sabedoria chinesa, se torna estratégico na presente dissertação por alguns motivos. Para começar é importante considerar a noção de eficácia aplicada à própria tessitura desse Estudo de Caso, ou Estudo da Ocasão, levando em consideração

que o estrategista chinês, em vez de elaborar um plano, projetado sobre o futuro e que conduz ao objetivo fixado, e depois definir o encadeamento dos meios mais adequados para realiza-lo, parte de uma avaliação minuciosa da relação de forças em jogo para apoiar-se nos fatores favoráveis implicados na situação e explorá-los continuamente por meio das circunstâncias encontradas. Sabe-se que as circunstâncias são com frequência imprevistas, imprevisíveis mesmo, e até totalmente inéditas, e é por isso que não se pode traçar um plano prévio; elas contêm, em contrapartida, um certo potencial que, graças à nossa maleabilidade e à nossa disponibilidade, podemos aproveitar. Eis por que o estrategista chinês não projeta nem constrói nada. Tampouco ‘delibera’, nem precisa ‘escolher’ (entre meios que seriam igualmente possíveis). O que pressupõe que não há sequer ‘fim’ para ele, traçado à distância e de um modo ideal, mas que ele não cessa de tirar vantagem da situação à medida de seu desenvolvimento (e o que o guia é simplesmente o proveito a obter). Mais precisamente, toda estratégia consiste em fazer que a situação evolua de tal forma que o efeito resulte progressivamente por si mesmo e seja coercitivo. (JULLIEN, 1998, p. 54-55)

Na direção do exposto acima, meu maior desafio como pesquisador-portador²⁹ foi “concentrar a atenção no curso das coisas” (IDEM, 1998, p.30) para, assim, permitir que a situação evoluísse no caminho do efeito; ou seja, andar com os fatores favoráveis que emergiam naturalmente, no sentido da propensão – em outras palavras, apoiar-se totalmente no *Potencial da Situação*. Árdua e necessária tarefa – já que, como nos lembra Maria Cândida de Moraes apoiada pelos estudos de Sandin Esteban, “toda e qualquer opção metodológica, independentemente da área do conhecimento, pressupõe uma tomada de consciência ontológica e epistemológica” (ESTEBAN, 2003 apud MORAES, 2008, p. 87). Ora, como pretende-se retratar uma realidade pedagógica ímpar, a qual se propõe a promover uma aproximação com outra fonte paradigmática (leia-se pensamento taoísta), torna-se primordial que os métodos e técnicas estejam no mesmo passo do olhar reflexivo do pesquisador sobre o objeto, numa circularidade incessante.

Essa mesma inquietação e esse mesmo desafio (de manter sincronizadas as dimensões ontológica, epistemológica e metodológica), foram motivadores de um ajuste pedagógico – o segundo motivo para empreender uma discussão sobre eficácia nessa jornada acadêmica – que favorecesse os preceitos da Medicina Chinesa e que fosse capaz de gerar um movimento de *dupla-reaculturação*, lembrando Bruffe (1993), nos aprendizes e nos professores-facilitadores; a *reaculturação* relativa à estratégia de aprendizado e a *reaculturação* resultado da permeabilidade à outra fonte de relacionamento com o conhecimento e com sua própria apreensão. Nota-se, pelo andar dessa pesquisa, que essas duas *reaculturações* são potencialmente complementares e interdependentes, nesse contexto específico.

E ainda dentro da ideia de estratégia-sabedoria chinesa para a leitura, a compreensão e a transform(ação) da vida, parece ser mesmo inevitável - até mesmo para o entendimento da noção de eficácia que pretende-se incitar – que haja uma problematização sobre a tendência de “comprovação científica” dos mecanismos da acupuntura (ou de sua eficácia), no molde biomédico-contemporâneo-ocidental, com a centralização da pesquisa em torno de metodologias da biomedicina ou em torno da categoria “doença”, como nos mostra o estudo de Souza & Luz:

A centralização das pesquisas em torno da categoria “doença” implica alguns problemas fundamentais. Sua reificação anula a possibilidade de apreender uma miríade de sinais que poderiam ser interpretados como “eficácia terapêutica”, pois a medicina chinesa define saúde/doença em termos da harmonia ou desarmonia das pessoas (consideradas complexos singulares) e

²⁹ “Bastaria, dizem-nos os antigos chineses, saber tirar proveito do desenrolar da situação para se deixar ‘portar’ por ela.” (JULLIEN, 1998, p.9)

sustenta, prioritariamente, um modelo de avaliação de promoção da saúde (Yang Sheng [養生], nutrir a vitalidade). Segundo esse modelo, mudanças na “forma de ondas do pulso arterial”, no “padrão emocional” e no “brilho dos olhos” são interpretadas como sinais positivos da condução do processo terapêutico – e ignoradas pelo modelo de pesquisa focado na categoria “doença”. (2011, p. 170-171)

E seguindo por esse caminho – já que parece ser crucial essa discussão para entendermos melhor a necessidade de um ajuste ontológico, epistemológico e metodológico que dê conta de gerar pesquisas sobre a Medicina Chinesa e suas circunstâncias – reproduz-se um trecho do trabalho de Marilene Cabral do Nascimento sobre o discurso veiculado na mídia escrita, sob uma perspectiva histórica e sociológica, durante as décadas de 70, 80 e 90 do século 20. Segundo a autora,

Os resultados das pesquisas científicas mencionados nos jornais informam sobre a confirmação da ação da acupuntura sobre a sensação dolorosa, através de explicação em termos neurofisiológicos e bioquímicos. Mas isto representa apenas um início na tentativa de explicar cientificamente os mecanismos de ação da acupuntura. Ainda assim, as respostas produzidas pelo sistema nervoso de acordo com os diferentes pontos escolhidos permanecem um mistério para os pesquisadores. Tenta-se fazer acreditar que às conquistas no campo científico possam corresponder progressos na efetividade terapêutica da acupuntura, o que não é necessariamente verdadeiro. Parece razoável concluir que as novas vinculações institucionais com as ciências biomédicas nas universidades são exibidas para persuadir a opinião pública e os legisladores, explorando assim mais ideológica que academicamente o prestígio da ciência. A aceitação da eficácia da acupuntura, mesmo em sua ação sobre a dor, vem ocorrendo, em larga medida, independentemente do progresso do conhecimento médico sobre os seus mecanismos de ação. A constatação de sua efetividade e eficácia, por parte de pacientes e terapeutas, tem sido, em nosso entendimento, o principal fator a motivar sua adoção e expansão nos serviços e nas instituições de atenção à saúde. (1998, p. 111)

Outro autor, de forma complementar ao que foi discutido até o momento, sugere que os problemas de base metodológica e epistemológica, fruto da negação, por parte da ciência oficial e hegemônica, da existência de *outra medicina* com uma lógica própria, atrapalham a valoração de sua terapêutica, e explica que “no ocidente, a procura da cientificidade da acupuntura, ao contrário de esclarecer (ou legitimar) o saber que lhe dá sentido, tem sido a busca da confirmação da hegemonia da ciência médica” (PALMEIRA, 1990, p. 126). Com isso em vista, e apoiado pelos estudos Lewith (1984) e Patel (1987), Guido Palmeira questiona a necessidade de comprovação da eficácia segundo os moldes da biociência ocidental e sentencia:

Pretender que a eficácia de um saber que, segundo Cai Jing Feng, “tem controlado as maiores epidemias de doenças infecciosas na história da China”,

deva-se a que a introdução de agulhas, em determinados pontos, tenha como consequência a liberação de mediadores bioquímicos que interferem no fenômeno da dor; e que o sucesso obtido pelos chineses com a acupuntura durante dois mil e quinhentos anos de desenvolvimento seja fruto apenas da acumulação de observações empíricas, é fechar os olhos ao saber tradicional, é descaracterizá-lo, é optar por uma “cegueira etnocêntrica” (1990, p. 125-126)

Com o apoio desses autores e autoras e com a legitimidade que me reservo como peça nessa reconstrução coletiva da Sabedoria chinesa, me posiciono aqui claramente a favor de uma noção de *Eficácia* que honre os ditames taoístas e que incorpore, de uma vez por todas, a perspectiva da transformação, de uma eficácia indireta que se transmuta em eficiência onde “ela própria se torna o *lastro* das coisas, de onde não cessa de decorrer todo o efeito” (JULLIEN, 1998, p 161). “*Uma eficiência que se confunde com imanência e acabamos por descobri-la em todas partes*”, ainda completaria o sinólogo francês, antes de tomar um fôlego e me olhar como quem olha para o vento e suspirar; nesse momento, então eu diria:

a eficácia que buscamos aqui, pessoal, é a mesma que buscamos em todos os encontros; essa eficácia que procura entender a soma e a complementação; o que une e o que desata, e o vai-e-vem das horas, agora, como em todos momentos; como pulsa o organismo em todas profundidades; que recônditas paisagens são resgatadas da língua, dos olhos, do espírito pelo olho que vê e pelo coração que sente; o que é contado e o que não se ouve, mas que lá está, enclausurado entre dores e acenos; e o fogo, onde dorme e onde queima; em que pântanos a água se esconde e apodrece; e onde brota límpida com toda força; quantos dias ainda cabem nos passos e quantas manhãs nascem no canto da boca. Tudo isso e ainda quanto do universo se possa resgatar será aqui compilado a cada encontro e então teremos um diagnóstico, uma sentença tão provisória quanto são as verdades e as ilusões. E então, só então, carregados com toda essa costura espiralada, lançaremos ondas de atenção – e cuidaremos para que sejam suaves, imperceptíveis até, se assim tiver que ser; ou fortes como luz no espelho, se a imagem aguentar– e seguiremos em comunhão com todas as coisas, até que não

2.4 RACIONALIDADES MÉDICAS

Racionalidades Médicas corresponde a uma linha de pesquisa do Instituto de Medicina Social da U.E.R.J. Com início em 1991, os pesquisadores desenvolveram várias frentes para delimitar e investigar Sistemas Médicos Complexos (Medicina Ocidental ou Biomedicina, Homeopatia, Medicina Tradicional Chinesa, Ayurveda e Antroposofia; esta última incluída mais tarde). As principais questões da linha de pesquisa passam pela ideia de que existem, pelo menos, essas 5 grandes Racionalidades Médicas que coexistem atualmente no mundo e que são regidas por paradigmas diferentes em saúde. Segundo definição de Tesser & Luz,

uma racionalidade médica é um conjunto integrado e estruturado de práticas e saberes composto de cinco dimensões interligadas: uma morfologia humana (anatomia, na biomedicina), uma dinâmica vital (fisiologia), um sistema de diagnose, um sistema terapêutico e uma doutrina médica (explicativa do que é a doença ou adoecimento, sua origem ou causa, sua evolução ou cura), todos embasados em uma sexta dimensão implícita ou explícita: uma cosmologia. (TESSER & LUZ, 2008, p. 196)

Desse modo, torna-se importante entender quais são essas dimensões que caracterizam um sistema médico complexo e como se comportam cada uma das Racionalidades em relação a cada um desses parâmetros. Abaixo, um quadro comparativo (Figura 21):

R.M.	M.O.C	Medicina Homeopática	Medicina Chinesa	Medicina Ayurvédica
Cosmologia	Física Newtoniana(Clássica) – Implícita	Cosmologia Ocidental Tradicional (Alquímica) e clássica (Newtoniana) – implícita	Cosmogonia Taoísta (geração do microcosmo a partir do macrocosmo)	Cosmogonia Védica (geração do microcosmo a partir do macrocosmo)
Doutrina Médica	Teoria da causalidade da doença e seu combate	Teoria da energia ou força vital e seu desequilíbrio nos sujeitos individuais	Teorias do YinYang, das cinco fases, e seu equilíbrio (harmonia) nos sujeitos individuais	Teoria dos cinco elementos e das constituições humorais nos sujeitos individuais
Morfologia	Morfologia dos sistemas (macro e micro orgânico)	Organismo Material e força vital animadora	Teoria dos canais e colaterais; dos pontos de acupuntura; dos órgãos e vísceras	Teoria da densidade dos corpos; da constituição dos tecidos vitais; dos órgãos e dos sentidos
Fisiologia ou Dinâmica Vital	Fisiopatologia e fisiologia dos sistemas	Fisiologia implícita; Fisiologia dos sistemas; fisiopatologia do medicamento e do adoecimento	Fisiologia dos sopros vitais; dos Zang-Fu Dinâmica Yin/Yan No organismo e no ambiente	Fisiologia energética (Circulação do prana nos diversos "corpos" Equilíbrio dos Tridoshas
Sistema Diagnóstico	Semiologia: anamnese; exame físico e exames complementares	Semiologia: anamnese do desequilíbrio individual. Diagnóstico e remédio da enfermidade individual.	Semiologia: anamnese do desequilíbrio Yin/Yang Diagnóstico do desequilíbrio dos sujeitos	Semiologia: Anamnese do desequilíbrio dos "tridosha" Sistema de observação dos "oito pontos" Diagnóstico do desequilíbrio dos sujeitos
Sistema Terapêutico	Medicamentos, cirurgia, higiene	Medicamento, higiene	Higiene, exercícios (artes, meditação) Dietética; fitoterapia; massagens Acupuntura, moxabustão	Dietética Técnicas de eliminação e purificação Exercícios (Yoga, meditação) Massagens; Fitoterapia (vegetais, minerais/ animais)

Figura 21: Quadro comparativo RM (LUZ, 2000)

2.4.1 Racionalidades médicas a partir de conversa iniciada na Atividade Fórum

Este tópico se inicia com uma discussão desencadeada a partir de uma atividade da disciplina *Fisiologia na Medicina Chinesa*, sob a mediação do pesquisador. O enunciado da Atividade (Figura 22) solicitava que os aprendizes escolhessem, para a elaboração da *Postagem Principal*³⁰, um dos temas enumerados, reproduzissem um trecho de alguma fonte consultada e tecessem, em seguida, um comentário pessoal sobre o tema escolhido e com sua percepção inicial sobre a Medicina Chinesa.

<p>Recomendações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler os textos disponíveis na disciplina. • Pesquisar em outras fontes. É importante citar a fonte utilizada. • Clicar em <i>A acrescentar um novo tópico de discussão</i> para a Postagem principal. • Clicar em <i>Responder</i> na postagem de algum colega para a Resposta de postagem. <p>Atividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma Postagem Principal. • Responder à postagem de um colega (Resposta de Postagem). <p>Postagem Principal:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escolher um dos temas abaixo e desenvolver um tópico. • Reproduzir um trecho de alguma fonte consultada e tecer um comentário pessoal sobre tal tema e sobre sua percepção inicial do conhecimento da Medicina Chinesa. • A postagem principal deve ser original, ou seja, com um tema ainda não escolhido por outro colega. <ol style="list-style-type: none"> 1. A Racionalidade Médica Chinesa 2. YinYang 3. Wu Xing 4. Qi 5. Xue 6. Shen 7. Jing 8. Jin Ye 9. Zang Fu <p>Resposta de Postagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Responder à postagem de algum colega. • Tecer um comentário sobre a postagem do colega. • Complementar a postagem com outra fonte de consulta. 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Esta atividade vale 20 pontos • Postagem Principal: 15 pontos • Resposta de Postagem: 5 pontos • Critérios: fidelidade ao tema, complexidade da postagem, correção gramatical e ortográfica, criatividade, apresentação do texto. • Prazo para a finalização da atividade: até a próxima quarta-feira, às 8 horas.
--	---

Tópico	Autor	Comentários
A Racionalidade Médica Chinesa	[Avatar]	6
Atividade 2 aberta	[Avatar]	1
SHEN - Pequena contribuição	[Avatar]	0
Jing Ye e a transformação de Qi	[Avatar]	2
escolho o tema SHEN	[Avatar]	1
Jing	[Avatar]	3
Para relemborar os critérios de avaliação	[Avatar]	0
ZANG FU	[Avatar]	1
Xue	[Avatar]	1
ZANG FU	[Avatar]	0
escolho o tema	[Avatar]	0
Xue	[Avatar]	0
Qi	[Avatar]	0


Figura 22: Enunciado do Fórum de FEMTC

Também que postassem, pelo menos, uma *Resposta de Postagem*. Uma aprendiz escolheu o tema *Racionalidades Médicas*. Reproduzo aqui sua postagem (Figura 23) e as *respostas de postagem* que a seguiram (Figura 24). As atividades Fórum eram sempre planejadas para contar com uma Postagem Principal e, pelo menos, uma Resposta de Postagem, para estimular a participação de todos na roda colaborativa e a leitura e interação com os outros aprendizes e tópicos postados. Um ponto a se destacar, dentre outros, na Postagem Principal da atividade, foi o reconhecimento, por parte da aprendiz, de que estava diante de um outro

³⁰ As atividades Fórum eram sempre planejadas para contar com uma Postagem Principal e, pelo menos, uma Resposta de Postagem, para estimular a participação de todos na roda colaborativa e a leitura e interação com os outros aprendizes e tópicos postados.

olhar sobre o organismo e sobre suas manifestações e a ferramenta conceitual Racionalidades Médicas contribuiu para isso, em um momento ainda tão embrionário de sua iniciação.

[FEMTC-Mat](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2 - Conceitos Básicos](#) » [A Racionalidade Medica Chinesa](#)

 **A Racionalidade Medica Chinesa**
Por - terça, 11 setembro 2012, 16:35

A escolha desse tema se deu de uma forma interessante; primeiro porque veio de encontro com um momento de reconhecimento e aprendizado, de uma nova forma de pensar o ser Humano e suas manifestações. Mais que conceitos, o que realmente me instiga no momento é “excita” e a capacidade de romper com paradigmas e abrir a possibilidade de compreender não só a medicina enquanto cura, mas a funcionalidade do ser, de um outro ângulo. Na verdade, não está sendo tarefa fácil, mas muito instigadora; pensar no Homem como microcosmo da natureza; por isso, para compreender a Racionalidade da Medicina Chinesa é importante se ter uma compreensão do Taoísmo enquanto filosofia que fundamenta os princípios desta Medicina. Pesquisando um pouco sobre Racionalidade Medica encontra-se que o conceito foi usado pela primeira vez pela socióloga Madel Luz, a partir dos “tipos ideais” do alemão Max Weber. Estabelece-se que toda racionalidade médica supõe um sistema complexo, simbólico e empiricamente estruturado em seis dimensões fundamentais: 1-Cosmologia, 2-Doutrina Medica, 3- fisiologia ou Dinâmica Vital 4-Morfologia, 5-Sistema de diagnósticos e, 6 - Sistema de Intervenções Terapêuticas. Todo sistema médico complexo seria, portanto, uma racionalidade médica desde que se constitua nas seis dimensões. Esse conceito tem se demonstrado útil para a compreensão e a aceitação de sistemas complexos de atendimento à saúde no mundo, entre eles a Medicina Tradicional Chinesa. É importante colocar aqui que não se tratam de práticas marginais; não se tratam simplesmente de medicinas não-convencionais ou não-científicas. São práticas que fazem parte de sistemas de Saúde que envolvem uma racionalidade medica. Gostaria de colocar a reflexão de Madel Luz: “Nesse contexto de discussão pretendemos destacar a medicina chinesa, contribuindo para o debate das racionalidades médicas na cultura contemporânea e enfatizando não apenas o papel dessa medicina no quadro da busca de cuidado da sociedade atual, mas também a necessidade de ressignificação de certos sentidos atribuídos à vida e à saúde “. É importante ressaltar que na Racionalidade Medica Chinesa se coloca o sujeito no centro da atividade médica, vê-se o Ser Humano como um todo e não as partes que se apresentam enfermas (a doença); resgatando, assim, a arte de curar. É possível perceber, portanto, uma distinção entre a Racionalidade Médica Convencional Ocidental, onde o foco está na doença, e o funcionamento corporal é visto de forma compartimentada, pela disfunção de diferentes sistemas, e a Racionalidade Médica Chinesa, que focaliza sua atenção na saúde, e o funcionamento corporal é visto de forma global, com atenção ao ajuste, à Saúde, à restauração da vida e seus movimentos; é vitalista e está em continua ação; os conceitos desta racionalidade são atrelados às vivências do pensamento enquanto ação. Essa reflexão é pertinente porque é ela que nos leva a uma nova forma de estruturar o pensamento e as ações numa ótica diferente. A racionalidade Medica Chinesa apresenta um sistema de conceitos vitais, sistema de diagnose e sistema de terapêutica não-reduccionistas. Nessa forma de atenção e cuidado, não só o paciente é visto como uma totalidade mas a relação que se estabelece entre terapeuta e paciente organiza uma estrada, um caminho, um tratamento. É a busca terapêutica no lugar do diagnóstico da doença!

Figura 23: Postagem Principal (Racionalidades Médicas)

Ressalta-se esse aspecto pois há críticas informais³¹ recorrentes a esse subterfúgio acadêmico para entendimento de outros sistemas médicos, afirmando-se, com certa razão, que há uma tendência a criar uma homogeneidade, principalmente em relação à Medicina Chinesa,

³¹ Ouviu-se algumas críticas em discussões informais, notadamente em Simpósios e seminários de Medicina Chinesa e nos grupos de discussão sobre a regulamentação da Acupuntura em redes sociais, relacionadas à adoção da construção teórica “tipos ideais” de Max Weber para a realidade vasta de sistemas médicos milenares.

 **Re: A Racionalidade Medica Chinesa**
por [nome] - terça, 11 setembro 2012, 21:12

"É perceptível e importante ressaltar que, na Racionalidade Medica Chinesa se coloca o sujeito no centro da atividade médica, ve-se o Ser Humano como um todo e, não as partes que se apresentam enfermas (a doença); resgatando assim a arte de curar."

Essa é a parte que mais me fascina em racionalidades médicas como a chinesa. Colocar o ser humano no centro do processo, dá-lo a certeza de que a cura está ao alcance de qualquer um, é um resgate da auto-estima. E ao "pensar no Homem como microcosmo da natureza" penso que o resgate é de uma auto-estima coletiva.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

Somatória das notas: 5 / 20

 **Re: A Racionalidade Medica Chinesa**
por [nome] - terça, 11 setembro 2012, 21:28

|


Compartilho com você e com todo o fórum, a fantástica oportunidade de aprendizado, de uma nova forma de pensar o ser Humano e suas manifestações. A medicina chinesa desafia a estagnação, bem como a segmentação do ser e propõe a possibilidade do ato de cura, mesmo porque, necessariamente, este ato de cura inicia-se no paciente, que por sua vez busca o seu equilíbrio.

Acrescento que, no meu entendimento (até aqui) a medicina chinesa ao mesmo tempo que propõe a cura, favorecendo uma vida plena e harmônica, nos remete às questões que, a primeira vista, se contrapõem como a finalização de ciclo (declínio da essência), enquanto processo natural e inerente ao ser vivo.

Att.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder


Somatória das notas: 5 / 20

 **Re: A Racionalidade Medica Chinesa**
por [nome] - quarta, 12 setembro 2012, 14:38

Boa tarde |

Participo do seu entendimento a respeito desse tema. A MTC trabalha o indivíduo em sua totalidade, corpo físico e espiritual, em um sistema organizado para despertar no ser humano a capacidade de se manter em harmonia com as leis naturais ou universais que operam em nós e em nosso ambiente, o que não ocorre com a medicina ocidental que analisa o ser humano em partes materiais. A medicina atual concentra-se no tratamento a ser feito no órgão ou na parte do corpo físico que parece ser a causa do sofrimento do paciente. Entretanto, muitas vezes a causa real dessa doença não se situa no local onde há dor. Assim o tratamento não é completamente eficaz quando se limita a curar uma patologia sem que tenha sido feita uma localização de sua origem.

Abraço

 **Re: A Racionalidade Medica Chinesa**
por [nome] - quarta, 12 setembro 2012, 23:15

Boa noite

Vou complementar a postagem que fiz sobre o seu tema com a reflexão de Lena Rodriguez- Terapeuta Multidisciplinar:


"Quando algum estresse perturba essa ordem natural adoecemos fisicamente. A medicina ocidental tem como objetivo restaurar o sistema de equilíbrio, mas apenas no que diz respeito ao físico, contando com uma série de especialidades médicas, trabalhando de acordo com suas percepções e habilidades isoladas, o que complica uma pronta restauração do equilíbrio do sistema.

Já a Medicina Chinesa mantém seu foco na pessoa como um todo. Não há separação do Universo com a humanidade para essa antiga medicina. A MTC parte da função da energia que circula por todo o organismo. Esta energia expressa-se através do eterno movimento Yin-Yang em todo o corpo."

Um abraço e um bom final de semana.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

Somatória das notas: 3 / 20

 **Re: A Racionalidade Medica Chinesa**
por Pedro Ivo - quinta, 13 setembro 2012, 09:08

Madal Luz - fala de acupuntura e medicina chinesa como racionalidade médica **from** multiversidade **on** Vimeo.

Mostrar principal | Editar | Interromper | Apagar | Responder

Figura 24: Atividade Fórum FEMTC

que nunca existiu em sua longa história; a não ser a partir da instalação da República Popular da China e com a consequente standardização da Medicina Chinesa como uma formação médica única que recebeu o nome de *Medicina Tradicional Chinesa*.

Porém, é bom que se lembre, tal recurso teórico vem auxiliando na legitimação de um campo autônomo para a pesquisa, a formação e a prática da Medicina Chinesa, sem passar, necessariamente, pelo crivo e pelas interferências paradigmáticas da ciência médica hegemônica, “numa abertura à diversidade de saberes, diferentes lógicas e formas de pensar, que exigem a possibilidade de diálogo e comunicação entre culturas” (NASCIMENTO et al, 2013, p. 3603)

2.4.2 A Racionalidade Médica chinesa

Como o objetivo desse tópico é simplesmente apresentar a racionalidade médica chinesa, para promover, em seguida, o encontro desse Saber com o Pensamento Complexo, creio pertinente utilizar um trecho da Portaria 971/ 06, a qual define as diretrizes para a inserção da medicina chinesa e outras práticas integrativas e complementares no SUS, como referência:

A Medicina Tradicional Chinesa caracteriza-se por um sistema médico integral, originado há milhares de anos na China. Utiliza linguagem que retrata simbolicamente as leis da natureza e que valoriza a inter-relação harmônica entre as partes visando à integridade. Como fundamento, aponta a teoria do Yin-Yang, divisão do mundo em duas forças ou princípios fundamentais, interpretando todos os fenômenos em opostos complementares. O objetivo desse conhecimento é obter meios de equilibrar essa dualidade. Também inclui a teoria dos cinco movimentos que atribui a todas as coisas e fenômenos, na natureza, assim como no corpo, uma das cinco energias (madeira, fogo, terra, metal, água). Utiliza como elementos a anamnese, palpação do pulso, observação da face e da língua em suas várias modalidades de tratamento (acupuntura, plantas medicinais, dietoterapia, práticas corporais e mentais). (BRASIL, Portaria 971/2006 – SUS)

O trecho acima, retirado de dita Portaria – portanto de um documento oficial em vigor no Brasil - é muito emblemático, ainda que sucinto, para entendermos um pouco a leitura oficial sobre a Medicina Chinesa no Brasil. Fica claro pelo texto que há um reconhecimento de um sistema médico integral pautado em uma outra racionalidade médica, com sua cosmologia, sua doutrina médica, seu sistema diagnóstico e sua terapêutica peculiares e próprios. Por outro lado, essa reconhecida Racionalidade segue refém de outro paradigma no Brasil tendo em vista que os únicos profissionais aptos ao exercício profissional da acupuntura nesse mesmo Sistema

Único de Saúde são, ainda, os profissionais da racionalidade médica ocidental (médicos, fisioterapeutas, farmacêuticos, enfermeiros, psicólogos, etc).

Dito isso, não entrar-se-á nos princípios da teoria YĪNYÁNG (陰陽), Wŭ XÍNG (五行), Substâncias Vitais – SHÉN (神), QÌ (氣), JĪNG (精), XUÈ (血) e JĪN YÈ (津液) – e Zàng Fŭ (臟腑); nem em explicações sobre o sistema de diagnóstico ZHĒN DUÀN (診斷) ou de qualquer elemento concreto da fisiologia e anatomia humana baseados no sistema JĪNG LUÒ (經絡) de Canais e Colaterais, muito menos na terapêutica ZHÌ BÌNG Fǎ ZÉ (治病法則).

Para tal recomendar-se-á a leitura de alguns autores contemporâneos e textos clássicos que constam nas referências³². Principalmente por entender que qualquer tentativa de explanação aqui seria insuficiente e, até mesmo, irrelevante para os propósitos do trabalho. Agora sim, foram resgatados trechos das formulações e discussões empreendidas pelos aprendizes, por meio dos Fóruns das disciplinas, com a intenção de mostrar o potencial construtivo da roda de colaboração e também, por que não, as bases da ciência médica chinesa. Essas discussões estão no tópico 4.3.4.

2.5 OS OPERADORES COGNITIVOS DO PENSAMENTO COMPLEXO

“El gran Saber todo lo abarca

El pequeño todo lo divide.

Las grandes palabras son fuego.

Las pequeñas, balbuceos inútiles.”

(ZHUANGZI,1998)

Para entrarmos na imensidão do Pensamento Complexo sem esgotarmos todas as páginas desse documento, serão elucidados nesse tópico os operadores cognitivos que o caracterizam e que favorecem sua aplicabilidade prática. Segundo Maria Cândida Moraes, tais operadores foram formulados a partir dos princípios-guia do Pensar Complexo, coletados em distintas publicações de Edgar Morin e de outros autores, como Maria Conceição Almeida (1997 apud MORAES, 2008) e MARIOTTI (1999 apud MORAES, 2008) e vieram sob a afluência conceitual de muitas fontes, por assim dizer; desde o Princípio da Incerteza de Heisenberg e o da Complementaridade de Bohr, passando pelas Teorias Autopoieticas de Maturana e Varela, das Estruturas dissipativas de Prigogine e da Enação de Varela, além da

³² Usnchuld (2003); Wang (2001); Kaptchuk (1997); Maciocia (2007), Sionneau (2013), dentre outros

Biologia das Crenças de Bruce Lipton e os postulados Transdisciplinares de Nicolescu (IDEM, 2008).

Para a construção desse tópico, será usada como referência básica o trabalho de Maria Cândida Moraes, “Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais (2008)”, com o apoio dos textos do próprio Morin (1990, 1997, 1999, 2003). E serão usados os *Operadores* tanto para facilitar a aproximação com o Pensamento Complexo quanto para ser um recurso explicativo sobre os caminhos da pesquisa e sobre o próprio olhar da Medicina chinesa.

O *princípio sistêmico-organizacional* favorece o pensamento que une, que religa. A partir desse operador, a pesquisa de caráter complexo parte do princípio de que pesquisador, objeto e o próprio método são inseparáveis e a conduta de um influencia a conduta do outro, inevitavelmente. De modo prático, esse princípio nos condiciona a perceber o objeto inserido em todo seu contexto e de forma processual. É dar importância ao cenário e às motivações dos sujeitos em interação dinâmica com os demais e com o meio.

E quando se fala em pesquisa por aqui, na realidade segundo o pensamento chinês, refere-se à leitura e à compreensão dos mecanismos que regem o dia-a-dia, a vida ordinária, as ciências das coisas pequenas, as correlações, as vozes e os silêncios; é disso que se fala por aqui; não se está em busca de grandes descobrimentos ou da pílula que salvará a humanidade; tampouco – indo já para o lado da religião (propõem-se esta inflexão por não haver, de fato, uma cisão entre essas esferas, no modo taoísta de entender a vida) – de um deus externo e inalcançável; busca-se aqui entender padrões de relacionamento entre as partes e a ressonância dessa dança no todo, e vice-versa.

O *princípio hologramático* coloca em evidência uma visão que contempla o dinamismo e a inseparabilidade entre as partes e o todo, em movimento incessante nos dois sentidos. Uma visão que aproxima sem perder a atenção no todo e afasta sem negligenciar os detalhes. Segundo Morin, “num holograma físico, o menor ponto da imagem do holograma contém a quase-totalidade da informação do objeto representado (MORIN, 1990, p. 108).

Na presente pesquisa, esse princípio é também um convite para que o conhecimento sobre o que se quer revelar seja maturado a partir do movimento de vai-e-vem entre as visões particulares dos participantes e as generalizações sobre a estrutura e funcionamento da plataforma e suas potencialidades; entre os preceitos específicos dos *Emblemas* e a sincronicidade entre eles na configuração de um paradigma emergente.

O *princípio retroativo* é um operador decisivo para a ruptura com a causalidade linear – aquela que espera criar leis gerais, com a assepsia dos laboratórios e, assim, domar os

percalços da natureza – e para a abertura a um olhar que integra e que se ocupa de perceber as configurações do momento. Esse operador explora a noção do retorno constante e auto ajustável de informações dentro de um sistema e sugere que, a partir de uma causalidade circular de natureza fechada, os resultados de uma mesma ação serão, muitas vezes, distintos, já que causa e efeito estão constantemente passando por transformações mútuas.

O princípio recursivo, assim como o retroativo, também quebra a corrente linear de causas e efeitos e a dualidade entre produto e produtor, estimulando a ideia de amalgama inseparável. Esta noção é essencial para entendermos a necessidade de uma mudança paradigmática na educação que abrace a complexidade do processo pedagógico, como sugere Maria Cândida Moraes (2008).

Em relação à didática, por exemplo, é importante combinar diferentes tipos e estratégias, pois existem aquelas que favorecem predominantemente um tipo de causalidade linear, algo mais previsível, ordenado e determinista e que, por sua vez, não dá conta de explicar a realidade educacional de natureza complexa (...) A complexidade da realidade exige também outras formas de explicação da realidade e incentiva a criatividade, bem como a combinação de determinados tipos de estratégias, epistemológica e metodologicamente compatíveis e que privilegiam uma dinâmica não –linear da realidade, bem como a expressão da multidimensionalidade dos processos de aprender e conhecer. (2008, p. 101)

Já o *Princípio dialógico* poderia ser muito bem representado pelo famoso símbolo do TÀIJJÍ 太极³³, com a superação definitiva de qualquer dualidade estanque e mutiladora de processos retroativos, recursivos, sistêmicos e auto-eco-organizadores; em outras palavras, a conciliação definitiva dos contrários é aqui representada.

O *Princípio da auto-eco-organização* é muito pertinente para o entendimento da realidade educacional colaborativa e horizontalizada, onde a autonomia dos sujeitos está atrelada, necessariamente, à dependência a um organismo maior que mobiliza informações mutuamente ajustáveis e retroalimentadas. Maria Cândida Moraes, a partir de Maturana e Varela (1995) e Capra (1997), fala aqui em redes não-lineares e complexas em processo de sinergia ou de convergência (2008, p. 104).

O operador que subverte totalmente a lógica científica convencional e traz novos ares para o fazer científico é, sem dúvida, o associado ao *princípio da reintrodução do sujeito cognoscente*. Não que seja mais importante ou mais “revolucionário” que os outros operadores, não é bem isso. De fato, esse está totalmente emaranhado nos anteriores e nos é difícil separá-

³³ A figura pretende mostrar a união do Yin e do Yang no momento em que eles produzem os 10.000 seres. (GRANET, 1997, p. 369, nota 403)

lo; não obstante, é sabido que uma pretensa isenção e neutralidade do sujeito sempre foi um dos pilares da ciência oficial. Aqui a subjetividade do sujeito cognoscente é resgatada junto com sua criatividade, consciência e história de vida; “toda realidade se manifesta a partir do que o sujeito é capaz de ver, de reconhecer, de interpretar, de construir/ desconstruir e reconstruir em relação ao conhecimento” (MORAES, 2008, p. 106). Ou ainda, como explica Gonzalez Rey:

A capacidade geradora de significados e de sentidos é a de um sujeito que pensa e sente, um sujeito que produz dentro do contexto único de uma história de vida e que aparece em uma multiplicidade de formas, estando constituído em uma multiplicidade de configurações e processos atuais. (2003, p.103)

Por esse caminho, na pesquisa também foi averiguada, de forma objetiva, por meio da tabela de avaliação (Figura 25), a percepção dos aprendizes sobre o vigor da estratégia colaborativa para incentivar a criatividade e a sensibilidade dos participantes. 67,74% dos pesquisados concordam totalmente que essa estratégia favorece a sensibilidade e criatividade, enquanto 25,81 concordam/discordam parcialmente e 6,45 não emitiram opinião.

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		Ø	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambie...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	21x	67,74	8x	25,81	-	-	2x	6,45	1,45	0,81
A estratégia de aprendizagem...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
Nas disciplinas colaborativas,...	22x	70,97	8x	25,81	-	-	1x	3,23	1,35	0,66
As atividades propostas me i...	24x	77,42	7x	22,58	-	-	-	-	1,23	0,43
O uso adequado das TICs (tecn...	26x	86,67	4x	13,33	-	-	-	-	1,13	0,35
A estratégia colaborativa foi ...	21x	67,74	8x	25,81	1x	3,23	1x	3,23	1,42	0,72

Figura 25: Tabela de Avaliação (3ª afirmação)

O *Princípio ecológico da ação* é precioso para a pesquisa ecossistêmica, complexa e transdisciplinar. É precioso para a pesquisa com viés taoísta e para o aprendizado e reconstrução de qualquer conhecimento, em especial do Saber da Medicina Chinesa, tema central dessa caminhada. Segundo esse operador, *toda ação é uma ação ecologizada*, ou seja, é retroalimentada a todo instante pelas influências dos outros e do meio que nos envolve,

acabando de uma vez com os determinismos e com a previsibilidade dos encontros e processos. Evidentemente que os saberes e percepções regidos pelo princípio ecológico clamam por uma reforma nas estratégias educacionais e essas, quando empreendidas para favorecer o imprevisto e a criatividade nos processos de aprendizagem, tendem a gerar gratas surpresas.

A identificação da presente pesquisa com o operador cognitivo *Princípio da Enação* é instantânea e fácil de ser percebida; segundo a *Teoria da Enação*, proposta por Francisco Varela, em linhas gerais, existe uma relação mútua entre observador e observado, ou entre sujeito e objeto, que só existe nessa interação e nessa intencionalidade e convivência. Segundo Maria Cândida Moraes, a qual *traduziu* as noções *neurobiológicas* de Varela (VARELA et al., 1997 apud MORAES, 2008) para o contexto educacional, esse princípio revelaria que

a percepção de qualquer fato em si consiste em uma ação que é “perceptivelmente guiada”, ou seja, que surge à medida que o sujeito observador consegue guiar suas ações na situação local da pesquisa. (...) A evolução de qualquer ação educacional, sendo esta percebida como um sistema complexo depende também de ações consensualmente coordenadas, ou seja, depende de acordos mútuos entre educadores e educandos, para que os resultados possam ser alcançados. (p. 109-110)

Ora, nessa linha de pensamento, a presente realidade investigativa somente pode alcançar uma capacidade construtiva e gerar amarrações cabíveis entre os dados e as correspondências teóricas, graças a esse princípio, já que é justamente a partir da dinâmica relacional entre sujeito e objeto, ou melhor, a partir da coexistência dentro uma unidade maior, que a pesquisa realmente acontece e frutifica. Do mesmo modo que, já adiantando o tópico 2.6, o médico e o paciente (interagente, melhor) devem formar um todo indissociável para que a *pesquisa* evolua, já que todos os dados do paciente só serão dados vivos a partir da leitura subjetiva do médico, e da troca profícua e dinâmica entre ambos.

Para finalizar esse tópico, o *Princípio Ético* trata do respeito às diferenças, do fomento à cooperação e desenvolvimento da cultura ética nos empreendimentos educacionais e de pesquisa. Na aprendizagem colaborativa esse princípio se avoluma já que a construção coletiva implica aceitação à diferença e respeito mútuo, além de fomento das parcerias. Nas pesquisas de qualquer ordem, um dos instrumentos para viabilizar esse princípio é o termo de consentimento informado. Outra importante atitude ética em pesquisa é o retorno dos resultados da pesquisa à comunidade envolvida, durante, inclusive, todo o processo de construção (MORAES, 2008, P. 110). Na presente pesquisa, é importante que se diga, todos os participantes receberam o termo (APÊNDICE VI) e, antes de preencher a pesquisa

(APÊNDICE I), autorizaram o uso dos dados coletados, tanto na plataforma de ensino, quanto na própria pesquisa.

2.6 O ENCONTRO ENTRE COMPLEXIDADE E RACIONALIDADE MÉDICA CHINESA

“La importancia que concede el taoísmo a lo aleatorio, a lo indeterminado, al caos original del que puede surgir todo rebrote, a la fluidez y a la dinámica, así como a la autoorganización espontánea del mundo, se adelanta varios siglos a las reflexiones de pensadores como E. Morin.” (ROBINET, 1999, p. 182)

“(...) eu era movido por aquilo que o tao chama de espírito do vale, ‘que recebe todas as águas que afluem a ele’.” (MORIN, 1997, p. 41)

A comunhão entre as dimensões da racionalidade médica chinesa e os operadores cognitivos da Complexidade será aqui devidamente apresentada. Tal exercício teórico ganha relevância extra nesse trabalho pois escancara a necessidade de uma abertura metodológica que consiga florescer e, assim, honrar, os aspectos ontológicos e epistemológicos da Medicina Chinesa. Uma abertura metodológica que perceba a necessidade do advento de estratégias educacionais e, por que não, científicas, que deem conta da Complexidade do conhecimento médico chinês e de suas circunstâncias. Importante ter em consideração, no entanto, que estamos lidando com *Emblemas* que nos ajudam a refletir sobre o mundo e a caminhar com desenvoltura em meio ao caos, e não com categorias teóricas estanques e estéreis que nos forneçam fórmulas e protocolos de sucesso.

Edgar Morin, em seu texto “Da necessidade de um pensamento complexo” (2003), escreve sobre a urgência de um projeto de conhecimento que teça caminhos, que promova uniões, que dê conta do multidimensional, que acolha o desconhecido e o contraditório, que assuma riscos e rompa as fronteiras das disciplinas – e que, por fim, abertas as disciplinas, que permita-se costura-las numa mandala libertadora, numa trama cheia de entrelinhas, poros e possibilidades.

Nesse mesmo texto, Morin afirma que “o pensamento chinês funda-se sobre a relação dialógica (complementar e antagônica) entre o yin e o yang e, segundo Lao Tsé, a união dos contrários caracteriza a realidade” (2003, p. 19); temos aqui então, devidamente apresentado, um dos operadores cognitivos da complexidade: o princípio dialógico. O mesmo autor, em seu livro *Introdução ao Pensamento Complexo*, fala sobre o que ele chama de *primeiro princípio* para ajudar-nos a pensar a complexidade: “o princípio dialógico permite-nos manter a dualidade

no seio da unidade. Associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos” (MORIN, 1990, p.106).

Outro operador, o princípio recursivo, pode ser facilmente identificado em toda a estrutura de pensamento da medicina chinesa. A investigação chinesa, note-se, não se preocupa excessivamente com as causas e os efeitos, ou por descobrir a causa que leva linearmente a um efeito específico, como entendemos no Ocidente. A maior preocupação reside nas relações entre os elementos que manifestam um determinado Padrão de Desarmonia³⁴. A ideia de “padrões” na terapêutica chinesa leva a uma troca de sentido das palavras, e o que antes era causa ou efeito, agora pode ser tanto causa como efeito e, inclusive, causa e efeito (KAPTCHUK, 1995).

En el ‘pensamiento por patrones’ chino, lo que en un principio podría parecer una causa se convierte en parte del cuadro, inseparable e imposible de distinguir del efecto. El pensamiento por patrones incluye la causa, definiéndola en términos del efecto u convirtiéndola en parte del patrón total. Lo que nosotros en Occidente denominamos una causa tiene poca importancia en el pensamiento chino. Las líneas rectas de causalidad se doblan en círculos. (IDEM, p. 136)

Nesse caminho, segundo os chineses, as pessoas entram em desarmonia devido, principalmente, a três categorias de fatores: falta de ajuste dinâmico entre o organismo e o meio ambiente; desequilíbrios emocionais ou causados por dificuldades de expressão ou transformação das emoções; estilo de vida que desrespeita os mecanismos complementares de ajuste dinâmico. Tais fatores, no entanto, ainda quando esteja instalada uma condição global desajustada, não são contemplados como algo separado do transtorno em si, e sim formam parte da malha complexa que caracteriza a vida.

De modo que o desafio, para o *cientista* que tenta desvendar o quadro, é justamente entender de que modo causa e efeito se emaranham e se confundem. E mais, de que modo, e em que amplitude, tais manifestações (ou sinais e sintomas) nos ajudam a entender os processos intrínsecos de auto regulação – os quais já estão em movimento no organismo. Para esse cientista-estrategista chinês, o mais importante é *deixar advir o efeito*; ou, como esclarece François Jullien, “em vez de se ater aos aspectos opostos das coisas, tais como a consciência comum os percebe, e de mantê-los isolados, o sábio sabe discernir a interdependência deles para aproveitá-los” (1998, p. 140)

Em conformidade com a percepção de uma causalidade cíclica, o segundo princípio postulado por Morin para se pensar a complexidade foi assim anunciado:

³⁴ BIÀN ZHÈNG 辨證

um processo recursivo é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu. [...] A ideia recursiva é portanto uma idéia em ruptura com a idéia linear de causa/ efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que produziu num ciclo ele mesmo auto-constitutivo, auto-organizador e auto-produtor. [...] Juntai a causa e o efeito, e o efeito voltará sobre a causa, por retroação, o produto será também produtor. Ides distinguir estas noções e ides juntá-las ao mesmo tempo. Ides juntar o Uno e o Múltiplo, ides unir, mas o Uno não se dissolverá no Múltiplo e o Múltiplo fará apesar de tudo parte do Uno. (MORIN, 1990, p. 108)

Já o diagnóstico³⁵ na Medicina Chinesa é desenvolvido a partir dos quatro níveis de comunicação (observação, olfação e audição, interrogatório/anamnese, e palpação)³⁶ entre o médico e o paciente. A partir dessa interação, o “diagnosticador” percebe determinados Padrões de Funcionamento no “diagnosticado”, com a união entre todos os sinais e sintomas observados; ou, dito de outro modo, o acupunturista revela o “potencial da situação” e, ao perceber e conceber o tipo de “propensão”, ele simplesmente se apoia na tendência que o organismo já emana; uma tendência para o ajuste que será apenas favorecida, não forçada.

Esses níveis de comunicação podem, aqui, ser comparados aos *níveis de percepção* de Nicolescu (2003) já que o médico deve perceber a realidade e, especialmente o organismo, e sua multidimensionalidade, por meio de níveis diferentes de percepção. Ora, a tarefa desse *cientista* liberto – pois guiado por uma ciência que não pode ser separada da arte, da filosofia, nem tampouco das forças de religação – será então coletar dados por meio do toque, do cheiro, da observação, do escutar e do perguntar. É dizer, por meio dessa coleta multidimensional (sim, a sensibilidade do observador e sua permeabilidade aos sentimentos e, inclusive, às palavras que não puderam ser expressas, são aqui elevadas à categoria de dados imanentes – uma materialização da *Escuta Sensível* e do *Sentipensar*) o cientista chinês busca compreender a complexidade que envolve cada um e cada situação.

Revelados os *padrões de funcionamento*, a terapêutica³⁷ apropriada será então construída, de forma dinâmica e ajustada a cada momento, com a intenção de harmonizar os sistemas dentro do conjunto, e ativar os mecanismos da “transformação silenciosa” (JULLIEN, 1998), ou mecanismos intrínsecos de autorregulação, à semelhança do princípio da *autopoiese* propagado por Maturana e Varela, o qual prega que a circularidade e a inseparabilidade entre o organismo e o meio regem toda a transformação e o ajuste dinâmico, e

³⁵ ZHĚN DUÀN (診斷).

³⁶ Quatro Exames, SÍ ZHĚN(四診): Inspeção, WÀNG ZHĚN(望診); Ausculta e Olfação, WÉN ZHĚN(聞診); Interrogatório, WÈN ZHĚN (問診); e Palpação, QIÈ ZHĚN(切診).

³⁷ ZHÌ BÌNG Fǎ ZÉ (治病法則).

a ontogenia de um ser vivo é uma deriva estrutural, na qual as mudanças estruturais que ocorrem são contingentes com as interações com o meio. Não são determinadas pelas circunstâncias do meio, mas são contingentes com elas, porque o meio apenas desencadeia no ser vivo mudanças estruturais. (2001, p. 81.)

Em sintonia com o sistema de diagnóstico, com a terapêutica chinesa e com toda a teoria básica da Medicina Chinesa e, especialmente, com o Taoísmo, Edgar Morin postula assim o terceiro princípio da complexidade:

O terceiro princípio é o princípio hologramático. Num holograma físico, o ponto mais pequeno³⁸ da imagem do holograma contém a quase-totalidade da informação do objecto representado. Não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte. (MORIN, 1990, p. 108)

Na mesma linha, e com uma sincronicidade interessante, Ted Kaptchuk explica assim o método da Medicina chinesa:

não podemos entender o todo até conhecermos as partes e não podemos compreender as partes sem conhecer o todo. Compreender o detalhe A, por exemplo, não tem um grande valor até que se tenha percorrido todo o circuito da medicina chinesa, e então A se mostra rica e útil. A parte só pode ser conhecida quando o todo é aparente. (1995, p.159, tradução minha)

E parece-nos que fica claro, até mesmo para uma pessoa não iniciada em Medicina Chinesa, que a formação nessa Racionalidade exige uma verdadeira mudança paradigmática, com o deslocamento ou, como sentenciar Elsa Guimarães Oliveira, até mesmo, “ruptura com o modo conservador/ dominante de pensar e realizar EAD e/ou qualquer modalidade de Educação” (2008, p. 15).

Como citado anteriormente, de fato, não cabe aqui aprofundar nas descrições detalhadas que os chineses destilam sobre os mecanismos espiralados que regem o mundo manifesto, mas sim mostrar que existe outro olhar ou outro paradigma nesta sabedoria milenar. Outrossim, recortes da racionalidade médica chinesa podem ser encontrados aqui e acolá pela dissertação e nas *Postagens* dos diversos Fóruns espalhados pelo trabalho e, mais especificamente, nas discussões replicadas no tópico 4.3.4. De todos modos, é recomendável a leitura dos livros dos sinólogos aqui citados, especificamente Jullien (1998), Granet (1997) e Robinet (1999) e dos autores clássicos e contemporâneos da Medicina chinesa.

³⁸ Do original traduzido para o Português Lusitano. MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa, 1990.

Apresenta-se um trecho (Figura 26) da postagem da aprendiz Mã Sã Lã (tópico 3.2.2.1), durante um instigante Fórum da disciplina *Diagnóstico na MC* (4.3.4.3.1), que muito corrobora com o que acaba de ser apresentado sobre o diagnóstico multidimensional da MC e com os operadores cognitivos para o Pensar Complexo:

Olhar o outro é uma espécie de revelação e de epifania: somos revelados e nos revelamos. Me interessa esse “olhar interessado” para conhecer o Outro: pessoas não são padrões! Pessoas são janelas que me mostram outras maneiras de ser e estar no mundo. Na maioria das vezes, muito além de mim mesma e de minhas precárias certezas. Penso que essa noção de troca, de “reflexão espetacular” das almas seja o mais belo que possa acontecer entre dois seres. Acho realmente difícil despir-se do olhar categórico, do vício de escolher sempre um dos inumeráveis pólos de opostos do Tao. Mas acho possível também. Quando “olhamos os outros nos olhos” uma espécie de compaixão nos arrebatava. Com-pathos do grego: reconhecer-se e estar junto ao sofrimento do Outro, meu irmão.

Figura 26: Relato de Mã Sã Lã

CAPÍTULO 3 - OS COLABORADORES

Neste capítulo apresentar-se-á os sujeitos da pesquisa. Além do próprio pesquisador, foram selecionados, por critério de envolvimento com a produção coletiva de conhecimento, aprendizes e professores que participaram da estratégia de aprendizagem colaborativa com suporte computacional na Escola Nacional de Acupuntura, entre 2010 e 2012. A partir, principalmente, de dados primários coletados a partir das interfaces de colaboração (fóruns, glossários e blog) da plataforma virtual, selecionou-se 81 sujeitos. A esses foi encaminhado um email com uma breve explicação e com o link para a pesquisa (APÊNDICE I); ao final do prazo, foram computadas 36 participações, sendo que 35 consideraram importantes suas respectivas participações para a produção coletiva do conhecimento e para a aprendizagem colaborativa, como sinaliza a Figura 27.

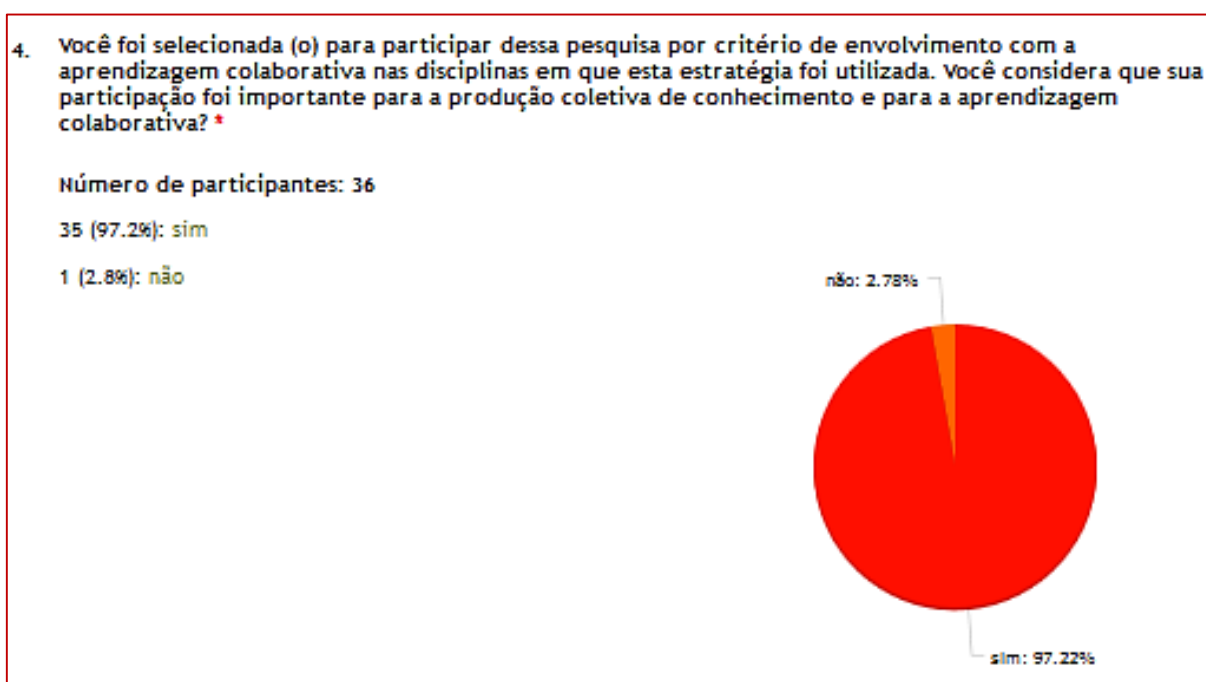


Figura 27: gráfico sobre a participação dos aprendizes

A todos os que participaram efetivamente da pesquisa, ou seja, os 36 supracitados e os professores envolvidos na estratégia colaborativa, foi enviado um convite pessoal para que, caso houvesse interesse e encantamento, confeccionassem suas *História de vida* para compor esse capítulo; 2 professores e 7 aprendizes deixaram seus relatos. Assim, as próximas páginas serão dedicadas à visão, à subjetividade e à sensibilidade dos colaboradores.

3.1 MEU CAMINHO PESSOAL

Partindo da perspectiva ecossistêmica, e da caracterização do estudo de caso como intrínseco (STAKE, 1995), me situo e me apresento como sujeito inseparável do objeto. Primeiramente, pelo fato de ter implementado a ACSC na escola e ter presenciado sua consolidação como estratégia pedagógica. Em segundo lugar, por vivenciar os preceitos da Medicina Chinesa e por ser reconstrutor³⁹ de seus fundamentos. Em terceiro lugar, por ser um agente político ativo na luta pela consolidação do Saber da Medicina Chinesa no Brasil⁴⁰.

3.1.1 Breve histórico acadêmico

Toda a minha educação básica, fundamental e média foi em escolas particulares de Goiânia, pautada no modelo convencional de ensino e no paradigma positivista, reducionista e mecanicista – sem esquecer o viés mercantilista que se aninha perfeitamente aqui. Quando cheguei ao segundo grau, sabe-se lá por que motivos (poderia ser a influência de meu Avô Marini, um clínico geral que se aventurou pelo interior do Brasil em meados do século passado, e de meu saudoso pai, o Carlão, que tinha por dedicada profissão a lida com a *ausência de consciência reversível* nos pacientes) já estava convencido que minha profissão seria Medicina. Ainda muito jovem, por meio de um vestibular deveras disputado, entrei na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Em resumo, o curso foi para mim, desde seu início, uma grande decepção. Todo aquele tecnicismo desumanizado realmente não me cativara e fui me afastando progressivamente da faculdade até a saída completa em 1996 – momento em que me penalizava e pensava quão equivocado estive nas minhas escolhas, sem dar-me conta, ainda, que o tempo não era essencial e sim a própria essência (ANTHONY, 1997).

A partir desse momento começou uma caminhada instigante. Iniciei meus estudos em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia, na Universidade de Brasília, e a multiplicidade de visões sobre a realidade, e suas tênues fronteiras, alargou meu mundo e

³⁹ “Além de aprendiz e inovador permanente, construtor e reconstrutor do conhecimento e de sua própria aprendizagem, um bom docente é aquele capaz de ajudar seus alunos a desenvolver habilidades e competências consideradas fundamentais à sua sobrevivência e transcendência” (MORAES, 2007, p19)

⁴⁰ Nos últimos anos estive à frente do Projeto Acupuntura Independente, criado em 2008, de forma colaborativa, para informar e debater sobre a regulamentação plena da profissão acupuntura/MC e da formação em nível superior. Além do blog, também foi criado um grupo no facebook que chegou a contar com 5000 membros. No final de 2013 o grupo foi fechado por uma demanda judicial, e assim permanece. Também fui vice-presidente da sociedade brasileira de acupuntura tradicional (SBAT), com sede em Brasília e organizei, em conjunto com outros membros ativos de Brasília, o ENAPEA – DF (Encontro Nacional de Profissionais e Estudantes e Acupuntura).

ampliou minha caminhada. Inaugurou-se em mim um excedente de possibilidades que me levou a querer conhecer a Medicina Chinesa.

Minha primeira mestra nas artes taoístas foi Carlota, uma professora catalã com olhos brilhantes que nos incentivava a fazer um diário de nossa jornada e nos instigava a sair sem medo da visão dualista e encolhida da vida. E falava sobre o Coração (Xīn 心) como quem fala de um Soberano que, caso esteja iluminado, mantém todos em paz. A prática do QÌ GŌNG 氣功 antecedia as aulas e nos sintonizava com o sagrado que habita qualquer momento. O fincar os pés no chão enquanto levantava-se as mãos aos céus abria em nós uma espécie de ancoragem deslizante. “Firme, sem ser rígido; suave, sem ser mole”, ouvia-se em bom catalão, enquanto fazíamos a *caminhada do guerreiro* em direção ao auto ajuste incessante, à eterna conciliação dos opostos.

Já de volta ao Brasil, assumi a coordenação pedagógica da escola em 2009. Minha saída, por outro lado, ocorreu no final de 2012, depois de minha aprovação no Mestrado Acadêmico do PPGE-UnB, com o projeto intitulado “A Aprendizagem Colaborativa na construção de um Saber Complexo e Transdisciplinar: o papel da CSCL na Formação em Acupuntura/ Medicina Chinesa”. Em síntese, a presente dissertação é fruto dessa caminhada e, especificamente, da comunhão de pessoas em um projeto de aprendizagem comum.

3.1.2 O Mestrado em Educação

Eu poderia começar dizendo que muitas inquietações me assaltaram antes de decidir escolher o Mestrado em Educação, e com este foco. Poderia enunciar, por exemplo, que os relampejos da antropologia da ciência me chamavam, já que tenho habilitação em Antropologia (dentro do bacharelado em Ciências Sociais) e trabalho com um formato de conhecimento que não é contemplado pela ciência médica oficial (ou pela racionalidade biomédica contemporânea ocidental) e, tampouco, por *cientistas ex officio* – a não ser que queiram ignorar ou menosprezar o Saber que dá sentido à acupuntura e forjar outras explicações moldadas nas “caixas-pretas” dos laboratórios (Latour, 2000) e, assim, justificar suas expropriações.

Poderia dizer também que uma “coceira” por legitimidade me incomodava – já que somos, nós, os acupunturistas clássicos e desvinculados de qualquer profissão da saúde convencional, institucionalmente⁴¹ excluídos no Brasil - e que havia pensado em tentar o

⁴¹ “Contudo é em 1995 que se dá o marco histórico de início da quarta onda: o CFM volta atrás, reconhece a acupuntura como especialidade médica e passa a combater a prática por técnicos e outros profissionais. A partir deste momento acirram-se as disputas em busca de regulamentação.” (Massière, 2011, p.19)

mestrado em ciências da saúde para demonstrar que a medicina chinesa tem sua lógica própria e sua eficácia, a despeito da tentativa de simplificação e usurpação de seus mecanismos pela ciência dominante, e que eu e meus pares somos também cientistas e profissionais legítimos.

Ou, ainda, e pela mesma razão anterior, seguir firmemente a luta política e defender a nossa Identidade de Resistência (CASTELLS, 1999) – o *Projeto Acupuntura Independente* (Figura 28), idealizado por mim e fomentado em colaboração com outros membros do movimento *ENAPEA (Encontro Nacional de Profissionais e Estudantes de Acupuntura)*⁴², especialmente Roberta Blanco, chegou a contar com mais de 5000 membros em um grupo de uma rede social e sua pauta principal era a *defesa da Acupuntura como profissão Autônoma e Independente* e a salvaguarda desse *Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade*⁴³ (UNESCO).

Ainda poderia explicitar vários outros caminhos que pululam no meu universo particular, pedindo para sair; inclusive a insana senda da poesia, trilhada pelo meu homo demens (MORIN, 2003), ainda marginalizado em mim, e que, até ele, vez por outra, sai dos antros e respira e pede para continuar respirando, como tudo que vive. Mas não. A verdade é que nada disso passou pela minha consciência; ou passou com tanta profundidade que se aquietou, sabendo que estaria sempre ali, por onde eu andasse.

O fato é que, quando me dei conta, estava inscrito na seleção para o mestrado em educação na linha de pesquisa Educação, Tecnologia e Comunicação, com eixo de interesse na Aprendizagem colaborativa online e interfaces estéticas virtuais de colaboração. Por quê? Bom, o único que posso vislumbrar é que os mecanismos da sincronicidade são perfeitos; e me levaram, sem titubear, por esse caminho que venho trilhando. E foram desenhados de tal forma que não me deixaram dúvida sobre a necessidade de expor e compreender minha trajetória recente compartilhada, e suas implicações, com a implantação da aprendizagem colaborativa com suporte computacional na formação de estudantes de acupuntura.

⁴² O ENAPEA – Encontro Nacional de Profissionais e Estudantes de Acupuntura é um movimento que nasceu das redes sociais, especialmente da Comunidade Discutindo Acupuntura, do ORKUT. O principal objetivo do movimento é levar informação sobre a realidade da Acupuntura no Brasil e fomentar a luta para que se ofereçam, em nosso país, cursos de GRADUAÇÃO em ACUPUNTURA, caminhando assim para a REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO. Nesta luta, o comitê central do movimento, composto no primeiro encontro fora do ambiente virtual, durante o I ENAPEA – RJ, conta com a adesão de colegas de todo o Brasil para organizar o ENAPEA no seu estado ou município, compartilhando os mesmos ideais (descrição retirada da página https://www.facebook.com/ENAPEA/info?tab=page_info).

⁴³ A acupuntura e a moxibustão, especialidades da Medicina Tradicional Chinesa, com eficácia terapêutica reconhecida pela Organização Mundial da Saúde, foram incluídas na lista de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 17/11/2010 durante a V sessão do Comitê Intergovernamental, da Unesco. Acesso ao documento completo: <http://www.unesco.org/culture/ich/en/RL/00425>.



Figura 28: Projeto Acupuntura Independente

Na ocasião em que apresentei o projeto para a seleção do mestrado, tinha a intenção de desenvolver uma pesquisa-ação na escola de forma colaborativa com os aprendizes e com outros professores. Estabelecer-se-ia, assim, “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447) e teríamos um projeto com um lado utilitarista direto. Mas os movimentos serpenteantes da vida são certos e me afastei da escola e me mudei de Brasília na mesma época em que o projeto foi aprovado.

Durante o mestrado, o qual comecei com um certo desconcerto devido ao narrado no parágrafo anterior, me surpreendi positivamente, em um primeiro momento, com a oferta de algumas disciplinas *não-convencionais* e depois com a profundidade e potencial criativo de algumas disciplinas cursadas; *Pesquisa em Educação e Laboratório de Pesquisa*, por um lado, com a sistematização de métodos e técnicas de pesquisa em Educação, e *Abordagens Metodológicas Transdisciplinares, Fundamentos Epistemológicos da Transdisciplinaridade e Tecnologias Interativas na Educação*, por outro lado, ofereceram uma boa base epistemológica e metodológica para o processo de desconstrução-reconstrução do projeto, até a sua finalização.

Também os encontros colaborativos entre os orientandos da nossa linha de pesquisa, sob a mediação de Lucio Teles, se confirmaram muito inspiradores e produtivos.

3.2 CAMINHOS

"Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a fazer parte dos pássaros que a gorjeiam." (BARROS, 2010, p. 258)

Como já comentado anteriormente, os “informantes” foram selecionados de duas formas: um primeiro grupo, formado por aprendizes que se envolveram ativamente com a estratégia colaborativa e que, por conta disso, assumiram sequencialmente a monitoria e, logo depois, a condução de disciplinas como professores ou facilitadores e seguiram aplicando os fundamentos da ACSC e a estratégia colaborativa; um segundo grupo de aprendizes selecionados a partir da análise, principalmente, das atividades *Fórum* na plataforma colaborativa, por critério de participação.

Com os primeiros foi criado um grupo de discussão em uma rede social (Figura 29) para a coleta de informações de forma colaborativa, com a apresentação de textos e motivações para a pesquisa e para a coleta de impressões pessoais e debates sobre o objeto e sobre o projeto de pesquisa. Esse primeiro grupo foi formado a partir de uma ideia inicial do projeto de mestrado; escolher-se-ia os participantes que se adequavam à sequência explicada acima (aprendiz > monitor > facilitador) e que, além do mais, tivessem conduzido uma das seguintes disciplinas: *Fundamentos do Pensamento Oriental, Diagnóstico na Medicina Chinesa, Estudo de Pontos e Meridianos e Alimentação Terapêutica Chinesa*. A escolha dessas disciplinas naquele momento embrionário do projeto se devia à característica iniciática nos preceitos do taoísmo e do pensamento chinês, no caso da primeira, e à característica de imersão na ciência médica chinesa, no caso das outras três; também devido a que estas foram as primeiras disciplinas que experimentaram a estratégia colaborativa com suporte da escola virtual.

Com o desenvolvimento do trabalho, como é de se esperar numa realidade Complexa, algumas mudanças aconteceram, tanto nos rumos do projeto quanto na caminhada dos interlocutores, e os ajustes vieram. O projeto construído para a seleção do mestrado do PPGE (Programa de Pós-Graduação da faculdade de Educação) da UnB, o qual era inicialmente concebido para o desenvolvimento de uma pesquisa-ação, passou por uma obrigatória transformação desencadeada por minha saída da escola e de Brasília. Essa foi a mudança mais substancial.

Alterar foto do grupo

Entrou Mensagem Notificações

O tao da colaboração Membros Eventos Fotos Arquivos Procurar neste grupo

Publicar Foto/Vídeo Perguntar Arquivo

Escreva algo...

PUBLICAÇÃO FIXADA

Pedro Ivo
25 de março de 2014 ·

Contribuição , que replico por aqui...
Pedro Ivo!

Que material fantástico! A leitura dos textos me fez refletir sobre muitos aspectos de minha formação, tanto a ocidental como enfermeiro, quanto como acupunturista pela ENAc e também como professor de ambos os mundos... Venho pensando muito a respeito de formação de currículos, projetos acadêmicos e educativos, pois o setor que estou trabalhando no momento é exatamente responsável por análise de projetos dess...
Continuar lendo

Curtir · Comentar · 1 4

curtiu isso. Visualizado por 3

Acho fantástico nossa sintonia de interesses. Há algum tempo já que o tópico da educação vem roubando minha atenção e despertando diversos questionamentos antigos, até mesmo de meus tempos de ensino médio. O meu contato com o pensamento oriental, a MTC... Ver mais
21 de abril de 2014 às 17:05 · Editado · Descurtir · 1

Pedro Ivo , pessoa! Saudações! Amanhã passarei por aqui prá gente conversar um pouco.....
Adorei sua contribuição, camarada.....
21 de abril de 2014 às 00:14 · Curtir

Pedro Ivo Sobre aprendizagem colaborativa, realmente o ponto mais importante, e tema central de meus estudos, é o potencial de transição paradigmática na educação, com a mudança na construção do binômio ensino-aprendizagem - descentralizado da figura do ... Ver mais
22 de abril de 2014 às 10:19 · Curtir

Pedro Ivo Sobre o depoimento do : achei muito enriquecedor! Fiquei na querência de mais. E o certo e que, por mais que eu tenha dado um direcionamento concreto na postagem anterior (para facilitar mesmo), esse tipo de relato é muito bem vindo e, indiretamente... Ver mais
21 h · Curtir

Escreva um comentário...

SOBRE 5 membros

Grupo secreto

Grupo criado para que o(s)sujeitos da pesquisa (nós) possam fazer postagens direcionadas para os propósitos do mestrado.

Questões pontuais - algumas que seriam elaboradas previamente por mim, e outras que serão construídas por todos nós - serão apresentadas.

É muito bem-vinda e esperada a apresentação de vossas percepções sobre a aprendizagem colaborativa em sintonia com o pensamento chinês, bem como a experiência concreta de vocês. E como foram tocados, e vossos alunos, pela construção coletiva do conhecimento, em formato misto, presencial e virtual.

O espaço também servirá para a exposição de atividades que foram especialmente produtivas, para percalços, dificuldades, discussões interessantes que brotaram no moodle, etc.

E terá que ser no tempo de cada um, na vontade de cada um; na toada da necessidade de expressar o que pede para sair e nos caminhos do que não pode ficar sem cair na imensidão....

Gratidão pela participação de vocês e vamos juntos....

abraço! · Editar

5 membros · Enviar mensagem · Convidar por e-mail

Adicionar pessoas ao grupo

Marcações:
Complexidade · Transdisciplinaridade · Medicina tradicional chinesa

CRIAR NOVOS GRUPOS

Os grupos tornam mais fácil compartilhar com amigos, familiares e companheiros de equipe.

+ Criar grupo

Figura 29: Grupo de discussão na rede social Facebook

A partir daí, o delineamento de pesquisa que começou a se avolumar, influenciado por meu interesse prévio na sincronicidade entre Pensamento Complexo, Transdisciplinaridade e Sabedoria Chinesa, e, depois, por minha convicção em lançar mão da perspectiva ecossistêmica como método e olhar, foi o Estudo de Caso; tal delineamento, ao favorecer o estudo multidimensional da Ocasão, com a atenção no processo (ao invés de atenção fixa no resultado)

e com a possibilidade de imersão em profundidade, sem perder a flexibilidade, se assentou muito bem no projeto.

Nesse novo cenário, também o grupo de discussão assumiu uma leveza maior e passou a ser conduzido por nós de forma mais orgânica. Aqui também ocorreram algumas mudanças: uma das colaboradoras, a professora Lā Fǎ, apesar de seu grande interesse inicial, não pôde sequer começar a roda de colaboração. Outro professor se desligou da rede social e passou a colaborar por meio de mensagens de *email*. O grupo de cinco, a contar comigo, passou a ter três integrantes. Mais tarde, dois outros professores passaram a contribuir sem, no entanto, entrar na roda de colaboração, ou no grupo criado; os relatos foram enviados diretamente a mim. Não obstante, nada disso se configurou como um problema, de fato. Na toada do ajuste dinâmico, boas contribuições do grupo enriqueceram o trabalho e serão apresentadas a seguir.

Os nomes dos facilitadores, e dos aprendizes que enviaram suas *Histórias de Vida*, foram substituídos por nomes em Pinyin e foram ocultados outros nomes, sempre que houve alguma citação direta. Os relatos são apresentados na íntegra, com grifos em trechos considerados emblemáticos, importantes, sensíveis ou fortes. Os facilitadores, recorda-se, foram todos aprendizes e monitores na mesma instituição.

3.2.1 Os caminhos dos facilitadores

3.2.1.1 Conversas com Léi Tuō e Dān Zí

Léi Tuō: Que material fantástico! A leitura dos textos me fez refletir sobre muitos aspectos de minha formação, tanto a ocidental como enfermeiro, quanto como acupunturista pela ENAc e também como professor de ambos os mundos... Venho pensando muito a respeito de formação de currículos, projetos acadêmicos e educativos (...) a cabeça tem fervilhado de tantas teorias da área educacional. Foi realmente um prazer o contato com seus textos - sem falar na sensação agradável de nostalgia ao lembrar uma das épocas do meu despertar na ENAc. A aproximação com o nosso currículo escolar para uma escola de *Acupuntura* (Tradicional Medicina Chinesa) é um desafio semelhante à apropriação – por parte de certos autores relativamente bem conhecidos no meio acadêmico – da forma de saber ancestral e de outra Racionalidade Médica, e semelhante à tentativa de expressá-la em termos ocidentais, à nomenclatura anatômica ocidental, aos diagnósticos médicos correntes, e sugerindo tratamentos padronizados, "protocolos" universais de pontos, nos moldes de "prescrição" médica ocidental. Por um lado, a inserção de metodologias de ensino tradicionais, da maneira que conhecemos

no oriente - ou seja, a tradição oral, e a construção circular do conhecimento - são ineficazes. Não afirmo com isso que o aluno ocidental é incapaz de adquirir as habilidades do terapeuta tradicional. Mas sabemos que, mais do que ferramentas educacionais diferentes (e numa racionalidade médica completamente absurda para a mente ocidental!), o contexto prévio de visão de mundo do estudante é a principal muralha com a qual precisamos lidar. Há um texto bastante interessante de Maria Davini (1989), da qual retiro o seguinte trecho: "necessário destacar o peso dos fatores socioculturais, não só a respeito da classe social a que o sujeito pertence, mas especialmente quanto aos padrões culturais (visão de mundo, mitos, tradições, estrutura familiar, etc.). Estes têm fundamental importância, já que conformam no sujeito esquemas de percepção de pensamento sobre a realidade(...)". No meio disso, um estudante profundamente inserido nas metodologias de ensino tradicionais (que, aqui entre nós, já são inadequadas até mesmo para o ensino convencional ocidental), dificilmente será "tocado" pelo conteúdo teórico das medicinas tradicionais, por mais brilhantes que sejam. O estudante das medicinas tradicionais é um adulto, que já vem com todas as ferramentas de experimentação e apropriação do conhecimento formadas - e dá-lhe Piaget! - e até que o processo lento de readaptação de valores e conceitos aconteça, o tempo de curso já acabou, e muito conteúdo essencial já passou sem ser apropriado. Por outro lado, oferecer aos estudantes formas de ensino baseadas na didática ocidental pode tender a "engessar" o pensamento chinês. Isso se assemelha à forma de ensino adotada por autores como o Maciocia, que independente do inquestionável conhecimento na área, adota a postura editorial dos livros de medicina ocidentais. A transposição desse conteúdo teórico para a aplicabilidade prática, talvez seja um desafio comparável ao do parágrafo anterior. O nosso ensino ocidental não contempla aquilo de mais precioso que há no saber médico: a consciência da singularidade humana. Uma estagnação do Qi de Gan tem uma série de "sintomas característicos", porém cada manifestação terá sua forma única em cada momento único de uma única pessoa. O ensino nos moldes ancestrais (leia-se o oriental...) sabe como lidar. O ocidental é útil como chave de acesso a determinado nível da superfície, mas não tem ar suficiente para as profundezas. Obviamente, temos que admitir que para lidar com o "sistema operacional" das mentes ocidentais, o ensino que será a "pedra de toque" passa pelas metodologias de ensino convencionais. É a língua que eles entendem. Mas sem um plano pedagógico consistente e inovador - o que é um desafio gigante! - corre-se o risco de formar "repetidores de protocolo". Assim, fica-se dependente da sede do aluno em procurar, muitas vezes após sua formação, um caminho particular de aperfeiçoamento e de "real descoberta" do que a TMC é de fato. Ou conformar-se com a idéia de que vários deles permanecerão no "ler o padrão - aplicar agulhas pré-definidas", e felizes com a eficácia que

essa maravilhosa ciência gratamente fornece. A mim, lembra uma águia que empurra suas crias do ninho, após ensiná-las os primórdios do voo. A diferença é que a águia sabe o momento certo de fazê-lo. Os planos acadêmicos têm data definida. Há uma série ampla de mudanças necessárias quando se muda o paradigma de pensamento, e o paradigma educativo. Tomo aqui a liberdade de incluir outro trecho. Dessa vez, relatando a experiência contrária: o ensino de medicina ocidental a estudantes chineses ("A Medicina na China", 1974): "(...) O currículo exigia que os estudantes estudassem até seis ou oito anos, mas depois de se formarem, eram incapazes de tratar por sua conta até as doenças mais frequentes. Separados do grande hospital, com seus laboratórios e seus modernos equipamentos, encontravam-se com o limite de suas habilidades. Durante seis anos, três quartas partes do seu tempo gastava-se estudando textos e recitando teorias abstratas... o trabalho pré-clínico para o qual os estudantes não podiam encontrar uso efetivo, as teorias supostamente básicas que tinham que memorizar. A educação nas escolas médicas tem realizado durante anos seguindo o mesmo método com que se embute alimento para engordar os patos de Pekin. Os estudantes memorizavam os materiais para os exames e, uma vez terminada sua tortura, se esqueciam de tudo". Pavoroso, não é? E não duvido que essa caricatura poderia muito bem ser aplicada em alguns aspectos aos nossos estudantes de TMC... Divaguei demais, talvez inspirado pelos seus textos deveras interessantes e inspiradores! Na minha percepção, tanto como aluno quanto como professor, a ferramenta on-line (moodle) realmente se mostrou bastante útil para minorar esses entraves "pedagógico-culturais". Mormente se utilizado não propriamente como repositório de informações e textos, mas como espaço de manifestação individual, de acesso espontâneo, limitado apenas pelo acesso à rede, e não mais ao curto período de convivência em sala-de-aula. Mas ressalto o termo "ferramenta". Ele precisa de um pensamento moderador e articulador de estratégias por trás, que pode ser na pessoa do professor, mas idealmente penso como compartilhado com os alunos. Senão, acaba se tornando guarda-textos e caixa de correio destinatária de provas escritas. Como eu - e você mesmo - já vimos acontecer. Nesse caso, ele se assemelharia à caixa de ração dos patos de Pekin, com a diferença que os patos são induzidos a pensar que querem comer...

Ah, sim... Caso seja interessante, as duas referências que citei foram:

- Davini, MC. Do Processo de Aprender ao de Ensinar. In: Brasil, Capacitação Pedagógica, Brasília, MS/MEC/MPAS/OPS, 1989.
- Sidel, R. e Sidel V. La Medicina en China. In: Bordenave, JD. A Pedagogia da Problematização na Formação dos Profissionais de Saúde. Disponível em: <<http://www.unibarretos.edu.br/.../PEDAGOGIA%20PROBLEMATIZADOR>

Eu: Sobre o depoimento do **Léi Tuō**, achei muito enriquecedor! Fiquei na querência de mais. E o certo é que, por mais que eu tenha dado um direcionamento concreto na postagem anterior (para facilitar mesmo), esse tipo de relato é muito bem-vindo e, indiretamente, toca em muitos pontos essenciais. E só para finalizar, tenho que afirmar que o maior intuito dessa estratégia de coleta de dados não é a de "encher um cântaro, mas a de acender um fogo", e creio que a perspectiva ecossistêmica (como olhar e método) se regozija desse caminhar em construção.... Abrações!

Dān Zí: Acho fantástico nossa sintonia de interesses. Há algum tempo já que o tópico da educação vem roubando minha atenção e despertando diversos questionamentos antigos, até mesmo de meus tempos de ensino médio. O meu contato com o pensamento oriental, a MTC e o Moodle na ENAc, seguido de retorno ao método tradicionalíssimo de cursinho pré-vestibular e, posteriormente, de entrada em curso universitário com método PBL foi um passeio pedagógico estonteante. Há tanto para ser modificado, talvez mesmo revolucionado, nos moldes de educação atual que muitas vezes nem sei por onde começar a pensar no assunto. Mas há algumas recorrências importantes nas diferentes propostas de ensino e discussões sobre o assunto que tenho acompanhado. Uma delas é dar um papel mais ativo ao aluno, que passa a fazer mais contribuições ao aprendizado, diminuindo o hiato hierárquico que se impunha entre aluno e professor, formalizado na dicotomia de um agente sábio/ativo e outro agente ignorante/passivo. Na ACSC, é o aspecto colaborativo que acredito ser um dos termos chaves para a mudança do paradigma da educação. Tenho certeza de que a tecnologia computacional pode ser de grande auxílio nesse quesito. O Moodle, por exemplo, oportuniza uma interatividade do aluno como contribuinte do processo de aprendizado, possibilitando-lhe acessar parte do ambiente e conteúdo escolar de sua própria casa, fazer sua reflexão em tempo próprio e, então, dar sua devolutiva sem muita restrição de tempo ou de espaço para isso. Me lembro de ver algumas contribuições mais autênticas e inovadoras dos alunos através do Moodle. Por exemplo, durante o estudo de observação da língua na disciplina de diagnóstico, era pedido que os alunos analisassem fotos de línguas dos livros da disciplina e comentassem a respeito. Alguns alunos foram além da experiência restrita ao conteúdo dos livros e postaram fotos de línguas de familiares e até mesmo de animais de estimação enriquecendo significativamente a discussão. Um ponto importante aqui é perceber a liberdade que o aluno tem de dar atenção a interesses próprios mais específicos como, por exemplo, o de estudar animais ou mesmo uma classe específica de pessoas (idosos, crianças, gestantes). Pedro, ainda não concluí a leitura do artigo que nos enviou. O tema é tão estimulante que cada tópico lido

me pede mais vários minutos de reflexão. Contribuirei mais, aos pouquinhos como o tempo permitir. Grande abraço!

Eu: Sobre aprendizagem colaborativa, realmente o ponto mais importante, e tema central de meus estudos, é o potencial de transição paradigmática na educação, com a mudança na construção do binômio ensino-aprendizagem - descentralizado da figura do professor e pulverizado nas contribuições de todos os envolvidos e na construção coletiva do conhecimento. O caminho conceitual que venho trilhando também aponta para a contribuição do Pensamento chinês para o fortalecimento desse novo olhar, já que toda a construção teórico-prática da MC é o resultado da vivência de seus praticantes e o compartilhamento de percepções e experiências *in vivo*; e muito menos a partir de conceitos engessados ou forjados *in vitro*.

3.2.1.2 Nán Duō: o caminho sem volta do retorno à origem

Bom, farei um breve relato de como me envolvi com a Medicina Chinesa. Desde criança sempre li muito. Os livros para mim eram como um portal para a compreensão das coisas. Acabei entrando no curso de Filosofia na Universidade de Brasília. Pensava que a Filosofia me daria um amplo leque de estudos e visões. Com o tempo percebi como o tratamento dado ao pensamento filosófico estava engessado pela academia. Durante um tempo, cursei matérias da psicologia e literatura – que me pareciam levar ao que realmente buscava. Aos poucos descobri a filosofia oriental e me interessei bastante. O acesso era muito limitado e as interpretações do pensamento oriental muito estreitas. Por fim, diante da frustração em relação ao curso de Filosofia abandonei a UnB. Era patente a desconexão entre o pensamento e o corpo. A filosofia estava muito aquém na compreensão dos processos internos e as nuances que surgiam com as experiências de vida e os processos emocionais. Passei um período estudando sozinho. Lendo o que podia sobre o pensamento oriental. Reli meus últimos escritos do curso e percebi que o tema central era sempre o corpo. Tomei consciência da necessidade de me reconectar comigo mesmo. Então, passei por um período de reformulação dos hábitos, de perceber como me sentia a medida que mudava. Comecei a praticar Tai Chi Chuan. Comecei a mudar a alimentação. Quando vi um anúncio de um curso de acupuntura percebi que era o caminho. Vi o quanto a Medicina Chinesa era indissociável da Filosofia que a fundamentava. Me matriculei no curso. Mergulhei de cabeça em outro modo de vida. Aos poucos tomava consciência dos processos internos, da fisiologia, das emoções, da alimentação – e pude ver como estava tudo interligado. A experiência da Medicina Chinesa passa muito pela interação, pela troca de experiências. Para uma compreensão plena desse saber é preciso acessar o nível mais intuitivo, perceber como os

outros compreendem as questões estudadas. Ter abertura para aprender com quem já está inserido na prática. Todo o aspecto sutil da Medicina Chinesa só é verdadeiramente captado pela vivência filosófica da prática. A abertura à linguagem simbólica da Medicina Chinesa permite a conexão com vários níveis, como a mitologia, a poesia e os insights que decorrem da absorção da vivência médica em toda sua complexidade. Uma vez acessado esse saber profundo é impossível voltar ao que era antes. Voltamos transformados e ansiosos por ajudar aqueles que buscam encontrar seu lugar no mundo.

3.2.1.3 Sài Nóng: mandala pedagógica

Meu primeiro contato com a MC foi com o Feng Shui, aproximadamente em 2001, em João Pessoa/PB. Era moda na época. Achei curioso e resolvi experimentar e, surpreendentemente, deu resultado. Me mudei para Brasília em 2002 - acredito que nisso tenha o dedo dessa sabedoria milenar de harmonização dos ambientes. Em 2004 fiz um curso de Shiatsu e comecei a ter noção de meridianos da acupuntura. Em 2005 descobri a então Escola ITTI, hoje ENAc, e lá iniciei o estudo da acupuntura. Sem querer, mas rasgando a seda, foi o professor que, na minha opinião, mudou a didática daquela escola. Até a sua chegada pensava dia e noite em desistir, porém, com a chegada desse indivíduo rígido e de linha dura, que tudo mudou. Eu comecei a compreender a MC com o professor, eu e toda minha turma. Para mim, foi incrível sua passagem no período do meu curso. Quando o assunto é Acupuntura na ENAc, com os colegas da minha turma, é impossível não citar a passagem e a importância do professor. Com ele aprendemos a MC na prática. Hoje sou acupunturista. Percebo como é maravilhoso o TAO Chi que sustenta e oferta generosamente a vida; como é espetacular suas polaridades e seus ciclos. Cada paciente é um aprendizado; a cada consulta cresço conjuntamente com ele (paciente – interagente). Em 2010 passei a lecionar na ENAc, sob a coordenação pedagógica do Professor. Passei a utilizar o moodle, uma ferramenta pedagógica para mim inovadora. Tal dispositivo potencializou a minha interação com o alunado, possibilitando vários atalhos através de fóruns, blogs, sites, etc, permitindo a expansão da aula. Era algo que não dispus quando estudara a MC porém, ao utilizar como professor, foi de grande valia - aprendi muito com este. Toda hora estava ligado com o alunado e a escola, o que potencializava a dialogicidade e horizontalidade do aprendizado. Era uma espécie de mandala pedagógica onde todos e todas interagiam, debatiam, discutiam e "escambavam" informações.

3.2.2 Os caminhos dos aprendizes

“Em suas relações com a realidade, o ser aprendiz participa com toda a sua inteireza, nutrido por emoções, intuições, desejos e afetos, inseparável de sua história de vida. Em seus processos de aprendizagem o mental e o físico, a razão, a emoção e a intuição já não mais se separam, bem como o passado, do presente e do futuro.” (MORAES, 2008, p. 88 e 89)

Para o segundo grupo foi encaminhada um formulário de pesquisa-teste com afirmações elaboradas a partir de meu projeto de pesquisa, ainda em construção, para a coleta de dados quantitativos, por uma parte, e dados qualitativos, por outra (com um espaço reservado para um relato pessoal sobre a experiência com a ACSC). A intenção desse envio inicial foi conhecer melhor o mecanismo de coleta de dados (com a qual não tinha nenhuma experiência) e para ter uma primeira aproximação com os envolvidos. Como mencionado anteriormente, tal pesquisa foi enviada com o projeto ainda em fase de construção e favoreceu o entendimento tanto da logística da coleta de dados quanto os ajustes que poderiam ser feitos no projeto, e, até mesmo, para conceber um método de seleção de participantes mais adequado aos anseios do Estudo de Caso e conhecer o interesse dos aprendizes em participar de outra empreitada colaborativa – dessa vez, sem a recompensa direta de uma nota pela participação.

Naquela época foi enviado email para 160 aprendizes que haviam passado pela escola, sem qualquer outra seleção específica. Desses, 25 e-mails retornaram sem chegar às devidas caixas e apenas 20 responderam à pesquisa online. Entendi que o método deveria ser outro.

Após a elaboração do formulário de pesquisa *oficial*, agora com as afirmações bem direcionadas segundo o interesse e os objetivos da pesquisa, foi feita uma seleção de aprendizes que, de fato, haviam se envolvido com a estratégia. Foram selecionados 81 aprendizes, aos quais foi enviado o novo email com as diretrizes para a participação. Do total enviado, 8 e-mails retornaram sem que chegassem às devidas caixas e 36 pessoas entraram e efetivamente participaram da pesquisa.

Para desenvolver esse tópico, foi solicitado um relato com a história de vida dos colaboradores mais próximos, especificamente os do 1º grupo e os do 2º grupo que demonstraram interesse, disponibilidade e, por que não, encantamento com essa tarefa. Esse foi o texto enviado a cada um dos participantes, com pequenas variações para cada interlocutor: *Para completar esse Estudo de Caso, com um olhar ecossistêmico, e coletar material para o capítulo dedicado aos colaboradores, gostaria que fizesse um breve relato sobre sua*

caminhada pessoal (o que chamamos de história de vida, uma técnica de pesquisa), passando por sua iniciação em Medicina Chinesa.

No ANEXO II foi reproduzido um belo texto de uma das aprendizes, construído para a disciplina Fundamentos do Pensamento Oriental.

3.2.2.1 Aprendiz Mǎ Sāi Lā: “tudo é interação e movimento”

Eu sou Mǎ Sāi Lā. Tenho 48 anos. Sou Mestre em Teatro pela Uni-Rio, Graduada em Licenciatura Artística, Artes Cênicas. Tenho Especialização Lato Sensu em “Linguagens Artísticas e Educação”, “Linguagem Teatral” pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e “Comunicação e Moda” pela Universidade Anhembi Morumbi (de 1989 a 2006); exerci atividade docente em Cursos de Teatro e de Design de Moda em Instituições de Ensino Médio e Superior, privadas e públicas. Sou diretora de Teatro, dramaturga, cenógrafa e figurinista. O encontro com o Teatro me fez mergulhar em estudos teóricos e práticos sobre o Processo Criativo na construção de personagens. O caminho do autoconhecimento na trajetória que leva o ator ao seu personagem, bem como, a expressão e formalização de conteúdos simbólicos foram sempre minha ênfase e curiosidade. Na verdade, quase tudo me interessa. Ou por outra, tudo o que pertence ao Humano e suas emoções. Por isso, o estudo da Psicologia e da Filosofia (Ocidental e Oriental) sempre me acompanharam. Então, chegou um momento, em que o trabalho com a formalização dessas emoções para o Teatro, me pareceu pouco. Não estava mais interessada na construção da “máscara”, mas sim em saber o que se escondia “atrás da máscara”, ou seja, o indivíduo, seus conflitos internos e de como estes eram expressos na saúde e na doença. Desde os meus vinte anos fui adepta da Acupuntura, da Homeopatia e de diversos processos terapêuticos (Psicanálise, Psicologia Analítica, Bioenergética, Terapia de Vidas Passadas, entre outros), para tratar minhas próprias dores pela expansão de minha consciência e harmonização de meu corpo e minha mente. Assim, acabei em 2011 me decidindo a iniciar o Curso Técnico de Acupuntura pela Escola Nacional de Acupuntura, ENAC. Já conhecia a Filosofia Chinesa, já havia visto na pele os resultados da Medicina Chinesa e pretendia, então, aprender as técnicas de tratamento. Foi nesse contexto que fui aluna e tive a oportunidade de fazer parte da “Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (ACSC)”. Foram dois semestres onde esta estratégia pedagógica foi utilizada. Penso que ela pode contribuir muito para a aprendizagem da Medicina Chinesa, na medida em que o ambiente virtual disponibiliza (por definição), pesquisas, vídeos, músicas, literatura, imagens, etc, para uma tessitura mais prismática do conhecimento. Uma rede amplificada, divergente, espiralada, espraçada, onde

possamos ver os conteúdos rodopiarem em movimento vertiginoso que abre às portas para os aléns muros. Fora das amarras do processo de conhecimento pautado só pela lógica, pela racionalidade, pelo acúmulo de conhecimento destituído de sentimento ou emoção. De alguma forma, esta estratégia corrobora a minha visão de estabelecer “Processos Criativos” para que possamos nos apropriar do mundo externo e interno de maneira mais plena e autoral. No entanto, a experiência com essa estratégia pedagógica falhou em alguns pontos. Os que mais me chamam à atenção são: 1. A necessidade de que o ambiente de colaboração seja de fácil manipulação. Digo isto sobre a parte técnica mesmo da plataforma. Que seja simples ver uma imagem, ouvir, ler, tecer os sentidos. Que a rede de possibilidades de “copiar-colar” proporcione padronagens mais interessantes. 2. Que os participantes reconheçam que a proposta não é a de “copiar-colar”. Que se possa experimentar construções mais orgânicas, mais vivas, dinâmicas, autorais. Parece que apesar dos instrumentos que a internet disponibiliza ainda estamos como outrora, copiando dos livros com caneta tinteiro! Bem, mas isto já é outra história. Cada vez mais eu tenho a certeza de como é possível traçar paralelos e relações entre as várias áreas do conhecimento. De como é necessário reunir ciência e arte, sociologia e psicologia, oriente e ocidente e todos os outros “pares de opostos”. Isso é fundamento da Medicina Chinesa: tudo é interação e movimento. Aprender e apreender, também.

3.2.2.2 Aprendiz Mã Nà: o poço

Desde cedo, quando pensava no que faria quando crescesse, me vinha sempre a vontade de estar e cuidar de outras pessoas. Mais tarde percebi que era também um pedido inconsciente de ajuda. Me formei como técnica em enfermagem aos 18 anos e paralelamente conheci a homeopatia, pois procurei essa ajuda para me curar de ansiedades e sudorese nas mãos e pés. Foi meu primeiro contato com outras medicinas e meu primeiro encantamento diante do poder que é se perceber. Diante disso, fui ficando cada dia menos interessada no trabalho como técnica em enfermagem, pois podia ver claramente que os procedimentos que eram realizados não resolviam em nada nenhum daqueles problemas daquelas pessoas. Dois anos após me formar e conhecer a Homeopatia, fui morar no litoral da Bahia e lá, pude me aprofundar mais ainda em outras formas de cura e de autoconhecimento. Foi quando me senti parte inseparável de um todo, plantando, colhendo, vivendo em meio aos animais, plantas e pessoas. Um dia comprei num sebo um livro chamado “Manual de Primeiros Socorros - DO IN” e comecei a testar em mim e no meu companheiro. E via resultados e fui me apaixonando a cada dia, mesmo sem saber da grandeza que era a Medicina Chinesa. Procurei cursos lá pela região, mas não havia

nada, foi quando digitei no google: "curso de acupuntura df" e apareceu a ENAc. Decidi que voltaria para Brasília e que essa seria minha profissão. Diga-se de passagem, foi a melhor escolha que poderia ter feito. Logo nos primeiros meses de aula, meu raciocínio e visão diante de tudo já não eram os mesmos. Foi um mergulho para dentro de mim e também uma ferramenta importante para o caminho como um todo: a família, nossa cozinha e até mesmo o entendimento político, estrutural, social do mundo. Com leveza, tudo foi se encaixando na minha cabeça. Ao longo do curso, eu já entendia muito dos meus padrões e estava desperta para com autonomia e segurança me cuidar antes mesmo de cuidar do outro. Engravidei quando já estava no final da formação e foi de grande valia todos os saberes recebidos durante o curso, para todo o processo: gestação, parto e pós-parto. Já compreendia meu corpo como um movimento e parte de todo um fluxo vivo, o que me garantiu tranquilidade e empoderamento para viver cada ciclo. Me apaixonei pela Fitoterapia e fisiologia do corpo feminino e hoje são as minhas ferramentas de trabalho: sou acupunturista, fitoterapeuta e doula, escolhi atender e trabalhar só com mulheres e nesse trabalho, busco despertar nelas, o que foi despertado em mim: autonomia diante de seu corpo! Se nos conhecermos e compreendermos cada movimento dos ciclos, podemos viver de forma mais plena e segura. Gosto de explicar cada padrão, qual movimento estamos trabalhando, falo das funções dos pontos e de cada erva-casca-raíz-semente, ensino a fazer o chá-banho-escalda-pé e ao longo do tratamento, juntas, vamos compreendendo as causas de cada padrão, as vulnerabilidades e potências. Um pouco antes da gestação, comecei um trabalho de Educação Popular em saúde em algumas escolas, junto com alguns parceiros da Medicina Chinesa, onde trabalhávamos a auto percepção, utilizando os saberes dos Cinco Movimentos. Disso, nasceu o EuLivre (www.eulivre.com.br), um coletivo que trabalha em busca do despertar da autonomia e empoderamento de cada sujeito diante de seus padrões de saúde-doença. Hoje no coletivo só tem eu da Medicina Chinesa, mas pude contar com muitas ajudas de alguns parceiros ao longo da caminhada. Hoje, depois de alguns anos de estudos e práticas, ministro oficinas voltadas para os cuidados para os ciclos femininos, com os saberes da Medicina Chinesa e as ervas-flores-cascas-sementes-raízes. Bom, hoje digo que a Medicina Chinesa é meu guia. Enxergo tudo por essa perspectiva: políticas, saúde, relações, doenças. Compreender o Tao, vivê-lo e vê-lo foi o grande presente de minha vida!!! Hoje, quando em penso em fazer alguma graduação, nunca penso em nada na área da saúde, pois mesmo que pareça imaturo ou arrogante, eu me sinto completa com a Medicina Chinesa. O que eu acredito que complementaria essa caminhada, seria a Pedagogia, que também, comecei a me interessar durante a formação e práticas com a Medicina Chinesa. Encontrei nessa caminhada com a Medicina Chinesa, um muito de tudo: desde minha espiritualidade às minhas posições diante

dos acontecimentos da vida. E se tenho uma certeza nessa vida, ela me foi dada numa consulta no I CHING, onde indaguei sobre o caminho profissional e me saiu o hexagrama "O POÇO": Educação Popular em Saúde é por onde ando e continuarei andando. Infinita gratidão por ter encontrado essa fonte!

3.2.2.3 Aprendiz Pèi Luō: a saúde em nossas mãos

Sou Pèi Luō, nascido em Brasília, historiador por formação, tradutor por profissão e músico por paixão. Após terminar minha formação superior na Universidade de Brasília, fui assombrado pela ideia de que entregamos muito nossa saúde na mão de outros e me vi com a vontade de fazer uma nova formação, dessa vez na área da saúde. Por afinidades filosóficas, acabei buscando a acupuntura e encontrando-a na ENAc. Jamais achei que me identificaria tanto, tudo o que aprendi em dois anos de curso foi absolutamente natural para mim, como se eu tivesse nascido para descobrir esse "novo" mundo. Talvez por ter feito licenciatura, tendo assim contato com princípios de EAD e conhecendo a plataforma Moodle, eu tenha tido mais facilidade com as estratégias colaborativas de ensino-aprendizagem em ambiente online. As discussões nos fóruns foram muito úteis para reflexão extraclasse sobre os assuntos estudados e desenvolvimento de senso crítico. Sou grato.

3.2.2.4 Aprendiz Kè Láo: sabedoria

Minha estória inicia-se no Rio de Janeiro, no princípio da segunda metade do século passado. Ali, naquele momento, minha vida não inspirava grandes perspectivas. Aos 10 anos, meu pai, animado com a inauguração de Brasília, se transfere para o Planalto Central com toda a família. Aí, tudo começa a mudar. O Brasil e o mundo naquele momento estavam se transformando. E eu estava ali, no meio da transformação. O que parecia impossível alguns anos atrás, repentinamente estava na minha frente. Novos horizontes, novas pessoas de todas as partes, universidade, novos conceitos e novas atitudes por toda a parte. Peguei uma carona. Influenciado pelo traçado e pelas obras de Brasília, fui estudar Arquitetura. Após 2 anos, percebi minha inadequação e por consequência natural, fui para a Engenharia. Mais 1 ano e meio até descobrir que tudo aquilo era muito sem vida e sem interação com a vida como um todo. Acidentalmente (?) descobri a Biologia e daí para a Engenharia Agrônômica foi um pulo. Finalmente havia chegado às plantas e à vida pulsante e maravilhosa das coisas vivas. A partir daí comecei a perceber um relacionamento profundo entre tudo que é vivo. Senti que meu

universo de interesses se ampliava e alimentava meu espírito. Vieram os astros, a natureza, o mundo animal e nós, os seres humanos e a nossa alimentação, nossa respiração, nossa saúde. Tudo aquilo que não se ensina nas escolas e que as pessoas normalmente relegam a um segundo plano. Muitos anos trabalhando na pesquisa de biologia, especializei-me através de um mestrado na área de microbiologia vegetal aplicada às doenças de plantas e nessa área imaginei que terminaria os meus dias. Mas assim não foi. Certo dia fui casualmente apresentado a uma médica que não se alinhava à medicina oficial. Da mesma forma que eu um dia descobri que existia uma sabedoria relativa à alimentação (a macrobiótica ou alimentação integral), coisa que eu nunca imaginei, nesse dia eu descobri que havia uma sabedoria na medicina que enxergava o ser humano como um todo e funcionando integrado, a Medicina Tradicional Chinesa. Hoje eu consigo entender que existem muitas medicinas e não apenas uma, como a sociedade ocidental enxerga e quer nos fazer acreditar. Passei a tratar-me com essa médica e os resultados vieram imediatamente. Percebi que estava diante de um conhecimento profundo sobre o ser humano, em todos os seus aspectos. A partir daí, trouxe, na medida do possível, todos os meus familiares para a MTC. Meu interesse pela MTC se aprofundou e logo a seguir fui convidado a trabalhar com a venda das fórmulas medicinais. Abri uma farmácia em minha cidade e durante longos anos dediquei-me a fornecer os compostos fitoterápicos da medicina chinesa, até o meu afastamento do mundo dos negócios.

3.2.2.5 Aprendiz Běn Tuō: um aprendizado incessante

Possuo formação acadêmica bem peculiar. Sou graduado em Odontologia e em Artes Plásticas, com duas pós-graduações na área de saúde coletiva. Meu interesse pela MTC apareceu por duas grandes razões: primeiramente a minha experiência profissional, que indicava a resolutividade restrita nos tratamentos de algumas doenças, apenas com a visão focada nos processos biológicos do corpo humano, em detrimento de outros, como os mentais e energéticos; ou seja, não havia uma visão holística, com a percepção do ser humano em toda sua complexidade, contemplando todos os processos que o constroem e respondem por sua interação no universo. A outra grande razão é ter sido tratado de uma enxaqueca crônica por uma amiga formada em MTC na China, numa de suas visitas ao Brasil, com grande sucesso em pouco tempo. Estes são os dois principais marcos. Já a escolha pela ENAc se deve principalmente a congruência de pensamentos. Mesmo não conhecendo a fundo a MTC, sempre achei aviltantes os “cursos de especialização” em acupuntura dirigidos aos profissionais de saúde. Em diálogos com esta amiga já percebia a impossibilidade de uma prática milenar, com

seus ditames tão peculiares e diferentes da Medicina Ocidental, ser sujeitada a mero complemento de uma prática pautada no biologicismo. Considero ainda muito curto o período de estudo de disciplinas como Fundamentos do Pensamento Oriental, Fisiologia Energética, Diagnóstico, dentre outros. Estou certo que o estudo da MTC demanda um tempo muito maior que o disponibilizado pelo plano do curso, assim como o tempo que disponho atualmente para me dedicar plenamente ao curso. Sou odontólogo do Governo do Distrito Federal, com carga horária de 40 horas, portanto pouco tempo me resta para me dedicar ao aprofundamento do estudo da MTC. Desejo que a prática e a futura disponibilidade de tempo me permitam o devido "mergulho" que esta medicina exige. Estou certo também que este aprendizado é incessante, exigindo apenas interesse real e disposição para tal, o que não me faltam.

3.2.2.6 Aprendiz. Tǎ Mǎ: tenho em mim cinco almas

Obscurecida por nuvens. Pego emprestada a poética do nome do álbum do Pink Floyd para me descrever. As vezes as nuvens se apartam para dar um pouco de luz a mim e aos outros. Mas sempre fui uma pessoa sombria, talvez a partir de um rompimento com a infância muito brusco pós-traumático, ou por toda a fila de antepassados sofridos. Nasci da vagina de minha mãe com três circulares no pescoço, sofri, ela sofreu. O que é a vida senão uma grande dor e um grande momento de prazer, que não podem existir sem o outro. Acho que é daí que vem a humanidade. E esse pensamento foi o que mais me aproximou da Medicina Chinesa. Na busca pela luz, pela saúde, por uma vida menos dolorida, encontrei amigos mestres em meu caminho que me levaram a conhecer a Escola Nacional de Acupuntura (ENAc). Na época, com 27 anos e dois filhos, sendo o mais novo diagnosticado com autismo, estava em um grande período de transição, com a menstruação suspensa por seis meses. Fui convidada por um amigo, aluno da matéria Nosologia, ministrada por um professor acupunturista e mago, a ser tratada pela turma na ENAc. Aceitei. Queixa principal: amenorreia. Frequentei as aulas como paciente por algumas semanas. No primeiro dia, uma grande anamnese, com o professor orientando e cerca de oito alunos articulando as mais diversas perguntas. Um breve histórico da minha vida, a dificuldade em me relacionar sexualmente, a conseqüente amenorreia, os filhos, o aborto, o abuso sexual, a péssima relação com meu pai. Havia alguns meses que eu tinha excluído o glúten da minha dieta, o que me fez muito bem, sem ataques de depressão, nem grandes alterações de humor, praticava exercícios físico com frequência, portanto, na época do tratamento eu estava bem presente em todos os momentos. Adorei ver a comunicação entre alunos e professor. A escolha dos pontos, os termos chineses, a escolha do tratamento com

foco nos elementos. Eu precisava “aterrar”, “vamos tonificar o baço”. Uau. Foi incrível, em menos de duas semanas meu sangue desceu. Lembro de estar na maca, em um dos dias de tratamento/aula, e ver o aluno que ia aplicar a agulha discutindo com o professor sobre um ponto. Antes mesmo de apontarem, eu já o sentia pulsando, o que se confirmou posteriormente. Toda a medicina chinesa passou de algo completamente abstrato para uma construção empírica completamente válida. Não resisti e me matriculei na ENAc no semestre seguinte. Foi uma experiência maravilhosa. A primeira matéria, Fisiologia na Medicina Chinesa, por sorte, foi ministrada pelo brilhante professor. Um grande mestre neste início de caminhada. Luz, sombra. Cinco movimentos. Cinco almas. Substâncias. Excesso, deficiência. Norte, sul, leste, oeste, centro. Quatro estações. É hora de acalmar o fígado e assentar o shen (espírito). Desde que me entreguei a este mundo holístico (não falo de esoterismos) nossa vida melhorou. A minha e de minha família. Não tomamos alopáticas. Nos curamos com chás, banhos, alimentação, massagens, exercícios, Qi Gong. Não afirmo que sou pura luz, pois ainda há muita sombra e como dizia o Viajante a sua Sombra, na obra de Nietzsche, “Eu odeio o mesmo que tu: a noite; amo os homens, por serem discípulos da luz e alegro-me do brilho que há em seus olhos quando conhecem e descobrem, infatigáveis conhecedores e descobridores que são.

3.2.2.7 Aprendiz Kǎi lì: não resistir

O entendimento mais comum para o Tao é Caminho, mas como colocado no próprio Tao Te King (ou Dao De Jing): “O caminho que pode ser seguido não é o Caminho Perfeito. O nome que pode ser dito não é o Nome eterno”. Dificilmente se consegue definir o Tao. A tradição taoísta olha a vida e o mundo como um todo e dessa forma, tudo e todos fazemos parte desse todo. Entende-se a parte em relação ao todo, sendo importante a inter-relação que ocorre entre as partes; é fundamental estarmos conectados com o Universo/ Cosmos, a Natureza e todos os seres. Quanto mais conseguirmos seguir o fluxo natural, confiando no Cosmos, mais estaremos no caminho da harmonia. A visão taoísta influenciou fortemente a Medicina Chinesa, que tem a teoria do Yin e Yang sintonizada com as transformações do Tao: “O Tao produziu o Um, o Um produziu o dois, o Dois, o Três e o Três, todas as coisas” (Lao Tse). Meu encontro com a Medicina Chinesa e, conseqüentemente, com o Tao constitui-se na grande mudança da minha vida. O Tao mudou meu olhar, minha forma de perceber e sentir a vida. Passei a compreender a importância de não resistir a mudanças, a não ficar tão incomodada em ser tirada de uma posição cômoda. Pois a perspectiva é que nada é permanente, tudo está em constante

mudança, e tudo passa. O desapego e o movimento natural evitam sofrimento, grandes desajustes e a necessidade de ajustes extremos.

CAPÍTULO 4 - O CENÁRIO DE PESQUISA

“O Imperador Amarelo disse a Qibo: ‘(...) É necessário que se construa uma estátua de acupuntura, a fim de facilitar sua aplicação, tornando improvável seu esquecimento, para que o método da acupuntura não possa ser obliterado e perdido’.” (BING, 2001, capítulo 1 do Su Wen, “eixo espiritual”, p. 501)

4.1 O CENÁRIO DA ACUPUNTURA NO BRASIL

“Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor; a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetividade parece implicar – volta a aparecer.” (HALL, 2000, p. 105)

Nessa dissertação não se entrará efetivamente na trajetória da acupuntura no Brasil, desde sua chegada até sua consolidação, principalmente por entender que não teria relevância específica no contexto da presente pesquisa. Porém, para maiores informações históricas e conceituais, recomenda-se, principalmente, os estudos de Leila Massière sobre a significação da Acupuntura no Brasil, com foco nos tipos de formação e seus reflexos na profissão (2011); de Maria Regina Cariello Moraes, sobre o transplante cultural da Acupuntura para a realidade brasileira, com foco em sua adequação desvinculada do conjunto simbólico original (2007); de Marilene Cabral do Nascimento e sua excelente investigação sociológica sobre o modo como a Grande Mídia escrita retratou a trajetória da acupuntura no Brasil (1998); de Liliana Fróio e sua análise sobre a entrada e aceitação da Medicina Chinesa no Brasil sob o olhar das relações internacionais (2006); e, para finalizar as recomendações, o excelente trabalho de Eduardo Souza sobre a racionalidade médica chinesa e seu desenvolvimento histórico cultural (2008).

Atualmente temos um cenário bastante complexo no que se refere à formação e à prática da Acupuntura no Brasil. Por um lado, temos profissionais acupunturistas em atuação com características, formações, concepções sobre a Medicina Chinesa e identidades muito diferentes. Desde médicos formados em Medicina Chinesa na China ou outro país que possui o bacharelado, passando por médicos convencionais, profissionais da saúde, práticos, que aprenderam com um mestre ou livros, técnicos com formação específica em Medicina Chinesa e profissionais formados em cursos livres. Por outro lado, existem cursos de especialização para médicos, cursos de especialização para profissionais da saúde, cursos técnicos de formação

profissionalizante e cursos livres. E existem dois projetos de lei em tramitação⁴⁴ que regulamentam a profissão e a prática da acupuntura.

De forma resumida, temos três grandes Identidades (CASTELL, 1999)⁴⁵ em atuação no Brasil: os *acupunturólogos* ou *acupunturologistas*, médicos com especialidade em acupuntura; os acupunturistas *multiprofissionais*, profissionais da área de saúde com especialidade em acupuntura; e os acupunturistas *tradicionais* ou *clássicos*, grupo mais heterogêneo e “marginal”, que conta com acupunturistas graduados no exterior, outros com diploma técnico oficial do Brasil (como acontece com os formados na Escola Nacional de Acupuntura), outros com formação em cursos livres e, ainda, aqueles que passaram por uma formação oral com um mestre ou, inclusive, os autodidatas.

Em poucas linhas, o primeiro grupo almeja a regulamentação de sua profissão, a Medicina Ocidental Contemporânea, e, com ela, a definição da exclusividade médica para o uso da acupuntura (com minúscula mesmo, referindo-se aqui à mera técnica de inserção de agulhas dentro da racionalidade médica ocidental), a qual seria relativamente⁴⁶ contemplada com a aprovação do chamado Ato Médico (PL 7703/2006 transformado na lei ordinária 12842/2013). O segundo grupo deseja a regulamentação da *prática* da acupuntura, com a simples reafirmação do que já havia sido recomendado pela portaria 971- PNPIC/ SUS (BRASIL, 2006), ou seja, a regulamentação da prática multiprofissional, pelos profissionais das profissões

⁴⁴ Atualmente o PLC 1549/03, que regulamenta a prática e a profissão da acupuntura, inclusive com a contemplação do Nível Superior em Acupuntura, está em tramitação na Câmara dos Deputados. O PLS 473/11 foi arquivado no fim da última legislatura e ainda não foi desarquivado no Senado.

⁴⁵ Os médicos-acupunturistas são, aparentemente, o coletivo mais forte politicamente em atividade no Brasil atual; esse coletivo assume o papel de uma identidade legitimadora, nos termos de Castells, e passa a desempenhar a função de ampliar e racionalizar sua dominação, sob o aval da ciência dominante. O coletivo dos acupunturistas-especialistas das profissões “subalternas” da área da saúde, representando a acupuntura multiprofissional, passam a assimilar o papel de identidades de projeto, redefinindo seu próprio papel na sociedade, nos termos de Castells, e, em sintonia com as diretrizes do SUS; esse coletivo, apesar de bastante heterogêneo, por contar com profissionais de formações totalmente diferentes, dentro dos estudos ocidentais, passa a compartilhar uma identidade comum: acupunturista multiprofissional. E ainda um terceiro grupo, também bastante heterogêneo, formado por profissionais técnicos, com diplomas reconhecidos pelas secretarias de saúde estaduais e com diplomas publicados em diário oficial (e, portanto, reconhecidos pelo Estado) somado a outros profissionais sem o devido reconhecimento do Estado, com formação em cursos livres ou por faculdades no exterior, intitulado acupunturistas tradicionais. Estes últimos encarnam a identidade de resistência neste processo, e clamam pelo reconhecimento simplesmente, livres de coação, em sintonia com os projetos de lei que tramitam no congresso nacional e visam a regulamentação da profissão e da formação em Nível Superior de forma independente. Estes profissionais se encontram na posição de identidades de resistência e, segundo Castells, constroem “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos” (Castells, 1999, p.24).

⁴⁶ “Por isso, os médicos vêm lutando pela regulamentação de sua própria profissão, fato que se concretiza em 2002 com a proposição do Projeto de Lei do Senado n. 25 (PLS/25), conhecido como ‘ato médico’. O texto original do projeto delegava aos médicos a exclusividade de formulação de diagnóstico nosológico, prescrição terapêutica e realização de procedimentos invasivos, interferindo nas atividades de todas as demais atividades de saúde e impedindo-as de exercer livremente essas atividades em suas respectivas áreas de conhecimento já regulamentadas anteriormente.” (MASSIÈRE CARNEIRO, 2011, p. 86)

de saúde ocidental com especialidade em acupuntura – todas regidos pela mesma racionalidade médica ocidental; todas, é importante que fique claro – e não a partir da criação de uma nova profissão independente. Já o terceiro grupo – no qual incluem-se todos os outros profissionais supracitados, inclusive os que saíram com o diploma técnico em Acupuntura, da escola que serve de cenário para essa pesquisa – por meio dos sindicatos, conselhos de auto-regulamentação e movimentos independentes, pressiona as lideranças do congresso para que sejam aprovados os PLs em tramitação⁴⁷ na íntegra e, assim, seja regulamentada de uma vez a profissão de forma independente, ao mesmo tempo que a formação em nível superior encontre um respaldo legal.

Como aponta Marilene Cabral do Nascimento, em seu trabalho “de panaceia mística à especialidade médica: a acupuntura na visão da imprensa escrita” (1998), o coletivo médico transitou do discurso de rechaço total à Acupuntura e à sua falta de cientificidade até à sua incorporação plena e irrestrita em um período de poucos anos. E, segundo a autora do grupo racionalidade médicas,

a tentativa de acomodar as práticas complementares de atenção à saúde dentro do paradigma biomédico revela, a nosso ver, uma dificuldade epistemológica deste em se confrontar com outras formas de conhecimento, integrantes de uma lógica estranha ao saber dominante. Trata-se também, como observamos anteriormente, de uma estratégia que visa, entre outras coisas, evitar a concorrência entre sistemas médicos distintos e preservar a autoridade cultural da medicina convencional e o monopólio médico, submetendo e controlando aquelas práticas que alcançam significativa aceitação social. Assim aconteceu com a homeopatia e assim se tenta proceder face à acupuntura e à medicina chinesa. (p. 112)

E, atualmente, esse coletivo segue firme na tentativa de expropriação do saber e da exclusão de outros profissionais da prática da acupuntura, notadamente os acupunturistas multiprofissionais e os *clássicos*, como relata Leila Massière:

Enquanto isso, os médicos buscam meios de tentar impedir a prática da acupuntura por outros profissionais. Na justiça, instauram processos e denúncias contra acupunturistas - que por não serem formados previamente em medicina são por eles taxados de “leigos” (independentemente de quantos anos tenham se dedicado ao aprendizado da MC) - e contra as escolas que ensinam para “leigos”. Contudo, não tem obtido êxito e o Superior Tribunal de Justiça (STJ) criou jurisprudência favorável à liberdade da prática, posto que de acordo com a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as

⁴⁷ Atualmente dois projetos de lei que regulamentam a prática e a profissão da acupuntura, inclusive com a contemplação do Nível Superior em Acupuntura, estão em tramitação no Congresso Nacional, PLC 1549/03 e PLS 473/11.

qualificações profissionais que a lei estabelecer¹⁷”. Como não há lei regulamentando o exercício da acupuntura, o STJ considera que ninguém é obrigado a deixar de exercê-la (BRASIL, 2001). (2011, p. 20)

Há que ser dito também que os coletivos dos acupunturistas *multiprofissionais*, indo pela mesma via do coletivo que tanto rechaçam – suavizados pelo adjetivo incluyente que ostentam – atuam na contramão de uma regulamentação plena da profissão Acupuntura/ MC. Algo não tão difícil de se entender, já que os Conselhos aos quais estão ligados os *multiprofissionais* são de profissões já regulamentadas e com suas devidas resoluções sobre a especialidade em acupuntura e seus campos de atuação bem definidos; na contramão da regulamentação plena da profissão e da legitimação do Nível Superior em Acupuntura/MC. Para Leila Massière,

a criação oficial da graduação em acupuntura seria um grande marco: enquanto todas as profissões de saúde reconhecidas atualmente foram desmembradas do corpo da medicina, a acupuntura seria a primeira a decorrer de outra RM, garantindo legitimidade e autonomia a tais conhecimentos e abrindo um espaço oficial e definitivo pra a ecologia de saberes em saúde no Brasil. Talvez por isso os obstáculos à implantação do curso superior têm sido imensos. (2011, p. 88-89)

Voltando para a situação atual da Acupuntura no Brasil, é importante notar que existe um Conselho Nacional (CONBRAC) e três Conselhos Regionais de auto-regulamentação: CRAERJ (Estado do Rio de Janeiro), CRAEMG (Estado de Minas Gerais), CRAENE (dos estados do Nordeste); e outros quatro sindicatos de acupuntura e terapias orientais: SATOSP (São Paulo), SATOPAR (Paraná), SINDACTA (Rio de Janeiro) e SATORS (Rio Grande do Sul). Tais entidades tem em comum, entre outras reivindicações e ações, a luta pela autonomia da acupuntura como profissão devidamente regulamentada e a aprovação dos Projetos de Lei em tramitação na Casa do Povo.

Também existem projetos e movimentos independentes que ganharam força com as redes sociais, como o Movimento ENAPEA⁴² (Encontro Nacional de Profissionais e estudantes de Acupuntura) e o Projeto Acupuntura Independente (Figura 28) nos quais há uma mobilização constante de pessoas envolvidas com a defesa da profissão. É importante que se saiba, devido à relação direta com essa pesquisa, que o VII ENAPEA, evento sediado em Brasília, no dia 28 de maio de 2011, contou com a participação direta de muitos aprendizes em sua organização e rendeu uma belíssima carta escrita por dois deles (ANEXO I). Tais ações assumem um caráter de resistência no atual cenário brasileiro; assim como encara-se a confecção dessa dissertação como mais um alento para a conservação da “Estátua de Acupuntura” (WANG, 2001), e para a

preservação da visão da Medicina Chinesa sobre o mundo e seus mecanismos, como pediu um dia o Imperador Amarelo ao mestre Qibo – pedido que continua reverberando em cada um de nós.

4.2 FORMAÇÕES

Atualmente, existem alguns caminhos para a formação em Acupuntura no Brasil, de acordo com a identidade profissional associada e com a orientação da instituição formadora. Leila Massière⁴⁸ (2011), em uma análise profunda e inédita, investigou sobre a significação da acupuntura do Brasil e suas implicações nas formações e na prática profissional. Para tal, Leila selecionou vinte e três instituições (dezesesseis abertas e sete exclusivas para médicos), analisou vinte programas (quinze de escolas abertas e cinco de escolas exclusivas) e entrevistou dezenove coordenadores de curso (quinze de escolas abertas e cinco de escolas exclusivas). Em suas palavras:

(...) o foco de nosso estudo volta-se para as instituições de ensino, que surgem como as grandes difusoras de significado. Resolvemos ouvir coordenadores de importantes cursos de acupuntura, situados nas três capitais brasileiras onde a técnica é mais amplamente difundida. Tais coordenadores definem em última instância o que será lecionado e de que maneira, promovendo a cada ano a formação de um grande número de acupunturistas. A concepção de acupuntura por parte dos profissionais formados em cada instituição determina sua maneira de abordar os pacientes e o tipo de atendimento que oferecem. (p. 8)

Em tal estudo, a autora desvela interesses ocultos das instituições e de corporações profissionais na tentativa de “colonização” do saber clássico da Medicina Chinesa/ Acupuntura, especialmente pela Medicina Ocidental Contemporânea (MOC), com vistas a perpetuar sua hegemonia no campo da saúde.

Nesse tópico serão apresentados, de forma breve, e por meio dos achados de Leila Massière, os tipos de formações que predominam no Brasil e suas implicações. Fazendo a categorização segundo o título emitido, a pesquisadora (MASSIÈRE CARNEIRO, 2011) identificou as seguintes formações:

- Os títulos de pós-graduação emitidos por Institutos de Ensino Superior (IES). O título de pós-graduação, emitido nestes termos, é reconhecido pelo MEC e tem

⁴⁸ É importante que se saiba também que Leila Massière é acupunturista e coordenadora de curso de Pós-Graduação em Recife, além de participante ativa no projeto de defesa do Saber da Medicina Chinesa e uma das coordenadoras locais do ENAPEA.

validade profissional e acadêmica. Além disso, oferece um maior reconhecimento e conseqüente maior valorização do portador, o que permite que as instituições pratiquem mensalidades mais altas. Estes fatores fazem com que se proliferem com facilidade.

- Os cursos técnicos devem ser autorizados pelas Secretarias Estaduais de Educação (SEE). Precisam currículos mínimos e foram estipulados no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Porém, começou um processo de “desinstitucionalização” da formação técnica em acupuntura desde 2010, quando foi excluída do catálogo nacional de cursos.
- Os cursos de formação livre não obedecem a nenhum critério e nem oferecem titulação oficial; são os de menor institucionalização. Na prática, isso não significa menor qualidade desses cursos, já que alguns, segunda a autora, mantem cargas horárias maiores e mais completas que os cursos de Pós, por exemplo.
- Os cursos de graduação não estão em atividade no Brasil, atualmente. Porém houve um caso emblemático na Universidade Estácio de Sá, no ano 2000, quando foi criada a Escola Superior de Terapias Naturais. Nessa época fundou-se a primeira turma em nível superior de Acupuntura onde formaram-se 18 acupunturistas.

Expostos os tipos de formação, convém afirmar que a Escola Nacional de Acupuntura se encaixa no segundo grupo, ainda que não tenha sido uma das instituições selecionadas para aquela pesquisa, e ainda hoje mantem seu credenciamento junto a SEE-DF para ofertar o curso técnico em Acupuntura. Durante algum tempo também ofertou a titulação de Pós-graduação em Acupuntura, com a mesma grade curricular do Técnico, excluídas as disciplinas da racionalidade médica ocidental, em parceria com uma IES.

A título de conhecimento e para entendermos em que terreno estamos caminhando atualmente, sem a devida regulamentação da Acupuntura como Saber autônomo e independente, replicar-se-á mais um trecho do estudo de Leila Massière:

nossa primeira constatação foi a de que não é tão simples ter acesso ao programa dos cursos de acupuntura. A ausência de critérios definidos para a formação no Brasil aliada à forte concorrência entre as instituições faz com que tais programas não sejam disponibilizados ao público na íntegra. Nos sites das escolas, é possível acessar programas, mas alguns indicam apenas Outras forneceram não mais que panfletos de divulgação com informações superficiais. Algumas escolas levam a crer que possuem não mais que uma

lista de tópicos a serem abordados ao longo do curso. Alguns coordenadores relatam que a ordem das disciplinas pode mudar, assim como a carga horária dedicada a cada uma delas (...) Em relação à carga horária total, a variação é imensa: o mais extenso tem cerca de seis vezes a duração do mais curto³⁷, evidenciando a baixa padronização. Neste quesito, os cursos técnicos são os que apresentam maior carga horária média: todas as escolas têm um mínimo de 1200 horas e algumas chegam a 2000 horas. Os cursos de pós-graduação abertos costumam seguir o padrão estabelecido pelo técnico, também com 1200 horas. Isso pode ser justificado pelo fato de o COFFITO ter estabelecido este patamar como exigência básica para credenciar instituições para especialização de seus membros³⁸, certamente a maior demanda atual dos cursos de pós-graduação abertos. Entre as escolas médicas, os cursos ficam entre 580 e 1150 horas. (2011, p. 43)

Também a título de conhecimento, reproduzir-se-á a seguinte tabela (Figura 30) com as diretrizes preconizadas pela OMS para a capacitação de acupunturistas, já devidamente traduzida por Leila Massière Carneiro:

Categoria do Pessoal	Nível de Treinamento	Acupuntura (ACU) Núcleo do Programa			Medicina Ocidental Moderna (MED) Teoria + Clínica	Exames Oficiais	Certificado
		Teoria	Prática supervisionada	Clínica			
Acupunturistas (não-médicos)	Curso completo do treinamento	1000 horas	500 Horas	500 horas	500 Horas	ACU + MED ¹	ACU
Médicos qualificados	Curso completo do treinamento	500 horas	500 Horas	500 horas		ACU	
Médicos qualificados	Treinamento limitado em ACU como técnica para seu trabalho clínico	não menos que 200h				ACU	
Pessoal de Saúde	Treinamento limitado em ACU para uso em atendimento primário	varia de acordo com a aplicação desejada				ACU	

¹ Exame de Estado em acupuntura e medicina ocidental moderna (a um nível adequado).

Figura 30: Tabela das Diretrizes sobre Treinamento Básico e Segurança em Acupuntura (WHO, 1999, p.6 apud MASSIÈRE CARNEIRO, 2011)

Note-se que o treinamento completo de acupunturistas, segundo as diretrizes da OMS, deve contar com, pelo menos 2500 horas, sendo 1000 horas dedicadas à teoria da racionalidade médica chinesa, 500 horas de práticas assistidas, 500 de clínica e outras 500 horas de teoria e clínica da racionalidade médica ocidental. Nenhuma das escolas pesquisadas chegou sequer perto dessa carga horária. Muitas contaram com cargas muito restritas e outras com uma grande desorganização pedagógica. No resultado final de sua pesquisa, há que se ressaltar, constatou-se, para surpresa da pesquisadora, que em maior ou menor medida, todas escolas trabalharam todas as dimensões da racionalidade médica chinesa, mesmo aquelas que no campo do discurso sobrevalorizavam os mecanismos biomédicos e neurofisiológicos da acupuntura.

4.3 A ESCOLA

Escola Nacional de Acupuntura é uma instituição particular regular⁴⁹ de formação técnica, com sede em Brasília-DF. Nesse tópico, assim como em toda a dissertação, a informação que será veiculada sobre a instituição virá de 2 fontes:

- De fontes primárias: a partir de mensagens, atividades na plataforma MOODLE e *layouts* de salas de aula e interfaces estéticas copiados da escola virtual, coletados na época (entre o final de 2009 e o final de 2012) em que o pesquisador era professor, coordenador pedagógico e diretor de ensino da instituição;
- A partir da dissertação para obtenção do título de bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia, de Igor Baseggio, com o título “Da formação de Terapeutas: uma etnografia da prática e do sentir em uma escola de acupuntura”. Tal estudo teve a ENAc como cenário de pesquisa e seu objetivo foi estudar os impactos dos processos de aprendizagem nos estudantes de acupuntura, com foco na prática terapêutica, por meio de uma etnografia focada na experiência ambulatorial, durante as Práticas Assistidas/ Estágio Supervisionado (ES/PA). Nesse trabalho, o pesquisador nos traz um panorama amplo sobre a instituição e demonstrou-se adequado usar seus dados, com sua exterioridade, para realçar o tópico relativo ao cenário. É importante também enfatizar que suas visitas e estudos começaram quando a estratégia colaborativa com suporte computacional estava ainda no seu início e não é sequer citada durante o trabalho – creio, mesmo que sua atenção tendo sido dada somente ao ambiente laboratorial, caso tivesse feito o trabalho a partir de 2011, quando já estava plenamente consolidada a plataforma de aprendizagem, essa teria sido mencionada, já que criou-se também uma sala de aula específica para o ES/PA (APÊNDICE VII). Não obstante, e isso é interessante para os propósitos dessa dissertação, Igor registra ao longo de sua pesquisa vários momentos em que se deflagra a construção de uma aprendizagem coletiva e a interação pedagógica entre os aprendizes – contribuição que foi explorada ao longo da dissertação e amplamente reproduzida no tópico 4.3.4.6.1.

Tendo-se em mente que o objetivo dessa caminhada é apresentar o processo de implementação da ACSC na escola, não serão apresentados maiores detalhes sobre a instituição,

⁴⁹ Portaria de Recredenciamento SEE/DF n.º 298 de 20/08/2007

mas sim sobre as disciplinas e espaços que, naquele momento, se desenvolveram com essa estratégia.

4.3.1 A estrutura do curso

A duração do curso de acupuntura é de quatro semestres, com uma carga horária de 2.520 horas. As aulas são diárias, de segunda à sexta-feira, no período matutino ou noturno. As disciplinas de 80 horas/aula acontecem duas vezes por semana, enquanto às de 40 horas/aula acontecem uma vez por semana. Cada semestre é dividido em dois períodos, portanto as disciplinas duram, mais ou menos, dois meses e meio, cada uma. Além da grade curricular fixa, onde são contempladas todas as dimensões da racionalidade médica chinesa e a base teórica da racionalidade médica ocidental, também são computadas horas de atividades extracurriculares (cursos extras na área, horas de OPTTA, horas de monitoria, participações em seminários, congressos, etc.), além das horas de Estágio Supervisionado/ Práticas Assistidas (ES/PA) e a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso.

O primeiro semestre oferece as disciplinas básicas para a aproximação com o pensamento chinês e com a teoria básica da Medicina Chinesa e com as matérias básicas da racionalidade biomédica: Fisiologia na Medicina Chinesa; Fundamentos do Pensamento Oriental; Anatomia e Fisiologia Humana I e II; Fisiopatologia em Medicina Chinesa e Metodologia Científica. O segundo semestre oferece disciplinas para consolidar as bases da racionalidade médica chinesa e da racionalidade médica ocidental: Anatomia e Fisiologia Humana III e IV; Diagnóstico em Medicina Tradicional Chinesa; Auriculoterapia; Estudo de Pontos e Meridianos I e Qi Gong, Tai Chi Chuan e Lian Gong (práticas corporais chinesas). O terceiro conta com as seguintes disciplinas: Estudo de Pontos e Meridianos II; Microbiologia e Parasitologia; Patologia Humana; Primeiros Socorros; Tui Na (massoterapia chinesa). A partir desse semestre iniciavam-se as práticas supervisionadas no ambulatório da escola. O quarto é composto pelas disciplinas: Bioética e Biossegurança; Nosologia Ocidental em Medicina Tradicional Chinesa I e II; Fitoterapia e Farmacologia Chinesa; Técnicas e Terapias Complementares em Medicina Chinesa e Alimentação Terapêutica. No ambulatório da escola acontece o ES/PA e os alunos podem começar as atividades práticas a partir do terceiro semestre, depois de passarem pela OPTTA¹⁸ (APÊNDICE X).

As disciplinas que passaram a usar a estratégia de ACSC foram, inicialmente, as ministradas pelo pesquisador: Fundamentos do Pensamento Oriental (FPO⁵⁰), Fisiologia na MC (FEMTC), Diagnóstico na MC (DMTC), Fisiopatologia na MC (FiPaMTC) Alimentação Terapêutica Chinesa (ATC), Estudo de Pontos e Meridianos I e II (EPM I e II) e Nosologia na MC (Noso I e II). Com o passar do tempo, alguns ex-alunos assumiram essas mesmas disciplinas e continuaram com a estratégia colaborativa – esses foram os colaboradores escolhidos para compor o Grupo I de pesquisa. No presente trabalho, são apresentadas dinâmicas de FPO, FEMTC, DMTC, ATC e EPM.

4.3.2 A Escola Virtual

A plataforma virtual da Escola foi sendo gradualmente estruturada para funcionar como um suporte pedagógico e acadêmico para alunos e professores, com espaços para a disponibilização das diretrizes escolares e para a interação entre todos, além de contar com salas de aula virtuais para todas as disciplinas. Com o passar do tempo, e em algumas disciplinas especialmente, notou-se uma verdadeira hibridação entre os dois ambientes, virtual e presencial, como já foi apresentado anteriormente (no tópico 2.2.3). A seguir, serão apresentados os 2 principais espaços dentro da plataforma de aprendizagem, com suas interfaces e funcionalidades: a *Página Inicial* e as *Salas de Aula*.

4.3.2.1 Página Inicial

A área comum a todos os aprendizes, facilitadores e demais participantes da escola virtual – a primeira página e porta de entrada para a plataforma, a qual chamaremos aqui de *Página Inicial* – funcionava como um mural interativo. Na coluna da esquerda, nessa *Página Inicial* (Figura 31), podia-se encontrar o bloco com as diretrizes escolares, outro com as interfaces de interação e um terceiro bloco de glossários, esses últimos construídos com a contribuição de todos os participantes a partir de atividades dirigidas ou por postagens espontâneas. Abaixo da indicação do Menu Principal havia um tutorial com os primeiros passos para começar a usar o espaço virtual de aprendizagem.

Aqui serão explicados os dois blocos interativos – os que nos interessam de acordo com as propostas da pesquisa. O Bloco *Interação* contava com 4 Fóruns com objetivos diferentes,

⁵⁰ Colocarei as siglas que foram usadas na escola virtual (esse é um recurso do próprio MOODLE para facilitar os caminhos dentro do ambiente virtual) e que aparecem, por exemplo, nos cabeçalhos dos Fóruns das disciplinas – e que serão vistos por todo o texto.

porém complementares, com um chat (conversa de corredor) e com uma atividade interativa *Hot Potatoes*. O Bloco *Glossários* era um espaço reservado para a construção coletiva os Glossários de Biociências Ocidentais, de Pontos e Meridianos de Acupuntura (para funcionar como um banco de dados sobre o Sistema Jing Luo) e outro para termos da Medicina Chinesa (para consulta rápida de todos os participantes).

The screenshot shows the initial page of a Moodle course. On the left, there is a 'Menu Principal' with sections for 'Diretrizes Escolares' (containing links to Calendário, OPTTA, Diretrizes da OPTTA, Boas Práticas Ambulatoriais, Ementas do Curso Técnico em Acupuntura, Grade Horária, Diretrizes para a Monitoria, Atividades Extracurriculares, and Trabalho de Conclusão de Curso) and 'Interação' (containing links to Relatório de Monitoria, Novidades, Interação, Dicas de Alimentação Terapêutica Chinesa, Conversa de corredor, and Brincando com os níveis energéticos). Below these are 'Glossários' for Biociências Ocidentais, Pontos e Meridianos de Acupuntura, and Medicina Chinesa. The central area features a banner titled 'Meus Cursos e Disciplinas' with a painting. Below the banner is a 'Novidades' section with a post by Pedro Ivo titled 'interação e produção coletiva do conhecimento', dated October 9, 2012. The post text includes: 'Colegas, saudações! Gostaria de convidar todos os participantes da Escola Virtual a participarem ativamente de nossa plataforma virtual e do ambiente escolar. Aqui temos a possibilidade de vivenciar várias formas de interação e de colaboração. Blog: espaço para compartilhamentos de textos, sites, vídeos, etc. Leia o resto deste tópico (241 palavras)...'. On the right, there is an 'Ativar edição' button, 'Informações Pedagógicas' (containing links to Quadro das Racionalidades Médicas, Fitôki - Fitoterapia Chinesa, and Ficha para avaliação do desempenho discente em Seminários), a 'Calendário' showing the current date as the 4th, and 'Atividades' (containing links to Atividades Hot Potatoes, Chats, Fóruns, Glossários, and Recursos). At the bottom right, there is a 'BLOG ENAc' section with an image of a group of people sitting in a circle.

Figura 31: Página Inicial

No segundo Bloco, o Fórum *Novidades* – cujas mensagens eram enviadas para todos *e-mails* cadastrados (como acontece nos Fóruns das disciplinas para os seus participantes) e também apareciam nessa primeira página, no centro, como mostra a Figura 31– servia para o envio de notícias, recomendações, mensagens da secretaria, entre outros avisos. Era, enfim, uma interface de comunicação entre a direção e a secretaria e os demais participantes da plataforma; nessa interface a interação era restrita.

Os Fóruns *Dicas de Alimentação Terapêutica Chinesa* (Figura 32) e *Interação* (Figura 33) eram específicos para a troca de informações e conversas entre todos os participantes; no dia-a-dia acadêmico, notou-se a maior participação espontânea dos aprendizes no primeiro Fórum, provavelmente por já existir a disciplina específica de ATC, com seus Fóruns e atividades. Ainda nesse mesmo bloco, havia uma interface interativa que aqui recebeu o título

de *Brincando com os níveis energéticos* (Figura 34) e que foi editada por um professor da Escola⁵¹ para funcionar como um jogo para a prática dos conhecimentos sobre o Sistema de JĪNG LUÒ 經絡 (Canais e colaterais ou Meridianos). Tal atividade foi formatada em um software que recebe o nome de *Hot Potatoes* (uma *batata quente* desenhada para funcionar como uma atividade para resolução de problemas de forma divertida).

Receber as mensagens via email

Recomendações Gerais, dicas simples, postulados básicos da ciência viva da ATC... Sejam bem vindos!

A acrescentar um novo tópico de discussão













Tópico	Autor	Comentários	Última mensagem
Bolo de goma		0	Sex, 22 Jun 2012, 14:16 Pedro Ivo
Pão de trigo garminado	 Pedro Ivo	0	Seg, 16 Jan 2012, 11:15 Pedro Ivo
dicas da Tia Sônia	 Pedro Ivo	0	Ter, 23 Ago 2011, 17:57 Pedro Ivo
Alimentos e dicas para a época da seca	 Pedro Ivo	0	Qua, 17 Ago 2011, 16:20 Pedro Ivo
Favorecendo a drenagem do Gan e o potencial da transformação emocional	 Pedro Ivo	0	Ter, 28 Jun 2011, 16:03 Pedro Ivo
Manteiga Purificada - Ghee	 Pedro Ivo	1	Dom, 13 Feb 2011, 18:40 Pedro Ivo
Ambulatório de Alimentação Terapêutica Chinesa	 Pedro Ivo	0	Qui, 10 Feb 2011, 14:16 Pedro Ivo
Mais dona Sônia...	 Pedro Ivo	0	Qua, 13 Out 2010, 18:11 Pedro Ivo
Congee	 Pedro Ivo	3	Dom, 10 Out 2010, 20:22 Pedro Ivo
Recomendações Gerais	 Pedro Ivo	1	Qui, 7 Out 2010, 13:39 Pedro Ivo
Receitas da Sônia	 Pedro Ivo	0	Sex, 3 Set 2010, 18:53 Pedro Ivo
Introdução	 Pedro Ivo	0	Qua, 25 Ago 2010, 12:35 Pedro Ivo

Figura 32: Fórum de dicas da ATC

A conversa *de corredor* (Figura 35) era um *chat* que foi instalado em todas as salas de aula e na *Página Inicial* com o intuito de aumentar a proximidade entre todos de forma *síncrona*. O fato é que o *chat* era pouco utilizado na plataforma. A principal razão, acredita-se, se deve à característica híbrida das disciplinas e o papel que os encontros presenciais já assumiam, de estabelecer uma aproximação em tempo real. Outra razão se deve a que a interface tampouco foi estimulada pelos facilitadores, situação em que se inclui o pesquisador; talvez por falta de necessidade ou por não ter alcançado suas potencialidades.

Sobre o potencial dessa interface, foi feita uma breve pesquisa em repositórios de teses e dissertações da área de Educação e encontrou-se algumas que discutem justamente o vigor da interface *chat*; sem querer imprimir esta informação como um dado relevante, sublinha-se que há sim uma tendência a valorizá-lo, notadamente em cursos *online*; porém, vale ressaltar seu

⁵¹ Agradecimentos a Paulo Bezerra por seu apoio e amizade e pela providencial ajuda na implementação da plataforma e no uso de suas funcionalidades.

valor também em cursos híbridos ou, até mesmo, presenciais, como aponta a pesquisa de Ana Paula Scheffer S. da Silva, com o sugestivo título “Autonomia no processo de construção do conhecimento do aluno de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino” (2009).

Espaço para a troca de experiências entre os alunos, funcionários e professores.

A acrescentar um novo tópico de discussão





Tópico	Autor
Curso de Primavera Instituto Wu Chi. Tai Chi Chuan Chi Kung e Kung Fu.	
Daodajing na prática	
Blog do MOODLE	
Pratica Taoista Feminina - entrevista com Eva Wong	
Tempero da vida.	
Carta dos Estudantes de Acupuntura	
Plantas Mediciniais	
TCC	
confraternização CALORada humana	
Para lembrar	
Livro "Oftalmologia em Medicina Tradicional Chinesa e Acupuntura "	
Psicologia e Acupuntura	
Chá para eliminar vento-frio	
Gargalim	
Chá para Apalmar a Mente	
Depoito de Angélica Sinensis	
Fórmula fitoterápica	
chá para circular o Qi e tonificar o Rim	

Figura 33: Fórum de interação

No terceiro bloco estavam os três Glossários supracitados. Nas disciplinas gerenciadas pelo pesquisador, por exemplo, os alunos eram estimulados a postar itens nos Glossários da *Página Inicial* para complementarem suas notas finais; muitos também postavam por vontade própria, fora das atividades propostas; também os Monitores eram incentivados a postar nos Glossários como complemento de suas atividades de monitoria (APÊNDICE III). De um modo geral, essa interface colaborativa serviu para a consulta rápida de termos tanto da Racionalidade Médica Chinesa quanto da Contemporânea Ocidental. Na Figura 36, vê-se o enunciado do Glossário de termos da Medicina Chinesa.

A Figura 37 mostra o número de itens de cada Glossário. Como se vê, o Glossário com maior número de itens postados foi o de Medicina Chinesa, com 308 itens aprovados. A aprovação dos itens ficava a cargo somente dos Administradores da plataforma, principalmente o programador e o coordenador pedagógico.

Atividade para fixar o conhecimento sobre níveis energéticos



Com o auxílio da imagem acima arraste os itens da segunda coluna e solte-os ao lado do respectivo item a esquerda, correlacionando os níveis energéticos com seus respectivos meridianos.

Tente quantas vezes desejar.
Afinal esta é uma atividade de fixação!

Verificar

B - ID		Tai Yin
VB - TA		Shao Yao
E - IB		Jue Yin
SP - P		Tai Yang
F - CS		Shao Yin
R - C		Yang Ming

Figura 34: Brincando com os níveis energéticos

Conversa de corredor

Clique aqui para entrar no chat agora
(Versão sem frames Javascript)

espaço para colocar em dia as amizades e para promover o contato entre os participantes da plataforma MOODLE - ENAc Virtual.

Figura 35: Chat Conversa de corredor

Sobre os *papéis* que eram atribuídos aos participantes da plataforma, tínhamos principalmente quatro: administrador, professor, monitor e aluno. Nas salas de aula, no início dos períodos – cada semestre era dividido em dois períodos –, os aprendizes matriculados e os professores eram incluídos na disciplina pelo programador, a partir dos diários de classe, enquanto os monitores eram incluídos pelo coordenador, após a seleção. A plataforma MOODLE permite a edição de tarefas e competências para cada *papel*, pelos administradores da plataforma, ainda que exista uma predefinição das atribuições de cada um.

Glossário coletivo de termos da Racionalidade Médica Chinesa. Contribua!
Ao inserir um novo item e sua definição, não se esqueça das referências.

Obs: os itens postados estarão disponíveis no Glossário assim que sejam aprovados pela coordenação.

Buscar em todo o texto

Navegar usando este índice


[A](#) | [B](#) | [C](#) | [D](#) | [E](#) | [F](#) | [G](#) | [H](#) | [I](#) | [J](#) | [K](#) | [L](#) | [M](#) | [N](#) | [O](#)
[P](#) | [Q](#) | [R](#) | [S](#) | [T](#) | [U](#) | [V](#) | [W](#) | [X](#) | [Y](#) | [Z](#) | [Todos](#)

Página: [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) ... [29](#) (Próximo)
 Todos

Figura 36: Glossário de Medicina Chinesa

Nome	Itens
Glossário de Biociências Ocidentais	137
Glossário de Pontos e Meridianos de Acupuntura	68
Glossário de Medicina Chinesa	308

Figura 37: Itens postados nos Glossários

 interação e produção coletiva do conhecimento
 por Pedro Ivo - terça, 9 outubro 2012, 11:55

Colegas, saudações!

Gostaria de convidar todos os participantes da Escola Virtual a participarem ativamente de nossa plataforma virtual e do ambiente escolar.

Aqui temos a possibilidade de vivenciar várias formas de interação e de colaboração.

Blog: espaço para compartilhamentos de textos, sites, vídeos, etc.

Monitoria: a Monitoria tem como objetivo estimular o aprendizado constante e o treinamento de nossos alunos para uma possível carreira docente; além de criar em nosso corpo discente o hábito do estudo constante e propiciar o fomento de um ambiente acadêmico pleno, com atividades complementares e oficinas de dúvidas. Estão abertas as inscrições para a Monitoria do próximo bimestre.

Glossários: Os glossários de termos da Medicina Chinesa, das Biociências ocidentais e de Pontos e Meridianos esperam pela consulta e contribuição de todos.

Dicas de Alimentação: Recomendações Gerais, dicas simples, postulados básicos da ciência viva da ATC... Sejam bem vindos!

Fórum de Interação: este presente fórum, criado para a troca de experiências entre os alunos, funcionários e professores.

Chat conversa de corredor: espaço para colocar em dia as amizades e para promover o contato entre os participantes da plataforma MOODLE - ENAc Virtual.

TCC: alunos interessados em começar a construção do TCC podem entrar na disciplina em qualquer momento e entender melhor os caminhos para um trabalho acadêmico.

Aproveitem!

Figura 38: Mensagem sobre as interfaces interativas

Ainda na *Página Inicial*, é possível ter acesso ao *Blog* da escola; esse espaço era destinado às postagens informais, curiosidades, compartilhamento de vídeos, reportagens, textos, poesia, etc. Poucos foram os participantes que efetivamente postaram no *Blog*; de fato, reanalisando as postagens, 5 aprendizes e o coordenador postavam com uma certa regularidade,

outros postavam esporadicamente e alguns usaram o espaço de forma equivocada (apesar das mensagens que eram enviadas periodicamente, por meio do Fórum de notícias da Página inicial, com as devidas explicações sobre o uso de cada uma das interfaces de colaboração – ver Figura 38), com perguntas direcionadas a algum professor, por exemplo.

FRASE
por [avatar] quarta, 27 abril 2011, 16:06
Todos os usuários deste site

"Eu precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava."
Manoel de Barros
Modificar | Cancelar | Permalink

O nome que pode ser dito...
por [avatar] - terça, 19 abril 2011, 10:59
Todos os usuários deste site

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida para o canto - desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.
A palavra que tenha um aroma ainda cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
O antesmente verbal: a despalavra mesmo.
(Manoel de Barros)
Tags: despalavra, tao, manoel de barros, nome
Modificar | Cancelar | Permalink

O Zen em Quadrinhos
por [avatar] - sábado, 16 abril 2011, 15:41
Todos os usuários deste site

De Tsai Chih Chung, com tradução de Clara Fernandes.
Disponível integralmente no site: http://winstonsmith.free.fr/_/library/chih_chung/zq-1.html
(Sei que existe também O Tao em Quadrinhos, mas infelizmente nunca achei, nem online nem impresso...)

Figura 39: Exemplo de postagens no Blog

Vislumbra-se que o pouco uso do *Blog* se deva em parte, por um lado, ao pouco interesse dos participantes nessa interface; por outro, por uma falha no próprio desenvolvimento da plataforma, afinal, diferentemente do que acontece nos Fóruns, as postagens no Blog não chegavam automaticamente aos *e-mails* dos participantes, na forma de um aviso. Dessa sorte,

para saber o conteúdo e ver as postagens era necessário entrar no Blog. Na Figura 39, um exemplo de postagens no *Blog*.

Ao pesquisar especificamente sobre a experiência dos participantes no ambiente virtual, por meio de uma afirmação na Tabela de Avaliação (Figura 40) – *a escola virtual foi um ambiente colaborativo, com espaços para a construção coletiva do conhecimento (fóruns, glossários, blog) e para o compartilhamento de informações* – chegou-se ao seguinte resultado: 82,76% dos participantes concordam totalmente, enquanto 17,24% concorda/discorda parcialmente.

	concordo totalmente (1)		concordo/discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		D	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambiente c...	24x	82,76	5x	17,24	-	-	-	-	1,17	0,38
As disciplinas que foram construíd...	24x	82,76	5x	17,24	-	-	-	-	1,17	0,38
Essa estratégia de aprendizagem i...	19x	65,52	8x	27,59	-	-	2x	6,90	1,48	0,83
A estratégia de aprendizagem col...	24x	85,71	4x	14,29	-	-	-	-	1,14	0,36
Nas disciplinas colaborativas, o pr...	20x	68,97	8x	27,59	-	-	1x	3,45	1,38	0,68
As atividades propostas me incent...	22x	75,86	7x	24,14	-	-	-	-	1,24	0,44
O uso adequado das TICs (tecnolog...	24x	85,71	4x	14,29	-	-	-	-	1,14	0,36
A estratégia colaborativa foi efici...	19x	65,52	8x	27,59	1x	3,45	1x	3,45	1,45	0,74

Figura 40: Tabela de avaliação (1ª afirmação)

4.3.2.2 As Salas de Aula

Como foi explicado no tópico 2.2.1.1, as salas de aula foram todas organizadas com o mesmo arranjo de tópicos para facilitar a navegação dos participantes por todas as disciplinas com a mesma desenvoltura e para favorecer a iniciação tanto dos aprendizes quanto dos facilitadores pela aprendizagem colaborativa com suporte computacional; também para que as tutorias direcionadas aos participantes pudessem ser melhor direcionadas – principalmente no caso dos facilitadores, já que o uso das ferramentas de edição das salas de aula é simplificado com um arranjo prévio dos espaços e, além do mais, eles mesmos poderiam ajudar os aprendizes no processo de descoberta e uso das interfaces disponíveis. No APÊNDICE X se pode ver um exemplo de organização visual e didática da sala de aula; nesse caso, esse espaço foi destinado ao Núcleo de Estudos da Arte e Manifestações Daoístas Espontâneas em Religação com o Dao

(NEAMDERDao), o qual, por sua relevância transdisciplinar, terá um espaço especialmente dedicado a ele e a seus desdobramentos, no tópico 4.3.4.7. Abaixo, apresenta-se novamente a disposição das salas:

1. Introdução: espaço para o depósito de tutoriais, de mensagem de boas-vindas e primeiros passos na disciplina, para o programa e plano de aula e outros documentos necessários para o caminhar durante o período.
2. Recursos: espaço dedicado ao material didático da disciplina – textos, artigos, apostilas, aulas em *power point* e *prezi*, etc.
3. Interação: espaço para a troca síncrona e assíncrona de informações didáticas, escolares ou sociais, de um modo geral. Aqui eram abertos chats, fóruns de interação (não ligados a atividades específicas), jogos didáticos (*hot potatoes*, por exemplo), vídeos, relatório de avaliação da disciplina pelos aprendizes, fórum dos seminários apresentados, etc.
4. Atividades: espaço para a abertura de atividades avaliativas ou não – fóruns, testes, questionários, envio de atividades, etc.

4.3.3 O processo de implementação da plataforma e da aprendizagem colaborativa em formato híbrido


No início da implementação, e a cada semestre iniciado, foram ministradas aulas e postadas dicas (Figura 41, Figura 42 e Figura 43) para o bom uso da plataforma e para o estímulo ao uso das interfaces colaborativas, tanto para os professores quanto para os aprendizes; também havia a presença de um tutor⁵² – que poderia ser acessado virtualmente ou presencialmente, com agendamento – para sanar as dúvidas técnicas. Abaixo, um trecho do relato do tutor técnico:

como tutor, tinha que me ater ao fato de que as dúvidas apareciam em horários nada ortodoxos e agendar uma certa frequência para verificar novas mensagens. Encontrei um grande desafio em compreender a dificuldade do aluno e utilizar-me da didática e retórica textualizada para auxiliar.

Foi criada também uma sala de professores virtual (Figura 3) para servir como espaço de aprendizado e aproximação com as interfaces e com a filosofia colaborativas. Não obstante, é certo que poucos foram os professores que, no primeiro momento, adentraram na estratégia

⁵² O programador da escola também elaborou tutoriais e seu email ficava à disposição dos aprendizes e professores para dúvidas referentes à parte técnica, principalmente.

colaborativa com suporte computacional e, grande parte, passou a utilizar timidamente o espaço virtual, principalmente como depositários de textos, artigos e material didático, como já foi explicado no tópico 2.2.1.1.



Estimulando a confecção coletiva e o uso dos Glossários
por Pedro Ivo - quinta, 7 outubro 2010, 16:27

colega,

consagrando nossa metodologia de produção coletiva do conhecimento (nada mais próximo da Ciência Taoísta) convido você a fazer parte de nossos Glossários, na página inicial do MOODLENAc.

Uma ótima opção para os alunos é a inserção dos trabalhos (ou partes deles) e tarefas produzidos nas disciplinas já cursadas. Creio que esta seria uma forma maravilhosa de compartilhamento do conhecimento.

Para os professores, pode ser uma boa plataforma para compartilhar o material de sala de aula entre todos.

Além de tudo, creio que nunca é demais lembrar que as salas de aula virtuais são extensões das salas de aula presenciais e, portanto, devem funcionar como tal. Não devem funcionar como simples depósitos de textos e devem ser um local "sagrado" de convívio entre os alunos da mesma disciplina.


Agradeço pela atenção e aguardo sua participação...

A escola somos nós.....

Pedro Ivo

Editar | Apagar | Responder

Figura 41: Estimulando a confecção coletiva e o uso dos glossários



interação e produção coletiva do conhecimento
por Pedro Ivo - terça, 9 outubro 2012, 11:55

Colegas, saudações!

Gostaria de convidar todos os participantes da Escola Virtual a participarem ativamente de nossa plataforma virtual e do ambiente escolar.

Aqui temos a possibilidade de vivenciar várias formas de interação e de colaboração.

Blog: espaço para compartilhamentos de textos, sites, vídeos, etc.

Monitoria: a Monitoria tem como objetivo estimular o aprendizado constante e o treinamento de nossos alunos para uma possível carreira docente; além de criar em nosso corpo discente o hábito do estudo constante e propiciar o fomento de um ambiente acadêmico pleno, com atividades complementares e oficinas de dúvidas. Estão abertas as inscrições para a Monitoria do próximo bimestre.

Glossários : Os glossários de termos da Medicina Chinesa, das Biociências ocidentais e de Pontos e Meridianos esperam pela consulta e contribuição de todos.

Dicas de Alimentação: Recomendações Gerais, dicas simples, postulados básicos da ciência viva da ATC.... Sejam bem vindos!

Fórum de Interação: este presente fórum, criado para a troca de experiências entre os alunos, funcionários e professores.

Chat conversa de corredor: espaço para colocar em dia as amizades e para promover o contato entre os participantes da plataforma MOODLE - ENAC Virtual.

TCC: alunos interessados em começar a construção do TCC podem entrar na disciplina em qualquer momento e entender melhor os caminhos para um trabalho acadêmico.

Aproveitem!

Editar | Apagar | Responder

Figura 42: Interação e produção coletiva do conhecimento

As primeiras disciplinas a experimentarem a mudança na estratégia pedagógica, com o foco na colaboração com suporte das TICs, foram Alimentação Terapêutica Chinesa, Fisiopatologia na Medicina Chinesa, Diagnóstico na Medicina Chinesa e Estudo de Pontos e Meridianos, todas sob a mediação desse pesquisador, o qual, naquele momento, além de professor nessas disciplinas também acumulava a função de coordenador pedagógico e diretor de ensino. Todas os dados primários coletados nessa pesquisa – postagens e discussões dos


Fóruns da Página Inicial e das atividades propostas nas disciplinas, Glossários, Blog, interfaces estéticas de colaboração, fichas de avaliação, enunciados, etc – são provenientes da etapa em que ocupava essas funções, especificamente entre os anos de 2010 e 2012. Os outros dados, tanto quantitativos quanto qualitativos, são provenientes da pesquisa enviada aos aprendizes e das discussões abertas com os professores selecionados. E também da rica coleta de dados bibliográficos, tanto dos autores que já são referência nos *Emblemas* que foram convocados para esta seara, quanto do valoroso trabalho de Igor Baseggio (2011).

FEMTC-Mat » Fóruns » Atividade 1 - Sonacirema » Sonacirema

Re: Sonacirema
por [Pedro Ivo](#) - sexta, 7 setembro 2012, 14:36

Olá colegas!

Aproveito para falar um pouco sobre as atividades MOODLE:

- Estas atividades são exemplo de uma metodologia de Construção coletiva do conhecimento ou Abordagem Colaborativa.
- Tal metodologia põe ênfase no diálogo e aprendizado coletivo, fruto da interação entre todos. Neste formato, o professor atua, principalmente, como mediador e facilitador da experiência do encontro.
- Notem que esta abordagem está em sala de aula e no ambiente virtual, com nossos fóruns, nos [glossários](#), no [blog](#), etc....
- Deste modo, é de suma importância a participação ativa de todos. A intenção é mesmo o compartilhamento de percepções pessoais e coletivas e o compartilhamento de diversas fontes que servirão de aprendizado para todos.
- Notem que é importante postar os comentários no fórum em questão mesmo, para facilitar a visualização das discussões por todos. A inserção de arquivos deve ser para complementação.
- Façam uso do editor de texto para tornar as postagens mais atrativas e didáticas. Vocês podem alterar **fontes**, tamanho, inserir **cores**, [links](#), vídeos (código html, no botão <>), imagens, , arquivos, etc....
- Mesmo que o enunciado da atividade peça uma Postagem Principal e uma resposta, sintam-se à vontade para gerar outras respostas de postagem. A avaliação contemplará as postagens com valor mais alto.

Ótimo feriado!

Figura 43: Recado aos participantes da atividade Fórum

Creio ser muito importante para esse tipo de pesquisa, que se ancora na *reintrodução do sujeito cognoscente* (MORIN, 1999), que eu reafirme minha posição e favoreça o aflorar do posicionamento ativo dos outros sujeitos, no resgate da autoria de nossas próprias histórias e no fortalecimento de nossas posições de coautores de construções coletivas.

Assim sendo, também me propus a marcar meu papel nessa jornada investigativa e a valorizar e a expor minhas impressões e sentimentos como válidos em empreendimentos científicos, onde o olhar taoísta (o jeito taoísta de fazer ciência, de tornar o mundo inteligível e cognoscível, de atuar nele do mesmo modo que a lagarta tece seu casulo e se transforma), aqui mimetizado na postura ecossistêmica, seja encarado como legítimo para traduzir a realidade.

Dito isso, acho importante relatar que a construção da plataforma de ensino, e o conseqüente rearranjo das dinâmicas em sala e em todo ambiente escolar, se nutriu de uma aura de transformação sistêmica, em um ajuste dinâmico e constante – com seus acertos e percalços –, como uma verdadeira teia *auto-eco-organizadora* (MORIN, 1999) onde cada componente

desse sistema vivo passou a participar “da produção e da transformação dos outros componentes” (MATURANA & VARELA, 1995), como não cessamos de aprender na Medicina Chinesa.

Então, nesse rumo, chamo alguns aprendizes para apresentarem seus relatos (Figura 44, Figura 45, Figura 46 e Figura 47) e mostrarem como “a realidade aparece como proposição explicativa da experiência, não havendo assim uma realidade absoluta nem uma verdade relativa, mas inúmeras verdades, diversas realidades observáveis, de acordo com os diferentes domínios que envolvem as explicações dos observadores” (MATURANA, 1995 apud MORAES, 2008, P 76).

- As disciplinas em que houve a utilização da plataforma concomitante com as aulas presenciais e nas quais era demandada a real interação participativa na internet, apresentações de trabalhos de formas sequenciais em sala e sua posterior publicação virtual no grupo para que todos pudessem ter acesso àquele conhecimento, considero que foi sim um excelente espaço de construção coletiva de conhecimento que fica disponível a todos os que dele participaram (gostaria de poder ter acesso às disciplinas das quais participei, tinham materiais muito ricos). Muito grata por toda a troca e toda a oportunidade de aprendizado e crescimento, Pedro!

Figura 44: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 1

- A escola virtual enriquece o curso funcionando como continuação da sala de aula. Ao aluno é dada a oportunidade de continuar as discussões iniciadas na aula, expor dúvidas, iniciar novas discussões, num processo de contínuo aprendizado. É também um incentivo para que o aluno estude e aprenda por conta própria, aprofundando seu aprendizado da matéria exposta na aula presencial e até extrapolando o conteúdo da disciplina, na busca de um conhecimento maior, ilimitado.

Figura 45: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 2

- Nas disciplinas em questão, houve grande aproveitamento de relatos e experiências de outros estudantes/acupunturistas. Questões que não são encontradas em livros, observações e intuições pessoais de valor inestimável foram levantadas e, muitas vezes, com reconhecimento pelos outros colegas. Quando se tratava de estudo de texto, o resultado era muito rico e plural. Os comentários sempre nos levavam a percepções diversas e ampliavam a visão sobre o assunto em questão.

Figura 46: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 3

- A experiência de que trata a pesquisa em questão foi muito boa, a meu ver. E para que os resultados sejam visíveis são imprescindíveis o interesse e o compromisso das pessoas envolvidas. Percebi também que a interação virtual tinha um efeito de sacudir e movimentar alguns estudantes mais passivos e que ao longo dos estudos, venciam suas travas e participavam com mais interesse. Para quem sabe aproveitar, os ganhos são inestimáveis.

Figura 47: Relato de aprendiz (tópico 4.3.3) 4

4.3.3.1 A monitoria

Desde o início da escola virtual, todas as disciplinas que se desenvolveram por meio da estratégia colaborativa com suporte digital contaram com monitores selecionados a partir do critério de interesse e de disponibilidade. Algumas disciplinas contaram, inclusive, com dois monitores que se organizavam entre eles e com o professor para favorecer o andamento da colaboração.

Foi criado, então, o Fórum Relatório de Monitoria (Figura 48) para facilitar a comunicação entre todos os monitores e a coordenação, na *Página Inicial* da escola virtual. Os monitores eram estimulados a postar semanalmente um relatório, de forma esquemática (APÊNDICE III) mostrando de que forma participaram e estimularam a colaboração. Em cada disciplina também foi criado um Fórum de monitoria, para servir de espaço para a interação direta entre aprendizes, facilitadores e monitores. Nas Figura 49 e Figura 50 são apresentadas duas postagens de monitores no Fórum Relatório de Monitoria.

Convém também comentar sobre a participação dos monitores nos Fóruns abertos nas salas de aula, especificamente para a ponte direta com os aprendizes; nota-se que aconteceram interações construtivas. De fato, poder-se-á acompanhar no tópico 4.3.4 (As disciplinas colaborativas) algumas participações de monitores em outros Fóruns, nas atividades propostas (ainda que, por meio das postagens aqui replicadas, não se possa identificar o papel de cada participante).

Com essa realidade em andamento, a monitoria se apresentou como uma ferramenta estratégica no processo de consolidação da ACSC, tanto pelo papel direto dos monitores no processo de aprendizagem – por meio das oficinas de dúvidas, com grupos reduzidos de alunos construindo em conjunto, ou pelas postagens nos Fóruns e Glossários – como pela participação indireta, ao suavizar e favorecer a participação do facilitador, com a descentralização de seu papel no andamento da disciplina.

Menu Principal

- Introdução ao MOODLE
» Diretrizes Escolares «
- Calendário
- OPTTA
- Diretrizes da OPTTA
- Boas Práticas Ambulatoriais
- Ementas do Curso Técnico em Acupuntura
- Grade Horária do 1º período do 1º sem
- Diretrizes para a Monitoria
- Atividades Extracurriculares
- Trabalho de Conclusão de Curso
- » Interação «
- Relatório de Monitoria**
- Novidades
- Interação
- Dicas de Alimentação Terapêutica Chinesa
- Conversa de corredor
- Brincando com os níveis energéticos.
- » Glossários «
- Glossário de Biociências Ocidentais
- Glossário de Pontos e Meridianos de Acupuntura
- Glossário de Medicina Chinesa

O objetivo desse Fórum é manter a ponte entre todos os monitores e a coordenação pedagógica. O principal intuito da abertura desse canal é efetivar o trabalho de Monitoria e torná-lo eficiente e transparente.

Aqui também será o espaço para a postagem dos **Relatórios Semanais** de Monitoria. Sejam bem-vindos!

Guia para o Relatório Semanal

Nome do monitor:
Disciplina (turno):
Professor:

- 1. Fórum de Monitoria**
 - 1.1. número geral de postagens
 - 1.2. número de postagens do monitor
 - 1.3. avaliação do monitor sobre a atividade
- 2. Oficina de dúvidas**
 - 2.1. dia e carga horária
 - 2.2. número de alunos presentes
 - 2.3. assuntos abordados
 - 2.4. avaliação do monitor sobre a atividade
- 3. Postagens nos Glossários**
 - 3.1. itens postados
 - 3.2. tempo aproximado para as postagens
- 4. Outros trabalhos, chats, auxílio ao professor**
 - 4.1. especificar as tarefas
 - 4.2. tempo aproximado
- 5. Comentários gerais** do Monitor sobre a atividade semanal
- 6. Carga horária semanal aproximada**

PS: O presente relatório contará como 30 minutos de monitoria.

Figura 48: Fórum de monitoria

Re: Fisiopatologia - NOT
por: - segunda, 13 junho 2011, 10:09

Nome do monitor:
Disciplina (turno): Fisiopatologia (noturno)
Professor: Pedro Ivo

- 1. Oficina de dúvidas**
 - 2.1. dia e carga horária: 07/06, 15h às 18h
 - 2.2. número de alunos presentes: duas
 - 2.3. assuntos abordados: padrões do Pulmão, padrões dos Cinco Movimentos
 - 2.4. dia e carga horária: 08/06, 17h às 18h
 - 2.5. número de alunos presentes: uma
 - 2.6. assuntos abordados: introdução à teoria dos Cinco Movimentos
 - 2.7. avaliação do monitor sobre a atividade: a colega que marcou as duas oficinas estava bem insegura, além de demonstrar uma certa dificuldade de aprendizado, mas era evidente seu esforço em estudar e entender os assuntos abordados
- 2. Outros trabalhos, chats, auxílio ao professor**
 - 4.1. especificar as tarefas: correção da atividade 2, no Moodle, em parceria com o colega
 - 4.2. tempo aproximado: 4 horas
- 5. Comentários gerais** do Monitor sobre a atividade semanal: sem dúvida, uma semana de atividades bem intensas, que, afinal, valeram muito a pena, já que o aprendizado também foi bem intenso
- 6. Carga horária semanal aproximada: 8 horas**

Figura 49: Postagem de relatório de monitoria

<p>Diagnóstico 17/03/2011 por i - quinta, 17 março 2011, 14:30</p> <p>Relatório de Monitoria</p> <p>Nome do monitor: Disciplina (turno): Diagnóstico Professor: Pedro Ivo</p> <p>1. Oficina de dúvidas 1.1. dia e carga horária: 12/03/2011 carga horária: 3hs 1.2. número de alunos presentes: 6 1.3. assuntos abordados: construção da ficha de anamnese 1.4. avaliação do monitor sobre a atividade: houve grande interação da turma com as monitoras; cada monitora ficou responsável por um grupo de 3 alunos; juntamente com dicas sobre a construção da ficha de anamnese estudamos o diagnóstico na MTC e tecemos comentários a respeito dos padrões de desarmonia da aluna que estava sendo diagnosticada. Os alunos aprovaram a oficina e requisitaram outro dia para dar continuação aos estudos.</p>

Figura 50: Postagem de relatório de monitoria 2

Nota-se, assim, que o papel do monitor – como um participante que também acumula o papel de aprendiz, em igualdade relativa com os outros aprendizes – em um primeiro momento, tende a favorecer a interação mútua, em um sistema aberto e em constante negociação, e ajuda na transmutação da lógica verticalizada entre professor e aprendizes.

Um tipo específico de monitoria, nessa realidade pedagógica que estamos tratando, teve um papel crucial na aprendizagem colaborativa: a monitoria do Estágio Supervisionado/Práticas Assistidas. Devido à relevância dessa disciplina para a presente pesquisa, ela também estará no próximo tópico.

4.3.4 As disciplinas colaborativas

Aqui serão apresentados alguns fóruns das salas de aula virtuais que deflagram a roda colaborativa e a produção coletiva de conhecimento sobre a Medicina Chinesa e suas circunstâncias. Algumas atividades serão aqui reproduzidas, especificamente algumas discussões que apresentaram *Postagens Principais* e *Respostas de Postagem* instigadoras e estimulantes, ou que revelam importantes aspectos da Medicina Chinesa e suas circunstâncias. Também serão reproduzidos trechos do trabalho etnográfico de Igor Baseggio no tópico relativo ao ES/PA, por seu valor estratégico nessa dissertação. Também ressalta-se o Núcleo de Estudos da Arte e das Manifestações Daoístas Espontâneas em Relação com o Dao (NEAMDERDao), por seu caráter transdisciplinar e libertário.

É certo, e é vital que fique claro, que a reprodução desses trechos, por si só, não configura que, de fato, ocorreu ou deixou de ocorrer colaboração, ou quanto de eficácia (essa palavra!), sobre essa estratégia pedagógica, podemos palpavelmente mensurar. Como já foi

comentado outras vezes nesse trabalho, o objetivo não é comprovar nada, muito menos atribuir valor científico duro à esta experiência. Como um Estudo de Caso que se “veste” com os valores ecossistêmicos e taoístas, a (pre)ocupação aqui é retratar uma Ocasão e cenários específicos, com o máximo possível de dados de diferentes procedimentos de coleta – de natureza tanto quantitativa quanto qualitativa - para trazer uma paisagem com suas múltiplas camadas, à semelhança do diagnóstico dinâmico desenhado pelo médico chinês (de fato, Ted Kaptchuk tece uma comparação primorosa entre médicos e pintores chineses⁵³).

A escolha das Postagens reproduzidas não seguiu um mesmo critério; no caso dos Fóruns da disciplina FPO, por exemplo, foram escolhidas postagens que puderam ser resgatadas, como será explicado adiante. Em outras, escolheu-se as que tiveram uma relevância conceitual para o entendimento da visão médica chinesa. Outras, por sua importância associada à ACSC. Algumas, por encantamento pessoal do pesquisador.

Os programas de algumas disciplinas são reproduzidos no APÊNDICE VIII.

Abre-se então as discussões com os relatos de alguns aprendizes (Figura 51, Figura 52 e Figura 53):

“Foi uma experiência muito boa usar esta ferramenta de ensino. Os fóruns foram sempre muito instrutivos, a interação entre os participantes e o professor era constante e ajudava no nosso aprendizado. O fato de ter acesso ao material virtualmente é muito bom, pois quando surgiam dúvidas era só pesquisar no moodle ou escrever para o professor nos fóruns e as dúvidas eram sanadas. Outro ponto positivo, é não ter que ir presencialmente para a escola aprender, pois esta ferramenta de ensino possibilita o ganho de aprendizagem na nossa casa ou em qualquer lugar que estejamos! Só tenho a agradecer ao professor Pedro Ivo por apresentar esta ferramenta de ensino que ajuda muitas pessoas e espalha o conhecimento sem barreiras físicas.

Figura 51 Relato de aprendiz (tópico 4.3.4) 2

- A troca de ideias, informações e opiniões é sempre muito importante para o entendimento. Podendo ampliar essas trocas, de uma forma com que todos os envolvidos possam se comunicar com maior facilidade, aumenta a capacidade de interação, melhora a qualidade de aprendizado e principalmente incentiva a participação e pesquisa!

Figura 52: Relato de aprendiz (tópico 4.3.4)

⁵³ “A sensibilidade artística permite ao médico permanecer em contato com os sutis refinamentos de significado e discernir os matizes de significado dos sinais corporais; mas o que é mais importante, permite dar-se conta do processo que existe entre e ao redor das medições lineares. A medicina chinesa não é fundamentalmente quantitativa. Reconhece que o padrão de cada pessoa tem uma textura única; que cada imagem é de uma qualidade essencial.” (KAPTCHUK, 1997, p.42 – tradução livre de Fernando Moura)

- As disciplinas que foram desenvolvidas também na plataforma Moodle enriqueceram o estudo pela possibilidade de discussões do grupo a respeito dos temas propostos pelo professor bem como outros temas da MTC sugeridos pelos colegas.

Figura 53 Relato de aprendiz (tópico 4.3.4) 3

4.3.4.1 Fundamentos do Pensamento Oriental (FPO)

Começando com um relato pessoal meu, como sujeito da pesquisa, considero que Fundamentos do Pensamento Oriental foi, sem dúvida, a disciplina que confirmou o grande potencial do formato *blended-learning* para o estudo e a aprendizagem colaborativa na formação em Medicina Chinesa. Desde a primeira experiência, observou-se uma participação assídua do grupo e uma grande motivação para a troca e para a construção coletiva de conhecimento, tanto na sala de aula presencial quanto na sala de aula virtual. De fato, foi especificamente aí que notou-se o grande potencial da aprendizagem híbrida, com uma permeabilidade absoluta entre os dois ambientes.

Abaixo serão replicadas duas *Postagens Principais* de aprendizes, motivadas pela atividade proposta (Figura 54), com suas respectivas *Respostas de Postagem*. É interessante notar que o enunciado aqui é mais informal e com menos critérios predeterminados para as *Postagens* e *Respostas de Postagens*, assim como para as avaliações, se comparamos com os enunciados das outras disciplinas (APÊNDICE V); com o andar da carruagem, notou-se que era necessário uma maior delimitação dos temas e que os enunciados deixassem claro todos os passos para a participação (principalmente os passos relativos aos procedimentos técnicos para a inserção de comentários, textos, arquivos, imagens, etc.; assim como a diferença entre *Postagem Principal* e *Resposta de Postagem*, já que a primeira abre uma nova discussão e a segunda alimenta uma discussão já iniciada).

No caso dessa disciplina, foi necessário resgatar as atividades a partir de backups antigos feitos pelo programador da escola já que, na época que iniciou-se a coleta de dados a partir da plataforma, no final de 2012, essas já não estavam disponíveis. Devido a isso, não foi possível tê-las em seu formato original. Ainda assim, as postagens serão replicadas na íntegra e apresentadas na forma de balões – como os relatos dos aprendizes coletados para a pesquisa – sendo somente ocultados os nomes dos participantes. O programa da disciplina pode ser consultado no APÊNDICE VIII. O enunciado a seguir (Figura 54) é o guia para as duas *Postagens Principais* que serão replicadas, com suas respectivas *Respostas de Postagem*. As Postagens nesse tópico assumem a forma de balões e não serão legendadas.

Sábado, 10 de Abril de 2010 - Hora: 13:32

O tao nosso de cada dia

Colegas, a idéia para a segunda atividade é procurar elementos do pensamento taoista em nossa vida cotidiana e compartilhá-los com a turma. Podem ser trazidos textos científicos, literários, filmes, reportagens, experiência pessoal, etc. Um bom exemplo são as duas animações, Das Rad e o trecho de Waking Life, já disponíveis no tópico Interação. Importante também é a inserção de um comentário sobre sua escolha e uma resposta à postagem de um colega para alimentar a roda, seguindo o modelo da Atividade 1.

Bom descanso e bom trabalho!

PS: vocês podem utilizar o recurso Procurar arquivo e inserir algum arquivo, [vídeo](#) ou página da web.

Figura 54: Enunciado da atividade "O tao nosso de cada dia"

4.3.4.1.2 Mã Nà e o tempo

POSTAGEM PRINCIPAL

Vou citar aqui um breve texto que li no I CHING-O LIVRO DAS MUTAÇÕES, que ganhei essa semana e [um poeminha](#) de Fernando Pessoa que gosto muito, e que acredito combinar com o assunto.

"Os fenômenos são incontáveis e distintos uns dos outros, porém regidos, em suas tendências de mudanças, pelos mesmos e constantes princípios. Aprendendo-os, descobre-se o simples por detrás do complexo, o que implica também no fácil, que é a trajetória e o percurso de tudo o que acompanha o ciclo em vigência. Fluindo em acordo com as circunstâncias, evita-se o atrito, escapa-se ao desgaste. O caminho do fácil é duradouro e espontâneo, pois não exige esforço. Assim como a água descendo da montanha, diante de nada recua, diante de nada insiste; mergulha, desvia, contorna, adapta-se sem resistência e chega, pois, infalivelmente ao que lhe corresponde." I Ching

Bom, entendi nesse texto que quanto mais temos pressa, mais afastamos de nós aquilo que procuramos e não soubemos explicar. Cada um de nós, com certeza já teve a sensação de que quando deixávamos a coisa fluir, dava certo, quando já não esperávamos o telefonema, a pessoa ligava, quando tanto queríamos que algo acontecesse, que só ocorria quando achávamos que já não queríamos mais, mas aliviamos que 'nossa! foi na hora certa!'. Entendo dessa forma, que o Tao é o caminho natural, assim como as flores nascem na estação certa, assim como as folhas caem na hora certa, como há a época de cada fruta, a hora para cada coisa e se deixarmos esse fluir acontecer, desgastaremos menos o nosso corpo mente. Somos parte da natureza e vivemos como ela, basta observar. Essa integração nos deixa caminhar mais natural, aprendendo a ouvir e esperar, sem que para isso fiquemos parados esperando apenas, mas sim, mais sábios para agir na hora certa, sem pressa.

"Devemos respeitar o ritmo da existência, permitindo que as coisas aconteçam por elas mesmas, sem forçar o seu caminho, sem forçar o curso do rio. Não há necessidade de estar com pressa porque a eternidade está disponível para você. Plante as sementes no tempo certo e espere; a primavera virá; ela sempre vem. E quando a primavera vier, as flores aparecerão. Mas espere, não tenha pressa". (Fernando Pessoa)

RESPOSTA DE POSTAGEM 1

Muito legal isso que escreveu, há pouco recebi um e-mail de uma amiga e olha... tem muito a ver com isso...Tudo tem a sua ocasião própria e há tempo para todo propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; Há tempo de adoecer e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; Há tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de dançar; Há tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las; tempo de abraçar e tempo de abster-se de abraços; Há tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de jogar fora; Há tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; Há tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz. (Eclesiastes 3) Abraço

RESPOSTA DE POSTAGEM 2

Tudo de bom. E melhor ainda foi vc receber essa mensagem, exatamente no instante em que estamos pensando nisso tudo. Lindo! Abraço, companheiros.

RESPOSTA DE POSTAGEM 3

É meninas, as discussões sobre sincronicidade também permearão nossa disciplina...agradeço por adiantarem a pauta! E sobre a postagem da M., o mesmo Fernando Pessoa, transmutado em outro, complementaria mais ou menos assim: *Eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: as coisas não têm significação, têm existência; as coisas são o único sentido oculto das coisas.* Abraço, Pedro Ivo

RESPOSTA DE POSTAGEM 4

Viva, viva! A vida, a poesia e os companheiros. Até amanhã!

RESPOSTA DE POSTAGEM 5

Este poema do Fernando pessoa me lembrou muito o final do filme lavoura arcaica, só consegui a fala dele com outras imagens mais a fala que é o mais importante

<http://www.youtube.com/watch?v=cVRT00LHElg>

RESPOSTA DE POSTAGEM 6

Legal você ter ganho o livro! Você merece. Eu ainda não o tenho. Espero tê-lo em breve. Quanto ao texto do I CHING, a citação da água como um bom exemplo de sabedoria no tocante a nossa vida é inspirador. O não recuar, não se opor, contornar, adaptar, deixar fluir e percorrer o caminho... No capítulo 8 do tao te king, diz que a bondade sublime é como a água. O poema de Fernando Pessoa é bem interessante e me fez refletir sobre minha ansiedade e impaciência. Um abraço.

RESPOSTA DE POSTAGEM 7

É E., "só a justa natureza do tempo dá a justa medida das coisas". Muito recomendável esse maravilhoso livro de Raduan Nassar (assim como "Um copo de cólera") e sua transmutação deveras surpreendente para a linguagem cinematográfica. Ótima recomendação! Abraço, Pedro Ivo

4.3.4.1.2 O Pé de Mamão

POSTAGEM PRINCIPAL

Olá Caros Colegas,

Eu trabalho no Metrô, todos os dias passo por um lugar que fica depois da estação "Ceilândia Centro" onde não é túnel, e sim dois paredões bem altos um de cada lado. A pouco tempo aconteceu uma coisa muito curiosa, nasceu um pé de mamão numa viga de um dos paredões. O incrível é que o pé de mamão cresceu, e está carregado de mamão, uns dez mais ou menos, o caule saindo de dentro da parede apertado tem mais ou menos 11 centímetros de diâmetro. Este mamoeiro está localizado num ponto muito alto do paredão de uma forma que não dá para pegar os mamões nem de cima pra baixo nem de baixo pra cima. Ou seja estes vão ficar para os passarinhos mesmo.

Às vezes eu penso que as condições que mentalmente idealizamos para o desenvolvimento de uma árvore que dê frutos, esteja bem longe de uma viga de paredão. Entretanto, ninguém disse isso ao mamoeiro, ele simplesmente continuou sendo e ultrapassando as necessárias adaptações para seu desenvolvimento natural de dar mamões. Talvez se o mamoeiro soubesse que aquelas não eram as condições ideais talvez ele tivesse se bloqueado ou se alguém tivesse intervindo no seu crescimento, pode ser que ele teimasse em ser mamoeiro mesmo que não desse mamões. Parece que o caminho do "ser" do "estar presente" é por si, não importando o resultado final nem as convenções padronizantes. Vejo o TAO aí. Fico muito feliz de compartilhar isso com todos.

Um abraço!

RESPOSTA DE POSTAGEM 1

Nossa, adorei! É isso aí mesmo que enxergo também, o curso natural das coisas é bem mais produtivo, feliz e verdadeiro. Poderíamos 'imitar' o pé de mamão todos os dias, sem forçar o curso dos acontecimentos, sem pressa de chegar a uma conclusão, final, objetivo.

Fico pensando também. Como é belo esse caminhar natural, é? Estamos estudando esse assunto e lhe acontece esse fenômeno lindo, que lhe mostrou esse aprendizado e que vá trouxe até nós. Lindo isso! Seria o TAO? Acredito que sim.

Viva a leveza natural de ser do pé de mamão.

Um abraço, até amanhã. Boa noite!

RESPOSTA DE POSTAGEM 2

Esse pé de mamão é carne de pescoço hein!?(risos...). Eu lembrei da árvore bonsai do Sr.Miagi em karatê kid 2 (A hora da verdade continua).Vamos ter que fazer um rapel pra pegar esse mamão! Brincadeira à parte; O mamoeiro me fez pensar sobre a capacidade de adaptação e absorção dos seres. Sua força de vontade de superar desafios ou dificuldades e continuar trilhando o caminho (TAO). Um abraço

RESPOSTA DE POSTAGEM 3

Legal!!!! Depois vou assistir esse filme, fiquei curiosa...o mais legal que achei foi que o pé de Mamão teve "força de vontade de superar desafios ou dificuldades" dentro de uma filosofia do não esforço, muito Taoísta.

4.3.4.2 Alimentação Terapêutica chinesa (ATC)

Essa disciplina foi a que inaugurou a adoção do moodle como ambiente educacional online e espaço para compartilhamento de informações e construção coletiva do conhecimento, ainda no segundo período do segundo semestre de 2009 (a partir de outubro); portanto uma disciplina-piloto nessa estratégia que se consolidou a partir de 2010 até 2012. Por isso mesmo, por seu caráter piloto, não foi considerada na avaliação global da pesquisa. Por outro lado, reproduzo aqui trechos de dois fóruns, com suas respectivas postagens e participações. Algumas postagens, como a *Postagem Principal* dessa primeira atividade, foram cortadas em parte, devido à extensão, e por não ser de interesse direto de nosso estudo.

Foram selecionadas duas *Postagens Principais*, com suas respectivas *Respostas de Postagem*, coletadas de dois Fóruns diferentes. Os fóruns de ATC foram muito ricos e mostraram-se excelentes para o aprendizado compartilhado. De fato, essa disciplina é potencialmente estratégica para a expansão do olhar chinês para todos os aspectos da vida, já

que no dia-a-dia, e de forma prática, pode-se empregar seus preceitos. Os enunciados antecedem as postagens.

4.3.4.2.1 É batata!

A postagem abaixo foi muito significativa como uma das primeiras aventuras na plataforma virtual de aprendizagem e na roda colaborativa.

ATIVIDADE

Leia o tópico "a classificação dos alimentos" na apostila e o texto "a forma dos alimentos" (ambos estão no tópico recursos) e comece a atividade:

- Faça uma *Postagem Principal* traçando um paralelo entre a matéria ATC e um trecho de alguma reportagem, estudo científico, ~~video~~ ou artigo que fale sobre o efeito de um determinado alimento no organismo.
- Faça, pelo menos, uma *Resposta de Postagem* comentando o estudo do(a) colega.

Mínimo de postagens para esta atividade: 2 (Uma *Postagem Principal* e, pelo menos, uma *Resposta de postagem*)



Yacon, uma batata diferente

Por - quinta, 29 outubro 2009, 15:26

Atentemos primeiramente ao formato dos nossos tubérculos, principalmente a batata yacon, que é um pâncreas que nasce debaixo da terra... tem movimento para baixo... enquanto suas folhas para cima. Seu efeito com energizante é de movimento ascendente. Ativa o yang e regula o Qi. Carrega consigo muita força, traz profundidade e concentração. Mobiliza a energia para o aquecedor inferior, além de nos aterrar e estabilizar.

Um alimento do elemento Terra... que nutre todos os órgãos e meridianos Terra (Estômago, Baço, Pâncreas, Sistema Linfático, Amídalas e Timo...) Literalmente nosso processo digestivo... entrada, síntese, absorção, limpeza, eliminação... imunidade e resistência!

Yacon - alimento ou remédio?

Por: Rose ~~Ajelo~~ Blanco





Re: [Yacon](#), uma batata diferente
por [Pedro Ivo](#) - quinta, 29 outubro 2009, 16:05

Olá a todos!

Ótima postagem! Este tubérculo-fruta (têm uma polpa muito característica de fruta) têm um grande potencial de auxiliar o BP, além de nutrir o Yin do Estômago (por suas características mais frescas, polpa aquosa, nutritiva e amarelada).

Adicionarei um link para um [vídeo](#) sobre o [Yacón](#) no tópico recursos...

grande abraço



Re: [Yacon](#), uma batata diferente
Por - sexta, 30 outubro 2009, 19:38

Hoje estava sentindo uma forte azia depois do almoço, e no fim de tarde tive a chance de encontrar uma batata [Yacon](#) no [super](#) e comprá-la. Já havia comido antes, mas não tinha parado para sentir os efeitos dela no corpo, ainda desconhecia a ATC e a MTC. Então, [hj](#) pude sentir realmente que ela foi capaz de amenizar a azia que eu sentia. Ela retirou o calor do meu estômago e conseqüentemente nutriu o Yin do estômago. Me deu um grande alívio, e agora estou me sentindo melhor. Como é bom poder desfrutar do poder dos alimentos e usá-los com consciência, sempre agradecendo a ação terapêutica deles.
Bom fim de semana a todos,

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: [Yacon](#), uma batata diferente
por - sexta, 30 outubro 2009, 06:49

Sei de várias pessoas que fazem uso do Yacon quando o exame de sangue aponta glicemia de jejum alta. Acima de 90 já é o caso. E [TODAS tem](#) o nível de açúcar matinal abaixado quando fazem uso do Yacon pela manhã, uma fatia com 1/2 centímetro de espessura crua. Yacon é batata!

4.3.4.2.2 Sem pecado

Colegas,

[esta](#) será A ÚLTIMA ATIVIDADE via moodle, e uma ótima oportunidade [para](#) um troca-troca de experiências. A tarefa é a seguinte:

1.

A: Postar uma receita com sua respectiva indicação terapêutica; e/ou,

B: Postar um relato de sua experiência pessoal com a alimentação terapêutica chinesa.

2. postar um comentário sobre a postagem do colega.

Boa tarefa!

Pedro

PS: total de postagens = 2



Maçã sem Pecado - Receita

Por - quarta, 25 novembro 2009, 13:56

Maçã sem Pecado:

Receita para o Padrão de Umidade; Deficiência de BP e Xue.

Adquirir maçãs maduras de tamanho pequeno ou médio. Em cada uma delas, através de uma pequena abertura na parte superior, como se fosse uma tampa, retirar parcialmente o miolo ou polpa, inclusive as sementes.

Preencher o espaço com açúcar mascavo (natural, e não açúcar industrializado com corante). Levar ao forno brando por uns 20 minutos até o cozimento.

Após o resfriamento consumir em torno de 20 gramas por dia até que se resolva o padrão.

Tratamento:

Expelir a Umidade; Tonificar o Baço-Pâncreas e Nutrir o Xue.

[Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Maçã sem Pecado - Receita

Por - quarta, 25 novembro 2009, 20:29

Olá M.

Achei interessante sua receita e pretendo fazê-la.

Acho que irei unir o útil ao agradável, em primeiro adoro maçã e em segundo lugar com açúcar mascavo deve ficar um doce bem gostoso.

Muito interessante, pois comida deve ser, além de saudável e equilibrada, atrativa e gostosa. Assim, fica mais fácil seguir as recomendações da MTC.

Obrigada pela contribuição.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Maçã sem Pecado - Receita

Por - quinta, 26 novembro 2009, 21:08

Oi, que delícia essa receita. Acredito que a maçã também vai nutrir o Pulmão porque tem a polpa branca, então sua receita retira umidade, tonifica o Baço e conseqüentemente o Xue e também o Yin do Pulmão.

Beijo.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Maçã sem Pecado - Receita

Por - quinta, 3 dezembro 2009, 15:01

Oi,

Hummm adorei saber dessa receita, deve ser muito deliciosa além de ser nutritiva e antioxidante. Por ser levemente amarelada tonifica o baço, logo expelle a umidade e nutre o Xue.

Irei experimentar...

Abraço.

4.3.4.3 Diagnóstico na Medicina chinesa (DMTC)

Serão reproduzidas duas *Postagens Principais*, com suas respectivas *Respostas de Postagem*, da Atividade 1, e uma *Postagem Principal*, com suas respectivas respostas, da Atividade 2. Nessa disciplina em especial, as atividades online foram riquíssimas e estavam muito conectadas com as atividades presenciais, pela própria característica dos conteúdos trabalhados, como será visto no tópico relativo à ES/PA. Os enunciados serão replicados antes das Postagens.

O enunciado abaixo abre as duas postagens seguintes, relacionadas com os tópicos 4.3.4.3.1 e 4.3.4.3.2.

ATIVIDADE 1: A OBSERVAÇÃO NO DIAGNÓSTICO CHINÊS

Colega, saudações!

Abre-se a primeira atividade colaborativa para favorecer a construção coletiva do conhecimento.

Recomendações:

1. Pesquise sobre a Observação no diagnóstico da MC. A observação da Língua será trabalhada nas próximas aulas (portanto não entrará nesta atividade). Escutar e cheirar podem ser tópicos a serem trabalhados.
2. Faça **uma postagem principal** (clique em **Acrescentar um tópico de discussão**) com um tópico da observação e seus significados (ex: unhas - tipos, significados, principais Padrões, etc) para o diagnóstico na MC. O tópico escolhido deve ser original. Para o tópico original postado o aluno pode conseguir até **10 pontos**.
3. Faça, pelo menos, **duas respostas de postagem** (clique em **Responder** na postagem principal de 2 colegas) complementando a postagem principal. Este complemento pode ser de conteúdo (usando uma outra fonte bibliográfica, por exemplo), ou com a inserção de imagens, de vídeos ou qualquer outra complementação que tenha relação direta com a postagem escolhida. Cada resposta de postagem vale até **5 pontos**.
4. Citar as fontes consultadas.

Total de postagens: mínimo 3 (1 Postagem Principal e 2 Respostas de Postagem). Caso não consiga um tema original para a **Postagem Principal**, o aluno deve tentar postar 4 **respostas de postagem** (para tentar alcançar os 20 pontos).

Avaliação das postagens:

Conteúdo

Relevância

Correção ortográfica e gramatical

Contribuição pessoal (texto original, escrito pelo próprio aluno, com suas próprias palavras e entendimento)

4.3.4.3.1 O olhar interessado de Mã Sãi Lã

A postagem Principal foi editada; a última parte, mais técnica e extensa, foi retirada, já que deixaria o tópico muito grande e sua exclusão não afeta os objetivos da pesquisa.

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Observação: pelos olhos e dos olhos](#)

Observação: pelos olhos e dos olhos
Por - domingo, 4 março 2012, 12:19

OBSERVAÇÃO PELOS OLHOS

O filósofo Gerd Bornheim em seu ensaio “As metamorfoses do Olhar” indica que a língua grega apresenta uma veiculação direta entre o verbo Ver e o Ato do Conhecimento. “*A visão humana não se deixa elucidar apenas em nível fisiológico e sequer no psicológico – já são muitos os autores que analisam seu exercício enquanto indissociável de um sentido instaurador da própria gênese da percepção.*” Os verbos *blepein* e *theorein* (de *oran*, que significa Ver) prendem-se à diversidade de formas particulares de conhecimento.

Não é à toa que as palavras de nosso cotidiano, disponíveis e costumeiras falam de “amor à primeira vista”, “mau olhado”, “o ponto de vista ou à sua perspectiva”, “é espetacular!”, “ter (ou não ter) algo a ver”, “logo se vê”, “não se está vendo”, “o pior cego é aquele que não quer ver” ou “não olhe para trás”. Se pretendemos assegurar que algo é verdadeiro, dizemos ser “sem sombra de dúvida”, sem nos indagarmos por que teríamos feito a Verdade equivalente à visão perfeita.

Toda a filosofia e as ciências do ocidente foram instituídas na educação de nosso olhar estabelecendo um diagnóstico a partir de um “olhar atento” como instrumento de conhecimento da realidade que nos é apresentada.

“Porque cremos que a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janela da alma.” Marilena Chauí

São os olhos - janelas da alma - que refletiriam o estado da Mente (Shen) e da Essência (Jing).

Maciocia traduz o *Shen* como Mente, uma das substâncias vitais do corpo, uma forma de *Qi*. Na realidade é o tipo mais sutil e imaterial de *Qi*, ressaltando que é a integração do corpo e da mente, evidenciada pela integração da Essência (jing) do *Qi* e da Mente – os três tesouros – como uma das características mais importantes na medicina chinesa.

Olhar o outro é uma espécie de revelação e de epifania: somos revelados e nos revelamos. Me interessa esse “olhar interessado” para conhecer o Outro: pessoas não são padrões! Pessoas são janelas que me mostram outras maneiras de ser e estar no mundo. Na maioria das vezes, muito além de mim mesma e de minhas precárias certezas. Penso que essa noção de troca, de “reflexão espetacular” das almas seja o mais belo que possa acontecer entre dois seres. Acho realmente difícil despir-se do olhar categórico, do vício de escolher sempre um dos inumeráveis pólos de opostos do Tao. Mas acho possível também. Quando “olhamos os outros nos olhos” uma espécie de compaixão nos arrebatava. *Com-pathos* do grego: reconhecer-se e estar junto ao sofrimento do Outro, meu irmão.

DOS OLHOS

O “olhar interessado” seria o fundamento do diagnóstico pela observação. Maciocia ressalta dois pontos importantes:

1) O PRINCÍPIO DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE AS PARTES E O TODO: face, língua, pulso e orelha demonstram, refazem, reafirmam e replicam em miniatura o que acontece no corpo inteiro.

“Essas reflexões são possíveis porque o mundo, o homem e a arte são feitos do mesmo estofa, dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo ou suas qualidades, seco, úmido, frio e quente) e dos quatro humores (sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra), a relação sendo especular e especulativa, porque tudo participara em tudo e tudo se relaciona com tudo”. ChauÍ

A reflexão do olhar é o próprio espelho.

2) A importância de observar e avaliar as características constitucionais: a indicação de *tendências* a certas desarmonias.

O FÍgado

Na visão da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), o fÍgado é responsável por manter o livre fluxo da energia total do corpo. Como o movimento do sangue segue o movimento da energia, dizemos que o fÍgado direciona a circulação do sangue e regula também o ciclo menstrual e o aparelho reprodutor feminino. EstÁ estreitamente envolvido com a vesÍcula biliar (postura e decisões), mas também com os olhos (sentido da visão), ombros, joelhos e tendões (flexibilidade), unhas e seios.

O olho é o órgÁo do sentido conectado ao FÍgado. Ele nutre e umedece o sangue do fÍgado, o qual fornece aos olhos a capacidade de ver. As patologias da visão irÁo sinalizar alguma alteraçÁo no fÍgado. As mais comuns sÁo: conjuntivites, olhos vermelhos sem processo inflamatÓrio, coceiras, "vista" seca, visÁo fraca, embaçada ou borrada, terçol, pontos brilhantes que aparecem no campo visual e outros.

A Alma Hun e as Visões

A Alma Etérea corresponde de um modo geral, ao nosso conceito Ocidental de espÍrito. Ela representa um nÍvel de consciéncia diferente da Mente, mas ligado a ela. A Alma Etérea é enraizada no FÍgado (em particular no aspecto Yin do FÍgado, o sangue). Se o Yin do FÍgado estiver esgotado, a Alma Etérea fica sem sua casa, sem raiz, vagueia sem objetivo, podendo resultar em insônia, timidez e perda de sentido da vida.

Acho interessante notar como, mais uma vez, as relações entre o FÍgado, o olhar e as imagens ou visões sÁo indissociÁveis: o sonho, o sono, a fantasia, as atividades mentais (movimento, crescimento e fluxo), a possibilidade de “enxergar claramente” e, também, “ver além” ou desenvolver a “visão interior” e a intuiçÁo e criatividade.

Os Sinais dos Olhos seriam: (trecho retirado)

“O Olhar, identidade do sair e do entrar em si, é a definiçÁo mesma do EspÍrito”. ChauÍ

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a ObservaçÁo](#) » [ObservaçÁo: pelos olhos e dos olhos](#)



Re: ObservaçÁo: pelos olhos e dos olhos
por - segunda, 5 marçO 2012, 11:51

Seu texto, como sempre, inspirador, M.!

É realmente interessante observar como o olho, o olhar e suas relações estÁo por toda parte. Em expressões cotidianas, em poemas, em tentativas diversas de entender o ser e o mundo nos mais variados nÍveis. Como complemento, resolvi pesquisar um pouco mais sobre a iridologia e encontrei esse site com informaçÁes sobre o assunto e vÁrios sites de referéncia: <http://www.apanat.org.br/site/iridologia/>

Espero vÊ-la em breve!

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Observação: pelos olhos e dos olhos](#)

Re: Observação: pelos olhos e dos olhos
 Por - quinta, 8 março 2012, 13:32

Também se diz que observamos aonde a mente está através dos olhos. Os mestres dizem que uma pessoa olha para o chão está pensando no passado e ainda classificam em direita e esquerda um lado seria algo bom e outro algo ruim, quando a pessoa olha para cima está pensando no futuro a mesma dinâmica de direita e esquerda para coisas ruins e boas, e quando olhamos para frente estamos presentes por isso nas práticas de Tai Chi sempre peço para que olhem para frente afim de elevar seu espírito. Um Shen elevado tem a ver com sua presença. Um dos exercícios mais básicos e simples para elevar o Shen é suspender o topo da cabeça e olhar para frente, isso faz com que esteja presente e não influenciado por seus pensamentos e paranoias.

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Observação: pelos olhos e dos olhos](#)

Re: Observação: pelos olhos e dos olhos
 por [Pedro Ivo](#) - sexta, 9 março 2012, 10:40

M.,
 sua postagem, além de inspiradora, está muito completa..... grato pela contribuição!

Abraço!

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Observação: pelos olhos e dos olhos](#)

Re: Observação: pelos olhos e dos olhos
 Por - quarta, 14 março 2012, 18:52

A postagem sobre o significado dos olhos na MTC, feita pela nossa colega M., está muito bem feita e bastante abrangente. Não nos deixou muita coisa para acrescentar.

Aproveito a oportunidade para estender mais um pouco as considerações feitas sobre os nossos olhos e mais especificamente o nosso olhar perante a vida, do ponto de vista da filosofia budista e outros pensadores mais recentes.

Sempre que olhamos para algo, seja um objeto ou uma situação qualquer de vida, sempre o fazemos simultaneamente a uma verbalização interna. Por exemplo: olhamos um belo pôr do sol ao fim da tarde. Mas somos incapazes de fazê-lo sem que ao menos um pensamento se interponha entre nós e o objeto que está sendo observado. Olhamos o pôr-do-sol, nos extasiamos com a sua beleza e numa fração de segundo imediata nosso pensamento já se interpôs para comparar (ah, que coisa linda! Ou: já vi outro mais bonito; esse não está tão dourado, etc. etc. etc).

Conclusão: não conseguimos olhar as coisas como elas estão se apresentando a nós; sem comparar, sem medir, sem opinar. Estamos sempre no campo das ideias, nunca vivendo o agora, porque o pensamento, que é sempre uma resposta do passado, nos impede de vivenciá-lo.

E isso invalida todo o olhar como experiência, porque o pensamento só trabalha com o conhecido. O pensamento é incapaz de lidar com o desconhecido. Como o pensamento está repousado sobre a nossa memória, estamos sempre perdendo a oportunidade de observar as coisas de uma maneira absolutamente nova, fresca, não corrompidas.

Assim como a criança faz permanentemente. Por isso, a criança está permanentemente lidando com a vida de uma maneira nova. Por isso ela está sempre encantada com a vida, porque tudo é novo para ela, permanentemente.

Voltando para o nosso consultório, onde estamos observando nosso paciente, precisamos num primeiro momento utilizar nossos conhecimentos (armazenados na memória) para tentarmos identificar o que se passa com a pessoa. Porém, se ao fim de algum tempo, permanecemos indecisos sobre o que nos apresenta o paciente, a melhor coisa seria procurar observá-lo diretamente, sem a interposição da memória, através do pensamento.

Deixar que as coisas se apresentem a nós através de outras instâncias, que desconhecemos, mas estão permanentemente à nossa volta.

Espero ter contribuído. Abraço a todos.

Sugestão bibliográfica:

1. Meditação – Primeira e Última Liberdade - Krishnamurti, J.
2. Vazio Luminoso - Fremantle, Francesca
3. O Livro Tibetano do Viver e do Morrer - Sogyal Rinpoche

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Observação: pelos olhos e dos olhos](#)

Re: Observação: pelos olhos e dos olhos
por - quarta, 21 março 2012, 11:40

Colega C.,

Seu texto toca em algo que há muito tempo eu penso: O conceito de PENSAMENTO apresentado pelo budismo ou pelas filosofias orientais. “Cessar a mente e estar presente” é realmente um desejo, um projeto e uma prática (que acredito diária), poucas vezes por nós conseguida. Não sei se para nós, Ocidentais, ou para nós, Humanos. Conta a História da Aquisição da Consciência que nos separamos dos animais exatamente porque conseguimos desenvolver a complexa operação de nos descolarmos do vivido. De sermos capazes de adentrarmos no Tempo – passado, presente, futuro - (e assim relatam as maiorias das Mitologias que conheço), e nos duplicarmos. Enquanto o corpo ocupa um tempo-espaço a nossa mente pode vagar para frente e para trás. E para os lados também...A questão como sempre é que a cada ganho corresponde uma perda. Conseguimos através da memória, reter os acontecimentos passados e instaurar a possibilidade de prever os eventos futuros. Sempre fomos uma espécie frágil e precária. Afinal, qual outra espécie demora 13, 20 anos e às vezes muito mais para desmamar e dar conta de sua própria sobrevivência? Certamente essa duplicação de SER e ESTAR contribuiu para a nossa perpetuação. Mas, ao mesmo tempo, perdemos a Inteiraza. Imanência e Transcendência é um axioma na Filosofia Ocidental. E por ela nos debatemos. Mas volto a insistir que eu ainda não sei se é Ocidental ou “Estrutural”!

O seu exemplo: Se o nosso pensamento não se interpusesse ao olharmos o pôr do sol, ficaríamos ali olhando como as vaquinhas deitadas na campina. Não saberíamos que era sol, nem que era por, nem muito menos conseguiríamos admirar sua beleza. Simplesmente estaríamos ali aderidos à paisagem. Por meio do deslocamento do tempo-espaço eu posso lembrar do pôr do sol de ontem e desejar uma viagem a Finlândia onde o sol nunca se põe. Posso também escolher não pensar nisso e, pelas tais práticas de restaurar a Inteiraza, respirar com o pôr do sol. Ser o sol. Há sim maneiras de driblar o pensamento que o pensamento “só trabalha com o conhecido e é incapaz de lidar com o desconhecido”. Um exemplo bobo, ingênuo e básico: foi o pensamento quem inventou a Roda! Sim, através do PENSAMENTO CRIATIVO podemos criar outras realidades, inventar o IM-PENSADO! É ele também que nos possibilita - a partir da experiência passada e do conhecimento adquirido – imaginar. Duvido que a vaca na campina imagine algo! Mesmo com aquela carinha de criatura em pensamento reflexivo! Olhar como as crianças é realmente nos surpreender com um mundo que está em constante “desvelamento”. Esta parece ser a tarefa diária. Acho que é isso o que nos incomoda: a perda de VER e VIVER como se fosse a primeira vez! E eu acho, sinceramente, e até que provem o contrário, que todo dia eu estou inaugurando a existência. Por mais que haja dias em que pareça que estou acordando no mesmo dia de sempre! Mas eu sei que nestes dias, sou só uma vaquinha malhada deitada na campina incapaz de admirar o PENSAMENTO CRIATIVO e suas infindáveis possibilidades. Beijinhos....

4.3.4.3.2 Palhaçada

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Nariz](#)

Meu nariz é vermelho!

por - quinta, 8 março 2012, 20:18

É bem possível que muitos achem estranho esse post. Mas o que é que a observação do nariz do diagnóstico tem a ver com o nariz do palhaço? Nem eu sabia, mas, quando pensei em falar sobre o nariz – e achando que todo o possível no momento já havia sido mapeado por S. e V. -, a imagem abaixo me veio.



E achei justo segui-la porque sei que o pensamento oriental vem por imagens e símbolos. Por justaposição de significados, por ampliações e redefinições. Então, lá vai:

"O animal mais sofredor da Terra inventou o riso." Friedrich Nietzsche

"Segundo relatos lendários os palhaços existem a mais de quatro mil anos, mas é algo deveras complexo conferir um momento, mesmo que histórico, para o surgimento do palhaço. Sua origem deve se confundir com a origem do riso humano, do ser que se empenha em alegrar o que sofre, o Outro.

Em "Pequeno tratado das grandes virtudes" de André Comte-Sponville: "O humor é uma conduta de luto (trata-se de aceitar aquilo que nos faz sofrer), o que o distingue de novo da ironia, que seria antes assassina. A ironia fere; o humor cura. A ironia pode matar; o humor ajuda a viver. A ironia quer dominar; o humor liberta. A ironia é implacável; o humor é misericordioso. A ironia é humilhante; o humor é humilde".

A figura do palhaço hoje está presente em brinquedos, no circo, nas ruas, no cinema, na tv, em eventos, e atingiu os Hospitais O indivíduo parece descobrir que onde tem vida humana é necessário o riso, e para tal a criação de novas formas de se fazer rir, o empenho de pessoas para fazer rir. Para tornar os sofrimentos da existência, que não são poucos, suportável Esse é o pilar que une a medicina aos primeiros palhaços, ao primeiro riso. Pois, a medicina cuida do outro, do outro doente, fragilizado, que precisa de remédios, carinho, companhia, conforto, consolo." Doutora Mayra Lopes de "Cuidados Paliativos e Tanatologia"

Como eu já imaginava essa breve pesquisa sobre as funções e história dos palhaços só confirma o intuído: se a emoção do METAL está ligada à tristeza, nada melhor do que esses "Doutores da Alegria"! Conectar com a ingenuidade, o lúdico, o infantil, o espontâneo – lembrança mítica de "quando éramos felizes", também cura. Com certeza, o palhaço e a arte podem aliviar a alma! Alguém duvida?

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: a Observação](#) » [Nariz](#)

Re: Meu nariz é vermelho!

por [Pedro Ivo](#) - sexta, 9 março 2012, 10:51

M., turma,

um detalhe importantíssimo sobre os palhaços (e o ato de fazer palhaçadas) me chama a atenção com sua postagem: eles são mesmo grandes emissários da espontaneidade e do presente ("sacramentos" do Taoísmo)

Que nosso palhacinho esteja seja alerta.....

4.3.4.3.3 Línguas

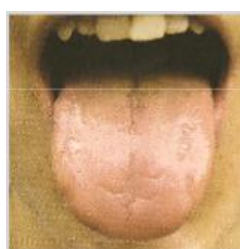
O enunciado dessa atividade não pôde ser resgatado. Em resumo, pedia-se aos aprendizes que escolhessem uma foto de língua, de um álbum previamente postado no tópico *Recursos*, ou de alguma língua da qual tirassem eles mesmo a foto e completassem a postagem com as características observadas, seguindo um roteiro. Ato seguido, que aventurassem um diagnóstico parcial – pois somente um aspecto do diagnóstico estava sendo levado em conta – e o justificassem. Também deveriam fazer respostas de postagem, complementando a postagem principal da colega com mais aspectos observados ou com um diagnóstico diferencial.

O grande mérito dessa atividade foi realmente levar o formato híbrido às últimas consequências, já que os aspectos teóricos e práticos eram amplamente trabalhados online e revigorados nos encontros presenciais, e vice-versa. Esse é só um exemplo de uma vasta compilação de ricas postagens que brotaram no Fórum. Infelizmente a imagem recuperada da língua em questão não está com boa resolução. Foi ressaltada, na última resposta, a atuação do Monitor.

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Língua 20 - Estudo de línguas na MTC

Por - quarta, 14 março 2012, 20:43



Língua pálida, denteada, inchada, presença de rachaduras na parte média e superior da língua, pouca saburra, aspecto brilhoso, região superior da língua amarelada e bem hidratada.

Pelas características apresentadas, acredito que o paciente tenha uma Deficiência de Yin (deduzida pela falta de saburra e pelas rachaduras) e presença de Umidade (deduzida pelo aspecto brilhoso e amarelado e pelo inchaço).

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Re: Língua 20 - Estudo de línguas na MTC
Por - quinta, 15 março 2012, 20:10

Segundo o Maciocia, uma língua pálida pode indicar tanto uma deficiência de Yang como uma deficiência de Sangue. Na deficiência de Yang, a língua apresenta-se, em geral, muito úmida, uma vez que o Yang deficiente falha ao transformar e transportar os fluidos. Na deficiência de Sangue, a língua tende a ficar um pouco seca.

Fiquei observando essa sua língua e ela me pareceu tão molhada... ou será mesmo o aspecto da umidade?

Acho que eu optaria por dizer que ela tem deficiência de Yin pela falta de saburra, umidade e deficiência de sangue.
será?

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Re: Língua 20 - Estudo de línguas na MTC
Por - sexta, 16 março 2012, 20:20

Na minha avaliação da língua 20 observei também a língua pálida, pouco denteada, não inchada, presença de rachaduras nas partes anterior, média e superior, pouca saburra, aspecto brilhoso e região do dial anterior amarelada e bem hidratada.

Ao diagnóstico da N., eu acrescentaria que junto com Deficiência de Yin do Estomago (falta de saburra e rachaduras) temos também a palidez + umidade o que nos remete a uma Deficiência de Yang que não transforma e transporta os líquidos, causando a umidade (aspecto brilhoso e amarelada).

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Re: Língua 20 - Estudo de línguas na MTC
Por - domingo, 18 março 2012, 12:09

Meninos adorei os comentários. Só me surgiu uma dúvida aqui, seria possível o paciente apresentar deficiência de Yang e de Yin ao mesmo tempo?

Olhando a língua novamente reparei que ela apresenta umas "bolinhas" na região lateral direita e esquerda, isso indicaria umidade também?

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Re: Língua 20 - Estudo de línguas na MTC
Por - sábado, 17 março 2012, 16:18

Na minha observação esta língua apresenta leve inchaço na região do pulmão, descascada e com petéquias na região do Jiao inferior.

As rachaduras, em especial a horizontal denota deficiência de Yin no Jiao inferior e presença de saburra amarela no mesmo. E uma língua espelhada, levemente denteada nas laterais, o que, segundo o Maciocia, pode indicar uma deficiência do Qi do Baço.

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Re: Língua 20 - Estudo de línguas na MTC
Por - domingo, 18 março 2012, 21:08

Cor da Língua

-Pálida, mas considero uma palidez leve, ou seja, nesse caso indicaria uma deficiência de Qi.

-E ligeiramente úmida, que indicaria uma deficiência de Yang.

Forma da Língua

-Tenho dúvida se a língua está aumentada, pois as marcas dos dentes não necessariamente significam que está alterada no volume. A língua denteada indica deficiência do Qi do BP.

-Presença de rachaduras ao longo da linha do E, na área do E, o que indicaria uma deficiência de Yin do E.

Saburra da Língua

-Penso que há ausência de saburra no Jiao Médio, mas uma saburra fina e amarela no Jiao inferior. Gostaria de saber melhor a respeito!

[DMTC](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 2: observação da Língua](#) » [Língua 20 - Estudo de línguas na MTC](#)

Re: Língua 20 - Estudo de línguas na MTC
por **MONITOR** - sexta, 30 março 2012, 10:48

Olá pessoal!

Realmente temos aí uma língua mais pálida, e com algumas pequenas fissuras. É bem provável que haja uma deficiência de Xue, como alguns colocaram, que de certa forma já é um prejuízo do aspecto Yin. A deficiência do Qi de BP frequentemente acompanha uma deficiência de Xue e pode ser o caso, ainda que pela imagem não sejam claras marcas de dente (que indicariam uma flacidez decorrente da def. Qi).

Acho que uma deficiência de Yin mostraria sinais de maior ressecamento e até de calor (por deficiência).

Não consegui notar as petéquias que alguns mencionaram e, quanto a saburra, suspeito que tenhamos uma saburra fina e clara.

4.3.4.4 Estudo de Pontos e Meridianos (EPM)

“Disse Qibo: ‘Quando alguém deseja seguir o exemplo dos antigos, deve primeiro conhecer o ‘Clássico da Acupuntura’” (WANG, 2001, p. 157)

A atividade abaixo, como muitas outras, exigia uma tarefa individual (construção de mapas de acupuntura) e outra coletiva (inserção no Fórum de uma *Postagem Principal* e de uma *Resposta de Postagem*). Nessa disciplina em especial, os seminários eram parte da

estratégia pedagógica e da avaliação do desempenho dos aprendizes. Como já foi comentado no tópico 2.2.1, os alunos formavam grupos de até 3 participantes para a elaboração e apresentação dos seminários para toda a turma, a qual avaliava o grupo e cada participante individualmente (APÊNDICE IV). Abaixo reproduz-se o tópico do enunciado relativo à atividade coletiva e uma das *Postagens* com sua respectiva *Resposta*:

ATIVIDADE 1: O Sistema JING LUO

1. POSTAGEM PRINCIPAL: Postar um trecho do Capítulo 1 do *Atlas de Acupuntura Chinesa* (Auroche), citando a página, ou um trecho de outra fonte que descreva o sistema JING LUO. Tecer um comentário sobre o trecho escolhido ou sobre sua percepção inicial a respeito do Sistema JING LUO.
2. RSPOTA DE POSTAGEM: Responder à postagem de algum colega. Uma boa opção é complementar a postagem com outra fonte de consulta.

[EPM1](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: o sistema Jing Luo](#) » [Atividade 1](#)

Atividade 1

Por - sexta, 21 outubro 2011, 16:58

Livro Atlas de Acupuntura (Auroche), pag. 17:

"As aplicações da acupuntura são múltiplas e não podem ser limitadas unicamente à analgesia. Apesar dos progressos da moderna ciência médica, esses experimentos ainda não tornaram obsoleto o princípio fundamental que guia a prática diária do acupunturista contemporâneo. Ao contrário, eles demonstraram que nenhuma pesquisa séria pode ser empreendida sem estudo preliminar das teorias tradicionais."

Gostei muito desse trecho por explicar em poucas palavras a falta de sucesso da medicina ocidental em aplicar com seus próprios métodos a imensa medicina tradicional chinesa. Não há como separar a acupuntura do todo, assim como não há como entender o Yin sem o Yang. Os pilares da acupuntura são muito profundos pra serem alcançados pelos métodos puramente científicos. A MTC para atingir seu propósito tem que ser vista não só com os olhos mas também vivenciada e sentida em toda sua filosofia...

Abraços a todos

[EPM1](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: o sistema Jing Luo](#) » [Atividade 1](#)

Re: Atividade 1

por - sábado, 22 outubro 2011, 17:49

Muito pertinente a sua observação, é desta forma que devemos vivenciar a MTC, ou seja senti-la. Como podemos observar a MTC está baseada em princípios filosóficos, na observação dos fenômenos da natureza e sua influência energética no ser humano e em suas relações internas e externas, na compreensão do princípio único (Tao) e sua dualidade energética (Yin e Yang). É observando desta forma que percebemos que não pode ser vista e utilizada meramente como analgesia. Isto seria ocidentalizá-la, romper com a sua eficácia e o intento de tratar não a doença e sim o doente, o desequilíbrio, conscientizando o indivíduo da sua responsabilidade para com o seu ser e para com o Todo. A MTC não nasceu de uma técnica e sim de uma filosofia profunda, onde o objetivo das práticas terapêuticas, é compreender os fatores que propiciaram ao indivíduo o seu desequilíbrio energético e tentar estabelecer a fluidez energética obtendo o equilíbrio.

Re: Atividade 1

Por - sábado, 22 outubro 2011, 22:36

Oi, Concordo com você. É certo que a acupuntura passou a fazer parte do interesse da medicina ocidental em função de pesquisas científicas realizadas que indicam a existência de uma relação entre a analgesia produzida pela acupuntura e a liberação de endorfinas no SNC.

Tentaram explicar por que a acupuntura é eficaz no tratamento da dor. Embora a analgesia seja atribuída à liberação de endorfinas, concluíram que os efeitos da acupuntura são muito mais complexos, não sendo reconhecido seu verdadeiro potencial, que sua aplicação vai muito além do tratamento da dor. É preciso compreender de fato a filosofia que está por traz dessa milenar arte de curar, a MTC.

Abraços,

[EPM1](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: o sistema Jing Luo](#) » [Atividade 1](#)

Re: Atividade 1

Por - domingo, 23 outubro 2011, 23:14

Oi!

Quando o texto refere-se à prática diária do acupunturista contemporâneo me vem em mente que o "estudante-praticante" da MTC utiliza todos os recursos oferecidos por ela (fitoterapia, alimentação terapêutica, massagem, Qi Gong e acupuntura) para colocar o ser humano de volta ao seu equilíbrio dinâmico e também com o seu meio ambiente.

Um abraço,

Cristina

[EPM1](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: o sistema Jing Luo](#) » [Atividade 1](#)

Re: Atividade 1

por - segunda, 24 outubro 2011, 07:59

Olá!

Realmente não há como restringir o potencial das técnicas tradicionais da medicina chinesa a um efeito analgésico. Concordo com as demais colocações das colegas, que indicam que o caminho que estamos trilhando nos levam a incorporar muito mais do que a técnica da acupuntura em si. A ela devem ser agregadas outras que somam ao tratamento e permitem o cuidado do paciente como um todo.

[EPM1](#) » [Fóruns](#) » [Atividade 1: o sistema Jing Luo](#) » [Atividade 1](#)

Re: Atividade 1

por - domingo, 30 outubro 2011, 13:38

Pra mim a parte mais importante dessa colocação é o trecho "As aplicações da acupuntura são múltiplas e não podem ser limitadas unicamente à analgesia."

Hoje nos deparamos com o advento da acupuntura em todas as partes por meio de pessoas que podem até praticar a técnica, porém com uma finalidade destorcida da que pretendemos. É muito fácil ter protocolos prontos e clientes eternos que vão sempre ficar melhores e depois sempre retornar com as mesmas dores. Deve-se ter muito cuidado com as aplicações de técnicas de analgesia para que estas não se tornem vícios e abafem o verdadeiro objetivo de MEDICINA, pois fora isso estamos usando ANALGÉSICOS disfarçados.

4.3.4.5. Nosologia na Medicina Chinesa (NOSO)

O seguinte tópico coletado de um dos Fóruns da disciplina *Nosologia na MC* apresenta uma grande relevância conceitual e mostra uma maturidade dos aprendizes em relação à Medicina Chinesa e à própria estratégia pedagógica. Também escolheu-se apresentar um tópico dessa disciplina pois a mesma, ou a sua dinâmica, recebeu críticas dos aprendizes, principalmente relacionadas ao excesso de atividades propostas. Em linhas gerais, e de forma resumida, eram abertos 2 fóruns semanais, em um total de 20 no período, e os aprendizes deveriam escolher 10 para contribuírem na roda colaborativa. No final, a quantidade de material produzido coletivamente foi enorme. A avaliação era resultado dessas 10 participações. Realmente, pela densidade da própria disciplina e pela carga elevada de seu conteúdo, quiçá o aproveitamento e o aprendizado tenham sido prejudicados para alguns aprendizes.

[Nosomat](#) » [Fóruns](#) » [Fórum 2: Insônia, Sonolência e Memória Fraca](#) » [O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen](#)

O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen
Por - quarta, 14 março 2012, 11:02

Em primeiro lugar, qual a importância do sono? Para muitas pessoas nos dias de hoje, o sono pode ser simplesmente uma cessação das atividades diárias. De fato, o sono é um momento de pausa para o Yang e de reabastecimento para o Yin. Mas, como Jeremy Ross bem coloca, o sono é mais do que isso, “é um ingresso no mundo Yin, o mundo dos sentimentos e da intuição”, enquanto “o dia é um mundo sob domínio da atividade física e da mente analítica.”

Me parece claro que, no mundo moderno, o Yang é super estimulado. A ênfase dada ao desenvolvimento da mente analítica e racional, o ritmo de vida que promove uma atividade estressante, a corrida constante da maioria das pessoas contra o tempo, a pressão para se ter mais e realizar mais, são fatores que gradualmente afastam os homens do contato com lado Yin da vida e de seus corpos. O resultado disso é desequilíbrio certo. Como bem sabemos, a inter-relação Mente-Corpo e Espírito-Corpo é muito importante na ótica da Medicina Chinesa e é essencial para o tópico em questão. A Mente ancora-se ou abriga-se no Coração, especialmente em seus aspectos Xue e Yin. Quando esses aspectos estão saudáveis, a Mente (Shen) tem moradia tranquila e não perturbará o sono. Quando esses aspectos estão deficientes ou agitados por fatores patogênicos como o Fogo, a Mente se agita e o sono é perturbado.

Assim como o Shen, a alma Hun também tem um papel importante na fisiologia do sono. Se a alma Hun não estiver bem abrigada ou enraizada no Xue e Yin do Fígado, ela vaga sem abrigo à noite e causa um sono agitado por muitos sonhos. A alma Hun também é afetada pelo Excesso de fatores patogênicos como Fogo ou Vento agitando o Fígado. Ao buscarmos a causa da insônia, é necessário distinguir se temos uma condição de excesso (normalmente de Fígado ou Coração) ou de deficiência (Xue e/ou Yin de Fígado ou Coração).

As condições de excesso, antes de mais nada, se mostrarão através de sinais como a saburra amarelada, língua vermelha, o pulso cheio e rápido ou em corda, gosto amargo na boca. Já com relação ao sono, tanto a agitação da alma Hun quanto da alma Shen apresentarão sintomas mais pronunciados de sono agitado e pesadelos. Ainda que os

sintomas de insônia relacionados a essas duas almas sejam parecidos, poderemos diferenciar o sistema mais afetado investigando manifestações como irritabilidade, dor de cabeça, tontura, fezes ressecadas (Fígado) e palpitações ou aftas na língua (Coração). As condições de deficiência, em primeiro lugar, se mostrarão através de sinais comuns de deficiência de sangue (língua pálida, face pálida, falta de energia, visão embaçada) ou de Yin (secura, calor das 5 palmas, sudorese noturna, falta de memória, língua sem saburra). Normalmente, quando a deficiência afeta a Alma Shen e o Coração, encontramos uma dificuldade de pegar no sono pela deficiência de Xue do C ou um sono interrompido durante a noite pela deficiência de Yin do C – esses sintomas podem estar acompanhados de palpitações, que indicam o envolvimento do C. No caso da Alma Hun não se enraizando durante a noite por deficiência de Sangue/Yin do Fígado, normalmente encontramos sinais característicos de sua atividade como muitos sonhos, fala durante o sono e até mesmo sonambulismo nos casos mais severos – além disso, sintomas como olhos secos, cabelos secos e visão embaçada são indicativos comuns do envolvimento do GAN

Além disso tudo, existe uma classificação bem detalhada das características dos sonhos e sua relação com cada sistema ou órgão do corpo. Por ser muito extensa, deixo a sugestão para consultas individuais no tópico "Diagnóstico" do cap. 10 do Prática da Medicina Chinesa do Maciocia.

Referências:

Prática da Medicina Chinesa, Cap. 10 - Maciocia

Combinações de Pontos de Acupuntura pág. 460 – Jeremy Ross

[Nosomat](#) » [Fóruns](#) » [Fórum 2: Insônia, Sonolência e Memória Fraca](#) » [O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen](#)

Re: O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen

por - quinta, 15 março 2012, 23:20

Segundo a revista Bons Fluidos Março/2012 Capa Dormir Bem, um terço da população tem dificuldade para pregar os olhos ocasionando mau humor, dificuldade de concentração, dor de cabeça, males cardiovasculares, diabetes, depressão e obesidade. Traçando um paralelo com a postagem do Daniel: “Como bem sabemos, a inter-relação Mente-Corpo e Espírito-Corpo é muito importante na ótica da Medicina Chinesa e é essencial para o tópico em questão. A Mente ancora-se ou abriga-se no Coração, especialmente em seus aspectos Xue e Yin. Quando esses aspectos estão saudáveis, a Mente (Shen) tem moradia tranquila e não perturbará o sono. Quando esses aspectos estão deficientes ou agitados por fatores patogênicos como o Fogo, a Mente se agita e o sono é perturbado.” Segundo o Jornal European Heart, cientistas da Faculdade de Medicina de Warwick, na Inglaterra, constataram que, se alguém dormir menos do que 6 horas por noite em função de algum distúrbio do sono, o risco de desenvolver uma doença do coração sobe para 48% e de ter um infarto é de 15% (470.000 pessoas de 7 a 25 anos em 8 países). Segundo os cientistas, é preciso meses, às vezes anos de sono insuficiente para que o problema tenha consequências mais sérias, diferente de problemas do sistema imunológico. “É só passar uma semana dormindo mal que eu fico gripado” afirma o professor Fernando Mazzilli, pesquisador do departamento de fisiologia da Universidade Federal do Pará. Esta resistência varia de pessoa para pessoa. A privação do sono faz a gente abrir a guarda para os micro-organismos. Estamos produzindo células de defesa o tempo todo para combater vírus e bactéria, quando dormimos menos, acabamos alterando essa capacidade de resposta eficaz. “É o vírus da gripe, que está sempre à espreita, não perde a oportunidade de um ataque, diz o pesquisador”. Podemos relacionar com a idéia da circulação do Wei Qi/Yang Qi o espaço entre pele e músculos, por onde circula o Yang Qi segundo a postagem do D.

[Nosomat](#) » [Fóruns](#) » [Fórum 2: Insônia, Sonolência e Memória Fraca](#) » [O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen](#)

Re: O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen
 Por - terça, 20 março 2012, 21:54

Fiquei com vontade de ilustrar esse post com um caso clássico de deficiência.

A pessoa X, homem, 25 anos, sofria de insônia já a uns 10 anos, tendo esta se agravado durante a faculdade. Era uma insônia constante, quase que diária. Muita dificuldade em adormecer (as vezes não dormia a noite, ou levava 1, 2 horas para adormecer), acordava muito durante a noite, mas conseguia dormir até tarde se as obrigações da vida permitissem não ter que levantar cedo.

Ele levou anos para procurar tratamento (e nunca quis tomar remédios alopáticos) Durante esses anos sofria anualmente com crises ou de conjuntivite ou de amigdalite/faringite.

Sua aparência era frágil e magra, a pele pálida, as vezes de um "branco lustroso" que não parecia nada saudável, outras vezes muito amarelada e sem vida.

Aos 20 anos já possuía vários fios de cabelos brancos.

O intestino era solto, fezes amolecidas, 2 a 3x ao dia, e com uma certa urgência de defecar (não chegando a ser diarreia).

As vezes sentia palpitações e transpirava bastante na testa.

Dizia viver em um estado constante de ansiedade, e sua mente não desligava seus discursos constantes.

Era uma pessoa que tinha preguiça para fazer tudo, pouca iniciativa, pouca força de vontade e pouco planejamento na vida (o que causava quadros de extrema indecisão). Era uma pessoa contida (homossexual, assumia-se para os amigos mas não para a família, tinha medos), e facilmente manipulável, acabava fazendo coisas que não queria pela pressão dos outros. Dizia ter vontade de gritar e esganar as pessoas as vezes, mas não colocava para fora.

Sua língua era muito fina, pálida, comprida, e com a ponta deformada e extremamente vermelha e com petéquias. Algumas fissuras mais ao centro e uma saburra branca ao fundo. As veias sublinguais estavam bastante proeminentes e azuladas. Também estava denteada

Não considerava ter a memória fraca, não tinha dores nas costas, nem costumava ter dores de cabeça.

Quando comecei a trata-lo havia sido recém diagnosticado com anemia falciforme (que é de origem genética).

O padrão de sono indicava def. de Xue, devido à dificuldade em pegar no sono.

Def. de yin do C. por acordar muito a noite.

Quando sonhava costumava ter sonhos agitados, o que demonstra uma def. de Yin do F. também.

O padrão emocional evidenciava uma def. do F e do C.

E a falta de força de vontade, somada aos cabelos brancos, a respiração curta, e a falta de enraizamento do C. demonstravam uma def. do yin do R.

Fatores como a língua denteada, o intestino solto e fezes amolecidas, o pensamento excessivo, e a constante coriza, as amigdalites, a fleuma mental etc mostravam uma forte debilidade do BP.

Sendo um quadro geral de deficiência optei por nutrir Qi, Yin e Xue, enquanto usava pontos para tirar calor, acalmar a mente, tirar o vento (quando os padrões na garganta se apresentavam por exemplo).

Os pontos mais usados para nutrir foram BP6, R3, VC4, E36, VC12 (as vezes F8).

Quando era o caso de sintomas na garganta optei por usar o IG4 com F3 e P7, em alguns momentos o IG11 junto.

Para a fleuma foram usados o E40 e o E8

O E40 também era usado para movimentar o Qi do Tórax, juntamente com o VC15. O Paciente sentiu dor na palpação do VC17 quando estava mais angustiado, e esse ponto também foi usado.

Também o Yintang e C7 para acalmar, e o VG20 para puxar o yang verdadeiro.

O paciente sentiu grande melhora com o uso da Moxa no E36 e no VC8

E em alguns momentos de grande ansiedade e agitação o C7 fez pouco efeito mas o C8 ajudou a garantir um boa noite de sono.

Depois de algumas sessões ele já estava conseguindo dormir todas as noites, e apenas em alguns dias levava um tempo para adormecer (menos de 1h), e em outros as vezes ainda acordava durante a noite.

Não praticava atividades físicas, e seu trabalho era 100% intelectual, entrando a noite trabalhando no computador. Orientei-o a começar a tomar café da manhã, para ajudar na produção de Xue, a no mínimo caminhar tomando sol, para ajudar no Qi, e a criar uma disciplina para tentar dormir mais cedo.

A língua começou a apresentar alguma melhora, ficou mais larga e menos pálida e as petéquias na ponta diminuíram.

Continui a fortalecer Qi e Xue e usar pontos de acalmar a mente, tirar vento, mover o Qi. Passei um Floral de Bach depois de uma reclamação de forte indecisão e dificuldade de ver um rumo na vida.

Na semana seguinte o paciente me relatou ter se demitido do emprego, e ter deixado de se deixara abusar com horas extras não remuneradas.

O paciente já estava a 1 mês dormindo relativamente bem todas as noites, mas relatou ter sonhos agitados.

Demonstrou um certo desconforto com a diminuição de sua agitação constante. Disse ser a única forma de 'ser' que conhecia, alguém inquieto e agitado, e acreditava ser da personalidade dele. Tinha dificuldade em conceber uma forma de viver mais calma.

Quando a agitação e ansiedade se apresentaram muito fortes, certa vez, sugeri que voltasse a praticar meditação silenciosa (ele é budista e afirmou gostar disso). O paciente reclamou que não tem conseguido se concentrar, expliquei que a meditação ia ajudar a nutrir a energia Yin dele, e ia tirar o foco das atividades intelectuais e era justamente um antídoto para aquele quadro.

[Nosomat](#) » [Fóruns](#) » [Fórum 2: Insônia, Sonolência e Memória Fraca](#) » [O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen](#)



Re: O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen
por - terça, 20 março 2012, 22:06

Também fiz um Gua Sha nas costas inteiras, o que mostrou uma grande quantidade de calor e estagnação no Jiao superior

Achei que seria um caso interessante de relatar pois a insônia é praticamente a única queixa do paciente (junto a seus fatores associados). É um caso que exemplifica bem um padrão de deficiência de Yin do R, do C, e do F, com calor vazío. E def. de Xue.

Um fato que me pareceu bastante interessante ocorreu na última vez que vi esse amigo (que me autorizou a usar seu caso e fotos). Ele relatou ter se sentido um pouco deprimido ultimamente, e que estava sentindo falta de seu estado mais 'eufórico' (de calor no C.) A auto observação dele foi muito interessante pois ele disse não ser uma "depressão" ruim,

mas que parecia que finalmente ele tinha parado para entrar em contato com os próprios pensamentos e sentimentos, que antes estavam difíceis de ver com toda a inquietação mental.

Como o sono melhorou razoavelmente, pensei que talvez a alma Hun esteja mais assentada no corpo e a alma Po mais fortalecida, forçando esse movimento interiorizante que é natural do Pulmão.

Outra reflexão que esse caso me levou foi como algumas linhas "espiritualistas" as vezes falam sobre "experiências" fora do corpo, ou visões etc. Mas são em algumas linhas experiências induzidas por jejum severo de vários dias. Sabemos por relatos de místicos medievais que alguns desses praticavam constantemente esses jejuns. Fiquei me indagando se essa falta de alimentação não levaria a uma def. de Xue, cuja consequência seria um vagar da alma Hun.

O paciente relatou no início que as vezes ao se deitar sentia o colchão sumindo debaixo de si, e o corpo meio que flutuando, como se quisesse se descolar do corpo. Muitas pessoas de meios espíritas e outros tratam esses "fenômenos" de sair do corpo como um "dom", mas por essa perspectiva da MTC parei para refletir se não seria um padrão de desarmonia, de doença, de uma alma Hun que não encontra morada e fica descontrolada "vagando" por sonhos agitados, sem ter fundamento físico para se aquietar, se ancorar.

Re: O Sono, a Alma Hun e a Alma Shen
por [Pedro Ivo](#) - quarta, 21 março 2012, 17:35

A., saudações!

Ótimo exemplificação e excelentes análise e racionalização sobre os Padrões de funcionamento, etiologia e tratamento desta pessoa, com sua insônia específica. Creio que sua postagem é maravilhosa para o Fórum e atinge o objetivo máximo dessa estratégia. Parabéns a todos também pelas postagens bem embasadas e pelos comentários complementares....é muito bom poder seguir aprendendo com vocês....

4.3.4.6 Estágio Supervisionado/ Práticas Assistidas (ES/PA)

Essa disciplina, em conjunto com *Diagnóstico na MC e Estudo de Pontos e Meridianos*, se configura como colaborativa por natureza; ou seja, não há outro caminho para sua apreensão plena se não for por meio de uma tecedura conjunta, de um verdadeiro *collaboro*. Essas disciplinas exigem a presença do outro para que a *descoberta* dos mecanismos que regem a vida seja *in vivo*, para que a teoria seja maturada na experiência e no encontro. Para expor essa colaboração, resgatar-se-á essencialmente a pesquisa etnográfica de Igor Baseggio (2011), com sua percepção aguçada (pela própria natureza de seu ofício de antropólogo) e sensível, sobre a aprendizagem da Medicina Chinesa na prática ambulatorial.

4.3.4.6.1 O antropólogo-informante

Todo esse tópico foi construído a partir de trechos do trabalho de Igor Baseggio (2011). A intenção é realmente usar sua pesquisa como um dado, uma fonte primária que será simplesmente exposta, que repousará sobre o trabalho, amparando-o, dando-lhe sustentação e outras verdades, assim como se fez com as discussões retiradas dos Fóruns e os relatos dos aprendizes coletados na pesquisa e que rechearam o trabalho com várias existências. Desse modo, esses trechos são replicados em balões, assim como foi feito com os outros dados primários e com os relatos. Em cada trecho está sinalizada somente a página correspondente e os balões não apresentam legenda. Alguns relatos coletados por ele são riquíssimos, assim como suas considerações. Replicar-se-á, portanto, partes significativas desse encontro entre o antropólogo e a ciência viva que estamos tratando de dar espaço por aqui.

O estágio supervisionado se constituía na chamada prática assistida e era a parte do curso em que se colocava e treinava na prática, num ambiente coletivo e de intensa interação entre os estudantes, professores e pacientes, os conhecimentos e técnicas apreendidas durante o curso de acupuntura (p. 22)

Havia uma hierarquia pré-estabelecida na dinâmica de funcionamento do estágio supervisionado que tinha implicações pragmáticas na prática dos estudantes e professores e no desenrolar dos atendimentos realizados no ambulatório. Estudantes novatos no ambulatório precisavam portar um crachá amarelo que trazia o nome do estudante e uma legenda que dizia “Assistente”. Com o acúmulo de horas cumpridas dentro do ambulatório e a depender da avaliação que os professores faziam – de acordo com os critérios já mencionados – o estudante deixava de ser “Assistente” e passava a ser “Monitor” e, por conseguinte, ganhavam outro crachá, este de cor verde. O papel do monitor era auxiliar os outros estagiários, principalmente os assistentes, durante os atendimentos. Distinguindo os estudantes entre “assistentes” e “monitores”, estruturavam-se hierarquias objetivamente visíveis e subjetivamente implícitas, trazendo consequências para a convivência e para o teor das interações entre os estudantes. Por sua vez, os professores que coordenavam os turnos no ambulatório portavam um crachá de cor azul com seus respectivos nomes e a legenda “Coordenador”. (p. 30)

Em determinada ocasião, na qual eu estava vestindo o jaleco, logo após de eu ter apresentado alguns pontos da minha pesquisa para um grupo de três estudantes, uma delas se voltou para mim e disse:

A percepção que a gente tem sobre a saúde realmente muda quando a gente faz o curso aqui. Mas se você ficar por aí só fazendo perguntas, você não vai saber é de nada. Se você quer saber como a percepção muda, você deveria fazer o curso de uma vez! É melhor para você. (Sônia, estudante 3º semestre)

Foram falas como a da estudante Sônia que me forneceram pistas para que eu soubesse como se dava o processo de aprendizagem por eles, porque quando disse “se você quer saber como a percepção muda, você deveria fazer o curso de uma vez”, tornava-se óbvia a importância do fazer no contexto de aprendizagem daqueles estudantes. (p. 47)

Minhas observações e anotações giraram majoritariamente em torno das formas de transmissão e aprendizagem das técnicas de diagnóstico em acupuntura e nas interações que meus interlocutores – estudantes e professores - travavam entre si. (p. 56)

Do ponto de vista da aprendizagem, os atendimentos se constituíam como eventos estruturantes das dinâmicas do estágio supervisionado e, além disso, eram os momentos em que os estagiários eram efetivamente avaliados pelos professores. Em outras palavras, do ponto de vista dos estudantes (aprendizagem), os atendimentos faziam parte do estágio ambulatorial e as oportunidades de mostrarem seus conhecimentos e de adquirirem outros residiam na realização de cada atendimento. (p. 57-58)

A professora Anele me disse que “a ficha é preenchida de preferência por um monitor e um assistente”, de modo com que os estudantes “menos graduados aprendem a atender com os mais graduados, com os que têm mais experiência de ambulatório”. (p. 63)

A conversa prosseguiu, e logo que a paciente falou um pouco mais sobre a qualidade de seus excrementos, Sariê e Mariana se entreolharam parecendo concordarem um com o outro e ambos chegaram a um diagnóstico inicial. (p. 66)

Assim, deduzo que, se o conteúdo teórico primariamente apreendido pelos estudantes falava na língua relativamente hermética dos padrões de desequilíbrio, no estágio supervisionado o estudante, de modo coletivo, era tensionado a desconstruir tais padrões através do aprimoramento e do desenvolvimento de suas capacidades de observação, logo, de suas habilidades sensoriais e perceptivas. (p.71)

Sariê e Mariana, agrupando as informações que a paciente fornecia ao longo do preenchimento da ficha, somadas àqueles elementos que eles observavam “sem a paciente saber”, digamos, foram formando um quadro de sinais e sintomas em suas mentes, buscando sistematizar e organizar aqueles elementos observados a fim de encontrar a causa das dores no ombro dela. O corpo inchado, falta de sede e os demais elementos foram sinais que aos poucos foram indicando um quadro de deficiência de yin do rim associada a uma deficiência do qi do baço, segundo a lógica de raciocínio dos estudantes. A inconsistência fecal pareceu ter sido o fator chave para classificar a paciente dentro de um padrão de desequilíbrio, pois foi neste momento da fala da paciente que Sariê e Mariana pareciam ter “decifrado o enigma” que a paciente havia trazido e logo chegaram a um diagnóstico. (p.70)

Naquela roda de conversa, compartilharam-se raciocínios e conhecimentos provenientes da percepção que cada estudante tinha quanto ao estado de saúde da paciente. (...) Seguida a decisão do protocolo, o qual foi decidido coletivamente na roda de conversa ao pé da maca, seguiu-se para a aplicação do mesmo. (p. 72-73)

Professor, me deixa dar uma dica pra você. Eu já fiz ambulatório com o professor Alemar, com o Pedro, com a Anele e todos eles procuram fazer a gente pensar aqui dentro, mas você sempre finaliza os diagnósticos. Assim. Eu estou te falando isso porque você começou aqui no ambulatório faz pouco tempo e não deve estar acostumado com o jeito que os outros professores fazem. Eles sempre nos desafiam na hora dos diagnósticos e na hora de pensar num protocolo. Você não. Você sempre finaliza os diagnósticos. Como é que a gente vai poder pensar então? Não me leve a mal, mas é uma crítica construtiva que eu estou fazendo. [O professor concordava e confirmava verbal e não-verbalmente a veracidade da crítica.] Acho que você começou agora no ambulatório e não está conseguindo deixar os alunos pensarem sozinhos. É claro que você deve mostrar seu conhecimento, mas tem que deixar a gente pensar mais o que acontece com os pacientes. Você deve sim corrigir. Se a gente escorregar você tem que estar ali atrás para nos segurar e falar “opa! Não é assim, é assado...Entende?” Os outros professores sempre perguntam o que a gente acha dos protocolos, dos diagnósticos, pedem sugestões sobre o que fazer, enfim. Porque o aprendizado vem daí, eu acho. A gente está numa escola e é para isso que serve a escola, pra fazer a gente pensar, e você precisa deixar isso acontecer mais, na minha opinião. (Andréia, estudante assistente, 3º semestre)

A crítica da estudante Andréia feita ao professor revela os diferentes estilos e táticas que cada professor utilizava durante o estágio supervisionado, ao mesmo tempo em que demonstra a necessidade que os estudantes sentiam quanto ao “espaço de liberdade” para interpretações e sugestões de diagnósticos e protocolos. No entanto, os protocolos eram decididos, na imensa maioria das vezes, coletivamente, nas discussões que aconteciam ao pé das macas. (p. 74-75)

A própria dinâmica social entre os estudantes, fazia com que houvesse transmissão de conhecimento de maneira horizontal entre eles. Interessante notar que, durante as interações entre os estudantes, eles partilhavam suas experiências quanto a algumas técnicas de tratamento. (p. 76)

Ocorreu-me que aquela não fora uma simples conversa ou um “bate-papo” entre os estudantes. Foi um momento em que houve uma rica troca horizontal de conhecimentos entre eles (...). Tal troca de conhecimentos implicava numa atitude reflexiva recorrentemente operada pelos estudantes, cujos reflexos se faziam perceber em seus discursos sobre a prática que realizavam, tal como veremos agora. (p. 78)

Existia, de fato, uma “estrutura invariante” que regia o modo de operação do estágio supervisionado, entretanto, a natureza das atividades voltadas ao diagnóstico e tratamento dos pacientes, naquele mesmo contexto, implicavam interpretações e sugestões por parte dos estudantes quanto aos atendimentos, abrindo espaço para o elogio dos raciocínios individuais, de unidades dinâmicas de “hábitos”. (p. 81)

(...) como de costume, trocavam informações e conversavam uns com os outros sobre atendimentos que fizeram, discutiam mapas de anatomia, textos dos livros didáticos que traziam, tiravam dúvidas uns com os outros. (p. 84)

Mas por outro lado, os estudantes, na medida em que haviam de sugerir protocolos e discutir os diagnósticos de forma coletiva, atuavam como unidades dinâmicas de reformulação da prática a partir das habilidades perceptivas particulares que cada um aprendia a operar durante os atendimentos. (p. 96)

Por haver muitas possibilidades de aplicação do protocolo – leia-se, combinação de pontos a serem aplicados com as agulhas – tal maleabilidade reflexiva se refletia em torno da prática justamente devido à existência de um necessário espaço de liberdade para que os raciocínios de cada um fossem considerados e que os elementos percebidos por cada um fossem compartilhados durante as discussões ao pé das macas, o que configurava em ricos momentos para o aprendizado. Deste modo, vejo que era por meio dos produtos da percepção que cada estudante partilhava que eles mesmos tinham conhecimento das possibilidades de tratamento, e mesmo, dos diagnósticos possíveis diante de um mesmo caso. (p. 99)

Eram nos meandros coletivos da prática que as capacidades individuais destes futuros terapeutas se desenvolviam e, eram a partir dos esquemas individualmente incorporados e compartilhados que a aprendizagem se construía como um verdadeiro processo coletivo de aquisição de conhecimento, transformação dos saberes e da prática. (p. 102-103)

Antes da finalização desse tópico, falar-se-á a respeito da seara do pesquisador em direção a seu objeto de pesquisa e sobre a chama que acendeu sua vontade de investigar a aprendizagem médica, sob a luz da antropologia da saúde. É deveras esclarecedor e instigante escutar seu relato e entender seus passos até aqui; eu – pessoalmente falando, que como sujeito da presente pesquisa, ainda ando a (des)equilibrar em mim, sob a minha alcunha e risco, um pesquisador, um acupunturista, um ex-estudante de medicina convencional e outros sujeitos ignóbeis – confesso que me emocionei (esse tipo de emoção surge no indivíduo – poderia estar aqui a imaginar um poeta qualquer, ao me ver assim com olhos tão inchados, boiando em lágrimas de alegria – por simplesmente ouvir verdades outras tão bem contadas que, ao ouvi-las, reverberaria nele suas próprias afirmações, certeiras e radiantes).

Ao mesmo tempo em que a fala do estudante me evidenciou um paradoxo intrigante acerca dos processos de ensino e aprendizagem em saúde ao dizer que “alguma coisa vai se perdendo durante o curso de medicina”, eu também escutava de alguns amigos, que estavam se formando em acupuntura, um discurso diametralmente oposto. Estes, por sua vez, diziam que “algo se ganhava durante o curso” no que diz respeito à percepção dos processos da saúde e do funcionamento do corpo. Fiz-me, assim, a seguinte pergunta: Como é possível que cursos de formação de terapeutas gerem sentimentos tão díspares em seus pupilos acerca dos efeitos que os processos de aprendizagem lhes causam? Decidi então fazer da questão o tema desta pesquisa (p. 11)

4.3.4.7 Núcleo de Estudos da Arte e das Manifestações Daoístas Espontâneas em Relação com o Dao (NEAMDERDao)

Manoel de Barros, quem diria, esteve por aqui. Pontualmente, às 6:30 da manhã, já estava a postos, com seu tamborete de couro de vaca. Parecia mesmo um de nós, não fosse seu forte cheiro de amanhecer eterno e sua capacidade de escutar o silêncio das garças. O nobre

poeta, na altura de seus 90 anos, fez conosco a saudação ao sol e esse último retrucou: você estava certo, a quinze metros do arco-íris eu sou é cheiroso! Escutou e observou os outros participantes com uma paciência mineral e, chegada sua vez, explicou a todos sobre sua inocente escolha, ainda quando era um jovem mancebo: "mãe, quero ser fraseador!". No final da cerimônia, enchendo-nos de um mistério macio, ainda soltou: "uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a fazer parte dos pássaros que a gorjeiam", e se foi correndo entre as pedras, sabendo que liberdade busca jeito nessa vida.

O núcleo foi criado oficialmente no dia 12 de junho de 2010, às 6 horas da manhã, no gramado acima da escola. Éramos dez pessoas dispostas a vivenciar uma feitura espontânea de artes de religação e o texto acima, que abre esse tópico, brotou logo após nosso encontro. Por ser o espaço com maior liberdade criativa da escola, por ter existido graças aos preceitos da ACSC e por abrigar em suas veias um sangue transdisciplinar, dedica-se esse espaço para estendermos uma breve reverência a essa iniciativa coletiva. Abaixo, reproduz-se a mensagem escrita dois dias depois de sua abertura:



NEAMDERDao nasceu!

por [Pedro Ivo](#) - segunda, 14 junho 2010, 11:13

Colegas, nesse último sábado tivemos nosso encontro de abertura do núcleo. 10 madrugadores se deram as mãos em prol da conexão com a criação incessante da vida... Desse encontro algumas possibilidades saltaram ao mundo da manifestação:

)(apresentações espontâneas
)(teatro do oprimido
)(arte marcial
 0o0 poesia e mais poesia
 mostra de filmes
 > **** a arte da terra
 reticências.

Visitem o blog filho do projeto: <http://nomesvarios.blogspot.com/>

Lembrando que alimentaremos o núcleo com as atividades (estamos na primeira) e com as interações entre os participantes (para isso usem esse espaço e os blogs já criados...). Uma outra possibilidade é o agendamento de encontros para discussão e formatação de projetos ao vivo... grande abraço, Pedro

O espaço colaborativo criado para o Núcleo, assim como sua Carta de Nascimento e recortes do blog NEAMDERDao e do Blog Nomes Vários e Nenhum (esses últimos nascidos

a partir do Núcleo), podem ser vistos no APÊNDICE X. Aqui será reproduzida, em seguida, a primeira atividade híbrida aberta, com seu enunciado seguido por uma Postagem Principal e suas respectivas respostas.

4.3.4.7.1 “Manoel de Barros, Paulo Freire e Boal” ou “O Teatro da Libertação”

O Fórum que será reproduzido aqui (Figura 55) foi aberto com o intuito de inaugurar as atividades colaborativas e de convidar os participantes para o espetáculo “Concerto a céu aberto para solos de ave⁵⁴”, o qual, sincronicamente com a abertura de nossas atividades, estava em “cartaz” sob os imponentes Fícus que guardam o Instituto de Artes da UnB. Essa sincronia foi de se respeitar, afinal, Manoel de Barros se estabeleceu como patrono de nossa jornada criativa. A partir da presença no espetáculo, abriu-se uma discussão no Fórum para uma conversa e para o resgate da percepção dos participantes sobre a experiência. Note-se que dita atividade tinha um caráter híbrido, já que, primeiramente, os participantes deveriam assistir ao espetáculo para, somente depois, fazerem suas postagens no Fórum.

A construção-destruição da disciplina começou.....façamos a roda girar

1. Estar presente no espetáculo "A céu aberto ..." (tópico recursos).
2. Acrescentar um novo tópico de discussão com suas impressões sobre essa aparição cênica no mundo das manifestações...
3. responder ao comentário de algum(ns) colega(s), para dar impulso na roda....

Observação: recomenda-se fazer a postagem até o final da primeira semana (19/10), já que cada semana será nova....

Tópico	Autor	Comentários	Última mensagem
atividades a céu aberto	 Pedro Ivo	2	Sáb, 24 Jul 2010, 10:31
Primeira atividade e contribuições	 Pedro Ivo	0	Ter, 6 Jul 2010, 22:45
Atividade 1 e a arte da terra	 Pedro Ivo	4	Qui, 1 Jul 2010, 20:05
Cobra, pedra, ave..	 Pedro Ivo	0	Seg, 21 Jun 2010, 18:11
Encerramento do espetáculo....	 Pedro Ivo	0	Dom, 20 Jun 2010, 09:01
última semana do espetáculo	 Pedro Ivo	0	Seg, 14 Jun 2010, 10:55
Breve comentário sobre "A Céu Aberto".	 Pedro Ivo	1	Dom, 13 Jun 2010, 14:51

Figura 55: Fórum NEAMDERDao

⁵⁴ Espetáculo teatral inspirado na obra de Manoel de Barros, com Nara Faria. Direção: Márcia Lusalva. Trilha sonora: Luiz Olivieri. Produção: Espaço Cultural Mosaico. Vídeo, Direção e fotografia: Cassio Sader. Montagem: Cassio Sader e Sérgio Azevedo.



Atividade 1 e a arte da terra

por [Pedro Ivo](#) - quarta, 30 junho 2010, 11:57

Colegas, como a intenção maior dessa tarefa eh fazer a roda girar (desculpem pela grafia estranha.... estou em um teclado igualmente estranho) a atividade segue aberta durante essa semana. Os participantes que nao puderam comparecer aa apresentacao podem participar sem problemas: pesquisem sobre o Mestre Manoel (nosso mentor sincronico), escrevam sobre ele e o tao, coloquem trechos de sua obra, inventem.... somente "pesso" que alimentem o bicho....

Uma curiosidade: como foi para voces a oficina da terra? Podem escrever sobre a experiencia tambem...

Grande abraço

Pedro

[Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Atividade 1 e a arte da terra

por - terça, 29 junho 2010, 09:40

Salve mestre Pedro,

Furei com o P. B. e não compareci à oficina da Terra. Para dizer a verdade estou aparvalhado com a prova de fisiopatologia de amanhã e com o seu exercício que postei ontem mas acho que está péssimo. Ainda andas pelas Ramblas? Adoro a história do anarquismo espanhol. De 36 a 39 a Catalunha viveu sem pátria e nem patrão -uma história fantástica. Meu filho se chama Durruti por conta de um anarquista deste período. Continua de pé minha intenção de dar uma pequena oficina de Teatro do Oprimido. Será que rola? Abraço,

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Atividade 1 e a arte da terra

por [Pedro Ivo](#) - quarta, 30 junho 2010, 11:56

Salve Mestre C.! A "Oficina do Oprimido" pode ser feita quando você achar apropriado, adoro a idéia! ...Quando tenhas data, horário, breve resumo, me manda que posto para todos os alunos da Escola.

Quanto ao "anarquismo graças ao Dao", penso postar algo no Blog Nomes Vários, assim que a conjunção sincrônica de dados se complete..... Um comentário: sempre foi uma dificuldade para mim dizer que morei na Espanha, simplesmente porque não morei! A Catalunya é mesmo uma nação com sua bagagem linguística, histórica e cultural bastante definida e sempre albergou grandes libertários...

Graciès per tot

Pedro

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Novo fórum de discussão

por - quinta, 1 julho 2010, 17:32

C., Pedro, todos! Que tal fomentar a idéia da oficina de teatro? Criei um novo fórum de discussão para concentrar nossas ideias a respeito do tema.

Penso que será algo muito enriquecedor (eu mesmo estou entusiasmado e curioso).
Abraços. Muita paz!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Re: Novo fórum de discussão

por - quinta, 1 julho 2010, 20:05

Sobre a oficina de Teatro do Oprimido: um caso e algumas informações importantes

No final dos anos cinquenta, início dos sessenta, a classe trabalhadora brasileira estava muito organizada e combativa: greves e ocupações nas cidades, as Ligas Camponesas atuando nos interiores, os estudantes e intelectuais criando Centro Populares de Cultura, Paulo Freire com seu método libertador... havia uma efervescência político cultural muito grande, inclusive por conta dos ventos revolucionários vindos de Cuba e China.

Em São Paulo havia o Teatro de Arena, coordenado por Augusto Boal. Este grupo, como qualquer grupo que se preze, estava antenado com os novos tempos que supostamente se avizinhavam. Comprometidos com a luta do povo brasileiro encenaram várias peças onde os protagonistas, pela primeira vez em terras tupiniquins, eram operários, donas de casa, estudantes. Montaram uma nova peça em que se contava a saga de um grupo de camponeses, que, cansados do latifúndio e da miséria, pegaram em armas, dividiram terra e pão... um final emocionante para a encenação.

Pois bem, o grupo foi para o nordeste apresentar esta peça em comunidades rurais. Por onde passavam, era um sucesso só. Na Paraíba chegaram em uma comunidade e aquela gente simples gostou demais e foi às lágrimas. Veio então uma liderança de lá, um negão de quase dois metros chamado Virgílio, que emocionado, apertou a mão do Boal e disse:

-Rapaz, que coisa mais linda este teatro de vocês! Que coisa boa ver gente de tão longe pensando parecido com a gente! Olha, e parece que foi Deus que mandou vocês aqui hoje: mês passado vieram uns jagunços e tomaram uma terrinha de um compadre nosso. Nós já não aguentamos o latifúndio, o coronelismo, os jagunços! Pois hoje de madrugada, a gente come aí uma farinha primeiro, depois vamos todos retomar esta terra é no pau mesmo. Vamos nós e seu grupo!

Augusto Boal deu um pulo e retrucou:

-Péra lá! Nós só viemos aqui fazer teatro!

-Mas vocês não pensam que nem a gente?

-Pensamos, mas a gente só faz o teatro!

-Então pelo menos empresta pra gente aquelas armas novinhas de vocês, por que aqui nós só temos uma garrucha velha, facões e umas enxadas...

-Rapaz, estas armas não atiram de verdade, não! São só de teatro mesmo!

Virgílio pensou, olhou fixamente nos olhos de Boal, apertou sua mão e sentenciou:

-Boal, se vocês não vão com a gente, façam-nos um favor: Vão à merda!

Augusto Boal, que sempre recontava este caso, afirmou que aquela foi uma experiência decisiva para seu fazer artístico e sua vida pessoal. Ali ele jurou para si mesmo que jamais voltaria a fazer um teatro que tentasse dizer aos outros o que fazer de suas vidas. E principalmente se ele não fosse capaz de vivenciar aquilo que dissesse.

Logo veio 1964 e o golpe militar. Por conta da censura, Boal logo ficou impossibilitado de trabalhar com teatro e foi exilado. Trabalhou com índios no Peru, operários na Argentina... e por fim na Europa. Este período de exceção forçou-o a voos estéticos diferentes que deram origem a um método teatral chamado de Teatro do Oprimido.

Grosso modo, o Teatro do Oprimido busca trabalhar com quem não é ator e quer se expressar pela linguagem teatral. Baseado nos princípios filosóficos e ideológicos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, o T.O. existe para que os oprimidos tenham como arma de libertação a linguagem teatral. Não há hierarquia nas opressões: se uma mulher se sente oprimida por seu marido, este tema não é menor que o da relação operário/patrão, por exemplo. Por fim, o T.O. leva em consideração o aprendizado da história acima e faz com que os oprimidos experimentem em cena suas próprias soluções para romper com as opressões.

O T.O. tem várias técnicas (Imagem, Jornal, Invisível, Legislativo...) mas a principal delas é o Teatro-Fórum. Vou dar um rápido exemplo para situá-los melhor: uma vez fui dar uma oficina para um grupo de adolescentes. As meninas levantaram questões de gênero, inclusive a recusa de muitos rapazes em usar preservativos. A partir das opressões levantadas pelo grupo, criamos pequenas cenas que foram levadas para uma escola de ensino médio. As cenas são montadas de forma em que a plateia fica motivada a transformar a cena, quebrar aquelas opressões...

No Teatro-Fórum, o coordenador do trabalho (o Coringa) não opina em nada. Ele conduz o trabalho através de perguntas e facilita para a intervenção da plateia. Assim, a plateia deixa de ser passiva, muda o teatro para depois mudar a vida lá fora...

Augusto Boal quando estava cruzando a fronteira para se exilar viu um guarda cobrando um livro de um chinês montado num búfalo, mas este já é um outro caso...

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Para finalizar esse tópico, convida-se esse aprendiz “sem nome” (inominável como tudo que não cabe dentro de si), o qual foi entidade essencial no grupo NEAMDERDao, com sua existência transbordante e significância de pé-descalço.

- O curso de acupuntura surpreendeu a todos pela sua complexidade e riqueza. O que parecia ser mais um curso técnico desvendou-se em uma nova maneira de ver a vida. A matéria Fundamentos do Pensamento Oriental foi um divisor de águas. O uso de recursos tecnológicos como o moodle nos possibilitou acesso rápido a informações de formatos diversos como discussões, textos, filmes e documentários -além da indispensável aula presencial com o professor Pedro Ivo. Aliado as novas tecnologias, as velhas como por exemplo o uso do I Ching possibilitaram a nos alunos percebermos a relatividade do tempo e do espaço, dos saberes e comportamentos. Agora, energia já não era somente aquilo que saía da tomada e espírito deixou de ser palavra proibida (sem contudo, depender de conotação religiosa). Noutro contexto do curso, a poesia, a representação, a luta, a música foram recursos que somados aos primeiros fizeram-nos entender que a mesma mesa quadrada também poderia ser uma mesa redonda.

4.4 O CAMINHO DA REGULAÇÃO

Estamos em pleno ajuste, o tempo todo, como tudo que vive. E essa Ocasão nos trouxe, a nós – pessoas que compartilharam essa experiência e essa saga - uma nova oportunidade de reflexão sobre o caminho trilhado; e às outras pessoas, as que por aqui passaram e as que porventura passarão, essa Ocasão pode trazer mais fôlego para continuar se encantando com o brilho inacabado e provisório do mundo. Desse modo, reproduzir-se-á alguns relatos de aprendizes que usaram esse espaço privilegiado para exercerem seu senso crítico e, construtivamente, contribuirão para a regulação dinâmica da estratégia pedagógica e, por que não, do próprio projeto de conhecimento sobre a vida e seus mecanismos.

Os relatos abaixo não apresentam identificação de seu emissor, nem legendas, e estão aleatoriamente agrupados. São, quase todos, depoimentos reproduzidos a partir do formulário de pesquisa devidamente preenchido (APÊNDICE II). O único relato com identificação é o da aprendiz Mã Sãi Lã, o qual foi pinçado de sua História de Vida (tópico 3.2.2.1), e foi escolhido por sua relevância para os ajustes na estratégia colaborativa.

O caminho da regulação, se verá, parece estar relacionado com os princípios que tanto, e tão intensamente, foram apresentados ao longo dessa vereda, pelos recônditos desse Grande Ser Tao. Parece exigir a presença dos operadores cognitivos que amansam toda Complexidade do mundo e trazem de volta as pessoas para o lugar que elas, em efeito, sabem exatamente onde fica, mas não conseguem, assim entorpecidas por tanta fragmentação, explicar a si mesmas como chegar. E, sem querer, e amiúde, acabam por deambular por trilhas que não são delas, e não são de ninguém; são rasgos forjados na ilusão de separação e na tentativa de um mecanismo vil de machucar os passos para depois remendá-los com laços apertados, difíceis de desamarrar.

Mas aí está: eis que a existência de todos os 10.000 seres, de todos os tempos, de repente, e vez por outra, se coloca a latejar sem dó numa certa Ocasão e o ar se enche de uma esperança tão suave e firme que fica difícil segurar o poder bravo das mudanças.

- Saudações! O ensino virtual pode ser uma boa ferramenta de trabalho para a construção do saber, pois exige do aluno a busca pela leitura (pesquisa). Porém esse método não pode ser 100% virtual pois a figura do professor faz toda a diferença no que diz respeito a vivência prática do conteúdo a ser ensinado. O trabalho deve se dar de forma equilibrada tanto da parte do aluno quanto do profissional de educação. O bom senso cabe em qualquer lugar.

- O ambiente virtual de Aprendizagem é um ambiente que proporciona grandes oportunidades na construção do conhecimento e, no desenvolvimento da comunicação, principalmente o que se refere a cooperação; a aprendizagem neste ambiente se dá através de um olhar diferenciado. Um dos grandes desafios destes ambientes na sociedade contemporânea é conseguir um paradigma inovador e uma proposta inovadora de aprendizagem colaborativa, onde reflita a empatia, e o foco das discussões não esteja na necessidade pessoal de exposição de ideias ou, na vaidade intelectual. “Quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, corporativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes” (PALLOF e PRATT, 2002, p. 141). Mas nem sempre atividade em grupo enfoca a aprendizagem colaborativa e compartilhada, mas é preciso que o professor tenha preparo para lidar com estas situações e, atuando como mediador e facilitador, possa trabalhar com os alunos, mantendo-os com comprometimento no processo de ensino/aprendizagem colaborativos.

- A opção pelo uso da ferramenta agrega no processo de construção do conhecimento, mas penso que de forma alguma deve pretender substituir a relação aluno-professor, sobretudo quando se trata de um conhecimento milenar em que a vivência/experiência do mestre é que o qualifica (ao conhecimento) e permite ao aluno acessá-lo.

- Lembro de termos boas discussões nos fóruns. Mas sinto que essa ferramenta poderia ter sido melhor aproveitada por mim e também pelos meus colegas. Às vezes tinha a sensação de que as publicações eram apenas para cumprir as formalidades, ou para obter pontos de participação, sem o aproveitamento máximo do debate em si.

No entanto, a experiência com essa estratégia pedagógica falhou em alguns pontos. Os que mais me chamam à atenção são: 1. A necessidade de que o ambiente de colaboração seja de fácil manipulação. Digo isto sobre a parte técnica mesmo da plataforma. Que seja simples ver uma imagem, ouvir, ler, tecer os sentidos. Que a rede de possibilidades de “copiar-colar” proporcione padronagens mais interessantes. 2. Que os participantes reconheçam que a proposta não é a de “copiar-colar”. Que se possa experimentar construções mais orgânicas, mais vivas, dinâmicas, autorais. Parece que apesar dos instrumentos que a internet disponibiliza ainda estamos como outrora, copiando dos livros com caneta tinteiro! (Relato de Mãe Sã Lã – tópico 3.2.2.1)

- Infelizmente, não me recordo com muitos detalhes de todas as disciplinas que participei na plataforma Moodle. Não cheguei a terminar o curso e não tenho o meu histórico, mas respondi o questionário com o coração, com as sensações daquela época (que parece já fazer uma eternidade). Algumas disciplinas como Feng Shui (e uma outra que não me recordo qual) eram totalmente online e tínhamos que entrar online no horário da aula, ficarmos logados e participarmos eventualmente... bem essas eu não me adaptei ao formato. Não conseguia ter seriedade nem disciplina e lia as coisas a hora que dava e acabei retendo pouca informação do aprendizado em minha cabeça.

- Alguns professores estavam mais familiarizados a usar o moodle que outros. Alguns usaram apenas para disponibilizar material e realizar a prova. O que é útil mas existem outras formas de fazer. Nas disciplinas que a ferramenta foi melhor aproveitada era sempre necessário que o professor forçasse a interação entre as postagens dos alunos, quero dizer, quando fazia parte da atividade obrigatória comentar textos de colegas. Acho que isso se deve à essa fase de transição na educação que vivemos. Muitos, como eu, estão muito adaptados e acostumados com a antiga forma vertical de transmissão de conhecimento. Falando por mim, eu me considero uma pessoa com facilidade de adaptação a novas tecnologias, não tive problemas com a ferramenta em si. Mas ainda é difícil entender que em uma aula eu tenho a contribuir, eu vou construir o conhecimento com a ajuda e orientação de outros. Eu vejo que estou muito acostumada a ser aluna, não saber de nada e ir em busca de alguém que sabe mais que eu. Fico muito feliz que isso esteja mudando.

- Acho importante também a ferramenta ser sempre atualizada com novas funcionalidades, como tudo que é vivo e está em constante mutação. Problemas do tipo, travar, não conseguir mandar, perder textos, são extremamente irritantes. Espero ter ajudado.

- A experiência de trabalhar com a plataforma de ensino MOODLE, foi de grande valia para contribuir com as disciplinas iniciadas em sala de aula.

- A educação em medicina chinesa ainda engatinha no Brasil, pois o contexto político é desfavorável. Os professores fazem o melhor possível para tentar transpor um conhecimento milenar de uma cultura absolutamente distinta em tempo e espaço, em um esforço de tradução epistemológica que encontra vários obstáculos. As TICs constituem ferramentas válidas de adaptação a um processo de ensino-aprendizagem que é, por ser transcultural, já tão complexo. Na minha opinião, alguns obstáculos ao seu uso é a falta de costume de muitos alunos com o uso da Internet para fins avaliativos e a obrigatoriedade de participação em fóruns, o que acaba criando uma certa resistência. A estratégia geral, no entanto, é acertada a meu ver, tendo efeitos positivos na formação do aluno.

- Definitivamente, na plataforma não há nenhum problema que não seja as pessoas envolvidas. Infelizmente é algo que se vê em todo lugar, pouco comprometimento, muita "pompa", não há leitura, nem vontade de escrever. Mas sinto que a partir do momento que um aluno começa a se sobressair em seus textos, os outros se sentem compelidos a alcançar um nível maior de comprometimento. Pelo que lembro, ao final desta única matéria em que o professor nos aplicou assiduamente na plataforma, os textos já estavam mais complexos e pude perceber que ao longo do curso meus colegas melhoraram suas posturas. Senti muita falta das produções colaborativas em outras matérias.

- Em contrapartida, vale ser dito que a experiência na ENAC em 2010-2012, em minha opinião ainda foi apenas um esboço do que a metodologia colaborativa pode ser, ou seja, acredito que o modelo de aula poderia ser mais completamente adaptado a essa metodologia. Isso de maneira alguma tira os méritos da experiência, que já ofereceu uma grande vantagem em relação à metodologia comumente aplicada nas escolas, apenas reforço a ideia de que a aprendizagem colaborativa pode ainda ser aplicada mais integralmente no ensino.

- Utilizei as estratégias em momentos iniciais de suas implementações, ondes professores e alunos ainda tateavam por esse novo caminho! Como Especialista em EaD, fui grande incentivador e auxiliar na implantação do MOODLE.

-Foi interessante ver como cada turma tem uma interação diferente e sempre com questões novas. O papel de monitor nesse contexto traz um aprofundamento importante e trouxe segurança e crescimento como profissional aprendiz.

- Nessa experiência com o método de aprendizagem colaborativa e de aulas em formato misto, pude perceber claramente diversas vantagens no aprendizado em comparação ao método tradicional de ensino. O aluno torna-se um ser mais ativo no processo de aprendizado, ganha mais espaço para desenvolver sua criatividade e tem a oportunidade de experimentar um despertar mais natural do conhecimento em si.

- Já tinha tido experiências com esse formato de construção do conhecimento em minha primeira graduação, na Universidade de Brasília, mas infelizmente o processo não foi bem conduzido pelo professor, o que acabou prejudicando, para mim, todo o aprendizado daquela disciplina, além de ter desmotivado a procurar corrigir essa falha posteriormente. Contudo, ao iniciar os estudos na ENAc, a experiência negativa foi rapidamente suplantada por professores que souberam utilizar melhor a plataforma Moodle, estimulando assim a aprendizagem colaborativa. Em quase todas as matérias que se utilizaram do suporte computacional, era empolgante participar dos fóruns e debater com os colegas, estendendo o processo de aprendizado para além das paredes da sala de aula. A única vez em que recorde de a positividade desta experiência ter se perdido foi quando a quantidade e a frequência das atividades cresceram drasticamente, tornando-se, então, profundamente desagradáveis - não pelas tarefas em si, mas pela intensidade requerida. De qualquer modo, o resultado final foi bastante positivo.

- Posteriormente, quando tive a oportunidade de trabalhar como professor na ENAc, decidi adotar a mesma metodologia de ACSC, mas, sem ter o devido preparo pedagógico para a docência, deparei-me com a resistência dos alunos e com a dificuldade de motivá-los em participar de uma construção coletiva do conhecimento via Moodle, de modo que, depois de dois semestres, acabei abandonando o suporte computacional, embora ainda o considere uma excelente ferramenta, extremamente apropriada à aprendizagem da medicina chinesa, e buscando outras maneiras de estimular, dentro da sala de aula, a aprendizagem compartilhada, através de grupos de discussão, atividades lúdicas, apresentações criativas por parte dos alunos, etc., desta vez com muito mais sucesso. Consideraria, sem dúvidas, voltar a utilizar o suporte computacional, mas creio que para isso seria preciso, primeiro, desenvolver novas habilidades pedagógicas que me possibilitassem conduzir com mais propriedade este tipo de aprendizado.

4.4.1 Sobre o papel dos aprendizes numa educação trans-formadora

Todas e todos aprendizes que aqui estão representados com seus relatos, assumiram suas posições de construtores de fatos, de sujeitos inteiros e posicionados numa realidade complexa. Em vista disso, o tópico anterior foi dedicado ao olhar discente sobre a Ocasão que estamos investigando e pretendeu-se expor os comentários que, além de apontarem os erros, sugeriram mudanças.

Agora, já no crepúsculo dessa jornada, apresentar-se-á o resultado da pesquisa relativa à afirmação “as atividades propostas me incentivaram a desenvolver o senso crítico” (Figura 56). 75% dos participantes concordaram totalmente que houve incentivo ao desenvolvimento do senso crítico, enquanto 25% concordaram parcialmente.

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		M	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambie...	27x	84,38	5x	15,63	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram cons...	27x	84,38	5x	15,63	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendiza...	22x	68,75	8x	25,00	-	-	2x	6,25	1,44	0,80
A estratégia de aprendizagem...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Nas disciplinas colaborativas,...	23x	71,88	8x	25,00	-	-	1x	3,13	1,34	0,65
As atividades propostas me i...	24x	75,00	8x	25,00	-	-	-	-	1,25	0,44
O uso adequado das TICs (tecn...	27x	87,10	4x	12,90	-	-	-	-	1,13	0,34
A estratégia colaborativa foi ...	21x	65,63	9x	28,13	1x	3,13	1x	3,13	1,44	0,72

Figura 56: Tabela de avaliação (6ª afirmação)

Nota-se que, com a reintrodução do sujeito cognoscente, o papel dos aprendizes na produção do aprendizado compartilhado tomou proporções libertadoras. De fato, essa reintrodução não está ligada à simples participação intelectual ou cognitiva; aqui, nos marcos intangíveis do pensamento complexo e da sabedoria taoísta, o sujeito produz campos de comunhão emocional, corporal, afetiva e espiritual – tudo junto numa caminhada de mãos dadas. Produz-se uma pedagogia transformadora, uma terapêutica do encontro e uma educação para a vida. É interessante notar que, para que de fato isso aconteça, o caminho está na mudança do olhar sobre o mundo e seus mecanismos e está na decisão de cada um em se entregar para o conhecimento vivo e assumir que aqui, nesse mundo, somos todos cientistas; a educação, por esse prisma, não está lá fora, nunca esteve e nunca estará; e não pode ser encontrada em fórmulas, em inovadoras ferramentas ou em belas teorias.

RELATÓRIO FINAL OU SENTIPENSANDO A OCASIÃO

“(…) *isso não é nem eu nem não-eu, mas antes passa através de ‘mim’.*” (JULLIEN, 1998, p. 70)

A questão central para a elaboração desse estudo foi identificar como a aprendizagem colaborativa com suporte computacional se revelara como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa. Na verdade, essa questão nasceu de um fato consumado: já sabíamos, nós, os participantes dessa estratégia de aprendizagem, que havia uma sincronicidade entre os preceitos da Medicina Chinesa e toda e qualquer perspectiva pautada em um caminhar que presta atenção no rumo das coisas e festeja a comunhão do ínfimo com o átomo, assim como celebra as alianças com o todo. Sabíamos porque já vivenciávamos a existência de uma rede que conecta tudo e que a tudo está conectada. E nossa descoberta se fazia cada vez mais viva, quanto mais nos comunicávamos e quanto maior era nossa interação e colaboração. Esse enlaçamento entre estratégia e caminhada, entre a vontade do encontro e o encontrar, formou uma corrente que passou por nós do mesmo modo que a água corre no andado do terreno; e aqui escavou um leito caudaloso.

Com esse relevo já desenhado, a tarefa foi manter a paisagem com sua vibração natural. Manter o fluxo da colaboração por esse vale auspicioso era, nesse contexto, vital; afinal, como pesquisar sobre colaboração sem o trabalho em conjunto? É mais: como estudar os movimentos da colaboração no aprendizado de uma ciência que não pode ser separada de sua ânsia por religação, nem de sua urgência pela reconstrução constante de si mesma, muito menos de sua sede por estar sempre aqui, ancorada numa perspectiva do real que não admite significações e sim existências? E indo além, como fazer tudo isso sem estar em busca de nenhuma resposta, de nenhuma descoberta e sem nenhum enredo?

Essas questões, a despeito do aparente imbróglio acadêmico, revelam, no fundo e na essência, a simplicidade epistemológica da Complexidade: “conhecer é fazer e fazer é conhecer”, diriam Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), enquanto observam maravilhados a bela árvore do conhecimento fazendo parte dos pássaros que a gorjeiam.

Dito isto, restava-nos colocar em transform(ação) o projeto e continuar jorrando informação na direção dessa roda colaborativa, sem pausa e sem pressa, e sem negligenciar o poder bravio do *não-agir*, e a mansidão do espontâneo pulsar de todas as coisas. Jullien, o sinólogo, fez aqui sua parte; nos disse, como já nos havia dito, com outras palavras, *Zhuang Zi*

(莊子): “não se pode forçar a planta a crescer, nem tampouco se deve abandoná-la; mas liberando-a do que poderia enterrar seu desenvolvimento, deve-se *deixa-la brotar*” (1998, p. 114).

E assim, pois, fizemos. Carpimos regularmente o terreno, arrancamos matos, respeitamos os ditames das pedras; podamos o que nos pedia para ser podado e aramos o solo. E como por aqui já passava um rio caudaloso, desenhamos pequenos regos. Descansamos nos dias de descanso. E medimos o tempo com a conta certa do sol que se anuncia e some na ribanceira.

Em outras palavras, ou proseando de outro jeito, nossa caminhada colaborativa tinha que continuar e assim se fez. Os dados estavam lá, esperando para serem usados, assim como frutos exalando temperos na ventania. Conversou-se muito nesses fóruns. Falou-se a língua de todos e a língua de todos foi ouvida, vista, decifrada, acasalada. Běn Tuō, o aprendiz, chamou o Fernando Pessoa para dar com a língua nos dentes e ele o fez, sob o avatar de Alberto Caeiro: “Há beleza bastante em estar aqui e não em outra parte qualquer”. No que Raduan Nassar respondeu: “Só a justa natureza do tempo dá a justa natureza das coisas, Caeiro”; e se foi, do fórum, da escola, do mundo; depois voltou num dia sereno e disse: “tenho desaprendido muito, vos agradeço de coração!”; no que Manoel, o guardião de desperdícios, respondeu, muito didaticamente: “desaprender 8 horas por dia, eis a lição”.

Pois bem, a colaboração continuou. Aprendizes vieram de bom grado, sem nota, sem prêmio; só com a certeza de que havia alguma coisa circulando por aqui e que pedia mais impulso. E assim o fizeram; deram sopro à roda, alimentaram um projeto que não era deles e que, afinal, não é de ninguém; sequer pode ser de quem o escreve. Ou o contrário disso tudo. O projeto, sim, é meu. E só é meu porque existe com eles. E porque é deles, é meu, é nosso. Não, definitivamente não; nem um, nem outro, ou ambos. “Essa transformação é transindividual; e sua eficácia indireta dissolve o sujeito. Isso, é claro, em proveito do processo” (JULLIEN, 1998, p. 70). É isso que é.

E nessa ação *transindividual* foi-se reerguendo novamente aquela Ocasão. O fato é que a Ocasão que agora é transcrita, transliterada, transportada, já não é aquela. Aquela se foi e agora está aquém da “curva da estrada” e “por hora só sabemos que lá não estamos” (PESSOA, 2006). Lá não estamos, é verdade Pessoa, mas lá estivemos, como bem sabe o Caeiro; estivemos naquele momento que, na “ótica da transformação” foi “a culminação de um desenvolvimento” (JULLIEN, 1998, p. 85) e, talvez por isso, nos coube resgatar as impressões, os acertos, os percalços e (des)temperos de outrora. Mas, mais que isso – e na redação desse relatório final essa sensação tomou força e vigor e gerou um desequilíbrio bom, uma espécie de

Sentipensar subindo pela espinha – nos foi apresentada, de fato, uma *Nova Ocasão*. Fomos avisados, é verdade.

Essa ocasião é outra, ou, melhor, é dupla, já que se encontra nas duas extremidades da duração: por trás da ocasião que julgamos ver surgir de improviso, e que devemos saber aproveitar no instante, perfila-se uma outra, a montante dela, que é o ponto de partida do processo encetado e do qual aquela procede no final do desenvolvimento. (JULLIEN, 1998, p. 85)

E nessa *Nova Ocasão* foi elaborado um formulário de pesquisa (APÊNDICE I), com algumas perguntas pontuais, uma tabela de avaliação e um espaço pronto para receber o que tivesse que ser dado. E esse formulário foi enviado a oitenta e um aprendizes de outrora e esperou-se, pacientemente, como quem contempla o nascimento das dez mil coisas. Desses, trinta e seis participaram e o resultado está espalhado por toda a dissertação, como flores bonitas enfeitando a calçada de quem passear despretensiosamente por aqui.

Para finalizarmos essa caminhada, que muito já se adianta, é de bom gosto falar: buscou-se incessantemente espalhar por todo o texto a tríade (lembra-se dos *Emblemas* do Capítulo 2?) que guiou nossos passos por essas Ocasões, sem, no entanto, pretender que tudo tenha sido dito ou que os silêncios não tenham negligenciado fatos; tampouco que esteja pronta a infinda labuta. É notável que não. Eu mesmo (agora tenho que resgatar minha identidade para que fique claro que falo por mim e por todos) pensei por diversas vezes, durante essa manufatura, que esse mundo é tão vasto, tão comprido em sua largura, e tão Tao, que pretender engarrafalo é perde-lo num recipiente. Pois, que se atire essa garrafa na imensidão do que virá!

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, P. R.; SIQUEIRA, L. M. M.; VALASZI, S. Vivenciando a aprendizagem colaborativa em sala de aula: experiências no ensino superior. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 4, n. 12, maio/agosto, 2004.

ALVES, T. P.; ARAUJO, R. K. O Moodle e o Facebook como ambientes pedagógicos: possibilidades e limitações. In: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2012, Recife. *Anais Eletrônicos*. Recife, 2012.

ANTHONY, C. K. *Guía del I Ching*. Traducción de Rosalia Baldwin. La Liebre de Marzo: Barcelona: 1997.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. *Série Pesquisa em Educação*, v.3.

BARROS, M. O guardador de águas. In. BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, [1989] 2010, p. 237- 268.

BASEGGIO, I. D. *Da Formação de Terapeutas: Uma Etnografia da Prática e o do Sentir em uma Escola de Acupuntura*. Monografia de Graduação, UnB, 2011.

BEHRENS, M. A. Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: *Integração das tecnologias na educação. Salto para o futuro*, Brasília, Ministério da Educação, SEED, p. 75, 2005.

_____. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. 1 ed. Curitiba: Champagnat, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 971, de 3 maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. *Diário Oficial da União*. Brasília, 4 maio 2006; Seção 1, p. 20.

BRUFEE, K. A. *Collaborative Learning: Higher Education, Interdependence, and The Authority of Knowledge*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

CAMPIGLIA, H. *Psique e Medicina Tradicional Chinesa*. São Paulo: Roca, 2004.

CAPRA, F. *A Teia da Vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos - Alfabetização Ecológica*. Cultrix - Amana-Key, São Paulo, 1997.

_____. *O Tao da Física*. Editora Cultrix, 1975, 1983.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLEMENTINO, A. *Didática intercomunicativa em cursos online colaborativos*. 331p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CREMA, R. Eficácia: visão ocidental e oriental. Efficacité: un regard d'intégration. Master 2 Europeen de Recherche, Université Paris XIII/ Université de Louvain-la-Neuve/ Université de Genève/ Conservatoire national des arts et métiers – Cnam. França, março de 2011. Retirado do site, www.robertocrema.net, em 05/02/2014.

DILLENBOURG, P. What do you mean by collaborative learning? In: Dillenbourg, P. (Ed) Collaborative-learning: cognitive and computational Approaches, Oxford: Elsevier, 1999.

EGREJA, J. C.; MACHADO, M. J.; SILVA, V. de A. A educação a distância na perspectiva transdisciplinar: a contribuição das disciplinas de Laboratório de Pesquisa no curso de Pedagogia. CINTED- UFRGS Novas Tecnologias na Educação. V. 7 N° 3, dezembro, 2009.

FERREIRA, C. S.; LUZ, M. T. Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.863-875, jul.-set. 2007.

GRANET, M. O Pensamento Chinês. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GIL, A. C. Estudo de caso: fundamentação científica – subsídios para a coleta e análise de dados – como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

GONZÁLEZ REY, F. L. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural (Raquel Souza Lobo Guzzo, trad.). São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22 n. 2, p. 201-210, Mai-Ago 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: 26 de novembro de 2014.

HALL, S. Quem precisa de identidade? Em: Tomaz Tadeu da Silva (org), Identidade e Diferença, 103-133. Petrópolis: Vozes, 2000.

JULLIEN, F. Tratado da eficácia. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. Figuras da Imanência: para uma leitura filosófica do *I Ching*, o clássico da mutação. São Paulo: Editora 34, 1997.

KAPTCHUK, T. Medicina China: una trama sin tejedor. La Liebre de Marzo, Barcelona: 1997.

KOSCHMANN, T. Paradigm shifts and instructional technology. In: Koshmann T. (Ed.). CSCL: Theory and practice of an emerging paradigm (pp. 1-23). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

KUHN, T. S. A Estrutura das Revoluções Científicas. 7ª ed. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2003 (1969).

LAO-TZU. Tao Te Ching/Lao Tzu; com introdução de Burton Watson; desenhos a nanquim de Stephen Addiss; tradução de Waldéa Barcellos – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LATOUR, B. Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. Editora UNESP. São Paulo, 2000.

LAURILLARD, D. The pedagogical challenges to collaborative technologies. *Journal of Computer-Supported Collaborative Learning*, 4:5–20, 2009.

LÉVY, P. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPPONEN, L. Exploring foundations for computer supported collaborative learning. 2002. Disponível: <http://www.helsinki.fi/science/networkedlearning/texts/lipponen2002.pdf>.

LUZ, M. T. Medicina e racionalidades médicas: estudo comparativo da medicina ocidental contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e ayurvédica. In: Canesqui, A.M. (Org.). Ciências sociais e saúde para o ensino médico. São Paulo: Hucitec, 2000.

MACIOCIA, G. Os Fundamentos da Medicina Chinesa. 2ª Edição. São Paulo: Roca, 2007.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In MORAM, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

MASSIÈRE CARNEIRO, L. A significação da acupuntura no Brasil: percalços de uma ecologia de saberes no ensino de saúde e seus reflexos na profissionalização. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. <http://hdl.handle.net/123456789/9280>.

_____. Fronteiras de saúde e ecologia de saberes: acupuntura numa perspectiva pós-colonial. *Estudos de Sociologia (Revista do programa de pós-graduação em Sociologia da UFPE)*, Recife, v.16, p.309-331, jul./dez. 2011.

MATTAR, J. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). Educação a distância: o estado da arte. Capítulo 16; p. 112 a 120. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MATURANA, H.; VARELA, F. A árvore do conhecimento. Campinas/SP: Editorial Psy, 1995.

_____. Cognição, ciência e vida cotidiana. Organização e tradução Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2001.

MORAES, M. C. O paradigma educacional emergente. 11. ed. Campinas/SP: Papirus, 2005.

_____. O pensamento eco-sistêmico: Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

_____. Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

_____. Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. In: SUANNO, João Henrique (Org.); MORAES, Maria Cândida (Org.). O pensar complexo na Educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. 1ª. ed. São Paulo: WAK Editora, 2014.

MORAES, M. C. e TORRE, S. de La. Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MORAES, M. C.; VALENTE, J. A. Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade? São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, E. Introdução ao Pensamento Complexo. Tradução de Dulce Matos. Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa, 1990.

_____. Meus Demônios. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

_____. Por uma reforma no pensamento. In: O pensamento complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Alfredo Pena-Veja e Elimar Pinheiro do Nascimento (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. Org: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, p. 13 – 36, 2003.

_____. Amor, Sabedoria, Poesia. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASCIMENTO, M. C. do: De panacéia mística a especialidade médica: a acupuntura na visão da imprensa escrita. História, Ciências, Saúde Manguinhos, V(1): 99-113 mar.-jun. 1998.

NASCIMENTO, M. C. do; BARROS, N. F. de; NOGUEIRA, M. I. e LUZ, M. T. A categoria racionalidade médica e uma nova epistemologia em saúde. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2013, vol.18, n.12, pp. 3595-3604. ISSN 1413-8123.

NICOLESCU, B. O manifesto da transdisciplinaridade. 2a ed. São Paulo: Triom, 2001.

_____. Fundamentos Metodológicos do Diálogo Transcultural. Em: Edgard de Assis & Terezinha Mendonça (orgs), Ensaio de Complexidade 2, 217-232. Porto alegre: Editora Sulina, 2003.

_____. Reforma da educação e do pensamento: Complexidade e Transdisciplinaridade. Trad. de Paulo dos Santos Ferreira. In: Engenheiro 2001, 2001. (<http://www.engenheiro2001.org.br/artigos/Nicolescu.DOC>)

_____. Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade. Original: Ateliers sur la contradiction Nouvelle force de développement en science et société. École n.s. des mines. Saint-Etienne, 19-21 março 2009. <http://www.emse.fr/aslc2009>. In: CETRANS – Centro de Educação Transdisciplinar. <http://cetrans.com.br/textos/contradicao-logica-do-terceiro-incluido-e-niveis-de-realidade.pdf>

NOGUEIRA, M. I. Racionalidades Médicas e formação em saúde: um caminho para a integralidade. In: Por uma sociedade cuidadora. PINHEIRO, R.; SILVA JR, A. G. S. (org.) Rio de Janeiro: CEPESC: IMS/UERJ, 2010.

OLIVEIRA, E. G. Educação a Distância na transição paradigmática. SP/Campinas: Papirus, 2008.

PALMEIRA, G. A acupuntura no ocidente. Cad. Saúde Pública [online]. 1990, vol.6, n.2, pp. 117-128. ISSN 0102-311X.

PANITZ, T. A Definition of Collaborative vs Cooperative Learning. 1996. Disponível em: <http://www.city.londonmet.ac.uk/deliberations/collab.learning/panitz2.html>. Acesso em: 15/11/2013.

PEIXOTO, J.; ARAÚJO, C. H. S. Tecnologia e Educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, jan.-mar. 2012 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>

PESSOA, F. Poemas Completos de Alberto Caeiro. São Paulo: Martin Claret, 2006.

PIAGET J. Biologia e Conhecimento. 2. Ed. São Paulo, SP: Vozes, 1996.

PRADO, M. E. B.; VALENTE, J. A. A Educação a Distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: MORAES, M. C. Educação a distância: fundamentos e práticas. Campinas: OEA/MEC, Unicamp: NIED, 2002

PRIMO, A. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. Revista Famecos, nº 12, p. 81-92, junho, 2000.

_____. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Quão interativo é o hipertexto? In: Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003

PRIMO, A. F. T.; CASSOL, M. B. F. 1999. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. Informática na educação: Teoria & Prática. Porto Alegre. vol. 2, n. 2, p.65-80, out/1999. Disponível: <[http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ InfEducTeoria Pratica/article/view/6286](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/6286)>. Acesso em: 11/07/2014.

ROBINET, I. Lao Zi y el Tao. Traducción de Francesc Gutiérrez. José J. de Olañeta, Editor. Barcelona: La Aventura Interior, 1999.

SANTOS, B. Um discurso sobre as ciências. Porto: Editora Aprofundamentos, 1987.

SANTOS, C. G.; SCHERRE, P. P. Educação a distância e complexidade. Uma relação possível? Em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>.

SILVA, A. P. S. S. da; Orientação: Eva Neri Rubim Pedro. Autonomia no processo de construção do conhecimento do aluno de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil: 2009.

SILVA, D. J. da. O Paradigma transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental. Workshop sobre interdisciplinaridade - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Programa de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico (PADCT), subprograma de ciências ambientais (CIAMB). São José dos Campos, 2 e 3 de dezembro de 1999. <http://www.gthidro.ufsc.br/arquivos/transdisciplinaridade.pdf>.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In: Integração das tecnologias na educação. Salto para o futuro, Brasília, Ministério da Educação, SEED, p. 62, 2005.

SIONNEAU, P. La esencia de la medicina china: retorno a los orígenes. Volumen 1. GuyTrédaniel Ediciones. 2013.

SOUZA, E. F. A. A. de & LUZ, M. T. Análise crítica das diretrizes de pesquisa em medicina chinesa. Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2011, vol.18, n.1, pp. 155-174. ISSN 0104-5970.

SOUZA, E. F. A. A. Nutrindo a Vitalidade, Questões Contemporâneas sobre Racionalidade Médica Chinesa e seu Desenvolvimento Histórico Cultural, Tese de Doutorado, Instituto de Medicina Social - IMS, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, 2008

STAHL, G.; KOSCHMANN, T.; SUTHERS, D. Aprendizagem colaborativa com suporte computacional: Uma perspectiva histórica (2006). Computer-supported collaborative learning: An historical perspective. In R. K. Sawyer (Ed.), Cambridge handbook of the learning sciences (pp. 409-426). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

STAKE, R. A arte de investigação com estudos de caso. Lisboa: Gulbenkian, 2006.

TELES, L. Aprendizagem Colaborativa Online. ISBN. Aprendizagem colaborativa online. 2012.

_____. Aprendizagem por e-learning. In: LITTO, Frederic M. & FORMIGA, Manuel M. M. (orgs). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

TESSER, C. D.; LUZ, M. T. Racionalidades médicas e integralidade. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, Feb. 2008 .

TORI, R. Educação sem distância: as tecnologias interativas. São Paulo: Senac SP, 2010.

_____. Cursos híbridos ou blended learning. In: FORMIGA, M e LITTO, F. Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009.

TORRE, S. L.; PUJOL, M.A.; MORAES, M. C. Documentos para transformar a educação: Um olhar complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

USNCHULD, P. U. Nan Ching, O Clássico das Dificuldades. Trad. Dr. Marcus Vinícius Ferreira. São Paulo: Ed. Roca, 2003.

VYGOTSKY, S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WANG, B. Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo. Tradução: José Ricardo Amaral de Souza. São Paulo: Ícone, 2001.

WILHELM, R. I Ching – O Livro das Mutações. Prefácio e Comentário de C.G. Jung. São Paulo: Pensamento, 2006.

WHO (WORLD HEALTH ORGANIZATION). Guidelines on Basic Training and Safety in Acupuncture. 1999. Disponível em <http://whqlibdoc.who.int/hq/1999/WHO_EDM_TRM_99.1.pdf> Acesso em 13/12/2010

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

ZHUANG ZI. Los capítulos Interiores de Zhuang Zi. Traducción de Pilar González España y Jean Claude Pastor-Ferre. Editorial Trotta. Madrid, 1998.

APÊNDICE I – PESQUISA ENVIADA

**O tao da colaboração: um estudo de caso sobre a aprendizagem colaborativa na formação em medicina chinesa**

0%

Página 1

Boas vindas!

Esse trabalho é fruto da participação de todos em uma estratégia de aprendizagem inovadora (tanto pelas ferramentas interativas e de colaboração quanto pelo olhar pedagógico). Por isso, não poderia tecer essa dissertação sem a colaboração de vocês.

Grato por participar dessa pesquisa.

PS: Para favorecer a isenção na coleta de dados, não abri um campo específico para identificação do pesquisado. Não obstante, pela característica ecossistêmica da pesquisa, caso sinta a necessidade de se identificar no relato final, não há qualquer objeção. Saudações!

Essa pesquisa pode ser completada em um intervalo entre 10 e 20 minutos. Grato mais uma vez!

Você autoriza a replicação de trechos de sua participação nos fóruns das disciplinas, ou em outras ferramentas de produção coletiva do conhecimento, na presente trabalho de pesquisa? (com a devida ocultação de sua identidade verdadeira) *

Período em que estudou na instituição *

Disciplinas que participou com a estratégia pedagógica colaborativa (Aprendizagem colaborativa com suporte computacional) em formato misto (presencial e virtual) - com o uso da plataforma MOODLE - na instituição: *

Você foi selecionada (o) para participar dessa pesquisa por critério de envolvimento com a aprendizagem colaborativa nas disciplinas em que esta estratégia foi utilizada. Você considera que sua participação foi importante para a produção coletiva de conhecimento e para a aprendizagem colaborativa? *

sim

não

Página 2

Olá, colega de caminhada!

Sigo na elaboração de minha dissertação de mestrado e sua participação é muito importante já que o tema central da pesquisa é justamente a Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (ACSC) como estratégia pedagógica na formação em Medicina Chinesa.

Você foi selecionada (o) para participar da pesquisa por critério de envolvimento com essa estratégia, notável pela participação nos fóruns e em outras ferramentas de produção coletiva do conhecimento (glossários, blog, seminários, etc). A intenção principal dessa pesquisa é retratar a experiência pedagógica concreta (ACSC) que vivemos, em um contexto específico (a formação em Medicina Chinesa). Portanto, suas respostas serão uma rica fonte de informação para entendermos melhor essa experiência e, quiçá, aprimorarmos as experiências vindouras. Desde já agradeço imensamente por sua participação e me coloco à disposição.....

Peço que responda o questionário o quanto antes (se possível) para que eu termine a construção do trabalho e o reenvie para você antes da apreciação pela banca. Tal procedimento, ao meu ver, é necessário para dar veracidade e legitimidade ao Estudo de Caso e para verificar "se as interpretações do pesquisador refletem o que de fato sentem, pensam e fazem" os sujeitos da pesquisa.

Saudações!

Resumo: Esta pesquisa se insere no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação, tecnologias e Educação (ETEC) e no eixo de interesse aprendizagem colaborativa online e interfaces estéticas de colaboração, sob a orientação do Dr. Lucio França Teles. Pretendo com este estudo, por meio da perspectiva ecossistêmica e de um estudo de caso como delineamento, expor e discutir a implementação da Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (ACSC), por meio do formato blended-learning, na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa. É intenção do presente trabalho retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) na Escola Nacional de Acupuntura, entre os anos 2010 e 2012, na formação de estudantes de Medicina Chinesa.

A menos que outros fluxos de trabalho lógico tenham sido especificados, o participante será redirecionado para Página 3.

Página 3

Para continuar com a coleta de dados, peço a gentileza de marcar a seguinte tabela de avaliação elaborada a partir de afirmações retiradas da dissertação, em sintonia com os objetivos da pesquisa. As afirmações estão relacionadas às disciplinas que se desenvolveram em formato misto (presencial e virtual), com o suporte da plataforma moodle de aprendizagem e visam explorar os objetivos da pesquisa.

Objetivo Geral

- Apresentar a aprendizagem colaborativa com suporte computacional (ACSC) como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa.

Objetivos específicos

- Retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) na Escola Nacional de Acupuntura entre os anos 2010 e 2012;
- Explorar a concepção chinesa de eficácia, apoiada na lógica do processo e no potencial de adaptação, com base na transformação natural e na virtude da imanência;
- Analisar as repercussões do formato misto, virtual e presencial, na aprendizagem colaborativa.

Essa coleta de dados terá um caráter quali-quantitativo, já que as respostas coletadas dessa tabela de avaliação assumirão a forma de gráfico com as porcentagens de cada resposta e serão complementadas pelas respostas dissertativas - que serão coletados a seguir -, as quais serão usadas para confrontar os dados coletados na tabela de avaliação.

	concordo totalmente	concordo/ discordo parcialmente	discordo totalmente	não tenho opinião
A escola virtual foi um ambiente colaborativo, com espaços para a construção coletiva do conhecimento (fóruns, glossários, blog) e para o compartilhamento de informações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As disciplinas que foram construídas em formato blended-learning (presencial e virtual), desenvolveram uma troca maior entre os aprendizes e favoreceram a construção coletiva do conhecimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Essa estratégia de aprendizagem incentivou a prática da sensibilidade e da criatividade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A estratégia de aprendizagem colaborativa foi apropriada para a formação em medicina chinesa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Nas disciplinas colaborativas, o professor assumiu a posição de um facilitador dos processos de colaboração e construção coletiva do conhecimento, favorecendo a aprendizagem como uma "transformação silenciosa" (Jullien, 1998) na comunhão dos aprendizes entre si e com o conhecimento.

As atividades propostas me incentivaram a desenvolver o senso crítico.

O uso adequado das TICs (tecnologias de informação e comunicação) facilita o deslocamento do eixo ensino para a aprendizagem ao transformar o aluno no principal protagonista do processo de construção do conhecimento.

A estratégia colaborativa foi eficiente para o aprendizado, tendo-se como referência a noção chinesa de eficiência, fincada na transformação contínua e natural que vai de encontro ao efeito, "do mesmo modo que a natureza faz a planta crescer ou que o rio não cessa de escavar seu leito".

Alguma afirmação?

↓ +1

Para finalizar a pesquisa, é muito importante ter o relato de sua experiência nas disciplinas que se desenvolveram com a produção coletiva do conhecimento - suas impressões, críticas, observações, sentimentos. Este espaço é seu.....

APÊNDICE II – PESQUISA FINALIZADA

1. Você autoriza a replicação de trechos de sua participação nos fóruns das disciplinas, ou em outras ferramentas de produção coletiva do conhecimento, na presente trabalho de pesquisa? (com a devida ocultação de sua identidade verdadeira) *

Número de participantes: 36

- Sim
- sim
- sim
- Sim
- Sim!
- Sim
- Sim
- Autorizo
- sim
- sim
- sim
- Sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- Sim
- sim
- sim
- Sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- Autorizo
- sim
- sim.
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- sim
- Sim
- sim
- Sim
- Sim

2. Período em que estudou na instituição *

Número de participantes: 36

☞ Ver todas as 1 respostas anteriores

- 2010, 2011 e 2012
- 2010 à 2013
- 2011 a 2014
- 2011 a 2013
- 2º/2010 a 1º/2012
- 2006 - 2008
- 2009/2012
- 2011/2012
- 2009
- 02/2008 a 02/2010
- 2010-2012
- 2009
- 2010/11
- 2007 a 2009
- 3 anos
- 2010, 2011 e 2012
- agosto de 2011 até o presente momento
- 1 ano e meio
- 2 anos
- 2008 a2010
- 2010-2012
- 2011 - 2013
- ENAc 2009/2010
- 2011
- desde 2012 (em curso)
- em torno de 3 anos.
- 2010 - 2013
- 2011-2012
- 2010-2012
- Agosto de 2010 à junho de 2012
- 2012/ 2014
- 2009-2011
- 2008 a 2010
- 2010
- 2009 a 2011

3. Disciplinas que participou com a estratégia pedagógica colaborativa (Aprendizagem colaborativa com suporte computacional) em formato misto (presencial e virtual) - com o uso da plataforma MOODLE - na instituição: *

Número de participantes: 34

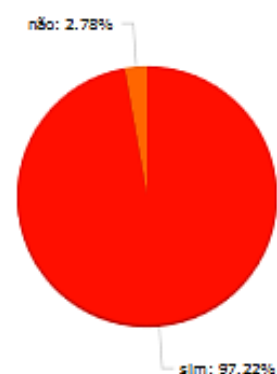
- Diagnósticos em MTC, Estudos de Pontos e Meridianos, Fundamentos do Pensamento Oriental, Primeiros Socorros, Nosologia Ocidental, Alimentação Terapêutica
- pontos e meridianos da acupuntura
- Fundamentos do pensamento Oriental; Diagnostico da MTC; Nosologia I.
- Diagnostico e Pontos
- Fundamentos do Pensamento Oriental, Pontos e Meridianos 1 e 2, Diagnóstico na MTC
- Fundamentos do Pensamento Oriental, Fisiopatologia em MTC, Diagnóstico em MTC, Estudo de Pontos e Meridianos 1, Nosologia Ocidental em MTC 1, Alimentação Terapêutica Chinesa (como aluno); Nosologia Ocidental em MTC 1 (como professor)
- Alimentação Energética e Nosologia 1 e 2
- introdução ao pensamento oriental, fisiologia energetica, primeiros socorros, alimentação terapeutica, Pontos e meridianos I e II, Diagnostico na MTC,
- Acupuntura
- nutrição terapêutica, filosofia taoísta
- Fisiologia Energética, Diagnóstico na MTC, Pontos e Meridianos I
- Fundamentos do Pensamento Oriental, Estudos de Pontos e Meridianos I, Primeiros Socorros
- 2008 a 2009
- Várias
- pontos e meridianos da acupuntura
- fundamentos do pensamento oriental, diagnostico, pontos e meridianos 1, nosologia 1 e 2, alimentação terapeutica,
- Fisiologia Energética na Medicina Chinesa, Diagnóstico na Medicina Chinesa, Fisiopatologia na Medicina Chinesa, Auriculoterapia, Nosologia I e II, Introdução ao Pensamento Chinês
- monitoria
- Nutrição e alimentação na MTC, Fitoterapia chinesa
- Fisiologia Energética, Diagnóstico, Pontos e Meridianos 1
- Pensamenro Oriental, Diagnose energética, Pontos e Meridianos, etc
- Primeiros socorros e Florais de Bach
- Não me recordo do nome exato.
- Fundamentos do Pensamento Oriental; Diagnóstico; Alimentação Terapêutica e outras; (não consegui acessar no site)
- quase todas... ou mais da metade. posso averiguar e informar melhor posteriormente
- Diagnóstico em MTC
- todas
- Diagnostico em MTC, Estudo de Pontos e Meridianos I e II, Alimentacao Terapeutica, Bioetica e Biosseguranca, Primeiros Socorros
- Pontos e Meridianos I e II, Feng Shui, Alimentação Terapeutica Chinesa
- diagnóstico MTC, Fundamentos da MTC, pensamento oriental, nutricao
- Diagnóstico na MTC, Pontos e Meridianos I
- Alimentação terapêutica chinesa
- Alimentação Terapêutica
- Pontos e Meridianos I e II, Nosologia I e II, dentre outras.

4. Você foi selecionada (o) para participar dessa pesquisa por critério de envolvimento com a aprendizagem colaborativa nas disciplinas em que esta estratégia foi utilizada. Você considera que sua participação foi importante para a produção coletiva de conhecimento e para a aprendizagem colaborativa? *

Número de participantes: 36

35 (97.2%): sim

1 (2.8%): não



5. Para continuar com a coleta de dados, peço a gentileza de marcar a seguinte tabela de avaliação elaborada a partir de afirmações retiradas da dissertação, em sintonia com os objetivos da pesquisa. As afirmações estão relacionadas às disciplinas que se desenvolveram em formato misto (presencial e virtual), com o suporte da plataforma moodle de aprendizagem e visam explorar os objetivos da pesquisa.

Objetivo Geral

- Apresentar a aprendizagem colaborativa com suporte computacional (ACSC) como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa.

Objetivos específicos

- Retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) na Escola Nacional de Acupuntura entre os anos 2010 e 2012;
- Explorar a concepção chinesa de eficácia, apoiada na lógica do processo e no potencial de adaptação, com base na transformação natural e na virtude da imanência;
- Analisar as repercussões do formato misto, virtual e presencial, na aprendizagem colaborativa.

Essa coleta de dados terá um caráter quali-quantitativo, já que as respostas coletadas dessa tabela de avaliação assumirão a forma de gráfico com as porcentagens de cada resposta e serão complementadas pelas respostas dissertativas - que serão coletados a seguir -, as quais serão usadas para confrontar os dados coletados na tabela de avaliação.

Número de participantes: 32

	concordo totalmente (1)		concordo/ discordo parcialmente (2)		discordo totalmente (3)		não tenho opinião (4)		Σ	±
	Σ	%	Σ	%	Σ	%	Σ	%		
A escola virtual foi um ambiente...	27x	84,38	5x	15,63	-	-	-	-	1,16	0,37
As disciplinas que foram desenvolvidas...	27x	84,38	5x	15,63	-	-	-	-	1,16	0,37
Essa estratégia de aprendizagem...	22x	68,75	8x	25,00	-	-	2x	6,25	1,44	0,80
A estratégia de aprendizagem...	26x	83,87	5x	16,13	-	-	-	-	1,16	0,37
Nas disciplinas colaborativas,...	23x	71,88	8x	25,00	-	-	1x	3,13	1,34	0,65
As atividades propostas me ajudaram...	24x	75,00	8x	25,00	-	-	-	-	1,25	0,44
O uso adequado das TICs (tecnologia da informação e comunicação)...	27x	87,10	4x	12,90	-	-	-	-	1,13	0,34
A estratégia colaborativa foi importante...	21x	65,63	9x	28,13	1x	3,13	1x	3,13	1,44	0,72

6. Para finalizar a pesquisa, é muito importante ter o relato de sua experiência nas disciplinas que se desenvolveram com a produção coletiva do conhecimento - suas impressões, críticas, observações, sentimentos. Este espaço é seu.....



Número de participantes: 28

- O uso da tecnologia como subsídio de crescimento e aprendizagem sob responsabilidade pessoal foi uma experiência inovadora em minha vida acadêmica. Porém, em alguns momentos, principalmente nos primeiros momentos, exigiram de mim um certo trabalho para entender e me adaptar até o reconhecimento do método! Mas, depois de reconhecido, foi transformador! Observei que a adaptação não ocorreu apenas comigo mas com os professores que utilizavam pela primeira vez o método e com os colegas que me acompanhavam no curso, e infelizmente, nem todos conseguiram entender a proposta!

Que essa escola Virtual inovadora tenha muito sucesso mas que não seja a única opção na estratégia da formação da Medicina Chinesa, já que em algumas matérias do conhecimento dessa Medicina Milenar a presença física do professor é imprescindível!

- Saudações,

O ensino virtual pode ser uma boa ferramenta de trabalho para a construção do saber, pois exige do aluno a busca pela leitura (pesquisa). Porém esse método não pode ser 100% virtual pois a figura do professor faz toda a diferença no que diz respeito a vivência prática do conteúdo a ser ensinado.

O trabalho deve se dar de forma equilibrada tanto da parte do aluno quanto do profissional de educação. O bom senso cabe em qualquer lugar.

- Desenvolver os estudos na Medicina Chinesa, com essa estratégia colaborativa me empoderou de forma que pude despertar a minha potência ao colaborar com o aprendizado do outro e aprimorar os meus além das teorias dos livros. A troca que era feita durante os estudos dos conteúdos, me trazia a sensação de roda de conversa, troca de saberes, onde pude perceber a pontualização da autonomia de cada um ao acrescentar, opinar e até mesmo corrigir o pensamento do outro. O conhecimento se dava de forma mais orgânica e isso era uma das coisas em que eu mais sentia prazer, pois percebia que nunca fechávamos, conduíamos um assunto e sim, deixávamos em movimento para que pudéssemos compreender de forma contínua a Medicina Chinesa.

Uma outra sensação que me recordo é a de que ao postar meu "dever de casa", eu estava também no papel de "professor", já que todo aquele conteúdo seria lido e analisado por todos os colegas e mais ainda, complementado e questionado. Isso de alguma forma, me fez responsável e protagonista de meus próprios estudos.

A ferramenta do Moodle, deu mais vida aos dias que estivemos todos juntos estudando, pois tínhamos mais que aulas, provas e livros, tínhamos a oportunidade de ser professor e aluno, de arriscar nossa escrita e desenvolver nosso poder de educador.

- Já tinha tido experiências com esse formato de construção do conhecimento em minha primeira graduação, na Universidade de Brasília, mas infelizmente o processo não foi bem conduzido pelo professor, o que acabou prejudicando, para mim, todo o aprendizado daquela disciplina, além de ter desmotivado a procurar corrigir essa falha posteriormente. Contudo, ao iniciar os estudos na ENAC, a experiência negativa foi rapidamente suplantada por professores que souberam utilizar melhor a plataforma Moodle, estimulando assim a aprendizagem colaborativa. Em quase todas as matérias que se utilizaram do suporte computacional, era empolgante participar dos fóruns e debater com os colegas, estendendo o processo de aprendizagem para além das paredes da sala de aula. A única vez em que recordo de a positividade desta experiência ter se perdido foi quando a quantidade e a frequência das atividades cresceram drasticamente, tornando-se, então, profundamente desagradáveis - não pelas tarefas em si, mas pela intensidade requerida. De qualquer modo, o resultado final foi bastante positivo. Posteriormente, quando tive a oportunidade de trabalhar como professor na ENAC, decidi adotar a mesma metodologia de ACSC, mas, sem ter o devido preparo pedagógico para a docência, deparei-me com a resistência dos alunos e com a dificuldade de motivá-los em participar de uma construção coletiva do conhecimento via Moodle, de modo que, depois de dois semestres, acabei abandonando o suporte computacional, embora ainda o considere uma excelente ferramenta, extremamente apropriada à aprendizagem da medicina chinesa, e buscando outras maneiras de estimular, dentro da sala de aula, a aprendizagem compartilhada, através de grupos de discussão, atividades lúdicas, apresentações criativas por parte dos alunos, etc., desta vez com muito mais sucesso. Consideraria, sem dúvidas, voltar a utilizar o suporte computacional, mas creio que para isso seria preciso, primeiro, desenvolver novas habilidades pedagógicas que me possibilitassem conduzir com mais propriedade este tipo de aprendizado.

- Utilizei as estratégias em momentos iniciais de suas implementações, onde professores e alunos ainda tateavam por esse novo caminho! Como Especialista em EaD, fui grande incentivador e auxiliar na implantação do MOODLE.

- A plataforma MOODLE, é muito interessante e pode proporcionar grande aprendizagem, porém isso depende da maneira em que o professor e aluno conduzem a disciplina. Ambos precisam estar interessados e se empenhando na disciplina, algo que não ocorria em todas as matérias.

- As atividades propostas na escola virtual foram de grande valia para o meu aperfeiçoamento e aprendizagem durante os estudos da MTC.

Eu só tenho a agradecer ao Professor Pedro Ivo por ter apresentado esta escola virtual na época em que estudei a MTC. Esta ferramenta provou que não existem barreiras entre o ensinar e o aprender.

O conhecimento pode ser passado facilmente adiante, colaborando para o aprendizado de muitos interessados.

- Nessa experiência com o método de aprendizagem colaborativa e de aulas em formato misto, pude perceber claramente diversas vantagens no aprendizado em comparação ao método tradicional de ensino. O aluno torna-se um ser mais ativo no processo de aprendizado, ganha mais espaço para desenvolver sua criatividade e tem a oportunidade de experimentar um despertar mais natural do conhecimento em si.

Em contrapartida, vale ser dito que a experiência na ENAC em 2010-2012, em minha opinião ainda foi apenas um esboço do que a metodologia colaborativa pode ser, ou seja, acredito que o modelo de aula poderia ser mais completamente adaptado a essa metodologia. Isso de maneira alguma tira os méritos da experiência, que já ofereceu uma grande vantagem em relação à metodologia comumente aplicada nas escolas, apenas reforço a ideia de que a aprendizagem colaborativa pode ainda ser aplicada mais integralmente no ensino.

- O curso de acupuntura surpreendeu a todos pela sua complexidade e riqueza. O que parecia ser mais um curso técnico desvendou-se em uma nova maneira de ver a vida. A matéria Fundamentos do Pensamento Oriental foi um divisor de águas. O uso de recursos tecnológicos como o moodle nos possibilitou acesso rápido a informações de formatos diversos como discussões, textos, filmes e documentários - além da indispensável aula presencial com o professor Pedro Ivo. Aliado as novas tecnologias, as velhas como por exemplo o uso do I Ching possibilitaram a nos alunos percebermos a relatividade do tempo e do espaço, dos saberes e comportamentos. Agora, energia já não era somente aquilo que saía da tomada e espírito deixou de ser palavra proibida (sem conteúdo, depender de conotação religiosa). Noutra contexto do curso, a poesia, a representação, a luta, a música foram recursos que somados aos primeiros fizeram-nos entender que a mesma mesa quadrada também poderia ser uma mesa redonda.

- Durante o período de formação da ENAC tive oportunidade de fazer uso das TICs e posteriormente como professora da disciplina Diagnóstico de MTC. Essa metodologia é transformadora, pois Educador e aprendiz têm assumem papéis colaborativos e interventivos em que pilares como aprender a ser, conviver, fazer e a aprender tem merecido atenção, pois educar nos dias de hoje não se restringe ao espaço físico geográfico que é característico da educação presencial. Diante da presença dessas tecnologias no dia-a-dia das pessoas, aluno e professor têm assumido papéis diferentes daqueles antes típicos. O primeiro tem adotado uma postura ativa em que a co-autoria, o autodidatismo, a pró-atividade e a colaboração são aspectos centrais. Já o segundo, enquanto aquele que por muito tempo foi visto como o único detentor do saber, agora, atua como mediador, facilitador, incentivador e animador do educando no processo de formação.

- Na experiência como aluno:

Nas disciplinas em questão, houve grande aproveitamento de relatos e experiências de outros estudantes/acupunturistas. Questões que não são encontradas em livros, observações e intuições pessoais de valor inestimável foram levantadas e, muitas vezes, com reconhecimento pelos outros colegas.

Quando se tratava de estudo de texto, o resultado era muito rico e plural. Os comentários sempre nos levavam a percepções diversas e ampliavam a visão sobre o assunto em questão.

Na experiência como monitor:

Foi interessante ver como cada turma tem uma interação diferente e sempre com questões novas. O papel de monitor nesse contexto traz um aprofundamento importante e trouxe segurança e crescimento como profissional aprendiz.

Na experiência como professor:

Foi um grande aprendizado. O grande desafio foi buscar manter a dinâmica nas interações e procurar criar exercícios e outras formas de troca de conhecimento e experiência que refletissem a complexidade e sutileza da ciência médica chinesa.

Tive uma experiência muito boa com uma turma de pessoas fantásticas e com quem muito aprendi. Hoje vários se destacam como profissionais no exercício da medicina chinesa.

Em outra turma, a experiência foi péssima. Não consegui transmitir a importância da interação e não houve compromisso e interesse dos alunos com as questões levantadas. Percebi que isso decorreu, em parte, pela minha inexperiência como professor. E em parte, pela compreensão medíocre de pessoas limitadas e com uma visão bem estreita do que estavam fazendo ali. Alguns sequer entravam na plataforma virtual. Outros faziam as tarefas de qualquer jeito, só para se livrar. E, muitas vezes, com um sentimento velado de que passariam na disciplina, já que estavam pagando - visão de alunos de várias escolas do país, independentemente da área de atuação.

A experiência de que trata a pesquisa em questão foi muito boa, a meu ver. E para que os resultados sejam visíveis é imprescindível o interesse e o compromisso das pessoas envolvidas. Percebi também que a interação virtual tinha um efeito de sacudir e movimentar alguns estudantes mais passivos e que ao longo dos estudos, venciam suas travas e participavam com mais interesse. Para quem sabe aproveitar, os ganhos são inestimáveis.

- Alguns professores estavam mais familiarizados a usar o moodle que outros. Alguns usaram apenas para disponibilizar material e realizar a prova. O que é útil mas existem outras formas de fazer. Nas disciplinas que a ferramenta foi melhor aproveitada era sempre necessário que o professor forçasse a interação entre as postagens dos alunos, quero dizer, quando fazia parte da atividade obrigatória comentar textos de colegas.

Acho que isso se deve à essa fase de transição na educação que vivemos. Muitos, como eu, estão muito adaptados e acostumados com a antiga forma vertical de transmissão de conhecimento. Falando por mim, eu me considero uma pessoa com facilidade de adaptação a novas tecnologias, não tive problemas com a ferramenta em si. Mas ainda é difícil, para mim, entender que em uma aula eu tenho a contribuir, eu vou construir o conhecimento com a ajuda e orientação de outros. Eu vejo que estou muito acostumada a ser aluna, não saber de nada e ir em busca de alguém que sabe mais que eu. Fico muito feliz que isso esteja mudando.

Essas disciplinas eram mais trabalhosas, sem dúvida, mas com informações valiosíssimas. Arrependo-me de não ter guardado todo material para consulta depois. Já tive necessidade de buscar informações importantes para a atuação no ambulatório da escola, e me dar conta que a informação estava num post de um colega que eu já não lembro o nome para uma disciplina. Aquilo só poderia ser encontrado ali.

Seria muito bom se os acessos à essas informações fossem mantidos. Ao final do curso, o acupunturista teria ao alcance de um click, acesso a todo o material de sua formação, para rever e continuar construindo.

Acho importante também a ferramenta ser sempre atualizada com novas funcionalidades, como tudo que é vivo e está em contante mutação. Problemas do tipo, travar, não conseguir mandar, perder textos são extremamente irritantes.

- A plataforma foi muito útil em uma matéria específica, onde o professor nos incentivava constantemente a pensar temas, relacionar conteúdos e compartilhar, de forma lúdica e extremamente instigante. Uma pena que muitos textos apresentados pelos colegas eram entediantes. Mas eu adorava usar a plataforma para lançar meus novos conhecimentos e poder compartilhar com colegas. Gostei muito de alguns fóruns da escola, principalmente de alunos veteranos.

Definitivamente, na plataforma não há nenhum problema que não seja as pessoas envolvidas. Infelizmente é algo que se vê em todo lugar, pouco comprometimento, muita "pompa", não há leitura, nem vontade de escrever. Mas sinto que a partir do momento que um aluno começa a se sobressair em seus textos, os outros se sentem compelidos a alcançar um nível maior de comprometimento. Pelo que lembro, ao final desta única matéria em que o professor nos aplicou assiduamente na plataforma, os textos já estavam mais complexos e pude perceber que ao longo do curso meus colegas melhoraram suas posturas.

Senti muita falta das produções colaborativas em outras matérias.

- Bom..... Tive uma experiência a curto prazo usando a ferramenta on-line, o período foi de 1 semestre, percebi que faltou um tanto de interesse em relação aos alunos, não sei se foi devido a iniciação do modelo de aprendizagem ou se foi por falta de interesse. Mesmo tendo essa experiência, acredito que esse modelo de aprendizagem enriquece o processo de aprendizagem e condiz com a realidade que vivemos hoje num mundo virtual.
- A experiência de trabalhar com a plataforma de ensino MOODLE, foi de grande valia para contribuir com as disciplinas iniciadas em sala de aula.
- A educação em medicina chinesa ainda engatinha no Brasil, pois o contexto político é desfavorável. Os professores fazem o melhor possível para tentar transpor um conhecimento milenar de uma cultura absolutamente distinta em tempo e espaço, em um esforço de tradução epistemológica que encontra vários obstáculos. As TICs constituem ferramentas válidas de adaptação a um processo de ensino-aprendizagem que é, por ser transcultural, já tão complexo. Na minha opinião, alguns obstáculos ao seu uso é a falta de costume de muitos alunos com o uso da Internet para fins avaliativos e a obrigatoriedade de participação em fóruns, o que acaba criando uma certa resistência. A estratégia geral, no entanto, é acertada a meu ver, tendo efeitos positivos na formação do aluno.
- O método utilizado foi muito bom e prático, porém senti falta de incentivo dos professores para utilizar a ferramenta. Com isso os alunos também não participavam muitas vezes. A proposta é ótima, mas senti uma falta de rigor na utilização como complemento da aula.
- Tratou-se de uma inovação no processo ensino/aprendizagem. Um caminho sem volta para as práticas pedagógicas. As questões postas nos fóruns, auxiliou-me nas leituras do material didático. A partir das colaborações dos colegas, foi construído o aprendizado de forma conjunta. Interessante observar que havia a liberdade para que cada um contribuísse com suas observações. Havia uma interseção de vários pontos de vistas o que facilitou a compreensão da teoria. Cabe ressaltar, tendo em vista que foi uma metodologia mista, que, em sala de aula, a turma já estava mais preparada para absorver o conteúdo trazido pelo professor. Essa prática foi fundamental para que houvesse significado naquilo que estava sendo ensinado. Para este tipo de estratégia de aprendizagem, é fundamental a mediação, ponderação do tutor a fim de que o fórum não fique esvaziado ou tome outros caminhos que não tenham nada a ver com a matéria.

- As disciplinas que ofereceram este modelo de ensino-aprendizagem, a meu ver, não obtiveram a participação de todos os alunos matriculados. Obviamente os que participaram ativamente das discussões já estavam sensibilizados e eram simpáticos a esta modalidade, porém não era uma ferramenta valorizada por todo o corpo docente e discente. Acredito que para um maior aproveitamento deste artifício, um trabalho de sensibilização de todo o corpo docente da escola é de suma importância, para em consequência obter-se o entendimento e aceitação do mesmo pelo corpo discente. A impressão que ficou para este aluno é de que a modalidade foi imposta ao corpo docente, pois vários professores relatavam incomodo com a ferramenta.
- Para mim o uso da forma virtual da disciplina foi muito proveitoso pois nos tira da posição hierarquizada de "professor fala alunos escutam" para um diálogo mais aberto e construtivo onde muitos alunos que nunca participavam das aulas podiam se manifestar e dividir experiências e debater. O debate online é um meio muito utilizado nos dias de hoje e muitas pessoas mais tímidas se sentem mais a vontade ao compartilhar o conhecimento de forma escrita, onde podem ler, avaliar com calma, rebater e construir o conhecimento juntas ao concordar ou discordar de seus colegas e acrescentar informações. Isso permitiu uma troca mais rica de informações, e a participação do professor comentando os trabalhos, criticando e guiando os debates foi muito proveitosa dando um "norte" ao nosso aprendizado.
- A opção pelo uso da ferramenta agrega no processo de construção do conhecimento, mas penso que de forma alguma deve pretender substituir a relação aluno-professor, sobretudo quando se trata de um conhecimento milenar em que a vivência/experiencia do mestre é que o qualifica (ao conhecimento) e permite ao aluno acessá-lo.
- A escola virtual enriquece o curso funcionando como continuação da sala de aula. Ao aluno é dada a oportunidade de continuar as discussões iniciadas na aula, expor dúvidas, iniciar novas discussões, num processo de contínuo aprendizado. É também um incentivo para que o aluno estude e aprenda por conta própria, aprofundando seu aprendizado da matéria exposta na aula presencial e até extrapolando o conteúdo da disciplina, na busca de um conhecimento maior, ilimitado.
- Infelizmente, não me recordo com muitos detalhes de todas as disciplinas que participei na plataforma Moodle. Não cheguei a terminar o curso e não tenho o meu histórico, mas respondi o questionário com o coração, com as sensações daquela época (que parece já fazer uma eternidade). Algumas disciplinas como Feng Shui (e uma outra com o Ricardo que não me recordo qual) eram totalmente online e tínhamos que entrar online no horário da aula, ficarmos logados e participarmos eventualmente... bem essas eu não me adaptei ao formato. Não conseguia ter seriedade nem disciplina e lia as coisas a hora que dava e acabei retendo pouca informação do aprendizado em minha cabeça. Agora as disciplinas em que houve a utilização da plataforma concomitante com as aulas presenciais e nas quais era demandada a real interação participativa na internet, apresentações de trabalhos de formas sequenciais em sala e sua posterior publicação virtual no grupo para que todos pudessem ter acesso àquele conhecimento, considero que foi sim um excelente espaço de construção coletiva de conhecimento que fica disponível a todos os que dele participaram (gostaria de poder ter acesso às disciplinas das quais participei, tinham materiais muito ricos). Muito grata por toda a troca e toda a oportunidade de aprendizado e crescimento, Pedro!
- O ambiente virtual de Aprendizagem é um ambiente que proporciona grandes oportunidades na construção do conhecimento e, no desenvolvimento da comunicação, principalmente o que se refere a cooperação; a aprendizagem neste ambiente se dá através de um olhar diferenciado. Um dos grandes desafios destes ambientes na sociedade contemporânea é conseguir um paradigma inovador e uma proposta inovadora de aprendizagem colaborativa, onde reflita a empatia, e o foco das discussões não esteja na necessidade pessoal de exposição de ideias ou, na vaidade intelectual. "Quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, corporativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes" (PALLOF e PRATT, 2002, p. 141). Mas nem sempre atividade em grupo enfoca a aprendizagem colaborativa e compartilhada, mas é preciso que o professor tenha preparo para lidar com estas situações e, atuando como mediador e facilitador, possa trabalhar com os alunos, mantendo-os com comprometimento no processo de ensino/aprendizagem colaborativos.
- As disciplinas que foram desenvolvidas também na plataforma Moodle enriqueceram o estudo pela possibilidade de discussões do grupo a respeito dos temas propostos pelo professor bem como outros temas da MTC sugeridos pelos colegas.
- Foi uma experiência muito boa usar esta ferramenta de ensino. Os fóruns foram sempre muito instrutivos, a interação entre os participantes e o professor era constante e ajudava no nosso aprendizado. O fato de ter acesso ao material virtualmente é muito bom, pois quando surgiam dúvidas era só pesquisar no moodle ou escrever para o professor nos fóruns e as dúvidas eram sanadas. Outro ponto positivo, é não ter que ir presencialmente para a escola aprender, pois esta ferramenta de ensino possibilita o ganho de aprendizagem na nossa casa ou em qualquer lugar que estejamos! Só tenho a agradecer ao professor Pedro Ivo por apresentar esta ferramenta de ensino que ajuda muitas pessoas e espalha o conhecimento sem barreiras físicas.
- A troca de idéias, informações e opiniões é sempre muito importante para o entendimento. Podendo ampliar essas trocas, de uma forma com que todos os envolvidos possam se comunicar com maior facilidade, aumenta a capacidade de interação, melhora a qualidade de aprendizado e principalmente incentiva a participação e pesquisa!
- Lembro de termos boas discussões nos fóruns. Mas sinto que essa ferramenta poderia ter sido melhor aproveitada por mim e também pelos meus colegas. Às vezes tinha a sensação de que as publicações eram apenas para cumprir as formalidades, ou para obter pontos de participação, sem o aproveitamento máximo do debate em si.

APÊNDICE III – RELATORIOS DE MONITORIA

O objetivo desse Fórum é manter a ponte entre todos os monitores e a coordenação pedagógica. O principal intuito da abertura desse canal é efetivar o trabalho de Monitoria e torná-lo eficiente e transparente.

Aqui também será o espaço para a postagem dos **Relatórios Semanais** de Monitoria. Sejam bem-vindos!

Guia para o Relatório Semanal

Nome do monitor:

Disciplina (turno):

Professor:

1. Fórum de Monitoria

1.1. número geral de postagens

1.2. número de postagens do monitor

1.3. avaliação do monitor sobre a atividade

2. Oficina de dúvidas

2.1. dia e carga horária

2.2. número de alunos presentes

2.3. assuntos abordados

2.4. avaliação do monitor sobre a atividade

3. Postagens nos Glossários

3.1. itens postados

3.2. tempo aproximado para as postagens

4. Outros trabalhos, chats, auxílio ao professor

4.1. especificar as tarefas

4.2. tempo aproximado

5. Comentários gerais do Monitor sobre a atividade semanal

6. Carga horária semanal aproximada

PS: O presente relatório contará como 30 minutos de monitoria.

APÊNDICE IV – FICHA PARA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DISCENTE EM SEMINÁRIOS

Curso de Formação Profissional “Acupuntura”

Disciplina:

*O tempo não é essencial, é a essência.
(I Ching – O Livro das Mutações)*

Avaliação do Desempenho Discente em SEMINÁRIOS

1. Cada estudante deve avaliar o desempenho de seus colegas na Apresentação do Seminário com senso de responsabilidade e ética.
2. Cada tópico analisado vale 20 pontos.
3. A pontuação (nota) de cada tópico deve ser completada com um breve comentário.
4. Cada aluno deve somar a pontuação total do colega e acrescentá-la no campo correspondente. É imprescindível tecer algum comentário sobre o tópico.
5. A nota final de cada aluno será o resultado da média aritmética entre as duas notas que se seguem: A. Média entre as notas conferidas pelos alunos (incluída a auto-avaliação); B. Nota conferida pelo professor.

TEMA DO SEMINÁRIO: _____

	Notas	Comentários
Recursos (20,00)		
Criatividade (20,00)		
Interação (20,00)		
Domínio do conteúdo (20,00)		
Efetividade (20,00)		
Nome do palestrante:	Comentário Geral:	
Nota Final (100):		

Aluna(o):

APÊNDICE V – ENUNCIADOS DE ATIVIDADE COM A INTERFACE FÓRUM

Atividade 2: Categorias de Pontos

1. Escolher uma Categoria de Pontos:

- 5 shu antigos - Escolha uma das 5: Poço, Manancial, Riacho, Rio, Mar (incluindo Mar Inferior)
- Luo (conexão)
- Yuan (fonte)
- Xi (acúmulo)
- Shu dorsal
- Mu Frontal
- Hui (união ou estimulação sistêmica)
- 4 Mares (Qi, Xue, Medula, Alimentos)
- 12 Estrelas Celestiais
- 13 Pontos Fantasma
- Pontos do Sistema Olho
- Pontos de Comando
- 7 Dragões
- Janelas do Céu
- Outra categoria

2. Postar um comentário sobre uma Categoria de Pontos (Postagem Principal). O comentário deve conter:

- 2.1. Noções básicas sobre a Categoria escolhida segundo a Medicina Chinesa
- 2.2. Funções gerais
- 2.3. Pontos pertencentes a esta categoria (com os nomes em chinês e uma possível tradução em português)
- 2.4. Fontes Bibliográficas consultadas
- 2.5. Comentários pessoais sobre a categoria de pontos escolhida e sobre o conceito geral "categoria de pontos".

3. Responder à postagem de algum colega complementando seu comentário com outra Fonte Bibliográfica (Resposta de Postagem) e com um comentário pessoal sobre esta categoria.

Recomendações para a Atividade 2

- Postagem Principal: A Categoria de Pontos escolhida deve ser **original**, ou seja, o aluno não receberá nota pela postagem de uma Categoria antes postada (Valor: 15 pontos)
- Resposta de Postagem: na resposta, o aluno deve citar **a mesma** Categoria de Pontos, complementando a postagem do colega com informações de outra fonte (Valor: 5 pontos cada).
- Caso o aluno **não** consiga escolher nenhuma Categoria, por atraso na postagem, deve responder à postagem de 4 colegas. Ou seja, deverá postar **4 comentários**, respondendo às postagens de 4 colegas, para alcançar a possibilidade de nota máxima na atividade.
- Caso o aluno faça a Postagem Principal e mais de uma Resposta de Postagem, valerá a nota da Postagem Principal somada à nota mais alta de Resposta de Postagem.

O fechamento da atividade será dia 27/05/12, às 23:55. Lembrando que quanto antes seja feito o envio da Postagem Principal, mais opções de postagem.

Escolha um dos tópicos da interrogação **geral** (investigar as causas) ou **específica** (investigar os Padrões) e descreva as **principais perguntas** desse tópico escolhido. Também descreva as **respostas mais frequentes e sua significação** para o diagnóstico na MTC:

A. Interrogação Geral

(Quais perguntas podem ser feitas no Interrogatório Geral para investigar as causas?)

B. Interrogação Específica

- 1) Dor
- 2) Alimento e Sabor
- 3) Fezes e Urina
- 4) Sede e Bebidas
- 5) Níveis de energia
- 6) Cabeça, face e corpo
- 7) Tórax e Abdome
- 8) Membros
- 9) Sono e sonhos
- 10) Transpiração
- 11) Ouvidos e olhos
- 12) sensação de frio, calor e febre
- 13) Sintomas Emocionais
- 14) Sintomas Sexuais
- 15) Sintomas das Mulheres
- 16) Sintomas das Crianças
- 17) Outros tópicos de interesse

Também responda à postagem de 2 colegas, complementando sua postagem com mais elementos...

Total de postagens: mínimo 3

- 1 POSTAGEM PRINCIPAL (escolha um dos temas acima e desenvolva)
- 2 RESPOSTAS DE POSTAGEM (complete a postagem do colega com textos de outros autores, informação extra, comentários adicionais, etc)
- Aberta para avaliação até o dia 10 de abril (às 23:55h)
- Os tópicos não podem ser repetidos, somente completados na Resposta de Postagem (postagem complementar). A postagem principal mais antiga, caso haja coincidência de temas, será a postagem avaliada.

Colegas, saudações!

Abro este espaço para que possamos, juntos, compartilhar e discutir conceitos da Fisiologia na Medicina Chinesa. Creio que todos já sabem que o entendimento desta Racionalidade Médica exige, num primeiro momento, um verdadeiro exercício de desprendimento e abertura para outras formas de compreensão da vida e de seus processos. Pois bem, este Fórum servirá como porta de entrada para nossas contribuições na construção coletiva do conhecimento, metodologia tão cara para acessar esse Saber Milenar entrem sem bater!

Recomendações para esta atividade:

A: Familiarização com o conteúdo

1. Leiam o Programa da disciplina.
2. Leiam, nos livros, os capítulos referentes à matéria dada até o momento.
3. Visitem os textos disponíveis nesta sala de aula e/ou outros pelos quais tenham interesse.
4. Lembrem-se que a Ciência que dá sentido a este saber tem suas bases no Pensamento Taoísta (vide Fundamentos do Pensamento Oriental).

B: A tarefa

1. Façam uma postagem (clcando em ***Acréscetar um novo tópico de discussão***) com um trecho de algum livro (Ex: Fundamentos da Medicina Chinesa - Maciocia) sobre algum dos temas já discutidos em sala (ex: As substâncias Fundamentais na MTC; o conceito de Qi; o conceito de Shen; Yin/Yang; etc). Complete a postagem com um **comentário pessoal** sobre esse conhecimento inicial.
2. Respondam à postagem de algum colega (clcando em ***Responder***na postagem em questão) com alguma complementação à este assunto abordado pelo colega (citação de outros autores, textos complementares, comentários pessoais, vídeos , reportagens, etc), para manter a roda girando....

Ótimo exercício a todos!

PS: lembrem-se de citar as fontes consultadas.

APÊNDICE VI – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Título do Projeto: O tao da colaboração - um estudo de caso sobre a aprendizagem colaborativa na formação em medicina chinesa

Pesquisador Responsável: Pedro Ivo Marini Tahan

Instituição: Universidade de Brasília

Telefones para contato: (62) 94159971 - (61) 82686747

Email: pedroivotahan@gmail.com

Nome do voluntário:

Idade:

R.G:

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “O Tao da colaboração: um estudo de caso sobre a aprendizagem colaborativa na formação em medicina chinesa”, de responsabilidade do pesquisador Pedro Ivo Marini Tahan.

Esta pesquisa se insere no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação, tecnologias e Comunicação (ETEC) e no eixo de interesse aprendizagem colaborativa online e interfaces estéticas de colaboração, sob a orientação do Dr. Lucio França Teles. Pretendo com este estudo, por meio da perspectiva ecossistêmica e de um estudo de caso como delineamento, expor e discutir a implementação da Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional (ACSC), por meio do formato blended-learning, na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa. É intenção do presente trabalho retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) na Escola Nacional de Acupuntura, entre os anos 2010 e 2012, na formação de estudantes de Medicina Chinesa.

Os objetivos dessa pesquisa são: 1. Apresentar a aprendizagem colaborativa com suporte computacional (ACSC) como estratégia pedagógica na formação de estudantes de Acupuntura/ Medicina Chinesa; 2. Retratar a experiência concreta de implementação da plataforma de ensino MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) na Escola Nacional de Acupuntura entre os anos 2008 e 2012; 3.Explorar a concepção chinesa de eficácia, apoiada na lógica do processo e no potencial de adaptação, com base na transformação natural e na virtude da imanência; 4. Analisar as repercussões do formato híbrido, virtual e presencial, na aprendizagem colaborativa.

Este projeto se justifica por trazer ao ambiente acadêmico um estudo amplo sobre uma situação pedagógica real, alicerçada na aprendizagem colaborativa com suporte computacional (ACSC), em uma área do saber relativamente nova e em processo de formatação no ocidente, especialmente no Brasil. Também se justifica pela potencial riqueza científica, pedagógica e filosófica que pode emergir da aproximação teórica entre um saber milenar, formatado em outra matriz cultural, com conceitos e teorias contemporâneas. E, para finalizar, creio que existe uma grande possibilidade de aplicação concreta das inferências do presente estudo nas futuras formações e futuras escolas e cursos de Medicina Chinesa.

Os dados dessa pesquisa serão de fontes primárias (construção coletiva nos fóruns, glossários, blog e outras interfaces da plataforma de aprendizagem da escola virtual) e das entrevistas e questionários enviados aos participantes, selecionados por critério de envolvimento com a estratégia colaborativa. A participação do pesquisado, assim como a utilização de suas contribuições nos fóruns e outras interfaces, é voluntária e esse consentimento poderá ser retirado até o momento em que o pesquisador reenviar ao participante a dissertação final para sua apreciação. Serão garantidas a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do sujeito da pesquisa. Em caso de quaisquer dúvidas relacionadas com a pesquisa, você poderá entrar em contato comigo por meio de email ou pelos telefones acima.

Eu, _____, RG nº _____
_____ declaro ter sido informado (a) e concordo em participar, como voluntário (a), do projeto de pesquisa acima descrito.

Brasília, ____ de _____ de 201__

Assinatura

APÊNDICE VII – SALA DE AULA VIRTUAL DA DISCIPLINA PA/ES

Vai

Pesquisa Avançada

Administração

- Ativar edição
- Configurações
- Designar funções
- Notas
- Resultado da aprendizagem
- Grupos
- Backup
- Restaurar
- Importar
- Reconfigurar
- Relatórios
- Perguntas
- Arquivos
- Perfil

Categorias de Cursos

- Cursos de Extensão
- Acupuntura**
- Pensamento Sistêmico
- Massoterapia
- Secretaria ENAc
- Terapias Naturais
- Sala de Professores**
- Todos os cursos ...

Estágio Supervisionado

Práticas Assistidas

Minhas HORAS (considere a coluna de NOTAS)

- Fórum de notícias
- ENAc virtual
- Saudações
- Considerações sobre a excelência no atendimento ambulatorial

1

Ambulatórios

diretrizes . recomendações . atribuições

DIRETRIZES

- Recomendações para o paciente do ambulatório de alimentação
- Considerações Gerais
- Coordenação Geral
- Coordenadores
- Monitores
- Assistentes

Escala Bimestral Ambulatorial (consulte o Fórum de Notícias)

2

oficinas permanente de técnicas e tratamentos ambulatoriais OPTTA

tópicos

diretrizes

3

Interação

chats . fóruns . textos complementares . vídeos

- Fórum de monitoria
- Conversa de corredor!
- Fórum do ambulatório de Alimentação Terapêutica
- NOA - Núcleo de Organização Ambulatorial (restrito para membros)
- Ambulatório
- Eventos

Global

Curso

Grupo

Usuário

Últimas Notícias

A acrescentar um novo tópico...

13 Ago, 09:04

Pedro Ivo

Escala - Noturno mais...

30 Mar, 11:42

Pedro Ivo

Nova escala ambulatorial mais...

30 Jan, 16:26

Pedro Ivo

Escala do Ambulatório mais...

18 Out, 16:27

Pedro Ivo

Diretrizes para o Ambulatório mais...

30 Set, 10:10

Pedro Ivo

Escala do ambulatório de Alimentação mais...

Tópicos antigos ...

Próximos Eventos

Não há nenhum evento próximo

Calendário...

Novo evento...

Atividade recente

Atividade desde segunda, 2

maio 20 10, 10:10

Relatório completo da atividade recente

Nenhuma novidade desde o seu último acesso

APÊNDICE VIII – PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS

1. FPO

Módulo	Disciplina	Carga Horária
1º Semestre	Fundamentos do Pensamento Oriental	40 h/a
Nome do Professor)		
1. EMENTA		
<p>A disciplina introduz as bases teórico-práticas e culturais para o entendimento da Medicina Chinesa. O taoísmo é a principal corrente de pensamento analisada neste curso: suas origens, seu desenvolvimento particular, suas principais idéias, suas influências no desenvolvimento do saber médico tradicional e a contemporaneidade de seus conceitos e práticas.</p>		
2. OBJETIVOS		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer as bases fundamentais das Medicina Tradicional Chinesa. ➤ Compreender outras maneiras de perceber a saúde e a doença. ➤ Introduzir conceitos e práticas do Taoísmo. ➤ Estimular o conhecimento integral da Medicina Tradicional Chinesa. 		
3. METODOLOGIA		
<p>3.1 – Aulas expositivas dialogadas 3.2 – Leituras de textos 3.3 – Estudos Dirigidos individuais e em grupo 3.4 – Debates 3.5 – Práticas corporais e de meditação 3.6 – Plataforma Moodle</p>		
4. RECURSOS DE ENSINO		
Textos, livros, retroprojctor, transparências, multimídia, plataforma moodle.		
5. AVALIAÇÃO		
<p>Média final da participação na plataforma moodle + trabalho escrito (valor: de 0,0 a 10,0 pontos) Obs.: Média Final para Aprovação: maior ou igual a 7,0 pontos, em um máximo de 10,0 pontos.</p>		

6 – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BING, Wang. **Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo**. Tradução: José Ricardo Amaral de Souza. São Paulo: Ícone, 2001. CHERNG, Wu Jyh. **Iniciação ao Taoísmo**. São Paulo: Ed. Mauad, s/d. JAHNKE, Roger. **A Promessa de cura do Qi**. Tradução de Henrique Amat Rego Monteiro. São Paulo: Editora Cultrix.

TZU, Lao. **Tao-Te King**. Texto e Comentário de Richard Wilhelm. São Paulo: Pensamento, 1978. TZU, Lao. **Tao-Te Ching – O Livro do Caminho e da Virtude**. Texto de Wu Jih Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. UNSCHULD, Paul (Tradução do Chinês e notas). **Nan Ching: O Clássico das Dificuldades** (Bianque, 255 a.C). Tradução: Marcus Vinícius Ferreira. São Paulo: Roca, 2003) WILHELM, Richard. **I Ching – O Livro das Mutações**. Prefácio e Comentário de C.G. Jung. São Paulo: Pensamento, s/d.

6.1 – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIZERRIL, José. **O Retorno à Raiz: uma Linhagem Taoísta no Brasil**. Attar, São Paulo: 2007.

BRITTO, Ely. **I Ching: um novo ponto de vista**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993. CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix, São Paulo, 1982. CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. Editora Cultrix, 1975, 1983.

CHERNG, Wu Jyh. **Tratado Sobre a União Oculta**. São Paulo: Ed. Mauad, 2008. CHERNG, Wu Jyh. **I Ching – A Alquimia dos Números**. São Paulo: Ed. Mauad, 2001. LUZ, M. T. **Medicina e Racionalidades Médicas: Estudo comparativo da Medicina Ocidental Contemporânea, Homeopática, Tradicional Chinesa e Ayurvédica**. in Ciências sociais e saúde para o ensino médico. A. M. CANESQUI: São Paulo, HUCITEC/FAPESP, 2000. MERTON, Thomas. **A Via de Chuang Tzu**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

FILMES: O Ponto de Mutação - "Mindwalk" (Bernt Amadeus Capra, 1990). Baseado no livro de Fritjof Capra.
Quem somos nós – "What the bleep do we know?" (Vários diretores, 2004)
Waking Life (Richard Linklater, 2001)
Interstate 60: Episodes of The Road (Bob Gale, 2002)

7 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- | | |
|---|---------------------------------------|
| | i. Ge Hong |
| | ii. A escola de Shangqing |
| 1. Taoísmo | |
| a. Origens históricas | |
| i. Lao Tse | |
| ii. Tao Te Ching | |
| iii. Zhuang Zi | |
| iv. Desde à origem até a Dinastia Han | |
| v. A Escola de Huang Lao: O | |
| Imperador Amarelo | |
| vi. O Clássico das Dificuldades | |
| b. Os Grandes Temas | |
| i. O Tao | |
| ii. O Regresso à Origem | |
| iii. A Cosmologia e a Cosmogonia | |
| iv. O Santo, o Imortal e a Salvação | |
| c. O "Neo-taoísmo": A escola do mistério | |
| i. Wang Bi | |
| ii. Guo Xiang | |
| d. A Tradição do Sul: as práticas de longevidade e meditações visionárias | |
| | 2. Qi Gong: o cultivo do Qi |
| | a. 3 correções intencionais |
| | b. O alinhamento e movimentos básicos |
| | c. 10 etapas de cultivo do Qi |
| | 3. I Ching: O Livro da Mutação |
| | a. história |
| | b. prefácio de C. Jung |
| | c. o oráculo/livro de sabedoria |
| | 4. A Ciência de Vanguarda e o Taoísmo |
| | a. Edgar Morin e a Complexidade |
| | b. Basarab Nicolescu e a |
| | Transdisciplinaridade |
| | c. Fritjof Capra e o Tao da Física |
| | 5. Racionalidades Médicas |

2. ATC

Módulo	Disciplina	Carga Horária
2º Semestre	Alimentação Terapêutica Chinesa	40 h/a
Nome do Professor		
1. EMENTA		
<p>Esta disciplina visa, primordialmente, estimular o conhecimento integral da Medicina Tradicional Chinesa em todas as suas manifestações. O conhecimento sobre as características gerais dos alimentos e sobre a importância de uma alimentação dinamicamente balanceada é considerado um dos pilares da Medicina Chinesa. Em sintonia com o Saber desta medicina, os alimentos são contemplados como agentes essenciais em qualquer processo de auto-regulação e são estudados em toda a sua complexidade.</p>		
2. OBJETIVOS		
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer as bases da alimentação terapêutica chinesa. ➤ Desenvolver a capacidade de trabalhar com o potencial terapêutico dos alimentos dentro de uma concepção dinâmica da saúde, como um processo ativo de adaptação. ➤ Estimular a busca pelo conhecimento integral do Saber Terapêutico Chinês. ➤ Apresentar ferramentas práticas para a manutenção da saúde dos futuros terapeutas. 		
3. METODOLOGIA		
<p>3.1 – Aulas expositivas dialogadas 3.2 – Leituras de textos 3.3 – Estudos Dirigidos individuais e em grupo 3.4 – Debates 3.5 – Plataforma Moodle</p>		
4. RECURSOS DE ENSINO		
Textos, livros, retroprojektor, transparências, multimídia, moodle.		
5. AVALIAÇÃO		
<p>5.1 – Prova final. (Valor: de 0,0 a 10,0 pontos) 5.2 – Participação nas tarefas semanais dirigidas, via moodle (Valor: de 0,0 a 10,0 pontos)</p> <p>Obs.: Média Final para Aprovação: maior ou igual a 7,0 pontos, em um máximo de 10,0 pontos</p>		

6 – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FAHRNOW, Dra. Ilse Maria e Jurgen Fahrnow. **Os Cinco Elementos na Alimentação Equilibrada, Fahrnow**. São Paulo: Ed. Agora, 2003.

HIRSCH, Sônia. **O Manual do Herói ou a Filosofia Chinesa na cozinha**. Ed. correccotia.

GUERÍN, Patricia. **Dietoterapia energética según los cinco elementos en la Medicina Tradicional China**. Miraguano Ediciones, 2000, Madrid.

NI, Dr. Maoshing. **El tao de la nutrición**. Editorial Oceano, 20002, Barcelona.

6.1 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BING, Wang. **Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo**. Tradução: José Ricardo Amaral de Souza. São Paulo: Ícone, 2001.

7 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução à alimentação terapêutica
2. Considerações gerais sobre a vida e a alimentação segundo a ciência chinesa
3. Classificação dos alimentos segundo o sabor
 - a. Ácido
 - b. Amargo
 - c. Salgado
 - d. Doce
 - e. Pungente
4. Classificação dos alimentos segundo a Natureza
 - a. quente e mornos
 - b. frios e frescos
 - c. neutros
 - 4.1. O método de cozimento influenciando na natureza do alimento.
5. Classificação dos alimentos segundo o movimento que induzem.
 - 5.1 Alimentos que induzem à ascensão do Qi
 - 5.2 Alimentos que induzem à descida de Qi
 - 5.3 Alimentos que induzem à concentração e recolhimento do Qi
 - 5.4. Alimentos que induzem à dissipação de Qi
6. Classificação dos alimentos segundo o lugar de ação.
7. Classificação dos alimentos segundo a Cor
8. WU XING: Os Cinco Elementos
9. Diferenciação de Padrões e tratamentos com alimentação terapêutica
 - 9.1. Padrões do Xin
 - 9.2. Padrões do Gan
 - 9.3. Padrões do Pi
 - 9.4. Padrões do Fei
 - 9.5. Padrões do Shen
10. Formas de preparo tradicionais
11. Receitas terapêuticas

APÊNDICE IX – OPTTA

Oficina Permanente de Técnicas e Tratamentos Ambulatoriais (OPTTA)

Objetivo: promover a capacitação constante do corpo discente nas técnicas e tratamentos utilizados pela MTC - Acupuntura para o desenvolvimento total das habilidades terapêuticas e para o atendimento de qualidade à população.

Diretrizes:

1. Todos os interessados em participar das atividades ambulatoriais deverão **necessariamente** participar das oficinas, com uma frequência relativa, para que recebam um treinamento básico e para que sejam definidos a proficiência e o conseqüente grau de atuação de cada aluno junto aos pacientes.
2. Os alunos deverão chegar pontualmente às oficinas para receber presença. As horas de participação contarão como *atividade extracurricular*.
3. Os alunos que participarem das oficinas poderão receber um *crachá* (identificação) de acesso ao ambulatório, com a respectiva função definida. Os alunos serão classificados como **monitores**, quando apresentarem capacidade plena de atuação, (com autonomia para exercerem as atividades ambulatoriais, sob a responsabilidade do coordenador) comprovada com exames práticos, ou **assistentes**, quando ainda não estiverem totalmente aptos a exercerem a acupuntura, porém com capacidade para o auxílio nas demais funções.
4. Os assuntos e técnicas a serem tratados nas oficinas serão previamente anunciados por meio do MOODLE e fixados no mural. Em todos os encontros haverá espaço aberto para dúvidas, sugestões e críticas construtivas.
5. As diretrizes para a excelência das atividades ambulatoriais serão tratadas regularmente nas oficinas.
6. O coordenador geral da OPTTA é o responsável por todo o controle e pela programação das oficinas. Os outros professores participarão como convidados em determinados encontros.
7. Os interessados em participar da OPTTA deverão fazer inscrição na secretaria da Escola com antecipação, pois receberão uma ficha personalizada com seus dados pessoais e aproveitamento nas oficinas, assim como sua identificação para as atividades ambulatoriais.
8. **Os monitores ou monitoras** serão responsáveis por uma atuação plena no ambulatório - farão diagnósticos, seleção de pontos e tratamentos (com inserção de agulhas) –, sob a supervisão do coordenador, e serão permanentemente selecionados levando-se em conta a evolução pessoal de cada um no estágio supervisionado.
9. **Os assistentes** serão selecionados à medida que apareçam vagas nos ambulatórios ENAc, levando-se em conta o interesse, a disponibilidade e a evolução pessoal de cada um nas atividades da OPTTA. As atribuições do assistente no ambulatório serão permanentemente trabalhadas nas oficinas. A passagem do nível de assistente para o nível de Monitor será definida pelo coordenador geral do ambulatório.

APÊNDICE X – NEAMDERDAO

1: Espaço colaborativo criado para o Núcleo

Pesquisas de avaliação
Recursos

Pesquisar nos Fóruns


 Pesquisa Avançada

Administração


- Ativar edição
- Configurações
- Designar funções
- Notas
- Resultado da aprendizagem
- Grupos
- Backup
- Restaurar
- Importar
- Reconfigurar
- Relatórios
- Perguntas
- Arquivos
- Perfil

Categorias de Cursos

- Cursos de Extensão
- Acupuntura**
- Pensamento Sistêmico
- Massoterapia
- Secretaria ENAc
- Terapias Naturais
- Sala de Professores**
- Todos os cursos ...




1



Introdução

- Fórum de notícias
- ENAc virtual
- Início
- Reinício


2



Recursos

- Carta de Intenções
- Fórum de Coordenação
- blog NEAMDERDao
- Os 8 caminhos do Dao
- poesia para reciclar


3



Interação

- Interações no NEAMDERDao**
- Conversa de corredor!
- Avaliação da disciplina
- Das Rad (A roda)
- Grandezas do Ínfimo
- para ouvir só...
- mostra de filmes "olhodoaísta"
- Blog Literário - Nomes Vários e Nenhum
- cinzas e neve
- baraka

4



Atividades

- Tutorial de Fórum
- atividade a céu aberto
- Oficina do Oprimido
- Arte da Terra
- desatolando uma atividade
- Trabalho Final: "Iniciando o caminho"

"olhodoaísta" - Convite!!
mais...

11 Ago, 19:04
Pedro Ivo
Amanhã, 12 de agosto
mais...

1 Ago, 20:12
Pedro Ivo
Semana Pedagógica
mais...

17 Jun, 22:01
Pedro Ivo
Atuações NEAMDERDao
mais...

16 Jun, 18:44
Pedro Ivo
Blogs mais...
Tópicos antigos ...

Próximos Eventos

Não há nenhum evento próximo

Calendário...
Novo evento...

Atividade recente

Atividade desde segunda,
16 março 2015, 16:43
Relatório completo da
atividade recente

Nenhuma novidade desde
o seu último acesso

2. Carta de nascimento do Núcleo

NEAMDERDao
Núcleo de Estudos da Arte e das Manifestações Daoístas Espontâneas em
Religação com Dao

Nasce um grupo de trabalho na Escola Nacional de Acupuntura. Estão convidados a participar todos os estudantes interessados na arte da Medicina Daoísta e sua multiplicidade de caminhos e travessias.

O FORMATO

A primeira turma contará com coordenadores, monitores e estudantes, com funções intercambiáveis. Teremos, durante dois meses, pelo menos dois encontros presenciais (a abertura e o encerramento) e encontros permanentes na sala de aula virtual do MOODLENAc. O papel do formato é favorecer o que pode vir a ser formado.

A PROPOSTA

A Idéia principal é estimular a sintonização com o poder criativo da ciência da vida e, por conseqüência, favorecer novos caminhos de apreensão da grandiosa Medicina Chinesa. Para tal, apresentar-se-ão durante essa jornada inúmeras ferramentas da *Ordem Natural das Coisas*....

A PRÁTICA

Cinco ramos de trabalho interconectados gerarão discussões e descobrimentos sobre os caminhos do Dao e de sua arte de criação dinâmica e incessante da vida.

O MUNDO DA MANIFESTAÇÃO

Os participantes do Núcleo, além de compartilhar uma experiência promissora, passarão a contar com novas ferramentas para o entendimento-vivência da Medicina Chinesa. Também somarão horas-aula sempre que cumprirem os objetivos didáticos propostos pela disciplina.

3. Blog Nomes Vários e Nenhum

Nomes Vários e Nenhum

Espaço para Expressões Artísticas e Manifestações Daoístas Es com o Dao, através da palavra escrita. Contos, poemas, resenh palavras, palavras... Se Lao Tse afirmou que "O Tao de que se verdadeiro e eterno Tao; O Nome que pode ser dito não é o ver uma tentativa de aproximar-se, sem jamais alcançar.

sábado, 12 de junho de 2010

Início de T(u)o do

Este é um blog filho do projeto NEAMDERDao (Núcleo de Estudos da Arte e das Manifestações Daoístas Espontâneas em Religação com o Dao).

Filho de artistas, apreciadores do Daoísmo, da Medicina Chinesa e das Ciências Naturais, que por não-acaso se encontraram sob o teto da ENAc - Escola Nacional de Acupuntura, em Brasília. Mas que também poderiam ter-se encontrado sob uma cerejeira numa montanha da China, sobre uma ponte na Venezuela, um ashram na Índia, um café em Paris, ou um bar em Angola.

Filho com propostas de ser permanentemente gerado, parido e renovado.

Esta é uma celebração, nas primeiras horas de 12 de Junho de 2010.

Daqui a poucas horas, o sol nascerá.

Benvindos, todos, Tudo!

4. Blog NEAMDERDao

NEAMDERDao

Núcleo de Estudos da Arte e das Manifestações Daoístas Espontâneas em Religação com Dao

Início ! C !

SÁBADO, 12 DE JUNHO DE 2010

liberdade busca jeito

Manoel de Barros, quem diria, esteve por aqui. Pontualmente, às 6:30 da manhã, já estava a postos, com seu tamborete de couro de vaca. Parecia mesmo um de nós, não fosse seu forte cheiro de amanhecer eterno e sua capacidade de escutar o silêncio das garças. O nobre poeta, na altura de seus 90 anos, fez conosco a saudação ao sol e esse último retrucou: você estava certo, a quinze metros do arco-íris o sol é cheirosos! Escutou e observou os outros participantes com uma paciência mineral e , chegada sua vez, explicou a todos sobre sua inocente escolha, ainda quando era um jovem mancebo: "mãe, quero ser fraseador!". No final da cerimônia, enchendo-nos de um mistério macio, ainda soltou: "uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a fazer parte dos pássaros que a gorjeiam", e se foi correndo entre as pedras, sabendo que liberdade busca jeito nessa vida.



Participar deste site
Google Friend Connect

Membros (9)



Já é um membro? [Fazer login](#)

CONCERTO A CÉU ABERTO PARA SOLOS DE AVE



MANOEL DE BARROS

Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

ANEXO I - CARTA ABERTA DOS ESTUDANTES DE ACUPUNTURA

Redigida por Daniel Caltabiano e Sávio Rocha e lida durante o 7º ENAPEA - Encontro Nacional de Profissionais e Estudantes de Acupuntura, realizado em Brasília, no dia 28 de maio de 2011.

Nós, alunos da Escola Nacional de Acupuntura, gostaríamos de compartilhar nossos pensamentos, sentimentos e expectativas em relação ao caminho dentro do estudo da Medicina Tradicional Chinesa. Unidos por um interesse comum pela Saúde e pelas Ciências Médicas, dispusemo-nos a explorar essa racionalidade médica milenar, e nos deparamos com sérias limitações que dificultam o florescer desse conhecimento em nosso país.

A acupuntura tem seu próprio corpo teórico e prático original, desenvolvido ao longo de 4000 anos, sem paralelo com nenhuma outra profissão de saúde ou terapia holística. No entanto, o que se vê atualmente em nosso país, são tentativas de diminuir essa Ciência Medica Oriental e transformá-la em um mero ramo de racionalidades completamente distintas.

A acupuntura (termo que aqui vai significando a totalidade da medicina chinesa) não é uma mera especialidade ou habilitação, uma mera técnica ou prática. Não é uma simples terapia integrativa e complementar, mas integral e autossuficiente, e justamente por isso ela não pode ser submetida a outro sistema de pensamento, que é o que tanto se tenta fazer. Ela não pode ser assimilada ao sistema médico ocidental, não por mero capricho de profissionais e estudantes da acupuntura que não tinham uma graduação prévia em outras áreas de saúde, mas por impossibilidade epistemológica, que invalida de pronto qualquer tentativa nesse sentido.

Transformar a Medicina Tradicional Chinesa em mera especialidade de uma racionalidade alheia, aprendida em alguns finais de semana de estudo, é o mesmo que aplicar as normas do Português a um idioma estrangeiro, e depois, ainda por cima, taxá-lo de incompreensível e ineficaz! Ineficaz!? Senhores da ciência, homens e mulheres estudados, dignos membros da classe política, a Medicina que por milênios permaneceu incólume, como sustentáculo da saúde de uma imensa nação, merece ser questionada dessa forma? Sujeitada a experimentos por aqueles que nem ao menos se deram ao trabalho de entender sua linguagem, seus símbolos, seus princípios? Estamos certos de que a sua sensatez não permitirá tal desrespeito.

Por isso, pedimos que escutem nosso apelo. A Verdade, senhoras e senhores, não disputa mercado. A Sabedoria é um tesouro de tamanha vastidão que não podemos nunca pretender

possuí-lo por completo; um tesouro cujas raízes se estendem desde o mais remoto passado ao futuro inimaginável, um tesouro que não limita nem separa, mas que integra. Tampouco diz respeito apenas ao que é tangível, mensurável e comparável, incluindo também o tradicional, passado de geração em geração, não raro contrariando os princípios mais básicos daquilo que entendemos como ciência, mas nem por isso menos válido, menos seguro ou menos efetivo.

Nós somos estudantes, e com humildade lhes dirigimos essas palavras: reconhecemos os anos de caminhada que os tantos profissionais de Saúde já formados têm à nossa frente, mas lembremos, todos nós, que as décadas de estudo que um homem pode acumular em sua vida nada são perante os milênios de existência da Medicina Tradicional Chinesa e de outros tantos tesouros inestimáveis de sabedoria que existem em nosso mundo. Relegar esse conhecimento ao banco de reservas da nossa “Ciência Moderna”, criança recém engendrada em nosso bojo ocidental, é um desrespeito sem tamanho.

Não estamos aqui para desferir alfinetadas ou agulhadas contra qualquer racionalidade, muito menos contra os frutos dos avanços do nosso próprio Ocidente. Nossas agulhas estão a serviço do bem, da saúde e da harmonia. Louvamos os avanços das frentes científicas ocidentais, cujo valor inestimável reconhecemos inteiramente. O que queremos é apenas o devido respeito e a merecida atenção ao progresso já há muito alcançado pelos irmãos da Ciência Médica que nos legaram os conhecimentos e as técnicas da Medicina Tradicional Chinesa.

Quando falamos na criação de uma graduação em acupuntura, o que estamos pedindo é a oportunidade de explorar a fundo essa ciência tão antiga, que não é meramente uma técnica complementar nem apenas uma especialização, como já foi explicado. É por isso que queremos uma graduação em Acupuntura, com duração de pelo menos quatro anos e grau de bacharel ou equivalente, com todas as diretrizes curriculares estabelecidas em lei e contemplando todos os princípios e peculiaridades desse maravilhoso sistema médico. Só assim evitaremos que a grande Medicina Chinesa se limite à simples repetição de protocolos prontos e impensados que se faz na dita “acupuntura científica”

Não é possível apreender tantos séculos de sabedoria em apenas 180 ou 360 horas, um final de semana por mês. Por isso, acreditamos que a acupuntura é de todo incompatível com um modelo de habilitações e especializações. Infelizmente, a maioria da população – incluindo aí muitos pretensos acupunturistas – desconhecem essas particularidades da racionalidade médica chinesa, o que torna essencial uma campanha informativa acerca das características, vantagens e desvantagens da acupuntura e demais práticas dessa fantástica ciência. São várias as pessoas que afirmam só aceitar fazer acupuntura com médicos ou outros profissionais que já tenham

graduação prévia em alguma ciência da saúde, o que demonstra o desconhecimento e desinformação reinantes, situação que exige reparação urgente.

Que fique bem claro que o que estamos dizendo não é que profissionais vindos de outras áreas da saúde sejam incapazes de fazer boa acupuntura. De forma alguma: suas formações prévias têm muito a contribuir para a excelência do profissional. Porém, é imperativo que o ele se empenhe em conhecer toda a ciência médica chinesa, do zero, despidendo-se de todas as preconcepções adquiridas em sua formação original – o que, convenhamos, é nitidamente incompatível com um modelo de especializações. Ou seja, a Medicina Chinesa é uma ciência independente, e por isso também tem de ser vista como uma formação autônoma.

Além disso, a acupuntura tem um potencial incrível como método preventivo e de tratamento para as massas, por conta de seu baixo custo e notável eficácia (obviamente, desde que respeitados seus princípios norteadores). Sempre foi assim, desde seu surgimento na antiga China, e não há razão para que não o seja também no Brasil da atualidade. O lugar da acupuntura não é apenas dentro das clínicas, mas acessível a todos aqueles que dela necessitarem, inclusive dentro do SUS, mas de modo diferente do que é feito hoje: não por pretensos especialistas, mas por acupunturistas em especial.

A Medicina Chinesa tem de ser praticada por profissionais graduados em Acupuntura. Não queremos uma acupuntura fatiada e descaracterizada, mas preservada em sua totalidade, como Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade que ela é. É um saber tradicional, devendo portanto ser tratada como tal, e não necessariamente se opondo à ciência nos moldes ocidentais. Cabe à comunidade científica uma postura mais receptiva, sem preconceitos contra aquilo que não compreende, por não lhe ser familiar.

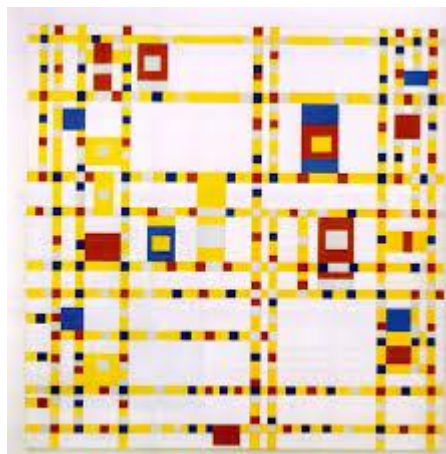
Como estudantes, o que esperamos do futuro é um curso de graduação estruturado e respeitado, uma profissão reconhecida e valorizada em cooperação com as demais profissões da saúde, mas sem interferência dessas. Queremos a Acupuntura integral, e queremos que todos saibam que acupuntura é com acupunturista.

ANEXO II – PIET MONDRIAN E O TAO

Escrito por Kelly Chung, para a disciplina Fundamentos do Pensamento Oriental.

“O grande desafio dos artistas é aniquilar o equilíbrio estático em suas pinturas através de oposições (contrastes) contínuas dentre as maneiras de expressão. É absolutamente natural os seres humanos buscarem um equilíbrio estático. Esse equilíbrio, evidentemente, é necessário para a existência no tempo. Mas a vitalidade na sucessão contínua do tempo sempre destrói esse equilíbrio.”⁵⁵

Piet Mondrian via na arte uma maneira de expressar sua concepção sobre a vida. Vida em constante movimento, onde dualidades/oposições interagem num equilíbrio dinâmico. Em suas obras, Mondrian fez uso das linhas horizontal e vertical como expressão de opostos. Segmentos coloridos e não-coloridos de suas telas transmitem a mesma idéia de oposição (vermelho-quente / azul-frio). A linha vertical representaria o masculino, o mental/espiritual; a linha horizontal (alinhada com a terra), o feminino e o material. Luz e não-luz é outra das dicotomias presentes. As dualidades não são estanques. As linhas vertical e horizontal formam ângulos de noventa graus, sugerindo que os opostos se encontram. As linhas e seus encontros (interseções) conduzem o observador à seguinte pergunta: o que é “fundo”, o que é “figura”? Tanto as linhas quanto as partes coloridas e não-coloridas poderiam ser, simultaneamente, “figura” e “fundo”, situadas em um mesmo plano. A imagem pode ser vista, então, como uma totalidade. Ao olhar para as obras de Mondrian, repare: você enxerga as grades ou os compartimentos coloridos e não-coloridos?



⁵⁵ Livre tradução de citação de Piet Mondrian, no artigo “Pure Work: Mallarmé, Mondrian and Adamson”, John Kinsella, Salt Magazine.

É perceptível a intenção do artista de dispor os elementos de sua obra como um *continuum* de cores, luminosidade, traçados e interseções, de dispô-los como possibilidades de gradações. Ao mesmo tempo, também ao fazer uso de intervalos desiguais entre as linhas cria um visual de ritmo (como em *Broadway Boogie-Woogie* que sofreu também a influência do jazz americano, ritmo livre, improvisado, sem repetições). Mondrian cumpre assim a tarefa de destruição de uma forma particular e realiza a construção de um ritmo de relações entre oposições, gradações, interseções e intervalos, que transmitem a sensação de movimento, de forças em equilíbrio não-estático, ou seja, em equilíbrio dinâmico.

Mondrian, Dao De Jing / Pensamento Chinês e a Medicina Chinesa

A concepção de equilíbrio dinâmico de Mondrian, com o “precário” equilíbrio entre forças opostas, variáveis e mutantes, sua concepção de vida e arte parecem incrivelmente alinhadas com as ideias de Dao De Jing (base da Medicina Chinesa). Na observação e análise do mundo, os chineses já haviam compreendido os princípios Yin e Yang como polaridades do universo – opostos, mas também complementares, interdependentes, que se consomem mutuamente e podem transformar-se em seu oposto. Yin e Yang interagem consoante o ritmo cíclico da Natureza, evidenciando diversos momentos/movimentos de um mesmo processo, de um mesmo todo. São movimentos incessantes, num contínuo fluxo, num *continuum* de transformações. Transformação e mudança são características essenciais da natureza e dos processos vivos. Entre Yin e Yang encontram-se toda a diversidade possível, as infinitas possibilidades. As dualidades são aspectos de uma mesma coisa: o uno dividido em dois, depois em muitas e infinitas partes.

Dessa forma, para a Medicina Chinesa, a saúde e a doença podem ser aspectos de um mesmo processo. Processo num equilíbrio dinâmico, com flutuações constantes, possibilidades diversas, e que portanto necessita constantemente de ajustes. Como seres vivos parte da natureza e do universo buscamos a harmonia, o equilíbrio, que, conforme já mencionado, não é estático, mas dinâmico. Estamos em constante movimento, e constantemente em mudanças. Mas o importante é o momento presente. O pensamento não deve estar no passado nem no futuro. Conhecemos o caminho a cada instante, é espontâneo: não pode ser visto, não pode ser conhecido de antemão, o que se vê são projeções que atendem a desejos e que não nos permitem estar aqui e agora. Os desejos não respeitam a natureza, tendem a deixar o coração inquieto e reduzem a capacidade de autorregulação.

A Medicina Chinesa busca ativar os mecanismos auto-regulatórios naturais do próprio corpo humano, reduzindo a necessidade de ajustes muito grandes e excessivamente drásticos, mesmo com os movimentos e as mudanças. O equilíbrio dinâmico aprecia a ação espontânea segundo o Dao.

REFERÊNCIAS

Argan, Giulio Carlo, *Arte Moderna: Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos*, Companhia das Letras, 1988.

Capra, Fritjof, *O Ponto de Mutação*, Editora Cultrix, 1982.

D'Agostini, Luiz Renato e Cunha, Ana Paula Pereira, *Ambiente*, Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2007.

Kinsella, John, "Pure Work: Mallarmé, Mondrian and Adamson", in: *Salt Magazine*.

Kruger, Runette, *Art in the Fourth Dimension: Giving Form to Form – The Abstract Paintings of Piet Mondrian*.

Lao Tsé, *O Livro do Caminho Perfeito: Tao Té Ching*, tradução e adaptação de Murillo Nunes de Azevedo, Editora Pensamento, São Paulo.

Lao Tse, *Tao Te Ching: O Livro do Caminho e da Virtude*, tradução de Wu Juh Cherng.

Tate Collection, *Composition B (No.II) with Red*, 1935.

The Free Library, *Piet Mondrian: tableau with large red plane, blue, black, light green and greyish blue*, 1921.

GLOSSÁRIO DE TERMOS CHINESES

Esse glossário foi elaborado com o auxílio da obra de Eduardo Frederico Alexander Amaral de Souza (2008).

BIÀN ZHÈNG 辨證: Identificação de padrões de desarmonia ou padrões de funcionamento da MC.

DÀO DÉ JĪNG 道德經 – Um dos principais textos do Cânone Daoísta, atribuído a LAOZI.

DÀO 道 – O Caminho. Concepção fundamental do Daoísmo. Refere-se à totalidade do processo de criação e dissolução do cosmos. Emblema central do pensamento clássico chinês.

DÉ 德 – Virtude. Também Eficácia. Poder que emana dos seres que conduzem suas vidas de acordo com sua natureza interna.

HUÁNG DÌ NÈI JING LÍNG SHÚ 黃帝內經靈樞 – O Eixo Espiritual do Cânone do Imperador Amarelo. Livro fundamental da Medicina Clássica Chinesa.

HUÁNG DÌ NÈI JING SÙ WÈN 黃帝內經素問 – As Questões Fundamentais do Cânone do Imperador Amarelo. Livro fundamental da Medicina Clássica Chinesa.

HÙN DÙN 混沌 – o “ovo cósmico”.

JĪN YÈ 津液 – líquidos orgânicos.

JĪNG 精 – Essência. Substância vital essencial guardada nos “Rins”, nos ossos, na medula e no mar da medula. Apoia o SHÉN.

JĪNG LUÒ 經絡: Sistema de Meridianos; canais e colaterais.

JĪNG SHÉN 精神 - Consciência Orgânica, Espíritos dos Órgãos. Refere-se ao conjunto de capacidades cognitivas e funções psíquicas exercidas pelos aspectos sutis que residem em cada um dos 5 órgãos. Os termos originais seriam HÚN 魂, para a alma que reside no fígado; PÒ 魄 para a alma material que reside nos pulmões; SHÉN 神, para o espírito no coração; YÌ 意, para a intenção no baço; e ZHÌ 志, para a vontade nos rins.

MÌNG 命 - Mandato Celeste. Acordo existente entre o ser individualizado e a força ordenadora do cosmos, segundo o qual cada ser deve realizar um conjunto de ações em sua vida para desenvolver sua vitalidade e organizar a sociedade simultaneamente.

QÌ 氣 - A Força Vital ou força motriz do universo.

QÌ GŌNG 氣功 – Habilidade com a força vital. Qualquer prática que tenha como objetivo desenvolver a força vital. Trabalho com o QÌ.

QIÈ ZHEN 切診: Palpação.

SHÉN 神 - Espírito; Mente – espírito; o poder criador das formas e ordenador da vida; Consciência. Autoconsciência. Espírito.

SÍ ZHÈN 四診: quatro exames.

TÀI JÍ 太極:

TÀI JÍ QUÀN 太極拳: exercício corporal e meditativo chinês.

XÌNG 性 - Natureza Interna. Conjunto de qualidades e potenciais conferidos a cada ser individualizado no momento de sua concepção que determina sua identidade.

XUÈ 血 – Sangue multidimensional; apoia o SHÈN.

WÀNG ZHÈN 望診: Inspeção.

WÉN ZHÈN 聞診: Ausculta e Olfacção.

WÈN ZHÈN 問診: Interrogatório.

WÚ JÍ 無極 – Vazio Primordial. Supremo Misterioso, inefável. Fonte do cosmos.

WÚ WÉI 無為 - Ação sem Limites. Ação espontânea. Usualmente traduzido por “não-ação”, refere-se a um tipo de ação no mundo que é espontânea e tem resultado efetivo na transformação da vida e do mundo.

WŪ XÍNG 五行 – Cinco passos ou cinco movimentos.

YÁNG 陽 – O lado luminoso de uma montanha. O sutil, o masculino.

YĪN 陰 – O lado obscuro de uma montanha. O denso, o feminino.

YĪNYÁNG 陰陽 – o par complementar. Emblemas igualmente centrais.

YÌ JĪNG 易經 - Clássico das Mutações.

ZÀNG Fŭ 臟腑: Órgão e vísceras da MC.

ZHÌ BÌNG Fǎ ZÉ 治病法則: Terapêutica chinesa.

ZHÈN DUÀN 診斷: diagnóstico.

ZHÈNJIŪ 鍼灸 - Acupuntura e Moxabustão.

ZHÙANG Zǐ 莊子 – Sábio Daoísta, autor do clássico intitulado por seu próprio nome.